

Mônica de Castro
pelo espírito Leonel

O melhor
amigo do
inimigo





Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

O melhor
amigo do
inimigo

Mônica de Castro

pelo espírito Leonel

O melhor
amigo do
inimigo

))(Academia

Copyright © Mônica de Castro, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017
Todos os direitos reservados.

Autoria: Leonel

Psicografia: Mônica de Castro

Preparação: Iracy Borges

Revisão: Lizete Mercadante Machado

Diagramação: Anna Yue

Capa: Compañía

Imagem de capa: Dave and Les Jacobs / Getty Images

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L613m

Leonel (Espírito)

O melhor amigo do inimigo / pelo espírito Leonel; [psicografado por] Mônica de Castro. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017.

ISBN 978-85-422-0989-1

1. Ficção espírita. 2. Espiritismo. I. Título.

17-40249

CDD: 133.9

CDU: 133

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

*Para Alcides, que sempre acreditou em mim, e cuja
amizade os anos não foram capazes de apagar.*

Ser amigo é estar presente a vida toda.

*Este livro não seria o que é, não fosse a inestimável
colaboração de meu amigo Luiz Antônio, a quem devo
todos os esclarecimentos sobre homeopatia.*

A ele, minha eterna gratidão.

Prefácio

Todos aqueles que amam os animais provavelmente se identificarão com as palavras contidas nesta obra. Alguns, por desconhecimento, talvez se surpreendam ou duvidem de algumas questões aqui abordadas. Outros rejeitarão tudo de cara, porque não acreditam ou não querem acreditar na importância dos animais e de sua indispensável participação no mundo, neste mundo que pertence, igualmente, a tudo que vive.

O mundo já não suporta mais tantas agressões. É chegada a hora de pararmos de violentar a natureza e de exaurir todas as coisas boas que somente ela é capaz de nos dar. Depois que tudo se for, o que restará para nós será um imenso vazio, uma aridez inesgotável transformando em pó a beleza das lembranças, um abismo de treva a nos separar do brilho que renova nossos dias. E, embora a escuridão também possua seu particular encanto, nossos olhos insistirão no apego às coisas visíveis e deixarão escoar, pelo ralo da ignorância, todas as chances de descobrir, nas sombras, nosso próprio rastro de luz.

A hora de mudar é agora. O tempo já se esgotou para nós. Essa não é uma visão pessimista das coisas, mas um alerta. Nada passa impune, muito menos a violência com que tratamos nossos semelhantes, porque este é um dos maiores desequilíbrios que podemos causar na natureza. É hora de erguermos as mãos e dizermos para nós mesmos: basta.

Este livro tenta nos alertar para a realidade do que se passa na natureza, da qual fazem parte todos os animais. O mundo também é deles.

E eles são tão simples, tão fáceis de se contentar. Só querem comida, água, uma caminha gostosa e o principal: muito amor. Procure amá-los como ama a si mesmo. Não é difícil, porque eles correspondem aos nossos sentimentos da mesma forma como sentimos.

Se não for possível amá-los, não os maltrate. Ignore-os, deixe-os ficar onde estão. Não compre nem adote. Não se deixe convencer, não se permita levar pela curiosidade ou pela vaidade. Sobretudo, não os abandone. Se você desistir do seu animal, procure alguém que cuide bem dele. E se não encontrar quem o queira, pare e pense. Nada cai de paraquedas na nossa vida. Não existem acasos nem coincidências. Tudo segue uma ordem preestabelecida pela divindade.

Se ninguém quiser seu animalzinho, é porque ele tem que ser seu. Pondere bem sobre isso e, em último caso, aceite o que Deus enviou para você. Com certeza, esse animal será um bem na sua vida. Basta você se permitir descobrir as coisas boas que ele pode lhe oferecer. E não duvide. Talvez você se surpreenda não apenas com ele, mas com você mesmo.

Leia o livro, pense, acredite na igualdade de todos os seres diante do amor de Deus. Reflita na sabedoria da vida e faça a escolha certa. Siga o seu coração e faça a coisa certa. Aja com respeito à sua vontade e você não terá do que se arrepender, pois o que vem do mais profundo da alma é inspiração da consciência, que só encontra palavras para o que é preciso ouvir.

Você só tem que silenciar o pensamento, libertar-se do medo, da culpa e deixar a intuição fluir.

Prólogo

Era como um sonho em que predominava o sentido da audição. Em meio à confusão, o que sobressaía era o barulho, muito barulho. Buzinas, apitos, gritos, estrondos... Teria o céu vindo abaixo, fazendo despencar sobre a Terra fragmentos da Lua?

A visão, meio turva, não conseguia conciliar as luzes brilhantes com a dissonância dos ruídos estridentes, a única coisa que ele captava em meio àquela balbúrdia. O que estaria acontecendo, meu Deus? O mundo só podia ter disparado para fora do eixo, fugido da realidade e se atirado de cabeça num turbilhão de desordem. Ou seria de tragédia?

Aos poucos, a vista foi retornando ao foco, embora se divertisse pregando-lhe peças. Alguém poderia explicar-lhe como é que o chão, uma coisa inanimada, sem vida, de repente ganhara movimentos sinuosos, contorcendo-se num bailado de horror e agonia? De onde, afinal, surgira aquele fantasma escarlate, todo animadinho, que serpenteava pelo chão com tamanha intimidade...?

Com vagar, os sons se reencontraram, estabelecendo uma certa harmonia na orquestra do terror. Os fantasmas desfocados se reuniram em coisas únicas, dando forma a pessoas atarantadas e veículos enfileirados num tráfego lento. Gente que corria de lá para cá, imprimindo pegadas vermelhas e viscosas no negrume do asfalto, ignorando que ele estava ali.

Moisés não entendia. Por que ninguém notava sua presença naquele mundo desgovernado? E que mundo era aquele, afinal? Como fora parar ali

sozinho e onde estava seu amigo? Aturdido, olhou para os lados, à procura... No meio daquela multidão, era difícil encontrar. Será que alguém o havia levado?

Vagueando de um lado a outro, o que encontrou foi o assombro, estampado nas feições que se desfiguravam em caretas horrendas diante dele. A princípio, pensou que aqueles olhares perplexos se dirigiam a ele. Aborrecido, torceu o nariz e gesticulou com os punhos, mandando a turba se danar. O que pensavam que ele era? Alguma atração bizarra? Podia não ser nada agora, mas, um dia, ele fora alguém.

Aos poucos, notou que os olhos das pessoas não se detinham nele, mas num ponto além. Seguindo a direção para onde elas olhavam, o que viu foram mais e mais pessoas, algumas se movimentando freneticamente, outras, lutando para conter a multidão. Tudo muito estranho. Parecia até um acidente. Mas quem teria se acidentado? Um corpo jazia no chão, a poucos metros de onde ele se achava. Sabia que era um corpo porque estava coberto por um plástico preto.

Uma mulher com cara de enfermeira passou rente a ele. Quase o pisou. Ele puxou os pés rapidamente, pronto para reclamar de sua falta de atenção. Foi quando, inesperadamente, o encontrou.

Ao lado da mulher, um homem de luvas levantava o corpo de um animal morto. Havia sangue espalhado por todo o seu lindo pelo preto e branco, algumas gotas respingando no chão. O homem agiu com perícia. Apanhou o saco preto que a mulher lhe estendia e lá enfiou o cachorro, sem nem ao menos verificar se ele estava em agonia. Não estava. Mesmo sem o ver, Moisés sabia que o cão estava morto. Lágrimas lhe subiram aos olhos, descendo pelo rosto sem dificuldade. Não tinha receio nem vergonha de chorar. Era o seu amigo que ia ali.

Quando o homem passou por ele, Moisés decidiu segui-lo. Precisava saber aonde ele estava levando o seu cachorro. Não se lembrava de como o cão havia morrido, mas, já que acontecera, caberia a ele o privilégio de enterrar seu corpo. Fora o único e verdadeiro amigo que tivera por toda a vida. Tentando segurar o pranto, levantou-se de um salto, correndo atrás do sujeito, aos berros:

– Ei, moço! *Pera aí!* O cachorro é meu. Moço! Dá um tempo!

Nada. O homem não ligou a mínima para seus apelos. Mesmo assim, Moisés continuou atrás dele. Precisava recuperar o corpo de seu amigo. Queria despedir-se, beijar seu focinho gelado, como tantas vezes fizera ao longo da vida. E prantear a sua dor. Por que não dizer o seu luto?

Já ia abrindo a boca para chamar novamente o camarada quando uma nova “embalagem” captou seu olhar. Um outro corpo entrava no saco preto, seguindo o mesmo destino do cão. Que coisa mais triste, ser relegado a um pacote sem nome no meio de uma estrada desconhecida. Um pouco hesitante, aproximou-se. Estranhamente, ninguém tentou impedi-lo. Mas também não lhe franqueou a passagem. Muito menos o chamou para perguntar o que ele fazia ali. As pessoas simplesmente agiam como se ele não existisse. Por acaso, ele era invisível?

Com a ideia da invisibilidade, veio uma dor aguda na lateral do corpo. Ele se curvou até quase tocar o chão, apertando as costelas para conter as pontadas agudas. De cabeça abaixada, espiou por um buraco que se abria entre as pernas dos profissionais que trabalhavam ali e, com assombro, constatou a verdade da qual já desconfiava. Uma mão enluvada puxava para cima o zíper do saco, encerrando para sempre, nas sombras da morte, o seu rosto magro que nunca mais abriria os olhos para aquele mundo.

De repente, a memória voltou, reproduzindo o inesperado infortúnio:

Tostão correria para o meio da rua seguindo um gato. Nunca fizera isso. Sempre caminhara ao seu lado, sem necessidade de ser amarrado na coleira. Ele empurrava a velha carroça que os mais antigos conheciam como “burrinho sem rabo”, cheia de latas de alumínio e garrafas *pet*, que recolhia na praia para vender às cooperativas de reciclagem.

– Tostão! – gritara – Volta aqui! Deixa de ser bobo!

Tostão não deu a mínima. Saiu correndo atrás do gato, que disparou pela avenida movimentada. Com sua agilidade natural, o gato se desvencilhou dos veículos que corriam em alta velocidade, chegando ao outro lado ofegante, porém, em segurança. Tostão, contudo, não teve a mesma sorte.

Assim que avistou o ônibus correndo pela pista do BRT, Moisés soltou a carroça e praticamente se lançou no meio do tráfego. Sons estrídulos de buzinas o deixaram tonto, mas ele não se deteve. Correndo feito louco, atravessou a avenida, alcançando o cachorro ao mesmo tempo que o coletivo. O motorista ainda tentou frear, mas a velocidade não deu aos freios a chance de travar apropriadamente as rodas, e o veículo se chocou contra os dois com violência fenomenal. Moisés foi atirado longe e Tostão pareceu flutuar.

Sangue espirrou por todo lado, encharcando carne e vísceras. Ossos fraturados, veias dilaceradas, a morte de ambos foi imediata. Não deu nem tempo de sofrer. A certeza da morte não foi tão rápida. Moisés sabia, mas preferiu não acreditar que havia morrido, apesar de sempre acreditar em vida após a morte. Desde que a mãe partira, quase vinte anos antes, sabia que existia algo além daquela vida. Vira-a, por diversas vezes, circulando pela casa, assim como ouvira seus conselhos, em sonhos, quando a mulher o deixara.

Por causa da traição da esposa, Moisés caíra na mendicância. Tamanho o

desespero, deu para beber, foi despedido do escritório de contabilidade, vendeu o que tinha e o que não tinha para afogar as mágoas na bebida. Cheio de dívidas, perdeu tudo o que a mulher não levou, até a dignidade. Sem dinheiro, largou o álcool. Não gostava mesmo de beber. Só o fazia porque era uma forma eficaz e rápida de não pensar na esposa.

A vida nas ruas lhe acenou como a única possibilidade de sobrevivência. Moisés ainda tentou evitar aquele destino cruel, mas faltavam-lhe forças. Vendido o apartamento, sua parte na meação, a princípio, deu para pagar um quartinho fétido numa pensão de quinta. Mas até isso ele perdeu, no dia em que o cheque foi devolvido por falta de fundos. A dívida do cheque especial se avolumara de tal forma, que nem o acordo que o banco lhe propusera permitiria quitá-la. Podia entrar na Justiça para tentar diminuir os juros, mas de que adiantaria? Ainda que tivesse que pagar apenas o valor histórico do débito, sem juros nem nada, o dinheiro não chegaria.

Apelou para alguns parentes, mas todas as portas se fecharam diante dele. Sua única irmã lhe virou as costas, horrorizada com o flagelo em que ele se tornara. Tinha alguns primos distantes, com os quais nunca se relacionara, que o receberam pela porta dos fundos, alegando dificuldades financeiras. Amigos... sumiram assim que ele decaiu. Só lhe restou mesmo o abandono das ruas.

Por esse motivo, ele se apegou tanto a Tostão. Encontrara-o num saco de lixo jogado no rio Trapicheiros. A descida até as águas não foi difícil, e ele conseguiu resgatar o animal com vida, um filhotinho de cão vira-lata preto e branco. A afeição mútua foi rápida e recíproca, tornando-os amigos inseparáveis. Tostão era a única criatura no mundo que realmente o amava. E agora se fora.

A morte foi uma surpresa, mas não propriamente um choque. No fundo,

Moisés se questionava se aquele destino não teria sido melhor. Talvez fosse, desde que ele não se separasse de sua mascote. Aonde Tostão fosse, ele iria também. Por isso, não hesitou em seguir o agente do centro de controle de zoonoses. Entrou no carro e sentou-se junto ao corpo do cão, chorando sem parar.

– Onde está você, meu amigo? – indagou, angustiado por não ver o espírito do animal junto ao corpo. – Os cães não têm alma?

A partir desse ponto, não se lembrou de mais nada. Simplesmente apagou. Quando acordou, viu-se num lugar estranho, porém, muito confortável. Era um quarto pequeno, reluzente de tão branco. Uma cama perfumada e macia. Um jarro de água cristalina e convidativa, pousado na mesinha ao lado. Sedento, apanhou o copo e encheu-o, sorvendo o líquido rapidamente. Estalou a língua, olhando ao redor. Era bem parecido com o que vira em alguns filmes e novelas.

– Oi! – chamou. – Não tem ninguém aqui?

Em resposta, a porta se abriu, dando passagem a uma figura diáfana e brilhante. Moisés sentiu um arrepio, mas não foi de susto. Sabia estar diante de um espírito do bem, embora o achasse um tanto parecido com um fantasma.

– Estou aqui – foi a voz doce, que se aproximou para alisar seus cabelos.

Moisés soltou o copo em cima da mesa e abraçou-se a ela. Reconheceu-a pela voz, em primeiro lugar. Depois, quando o espírito adquiriu uma aparência um pouco mais “sólida”, distinguiu, nitidamente, o semblante de sua mãe.

– Mãe... – balbuciou ele, emocionado. – Não acredito... Como é bom ver você novamente!

Lucélia o envolveu com ternura. Fazia alguns anos que desencarnara, um

tanto jovem ainda, vítima do câncer de mama. Fora muito bem recebida, recuperara-se maravilhosamente e agora auxiliava na recepção dos recém-desencarnados. Sentia muitas saudades de Moisés e nenhuma do marido, que a abandonara por uma mulher mais jovem, com quem vivia até hoje.

– Não está triste porque desencarnou? – ela perguntou, ainda afagando os cabelos dele, tal qual fazia quando ele era criança.

– Não – foi a resposta firme. – O que tinha a vida a me oferecer além de desgraça? Minha mulher me deixou, perdi emprego, casa, tudo. Nem dignidade possuo mais.

– Engano seu. Você é uma pessoa muito digna. Aceitou sua nova condição sem se revoltar e seguiu vivendo honestamente.

– Ninguém quis me ajudar, mãe – ele choramingou, lembrando-se de todos os que lhe viraram as costas.

– Não guarde raiva nem ressentimento. Cada um agiu da forma que pôde. E depois, se você reencarnasse em meio a parentes que lhe estenderiam a mão, como faria para cumprir seu destino?

– Destino?

– Não se lembra? – Ele meneou a cabeça. – Foi você que quis virar mendigo. A vida apenas colocou no seu caminho pessoas que o ajudaram a realizar esse desejo.

– Mas por que diabos eu desejaria ser mendigo? – indignou-se, um tanto quanto incrédulo.

– Isso não importa agora. Pense apenas no que de mais importante você aprendeu.

– A passar fome?

– Acha mesmo que isso é o mais importante?

– Não propriamente. O mais difícil foi engolir o orgulho.

– É por aí mesmo. Você foi lapidar o seu orgulho. E o fez dignamente, devo reconhecer. Nós aqui ficamos muito satisfeitos com você.

– Nós quem?

– Eu e todos aqueles que o conhecemos e torcemos por você. Seus amigos.

– Amigos... não tenho nenhum, a não ser... – Ele levantou os olhos, esperançoso. – Cadê o Tostão? Estava indo atrás dele quando apaguei...

– Você foi adormecido para ser trazido para cá. Eu, pessoalmente, cuidei de seus ferimentos, para que seu corpo fluídico não guarde sequelas do acidente. Sente-se bem?

– Muito bem – afirmou, apalpando as costelas, que não doíam mais. – Mas você não respondeu a minha pergunta. Onde está o Tostão? Tem alguém cuidando dele?

– Tem, claro. Só que ele não está aqui.

– Onde está? Quero vê-lo.

– Ele já foi levado.

– Para onde?

– Para um lugar onde cuidam de animais. Será tratado e, posteriormente, encaminhado de volta à sua essência coletiva.

– Essência coletiva? Como assim? O que é isso?

– Os animais possuem uma espécie de alma-grupo, para onde retornam após desencarnar, carregando com eles as experiências que adquiriram em sua última existência. É o que lhes dá o instinto, que é inato em todo ser vivo.

– Que coisa mais fria, mãe! – indignou-se. – E injusta, e insensível também! Os animais não são como gotas de água, que se atira num balde e fica tudo misturado! Eles têm sentimentos!

– Essa é a analogia mais utilizada para explicar o fenômeno...

– O quê? Água no balde? Não me interessa nada esse tal fenômeno.

Quero o meu cachorro de volta!

Ele se agitava freneticamente, caminhando pela sala como um louco acometido por incontrolável fúria.

– Acalme-se, meu filho. Tudo é feito com amor, dentro da mais perfeita harmonia. Não há sofrimento, nem dor, nem tristeza.

– Mas se fizerem isso com o Tostão, ele vai deixar de ser o meu Tostão, não vai?

– Infelizmente, sim – respondeu ela, espantada com a rapidez com que Moisés compreendera o processo. – Ele integrará a essência como um todo.

– Ou seja, ele vai perder a identidade dele.

– Vai... – ela afirmou, hesitante.

– Isso não está certo! Não podem fazer isso com o Tostão, ainda mais sem o meu consentimento. Ele é o meu cachorro!

– Tenha calma, Moisés. É para o bem dele.

– Não é, não. Tostão ficará bem se ficar comigo. Você tem que me ajudar a recuperá-lo.

– Não posso interferir nesses assuntos. Não é atribuição minha.

– E de quem é? – ele perguntou, levantando-se bruscamente da cama. – Quero falar com essa pessoa. Tostão não pode sumir, não pode.

Moisés chorava, descontrolado. Achava que morrer seria um bem, mas agora parecia um pesadelo. Podia aceitar qualquer coisa, até mesmo parar no inferno, menos separar-se de Tostão.

– Ele não sofrerá nenhum mal – ponderou Lucélia. – É a lei natural da vida.

– Lei natural? Todos os cães passam por isso?

– Não exatamente – admitiu. – Alguns auxiliam na recuperação dos espíritos, outros estão prontos para reencarnar como pessoas e ficam aguardando.

– O que faz um cão virar gente? – interessou-se, acalmando-se um pouco.

– A proximidade com o ser humano, que lhe transmite uma grande porção de amor ou de ódio. São sentimentos tão poderosos que, vividos com intensidade, imprimem naquele ser experiências que se tornam únicas e que acabam por despertar nele uma consciência ainda rudimentar, mas uma consciência verdadeira, uma noção de sua própria existência, de que é um indivíduo capaz de sentir e pensar por conta própria, ainda que o faça de uma forma precária e inconsciente. Essas experiências se transformam em memórias individuais, que são arquivadas no corpo mental, gerando emoções e pensamentos específicos, que fazem com que ele sinta e pense com algum discernimento. Ele sabe que é único e sua mente não aceita mais qualquer associação que possa desfragmentá-la. Perde, então, os ligamentos energéticos responsáveis por reintegrá-lo ao grupo. É como a matéria bruta que, depois de beneficiada, não pode mais retornar a seu estado primitivo. Ou como a inteligência artificial que, ao ganhar a capacidade de pensar e sentir, afasta-se de sua natureza tecnológica para aproximar-se da essência humana.

– E o que acontece?

– Ele se destaca e retorna ao plano astral, onde é recolhido e cuidado.

– E o Tostão não pode ser um desses?

– Sinceramente, meu filho, não sei. Na verdade, não sei muito sobre esse assunto. Conheço o processo em geral, mas não o que acontece caso a caso.

– Pois eu digo que pode. Tem que poder. Não vou permitir que meu

Tostão vire água no balde, não vou.

O grau de perturbação dele tornou-se preocupante. Tanto que Lucélia pediu ajuda aos enfermeiros, que tentaram segurá-lo.

– Vocês não podem me prender! – gritou, exasperado. – Sou um homem livre!

– Não queremos prendê-lo – Lucélia tentou tranquilizar. – Só queremos que você se acalme.

– Quero sair daqui! Quero ir embora! Onde está o Tostão? Aposto como ele está perdido naquela avenida, me procurando. Quero o meu cão! Vou encontrá-lo. Preciso encontrá-lo!

O pensamento ligado ao cachorro formou uma ponte energética com a Terra, e Moisés, inesperada e inexplicavelmente, se viu de volta ao local do acidente. Não imaginava como fora parar ali, mas não importava. Não sairia dali sem o Tostão. A mãe dissera que ele estava sendo cuidado, mas onde? Não fazia a menor ideia. Talvez não fosse nada disso e ele tivesse simplesmente fugido. Sim, era possível. Tostão era esperto e, muito provavelmente, ao perceber a maldade que iam fazer com ele, arranhou um jeito de escapular e voltar para a Terra, assim como ele havia feito. Só o que tinha era que procurar.

Os carros passavam, alheios à sua presença. Moisés achou engraçado não ser atropelado por nenhum veículo. Podia sentir-se poderoso, mas não se sentiu. Ao contrário, lutava contra a sensação de impotência, do medo de nunca mais encontrar Tostão. Com esse pensamento, levantou a cabeça e olhou para os lados, tentando imaginar por onde começaria sua busca. Foi quando avistou uma *pet shop* do outro lado da rua. Era o lugar perfeito para Tostão se refugiar e esperar por ele.

– Já estou indo, meu amigo.

Com essas palavras, Moisés cruzou a avenida movimentada e, sem abrir a porta da *pet*, entrou.

Capítulo 1

- Anda logo, Rodrigo! – Lizandra reclamou. – Vai ficar o dia todo aí?
 - Espera, mãe – ele pediu, olhando com cuidado cada gaiolinha da loja.
- Dá vontade de levar todos. Olha só... Coitadinhos!
 - É, mas não pode. Escolhe um e vamos embora.

Rodrigo não conseguia se decidir. Todos os cãezinhos pareciam lindos, amáveis, ansiosos por encontrar um lar. Ele pediu à vendedora para retirá-los um a um e segurou-os no colo, mudando de ideia cada vez que sentia uma lambida no rosto. Rabinhos abanando, todos queriam ir embora com ele. Pena que só podia levar um. Passado muito tempo, conseguiu, enfim, se decidir.

– Quero esse aqui – disse, apontando para um filhotinho de border collie que não sossegava dentro da gaiolinha.

– Nem pensar! – esbravejou Lizandra, após uma breve análise do animal. – Veja só o tamanho da pata desse bicho. Ele vai ficar enorme!

– Ah, mãe, mas ele é tão bonitinho. Olha só os olhinhos dele. Tem uma manchinha nesse aqui.

– Nós moramos em apartamento. Esse cachorro precisa de espaço.

– A gente mora na cobertura. Tem um terraço inteiro só para ele.

– Esse não. E ele não para quieto. Deve ser muito levado.

– Na verdade, não é, não – intercedeu a vendedora, que acompanhava o episódio, à espera do momento certo para se envolver. – O border é a raça de cão mais inteligente do mundo.

- Pode ser, mas é muito grande e agitado.
- É um cão de porte médio.
- E o que isso quer dizer?
- Quer dizer que ele deve ficar do tamanho de um cocker spaniel, aproximadamente.

Lizandra olhou-o em dúvida. Não era o que parecia.

– E essa pata? – questionou. – Por aí já dá para imaginar como ele vai ser grande.

– É só impressão. Ele não vai passar muito do tamanho em que está agora.

– Quantos meses ele tem? – Rodrigo quis saber.

– Três.

– Se aos três já está assim, imagine só quando tiver um ano.

– Ele não vai crescer muito, pode acreditar – a moça insistiu. – Cães de porte médio vão até uns vinte quilos, mais ou menos.

– E isso é pouco? – ironizou Lizandra.

– Leva esse, mãe, leva! – Rodrigo quase implorou. – Ele já gosta de mim.

O cachorro, agarrado ao pescoço do menino, balançava o rabo e lambia-lhe o rosto, numa alegria peculiar. Era mesmo uma graça, mas Lizandra tinha um certo receio.

– Ele é destruidor?

– Imagina! É um cão inteligente, aprende tudo rápido.

– Tá, mas não destrói nem rói nada?

– Bom, filhote, a senhora sabe como é. Gosta de brincar. Mas, como é muito inteligente, logo vai saber distinguir o que pode e o que não pode fazer.

- E a agitação?
- Ele é tranquilinho.
- Tem certeza?
- Tenho.
- Leva, mãe, leva – teimava Rodrigo, dando pulinhos em frente a ela.
- Pelo visto, ele já adotou o seu filho.

Lizandra consultou o relógio. Estava atrasada para o salão. Não podia perder a hora na manicure. Sem contar que já estava de saco cheio daquela *pet*.

– Então está bem – decidiu. – Vou confiar em você. É esse mesmo que você quer, Rodrigo?

– É, mãe.

– Certo. Vamos logo com isso, que estou com pressa.

– É só preencher o contrato – esclareceu a vendedora, retirando o documento de uma gaveta embaixo do balcão. – O *pedigree* chega em mais ou menos um mês. E seria bom a senhora levá-lo ao veterinário da loja, que fica aqui ao lado. Para a garantia, sabe?

– Que garantia?

– Para a senhora ter certeza de que ele não está doente.

– E posso devolvê-lo?

– Só em caso de doença. Teve uma mulher aqui, uma vez, que quis devolver o cachorro porque ele latia e incomodava os vizinhos. Infelizmente, não pudemos aceitar.

– Tudo bem – aquiesceu ela, após alguns poucos segundos de hesitação.

– Só espero que eu não me arrependa.

– Não vai se arrepender, eu garanto.

Depois que o veterinário constatou a perfeita saúde do animal, Rodrigo

saiu levando no colo seu mais novo amiguinho. A mãe carregava uma sacola com cama, ração, tigelas e coleira, além de um ossinho para ele roer. Abriu a porta do carro com impaciência, jogando tudo no banco de trás. Rodrigo empurrou a sacola para o lado e acomodou-se com o cachorro, feliz da vida.

– Billy – disse Rodrigo. – Vai ser o nome dele.

– Tudo bem. Você é quem sabe.

Billy rapidamente se ambientou. Não estranhou o apartamento e, sem cerimônia, pôs-se à vontade. Tão à vontade que sua primeira providência foi se agachar e fazer xixi bem no meio da sala de visitas.

– Essa não! – gritou Lizandra, dando um tapa na cabeça dele. – Não vou tolerar cachorro fazendo porcaria pela casa.

– Tadinho, mãe! – censurou Rodrigo, pegando Billy no colo. – Ele ainda não sabe. Acabou de chegar.

– Pois então trate de ensiná-lo. Vou mandar a Anita botar um jornal na área de serviço para ele. Acho bom ele ficar preso lá até aprender.

– Não precisa. Ele vai aprender depressa, você vai ver.

– É bom mesmo, ou ele vai apanhar.

– Você nunca ouviu falar que cachorro não aprende apanhando?

– No meu tempo, aprendia, sim. Agora é que estão com essas frescuras.

Uns bons tapas, e ele não esquece mais.

– Com isso, você só vai fazer com que ele tenha medo de você.

– Deixe ter medo. É bom. Assim ele vai me respeitar.

– Não é assim que se ensina cachorro.

– E como é que se ensina, hein, sabichão?

– Na base da recompensa. A gente repete a ação e, quando ele acerta, ganha uma recompensa, tipo um petisco, um brinquedo ou um carinho. É isso o que ele mais quer: carinho.

– Quanta frescura... Cachorro não é gente, não precisa de nada disso. Basta comida e água, que ele fica feliz. – Rodrigo silenciou. Não adiantava discutir com a mãe. Ela sempre achava que tinha razão. – Bom, e agora que você já está em casa com seu cachorro, vou correr para o salão. Ainda dá tempo de fazer a unha.

Rodrigo amava a mãe, mas certas coisas que ela fazia o deixavam muito triste. Lizandra não escondia que não gostava de animais. Fora um custo convencê-la a comprar ou adotar um cachorro, principalmente depois da Suzy, uma gata que ele encontrara na rua. Toda branquinha e peluda, um filhotinho abandonado. Estava com o pai na ocasião. O pai, mais sensível e compreensivo, não relutou quando Rodrigo quis levar a gata para casa.

Com Lizandra, porém, a história foi bem outra. Ela, literalmente, deu um ataque. Não gostava de bicho e, especialmente, detestava gatos. Davam alergia, eram preguiçosos e traiçoeiros.

– Você tem até amanhã para tirar esse gato daqui – sentenciou.

Só a muito custo Rodrigo conseguiu convencê-la. Não que ela estivesse propriamente convencida, mas acabou cedendo por insistência do marido. O casamento já não andava lá muito bem, e fazer a vontade do filho, naquele momento, podia servir para impressionar Vítor. O resultado, contudo, não foi o esperado.

Como todo gato, Suzy era teimosa. Subia na cama, nas poltronas e no sofá, amassava as plantas no terraço, comia as flores e afiava as unhas em qualquer lugar. Mesmo assim, Lizandra a tolerava porque, pelo menos, era muito limpinha. Até o dia em que ela percebeu que Suzy havia elegido o encosto do sofá como seu afiador de unhas particular. Quando se deu conta do estrago, Lizandra fez um escândalo.

– Esse animal não fica aqui nem mais um minuto! – rugiu, colérica,

segurando a gata pelo cangote.

Imobilizado, o bicho não reagiu quando ela saiu, carregando-o pela porta que nem uma bala. Atrás dela, Rodrigo esperneava, pulando na cintura da mãe para alcançá-la.

– Não, mamãe, não! – gritava ele. – Me dá ela aqui!

– De jeito nenhum. Chega! Anita, segure o Rodrigo para mim. Vou dar um sumiço nesse gato.

Muito contrariada, Anita abraçou o menino, que chorava em desespero, lutando para se soltar.

– Mamãe, me dá a Suzy! – berrava. – Não faz isso, mamãe, não faz!

– Deixe de frescura, Rodrigo!

A porta do elevador se abriu, e ela entrou com a gata. Suzy não fez nada. Deu a Rodrigo um olhar triste, como se entendesse o que ia acontecer e lhe dissesse que tudo ia ficar bem. Não era culpa dele.

– Suzy! – soluçava o menino. – Suzynha...

– Deixe estar, Rodrigo – Anita tentou confortar. – Deus é bom. Vai arrumar uma família boa para a Suzy.

Muito cedo, Rodrigo se deu conta de sua impotência diante da tirania da mãe. Tinha sete anos quando ela se desfizera de Suzy. Lizandra amava o filho. Nunca lhe encostara a mão e, dentro de suas limitações, procurava fazer tudo por ele. Só que tinha aquele jeito autoritário e nada carinhoso. Era uma mulher fria, insensível, egoísta. Quando se casou com Vítor, pensou que estivesse apaixonada por ele. Depois, com a convivência, percebeu que tudo não passara de empolgação.

Vítor, por outro lado, distanciava-se dela a cada dia, irritado com seu mau gênio e suas futilidades. No princípio, tentou argumentar, mas Lizandra era impossível. Não aceitava opinião de ninguém e rejeitava ser

tachada de pessoa difícil. Preferia acreditar que era determinada, autossuficiente e não dependia de ninguém. Mesmo assim, sentira um certo medo da reação do marido quando descobrisse que ela havia se livrado da gata.

Por pouco aquilo não foi o fim do casamento. Vítor ficou indignado com a atitude da mulher. Como Lizandra podia ser tão fria e cruel?

– Não sente nada pelo seu filho? – perguntou, colérico. – Não tem coração?

– A gata destruiu o sofá – justificou-se. – Tive que me livrar dela antes que destruísse a casa toda.

– Por acaso você pensou no Rodrigo? Na infelicidade que causou a ele?

– Bobagem. Ele é criança, daqui a pouco esquece.

Rodrigo não esqueceu. Saiu pelas ruas com o pai, procurando a gatinha, mas não a encontrou. Depois soube, por Anita, que ela fora resgatada por um porteiro da vizinhança, que voltou para o Norte, levando Suzy com ele. Era isto que lhe dava algum conforto: saber que ela estava bem, como Anita dissera. Rodrigo nunca mais a viu.

Capítulo 2

Enquanto esperava, Lizandra andava de um lado a outro, causando nervosismo na secretária do dr. Danilo. Sílvia olhava para ela de soslaio, pensando na melhor forma de acalmar a mulher.

– A senhora quer um café? – indagou, solícita.

– Não, querida, obrigada – respondeu ela, com uma educação forçada, que mal ocultava a impaciência. – Será que ele ainda vai demorar muito?

Sílvia deu de ombros e encarou o paciente do horário seguinte, que já se preocupava com a possibilidade de aquela mulher desequilibrada querer passar na sua frente. Não era à toa que ela estava no consultório de um neurologista. Tinha os nervos à flor da pele.

Quando, quinze minutos depois, a porta se abriu, Lizandra irrompeu consultório adentro, esbarrando no paciente que saía e ignorando o outro, que se preparava para se levantar. Sílvia não disse nada. Estava acostumada às interrupções abruptas de Lizandra, sempre agitada e nervosa.

– Um minuto só, seu Joaquim – disse o médico, dirigindo-se ao homem, que tornou a se sentar com ar emburrado. – Não vou me demorar aqui.

– Meu caso é urgente – anunciou Lizandra.

Mal ele fechou a porta, Lizandra se atirou em seus braços, beijando-o pelo rosto, pelo pescoço, tocando suas partes íntimas para deixá-lo excitado.

– Lizandra, por favor – censurou ele, afastando gentilmente a mão dela.

– Estou trabalhando. Tem um paciente à minha espera.

- Que se dane! Não vê como estou nervosa?
- Posso lhe receitar um calmante da homeopatia, se você quiser.
- Não é disso que preciso! Ainda mais de gotinha de homeopatia. Não serve para nada!
- Se é o que diz...
- Você não me ama mais – interrompeu ela, fazendo beicinho. – Agora, só sabe me evitar.
- Tenho trabalhado demais – ele justificou, sem olhar nos olhos dela. – Vá para casa, depois a gente conversa.
- Depois quando? – tornou a aborrecer-se. – Quando Vítor estiver dormindo? Ou no banho?
- Eu ligo para você assim que o último paciente sair, lá pelas cinco horas. Vítor ainda não terá voltado do trabalho e poderemos conversar um pouco.
- Eu quero você, preciso de você! – suplicou, angustiada. – Não aguento mais tanta frieza.

Ela tentou abraçá-lo novamente, mas ele se esquivou. Segurando os punhos dela, deu-lhe um beijo rápido nos lábios e soltou-a, abrindo a porta em seguida.

– Não se preocupe, dona Lizandra – disse, em tom profissional. – Tome os comprimidos corretamente, que a senhora vai melhorar.

Ela saiu espumando, sem dizer uma palavra. O paciente entrou emburrado, mas Danilo fingiu não perceber. Atendeu-o normalmente, procurando não pensar em Lizandra. Aquela relação não tinha mais futuro, contudo, ela insistia em prosseguir. Por diversas vezes, Danilo tentou romper com ela, mas Lizandra não aceitava, ameaçando contar tudo à esposa dele. Como se ela também não fosse casada!

De qualquer forma, estava decidido. Quem ele amava mesmo era Marília. Ele e a mulher haviam enfrentado uma crise no casamento que agora, finalmente, estava se resolvendo. Ele andara entediado, queria viver coisas novas, diferentes, ao passo que Marília era uma mulher sossegada, caseira, acomodada à rotina. Trabalhava, cuidava da casa, dos filhos, não tinha ambições. Ao menos, era isso o que ele pensava. Até o dia em que ela, preocupada com o desinteresse dele, chamara-o para uma conversa.

– Não entendo por que você está tão distante – começara. – Foi alguma coisa que eu fiz?

– Não estou distante – desconversou. – Estou só cansado.

– Isso é desculpa, você sabe. Assim como eu também sei. – Ele não disse nada, e ela prosseguiu: – Você pensa que sou boba, mas a verdade é que não sou. Sou apenas diferente de você, o que não faz de mim uma mulher estúpida.

– Eu nunca disse isso! – objetou, com veemência.

– Nem precisa. Basta ver o modo como você age.

– Como assim?

– Pensa que não tenho notado seu comportamento? Você tem me evitado, parece ter perdido o interesse por mim. Por que será? É porque já estamos casados há dezessete anos? Porque já não sou mais jovem nem tenho o corpo durinho como essas meninas saradas que vivem na academia? Ou porque não gosto de farras nem de bebida?

– Não é nada disso – ele rebateu, angustiado.

– Então, o que é?

– Nada.

– Nada, não. Você está diferente, e não é impressão minha. Até as crianças notaram. – Mais uma vez, silêncio. – Você tem uma amante?

A pergunta direta causou um tremor que arrepiou todos os pelos de seu corpo. Agora era o momento de admitir a verdade, mas Danilo tinha medo da reação de Marília. Não estava preparado para ficar sem a esposa.

A voz da mulher tornou a percorrer seus ouvidos, exigindo uma resposta:

– Tem ou não tem?

– Não – mentiu, da forma mais natural que conseguiu.

Durante alguns minutos, ela permaneceu encarando-o, perscrutando, com olhos enigmáticos, seu semblante de pedra. Era como se soubesse que ele não estava sendo sincero.

– Se você diz, vou acreditar – afirmou ela, embora ele soubesse que era ela quem agora mentia. – Mas você tem que me dizer o que está acontecendo. Eu mereço a sua sinceridade.

Ela tinha razão. Ele andava esquisito, distante, evitava-a de todas as formas, alegando cansaço ou dor de cabeça. Marília não era burra. É claro que já havia percebido. Diante dessa certeza, Danilo achou melhor embarcar numa meia verdade:

– Para ser franco, Marília, estou mesmo um pouco cansado do nosso casamento. – Ele parou de falar, experimentando o efeito de suas primeiras palavras. – Estamos casados há tanto tempo, e tudo continua igual.

– Igual a quê?

– Ao começo. Não fazemos nada de diferente, não nos divertimos. Quando viajamos, não vamos além de Búzios. Construímos um patrimônio sólido e não usufruímos de nada. Você é uma mulher maravilhosa, mas não tem entusiasmo. Conforma-se em ser uma mera secretária, vive para cuidar da casa...

Calou-se, envergonhado por atirar nela a culpa pela sua traição. Marília o fitava com olhos brilhantes, que anunciavam a proximidade das lágrimas.

Mesmo assim, ela não chorou.

– Antigamente, os homens reclamavam porque as mulheres queriam trabalhar fora e negligenciavam o serviço doméstico – divagou ela. – O meu marido reclama porque sou ótima mãe, esposa e dona de casa.

Havia desprezo no tom de voz dela, o que deixou Danilo ainda mais constrangido.

– Não se trata disso. Você é ótima, eu reconheço. Mas eu queria uma mulher que fosse minha companheira, que gostasse das mesmas coisas de que eu gosto.

– As pessoas são diferentes, Danilo. Cada uma tem suas preferências, o que não significa que estejam certas ou erradas.

– Não se trata de certo e errado. Trata-se de... de chegar junto.

– Chegar junto onde? No bar da esquina? No papo furado com os amigos de copo? Ou no show de pagode, que eu, com todo respeito, detesto?

Ele a encarou, contrariado. Nunca a ouvira falar daquele jeito.

– Você está sendo agressiva – reclamou ele.

– Não. Estou apenas tentando ser sincera. E acho bom mesmo você ter introduzido esse assunto. Assim poderemos esclarecer as coisas, de uma vez por todas – ele a encarou, em silêncio. – Em primeiro lugar, eu não gosto de bebida nem de conversa de bêbado. Logo, o que vou fazer num bar?

– Companhia...

– Isso! Do mesmo jeito que você me faz companhia quando quero ir ao teatro.

– Isso não é justo, Marília. Você sabe que eu não tenho paciência para teatro.

– E eu respeito. Mas por que você acha que sou obrigada a gostar de bebida e aturar papo de botequim?

– Não é a mesma coisa...

– Onde está a diferença, posso saber? – Ele não respondeu. – A diferença é que, quando se trata de você, tenho que fazer a sua vontade. Mas, quando se trata de mim, você não quer nem saber.

– Não é bem assim.

– Será que não? A verdade, Danilo, é que gosto de cuidar da casa e dos filhos. Sou uma boa dona de casa porque tenho amor à família e ao lar. Me agrada ver tudo bem cuidado, perfumado, bonito. Apesar de termos empregada, gosto de cozinhar, de preparar pratos especiais para você e as crianças. Isso me faz bem, mas não faz de mim uma idiota. Eu não me anulo para fazer essas coisas, porque elas me dão prazer. Agora, nada disso me impede de investir também no meu lado profissional.

– De secretária?

– Secretária, sim, qual o problema? Tenho diploma universitário em secretariado executivo, coisa que você não desconhece, e sou também formada em direito. Falo inglês, francês e espanhol, além de estar estudando mandarim. Somando tudo, tenho duas faculdades e três cursos completos de línguas. Isso me tornou uma profissional altamente qualificada e requisitada. Tenho emprego garantido aonde quer que eu vá. Sou uma secretária de alto nível, uma assessora, na verdade. Fui promovida e você nem se lembra. Exerço uma função da mais alta confiança na empresa e ganho um salário condizente com as responsabilidades do meu cargo. Gosto do que faço.

– Eu nunca soube quanto você ganha.

– Porque nunca se interessou em saber. Mas será que não repara como eu ando bem-vestida, bem cuidada? Como as crianças vivem arrumadinhas, como há sempre uma coisinha nova na casa? Onde é que você acha que eu

arranjo dinheiro para tudo isso? Com você é que não é, pois não lhe peço nada. Eu trabalho, e trabalho muito. – Ele pensou em interromper, mas ela não lhe deu chance. – À noite e nos fins de semana, quero ficar com a minha família, ler um bom livro, assistir a um filme interessante. E não viajamos, é verdade, mas porque você não quer se afastar de seus pacientes, o que respeito. Sim, sou caseira e não tenho vergonha de assumir isso. É o meu jeito, que você deveria respeitar, da mesma forma como respeito seu gosto por bares e botequins. Isso não me converte num bicho do mato. Eu não me isolo em casa. Gosto de sair, só que para outros programas, como praia, cinema e shows. Só que você nunca se interessou em acompanhar a mim e as crianças a esses lugares, apesar de nossos insistentes convites. Então, Danilo, quem não chega junto é você.

Danilo estava perplexo. Seria possível que a mulher fosse aquilo tudo e ele nunca houvesse percebido? Para falar a verdade, ele não se preocupava com nada que não fosse seu próprio umbigo. Reclamava que ela não o acompanhava, quando, na verdade, era ele que não queria a companhia dela. Ela gostava de cuidar da casa e da família, administrava tudo muito bem. Todavia, o que mais o impressionou foi a qualificação profissional dela. Nunca havia se dado conta do quão preparada e inteligente ela era.

Ela estava quieta, fitando-o com uma certa frieza. Danilo levantou os olhos e viu o seu rosto. Era um rosto bonito, elegante, sereno, ao qual os óculos de aros finos conferiam um ar de intelectualidade desprovido de arrogância. Seu coração se enterneceu, como da primeira vez em que a vira, sentada numa cadeira de praia em Cabo Frio, a cara enfiada num livro.

A partir daquele momento, passou a vê-la de outra maneira. Era como se, de uma hora para outra, um véu se descortinasse e fizesse ressurgir a verdadeira Marília, que ele não enxergava desde que se permitira cegar pelo

egoísmo.

– Marília, eu... sinto muito... – balbuciou, envergonhado. – Eu não havia me tocado que você é uma mulher e tanto...

– Não sei se sou uma mulher e tanto. Sou apenas eu mesma.

– Você está certa em cada palavra do que disse. Eu é que fui e sou um verdadeiro idiota, para não dizer, desprezível.

– Você é egoísta, Danilo. Não é que seja um mau marido. Não. Você é bom marido e bom pai. Nunca deixou faltar nada em casa, é carinhoso com as crianças e sempre me tratou bem. Não é grosseiro nem violento. Ao contrário, é educado, gentil, responsável. O problema é que nunca parou para pensar que os outros também têm vontades, opiniões e suas próprias características. O mundo não gira em torno de você.

– Não quero mais ser assim – assumiu, muito sinceramente. – Você pode me ajudar a mudar.

– Não posso. É você quem tem que mudar a si mesmo, se achar mesmo que deve.

– Vou mudar, Marília – afirmou ele, depois de refletir por breves instantes. – De hoje em diante, quero me envolver mais com os assuntos da família. Eu amo você e as crianças. Quero que sejamos felizes juntos.

Quando ele a beijou, sentiu um amor verdadeiro passando do seu coração para o dela, e do dela para o dele. Com ela em seus braços, arrependia-se de tê-la traído com Lizandra. O que vivera com ela fora apenas uma aventura insana. Ele não a amava. Gostava dela, mas não a amava, e precisava dizer-lhe isso.

Após um prolongado suspiro de arrependimento, Danilo voltou ao presente e olhou o relógio. Passava das cinco e meia. O último cliente já havia ido embora, bem como Sílvia. A lembrança daquela conversa o levara

a um outro mundo, onde predominavam o bom senso e a razão. Lizandra devia estar furiosa com sua demora. Que ficasse. Faria bem a ela esperar. Antes de encontrá-la, precisava fazer uma coisa importante. Com um sorriso nos lábios, apanhou o celular e ligou para Marília, apenas para dizer o quanto a amava.

Capítulo 3

Mal podendo disfarçar a consternação, Wilson colocou o fone no gancho e encarou a mulher. Isabela esfregava as mãos, ansiosa, apesar do medo de perguntar e lamentar a resposta. O olhar do marido, porém, já dizia tudo.

- Era da veterinária? – acabou indagando.
- Era. O Toby morreu há poucos minutos.
- Ai, meu Deus! O André vai ficar arrasado.
- Vamos ter que lhe contar logo.

Ficou decidido que, assim que André chegasse da escola, contariam a ele sobre a morte de Toby. Era um cachorrinho da raça shih-tzu, bem bonitinho, que uma vizinha dera de presente a André quando sua cadela teve filhotinhos.

Não demorou muito até que o ônibus escolar encostasse em frente à padaria, de propriedade de Wilson. André saltou e entrou correndo no estabelecimento, por onde atravessaria até chegar ao quintal, nos fundos, onde ficava também a casa da família.

- Oi, pai! Oi, mãe! – cumprimentou, às pressas. – O Toby já voltou?
- Espere um pouco, meu filho – pediu Wilson. – Para que tanta pressa?
- Quero ver o Toby.
- Ele não está aí – disse pausadamente, olhando para a mulher pelo canto do olho.
- Não? Mas você disse que ele voltaria hoje!
- Eu não disse isso. Disse que, se tudo corresse bem, a veterinária o

mandaria para casa hoje. Mas acontece que... – Calou-se, temendo as próprias palavras.

– O quê? O quê, pai, fala logo!

– Lamento, filho, mas ele não resistiu.

– Como assim, não resistiu? O Toby morreu?

– Infelizmente. A veterinária disse que a transfusão de sangue não adiantou. Ele estava muito anêmico...

André já não escutava. Soltou a mochila no chão e saiu correndo porta afora, em prantos.

– André, espere! – chamou a mãe, preocupada. – Aonde você vai?

– Deixe – aconselhou Wilson. – Na certa, ele vai procurar a Larissa.

Larissa e André eram amigos desde quando se lembravam. Inseparáveis, não tinham segredos um para o outro. Eram almas gêmeas e diziam que iam se casar quando alcançassem idade suficiente. Por enquanto, como tinham apenas nove anos, contentavam-se em ser melhores amigos.

Sendo assim tão próximos, era natural que a primeira reação de André fosse procurar a amiga para desabafar. Larissa estava na casa da árvore, que o padraсто construíra para ela, lugar que servia de refúgio às crianças quando queriam brincar, ler ou ficar sozinhas. A casa fora construída entre galhos grossos de um carvalho frondoso no quintal, com uma escada de madeira que ia até o chão. No topo, chegava-se a uma pequena varanda, para a qual se abriam uma janelinha e a porta. Dentro, um ambiente confortável, com almofadas espalhadas pelo chão de madeira e apenas uma mesinha. Era ali que os dois passavam a maior parte do tempo juntos.

André galgou os degraus de par em par, logo alcançando a varandinha de tábuas. Escancarou a portinhola e entrou ofegante, dizendo sem rodeios:

– O Toby morreu!

Larissa soltou Nina, sua gatinha de estimação, e olhou para André, já com os olhos transbordando de lágrimas.

– Sério?

– Meu pai acabou de me contar.

– Puxa, André, que coisa triste.

– Carrapato maldito! – praguejou, com raiva. – Levou o meu Tobynho.

– Não fica assim. Eu empresto a Nina.

Emocionado, André aproximou-se de Larissa, que o abraçou com ternura, recolhendo, em seu ombro, as lágrimas que caíam dos olhos dele.

– Nunca mais vou ter outro cachorro na vida – afirmou ele, afastando-se dela um pouquinho.

– Você não pode dizer isso. Você não sabe.

– Sei, sim! Cachorro nenhum vai ser igual ao Toby.

– Nada é igual – comentou ela, com ar de sabedoria. – Mas pode ser bom do mesmo jeito.

– Do que é que você tá falando?

– Quando meu pai morreu, fiquei numa tristeza só. Não queria mais saber de ninguém nem de nada. Lembra que eu só conversava com você?

– Mais ou menos.

– A gente vai esquecendo as coisas, né? Mas ainda me lembro quando minha mãe começou a namorar o Ítalo. Fiquei furiosa, achei um absurdo, porque ninguém nunca ia tomar o lugar do meu pai.

Ela parou de falar, buscando a lembrança já esmaecida.

– E aí? – estimulou ele, curioso.

– E aí, que ele não tomou mesmo. O Ítalo é bem diferente do meu pai, mas descobri que ele é bom também. Lembra quando fui passar uns dias na casa da minha avó, lá em Vassouras? – Ele assentiu. – Quando voltei, ele

tinha construído essa casa na árvore para mim. Foi aí que vi que ele era legal, que gostava de mim e que eu podia gostar dele também. E isso não ia mudar em nada o que eu sentia pelo meu pai.

– Você nunca me contou isso.

– Estou contando agora.

– Acha que vai ser igual comigo?

– Acho que sim. Nenhum cachorro vai ser igual ao Toby, mas vai que você arranja um outro bonzinho também.

– Eu não gostava do Toby porque ele era bonzinho, mas porque era meu amigo.

– Dá no mesmo.

– Não dá, não.

– Tudo bem, não vamos discutir.

– Não quero discutir. Você é minha única amiga.

– Acho que não é verdade. Seus pais são seus amigos também.

– É diferente. Você entendeu o que eu quis dizer.

– Entendi, sim. Estou apenas querendo animar você.

– E consegui. Só de estar aqui, com você e a Nina, já me sinto melhor.

– Que bom.

Ela sorriu, e, naquele sorriso, ele percebeu o quanto ela gostava dele.

– Eu amo você, Larissa – confessou ele, baixinho, apertando a mão dela.

– Para com isso, bobo – contrapôs ela, enrubescendo, mas sem puxar a mão.

– É verdade. Você sabe que é.

– A gente não pode... somos crianças...

– E daí? Criança não tem sentimento?

– Tem.

- Quando crescer, vou me casar com você. Você quer?
- Quero – foi a resposta decidida, sem hesitação.
- Porque você me ama?
- Porque eu te amo.

Encerraram a conversa trocando olhares de pura emoção. Eram crianças, sim, ligadas, porém, por muitas vidas.

– André! – a voz da mãe de Larissa interrompeu o fluxo de energia entre os corações das duas crianças. – André! Sua mãe está chamando para almoçar.

– Já vou, tia Priscila.

O menino desceu. Sentia-se melhor depois da conversa e do apoio de Larissa.

– Sinto muito pelo que aconteceu ao Toby – falou Priscila, alisando seus cabelos.

– Obrigado, tia.

– Você volta? – Larissa quis saber.

– Depois que terminar o trabalho de casa. Tenho um monte de exercícios para fazer.

– Tudo bem. A gente se vê depois.

– Tchau, Larissa.

Priscila ficou olhando-o se afastar. Depois que ele se foi, ela se virou para a filha. Tinha algo a dizer, mas lhe faltava coragem.

– Preciso conversar com você, Larissa.

– Quer subir, mãe?

– É, vou até aí. – Ela subiu e se sentou no último degrau, com a filha espremida ao lado dela.

– O que foi?

– Tenho uma notícia para lhe dar, mas não sei se você vai ficar muito feliz.

Larissa arregalou os olhos. Ainda bem que Nina estava dormindo na almofada, dentro da casinha. Não era nada com ela.

– Morreu alguém? – ela perguntou, receosa.

– Não.

– O que foi então?

– Você gosta do Ítalo, não gosta?

– Muito.

– Ele também gosta muito de você. Sempre a tratou como filha, não foi?

– Foi.

– Na verdade, ele tem sido muito bom para nós duas.

– Também somos boas para ele... Não somos?

– Somos. E é porque somos boas, que não podemos negar-lhe um grande favor. Você não acha?

– Acho – afirmou ela, sem muita convicção, já que não entendia bem o que aquilo queria dizer.

– Você sabe que o pai do Ítalo morreu há alguns meses, não sabe?

– Sei.

O que ela não sabia era por que a mãe lhe fazia perguntas cujas respostas já conhecia.

– Depois que ele morreu, dona Roberta ficou muito sozinha. Ela tem se sentido deprimida.

– Ela não tem um monte de filhos?

– Tem quatro, mas somente dois moram aqui no Rio. Ítalo e uma irmã, com quem ele mal fala.

– Tá, mas e daí? Mãe, o que você está querendo dizer?

– O que quero dizer, minha filha, é que dona Roberta pediu para vir morar conosco.

– Como é que é? – surpreendeu-se a menina, dando um salto que quase a derrubou da escada. – A dona Surtada quer vir morar com a gente?

– Não a chame assim. É falta de respeito.

– Falta de respeito é aquela velha maluca implicar comigo do jeito que ela faz. Ela não gosta de mim. Nem da Nina. Da última vez em que estive aqui, ela deu uma bengalada na Nina. Eu vi! Mas ela teve a coragem de dizer, na minha cara, que não tinha feito nada! Como se a Nina fosse gritar à toa. Ela odeia gatos.

– Sei que ela é um pouco implicante, mas é porque é velha. Tenha paciência.

– Eu tenho paciência com ela. Ela é que não tem paciência comigo.

– Você sabia que ela já foi enfermeira?

– Grande coisa. Deve ter matado um monte de doentes, igual àquelas enfermeiras que matam os doentes para não ter trabalho ou para ganhar dinheiro das funerárias.

– Dona Roberta pode ser chata, mas nunca foi assassina. Na sua época, foi uma boa enfermeira. Cuidou de muitos doentes.

– Isso não muda nada. Ela é má e deve ter sido uma enfermeira muito má também. Que tipo de gente gosta de dar bengaladas em gatinhos? – Priscila não respondeu. Não sabia o que dizer. – E, ainda por cima, é fofoqueira! É mentirosa, inventa coisas sobre mim e o André.

– Sabia que você não ia gostar da ideia, mas não posso fazer nada – lamentou a mãe, consternada por não encontrar uma solução melhor. – Ítalo insistiu, e não tive como negar.

– Ah, mãe, por favor! Dona Surtada aqui com a gente, não. Converse com

ele. Ítalo tem que entender.

– Acho que ele até entende, mas também não tem como dizer não. Afinal, é a mãe dele.

– E onde ela vai dormir? No meu quarto é que não é.

– Vou ajeitar o quarto dos fundos para ela.

– Mas é ali que você faz suas costuras! Onde você vai pôr a máquina?

– Ítalo está ajeitando a garagem. Não temos carro mesmo.

– Não acredito! Você vai dar seu ateliê para ela e trabalhar na garagem?

– Que exagero, Larissa. Até parece que tenho um ateliê. É só um quartinho bem espremido, que quase nem tenho usado.

– Não interessa. É seu lugar de trabalho.

– Infelizmente, não tem jeito. Ela chega no sábado.

– Mas já? Falta menos de uma semana!

– É isso ou mandá-la para o asilo. Você não quer isso, quer?

– Não é problema meu...

– Não, não é. Mas sei que você tem bom coração e não deseja esse destino triste para ninguém, nem que seja a dona Roberta.

A vontade de Larissa era de gritar, xingar e morder. Não suportava a mãe de Ítalo, que ela e André apelidaram de dona Surtada, devido aos chiliques que dava a troco de nada. Reclamava de tudo, implicava com a casa, a comida, a gata, o cachorro e até com André. Achava um absurdo ela e André passarem tanto tempo juntos, na casa da árvore. “Um menino e uma menina sozinhos! Onde já se viu?” Era o que ela costumava dizer.

A mãe, porém, usara um argumento poderoso. Larissa sentia pena de velhinhos abandonados em asilo, ainda que fossem chatos feito a dona Surtada.

– Não tem outro jeito?

Priscila balançou a cabeça. A vinda de Roberta já estava decidida. Mais do que isso, já fora acertada. Era só o tempo de esvaziar o quarto de costura e passar uma pintura nas paredes.

Capítulo 4

Naquele momento, Larissa quis chamar André de volta, mas ele já ia longe. Na verdade, em casa, sentava-se para almoçar com a mãe. O pai almoçara primeiro, para não deixar a padaria sozinha, já que não tinham outros empregados.

– Você parece melhor – comentou Isabela. – Foi a Larissa?

– Foi.

– Que bom que você tem a Larissa.

– Eu disse a ela que nunca mais teria um cachorro.

– Não fale assim. Você não sabe.

– Foi o que ela disse.

– Você está querendo outro cachorro?

– Não.

– Sabe, André, nós estamos em uma situação difícil. Seu pai teve que despedir o Paulinho porque, com o salário que pagava a ele, pôde pagar a prestação de fornos mais modernos. Agora, estamos só nós dois na padaria.

– Posso ajudar, se você quiser.

– Você é criança. Não pode trabalhar.

– O que posso fazer, então?

– Pode nos ajudar a economizar.

– Como? Vão cortar a minha mesada?

Ela sorriu levemente e balançou a cabeça.

– Não chega a tanto. Mas tivemos que tomar algumas medidas.

- Tipo o quê?
- Para começar, teremos que tirar você do transporte escolar.
- Tudo bem. Posso ir sozinho para a escola.
- Não vai ser preciso.
- Por quê? Vou parar de estudar?
- Óbvio que não, né, André? Que ideia! Só que sua escola é muito cara.

Vamos colocá-lo em outra, mais próxima de casa.

- O quê? Mas mãe, estamos no meio do semestre!
- Eu sei, sinto muito.
- Para onde vão me mandar? Para a escola pública?
- Pensei no colégio da Larissa. É mais barato e mais perto. Vocês podem ir juntos e a pé.

- Está falando sério? – seu rosto subitamente se iluminou.
- Estou.
- Vamos ficar na mesma sala?
- Posso pedir para colocarem você com ela.
- Oba! Se é assim, mãe, tudo bem. Não tem problema mudar de escola.

Vou até gostar.

Graças a Deus, tudo correria como o esperado. André já estava em choque devido à morte de Toby. Ela não queria acrescentar mais uma notícia ruim à sua pequena coleção de frustrações.

A notícia de que André mudaria de escola e seria companheiro de turma de Larissa acalmou um pouco o coração confrangido do menino. Não que fosse uma espécie de compensação, mas, ao menos, era um raio de alegria no poço de tristezas em que a morte de Toby atirou sua alma. Mal via a hora de contar à amiga.

- Você não gostou da novidade? – indagou ele, diante da cara de poucos

amigos de Larissa.

– É claro que gostei! – ela afirmou rapidamente. – Pelo menos, tenho algo para comemorar.

– Por que está falando isso?

– Você nem imagina, André! Também tenho uma novidade, só que é péssima. – Antes que ele tivesse tempo de perguntar qual era, ela disparou:

– A dona Surtada está de mudança para cá.

– Não! – rebateu ele pasmado, tapando a boca com a mão. – Era só o que faltava!

– Pois é. Agora não falta mais nada.

– Quando vai ser isso?

– Neste sábado.

– Sábado...? Que horror!

Para as crianças, sobretudo para Larissa, era mesmo um horror. Dia após dia, elas assistiam aos preparativos para a mudança de Roberta. Ítalo transformou uma parte da garagem em quartinho e pintou o antigo quarto de rosa-shocking, cor preferida da mãe. Terminava de dar os últimos retoques em um buraco de prego que se esquecera de fechar, o que tinha que ser feito com rapidez, pois a mudança estava marcada para aquele dia.

– Que mau gosto – afirmou Larissa, torcendo o nariz para as paredes.

Ítalo riu e, pousando o rolo na bacia de tinta, chamou:

– Venha cá, querida. Quero conversar com você.

– Desculpe, papai. É que não gosto de rosa choque. Mas não devia ter falado nada.

Ele a abraçou, emocionado. Era sempre assim que se sentia quando ela o chamava de pai.

– Tudo bem, Larissa, você tem o direito de não gostar da cor. Mas não é

sobre isso que quero falar. O que quero, na verdade, é lhe pedir desculpas e lhe agradecer ao mesmo tempo.

– Hã?!

– Desculpas por trazer para casa uma pessoa que não se dá muito bem com você, e agradecer pela sua generosidade em aceitar a vinda dela.

– Mas eu não fiz nada! Você e mamãe é que decidiram tudo.

– Decidimos, mas você não se opôs. Mesmo insatisfeita, não deu contra. E, por isso, só tenho a agradecer. Vou fazer de tudo para que minha mãe não a aborreça.

– Ah! Pai! – exclamou ela, enlaçando o pescoço dele. – Desculpe chamar a sua mãe de dona Surtada.

– O quê? – surpreendeu-se ele, embora gracejando. – Que história é essa de dona Surtada? Quem foi que lhe deu esse apelido?

– Fui eu. Ouvi a palavra na novela e fui procurar no dicionário. Quando vi o que significava, achei que era a cara da sua mãe. Desculpe.

– Não tem problema. Só não a chame assim na frente dela, o.k.?

– O.k. E pode deixar. Vou me esforçar para não responder mal a ela.

– Você é uma boa menina. É minha filha de verdade.

Ao se abraçarem novamente, Ítalo pousou um beijo paterno na fronte de Larissa. Eram como pai e filha, relação que já se repetia havia algumas encarnações.

– Tchau, pai – despediu-se, contente. – Vou lá na casa do André.

Saiu saltitante, um pouco mais conformada com a situação. Ao atravessar a cerca de tábuas que separava os quintais das duas casas, reservada para a passagem das crianças, levou um susto com a movimentação na padaria. Alguns homens tentavam fazer passar, pela porta da frente, uma gigantesca máquina.

– Oi, Larissa – cumprimentou André, assim que ela parou a seu lado.

– Que trambolho é esse?

– É o novo forno de pão. E ainda tem outro, só que a lenha.

– Ah...

– Papai agora vai modernizar a padaria e vender pizza feita no forno a lenha. Ele disse que todo mundo prefere.

– Seu pai agora vai fazer pizza? – Ele assentiu. – Uau!

– E vai pôr umas mesinhas também. É por isso que está todo mundo duro aqui em casa. Temos que economizar para poder pagar por tudo isso.

– Tudo isso vai dar um ótimo retorno – informou Isabela, que acabara de se aproximar. – Por que vocês não vão brincar em outro lugar? Ao menos, até os moços terminarem de entrar com os fornos?

– Vamos para a casa da árvore? – sugeriu Larissa.

– Vamos.

Foram correndo. Depois de se acomodarem, ouviram um arranhado na portinhola. Ao abrirem, Nina entrou com o rabo em pé, esfregando-se nas pernas de Larissa.

– Sua avó não gosta de gatos – disse André, fitando a gatinha.

– Ela não é minha avó.

– É como se fosse.

– Não é, não. Ela é só a dona Surtada, mãe do Ítalo.

– De qualquer jeito, ela não gosta de gatos.

– Eu sei – desanimou. – E o pior é que ela já deve estar chegando.

– É. Tá um sábado movimentado... Como é que você vai fazer com a Nina?

– Ela que experimente botar as mãos na minha gata! Acabo com ela.

– Você não vai fazer nada disso. Em todo caso, se eu fosse você,

manteria a Nina à distância.

André estava coberto de razão. Larissa não sabia, mas uma das principais queixas de Roberta era a pobre da Nina. Roberta detestava gatos, cães, passarinhos ou qualquer outro animal. Não suportava a sujeira, o cheiro, o barulho, as pulgas. Não via nada de mais nas gracinhas que faziam e que todo mundo admirava. Ao contrário, achava que eram um bando de idiotas que conversavam com irracionais, que nada compreendiam.

No meio da tarde, uma caminhonete encostou diante da casa de Larissa, trazendo os poucos pertences que Roberta manteve após a venda do apartamento.

– Seja bem-vinda, mamãe – falou Ítalo, beijando as faces dela.

Esticando os dedos tortos, ela deu uns tapinhas no rosto dele e mandou que os homens descarregassem a caminhonete. Tiraram uma cama, um armário, uma cômoda e uma cadeira de balanço, além de duas malas com roupas e objetos pessoais.

Roberta entrou em seguida, ergueu o rosto empoado para a nora e comentou em tom mordaz:

– Você está mais gorda, Priscila. Devia fazer um regime.

O sorriso de Priscila murchou. Ítalo, contudo, foi em seu socorro:

– É assim que cumprimenta minha esposa, mãe? Com um comentário maldoso?

– Deixe, Ítalo – Priscila protestou. – Não tem importância.

– Tem, sim. Se vai morar aqui conosco, mamãe, acho bom começar a tratar bem minha esposa e minha filha.

– Ora, me perdoem – desculpou-se, falsamente. – Não quis ofender. Não foi um comentário maldoso, mas apenas uma pequena observação. Priscila engordou um pouco e, quando falei em regime, é porque conheço

umas receitinhas ótimas...

– Está tudo bem, querido – intercedeu Priscila. – Sei que dona Roberta não falou por mal.

– É claro que não – concordou ela, dando tapinhas nas faces da nora, com um pouco mais de força do que o necessário.

– Onde colocamos isso, dona? – a voz do carregador interrompeu as saudações falsamente amistosas.

– Por aqui – orientou Ítalo.

Roberta não disse nada, ainda remoendo as palavras do filho. Fuzilou Priscila com o olhar e seguiu para o quarto, distribuindo ordens e recriminações. Mudou a mobília de lugar três vezes, até que se deu por satisfeita.

– Acho que assim está bom – falou secamente. – É o melhor que se pode fazer aqui.

Pela troca de olhares entre Ítalo e Priscila, dava para se ter uma ideia de como seria a estada de Roberta em sua casa. Ela percebeu os sinais silenciosos, embora fingisse não ter percebido. Precisava ir devagar e só aos poucos mostrar quem mandava ali. Era a mais velha, a matriarca, portanto, todos lhe deviam obediência. Inclusive a moleca da Larissa, cuja voz chegava a seus ouvidos pela janela aberta.

Sua neta, pois sim... A afirmação de Ítalo quase a tirou do sério. Teve que se segurar para não gritar que aquela menina horrorosa não era sua neta. Nem neta, nem ninguém que fizesse parte de sua família.

Capítulo 5

A mente de Lizandra era um turbilhão de revolta e indignação. Danilo a deixara esperando, não aparecera. Dissera que ia telefonar, mas simplesmente resolveu ignorá-la. E não atendia o telefone, não respondia mensagens, e-mails, WhatsApp, nada. Com o celular na mão, Lizandra pensava se devia ligar novamente. Consultou as chamadas recentes e se deparou com treze ligações suas, feitas para ele, só naquela manhã. Era demais.

Do terraço da cobertura, vinham a voz de Rodrigo e os latidos de Billy. Aquele cachorro era o inferno. Não devia ter se deixado levar pela conversa mole da vendedora e comprado aquele bicho. Ele não era nada do que ela dissera. Era um cão terrível, não sossegava um minuto. Sem contar que não podia deixar nada ao seu alcance, porque ele destruía tudo. Em pouco tempo, roera dois chinelos do filho, um sapato e os óculos de leitura do marido, várias revistas, jornais e até umas meias da Anita.

- Rodrigo, cala a boca desse cachorro! – ela gritou, enfurecida.
- Ah, mãe, estamos brincando – reclamou o menino.
- Vão brincar de outra coisa que não faça barulho.
- O Billy não gosta. Ele só gosta de bagunça. Não é, garotão?

O cão respondeu com um latido agudo e saiu correndo para dentro da sala. Pulou no sofá com uma rapidez de foguete, deu uma lambida na cara de Lizandra e abocanhou a almofada, sacudindo-a de um lado a outro.

- Tire esse cachorro daqui! – esbravejou ela, puxando a almofada com as

duas mãos.

Pensando que era brincadeira, Billy puxou para o outro lado. Quanto mais Lizandra o mandava soltar, mais forte ele segurava, sacudindo freneticamente a cabeça. Apesar de filhote, Billy tinha muita força nas mandíbulas. Com um puxão mais forte, conseguiu, finalmente, arrancar a almofada das mãos de Lizandra.

– Me dá isso aqui! – ela exigiu.

Lizandra se levantou para correr atrás dele, e Billy disparou na frente, levando a almofada presa entre os dentes.

– Solta isso, Billy, não pode! – ralhou Rodrigo energicamente, tentando segurar o animal.

Billy nem ligou. Para ele, tudo fazia parte de uma grande brincadeira. Sentindo-se livre, sacudiu a almofada com força. Ao perceber que Lizandra se aproximava, deu um salto e subiu no deque da piscina. Ali, prendeu a almofada entre as patas da frente e mordeu com gosto, abrindo um rasgo no tecido e arrancando o recheio de fibras. Depois de estripada a almofada, nela perdeu o interesse. Soltou-a quando Lizandra chegou ao lado dele, saltando novamente para o terraço, correndo para se esconder entre as pernas de Rodrigo.

– Veja só o que ele fez! – explodiu ela, exibindo os trapos da almofada estripada. – Vou dar uma surra nesse cachorro!

– Por favor, mãe, ele não sabe que não pode – suplicou Rodrigo. – Ele é filhotinho ainda. Com o tempo, ele vai aprender a se comportar.

– Sai da frente, Rodrigo! É assim que se ensina.

Sem dar ouvidos às súplicas do filho, Lizandra puxou-o pelo braço e alcançou Billy pelas orelhas. O cachorro se encolheu todo, com medo. A aparência e a energia de Lizandra eram sinais de que algo muito ruim

estava para acontecer. Como aconteceu.

O primeiro tapa o atingiu no focinho; o segundo, no dorso; o terceiro, na coxa. Billy ganiu baixinho. Por sorte, não era um cão de revidar. Era dócil, meigo, de boa índole, incapaz de machucar qualquer pessoa ou mesmo outro animal. A passividade dele estimulou a fúria de Lizandra, que perdeu a noção de limite e o espancou com violência. Ela só parou no terceiro tapa porque Rodrigo chorava, tentando segurar sua mão.

– Tadinho, mãe – soluçou ele. – Que maldade. Isso não se faz.

– E destruir a almofada, se faz? Trate de ensinar esse cachorro ou ele vai embora.

– Não! Você não pode mandar o Billy embora. Ele já é da família.

– Cachorro não faz parte da família! É só um animal idiota!

– Ele é melhor do que muita gente.

– Está se referindo a mim?

Ele não respondeu de imediato. Ela fora má com Billy, mas era sua mãe e ele a amava, apesar de tudo.

– Não – disse por fim, sem a encarar. – Mas você não foi boazinha com ele. Nem comigo.

As lágrimas do filho, finalmente, a sensibilizaram. Ela sabia que descontava no cachorro sua frustração com a indiferença de Danilo. Um mal-estar a acometeu subitamente, como se uma onda de calor subisse pelo seu pescoço, incendiando suas faces. Era nervoso. Tudo por causa de Danilo.

– Está certo, meu amor – tornou ela, arrependida. – Eu perdi a paciência. Esse cachorro me tira do sério. Ele é muito danado.

– Não é culpa dele.

– Eu sei. Só que ele precisa aprender a se comportar.

– A gente podia contratar um adestrador.

- Talvez seja uma boa ideia. Vou pensar no assunto.
- Promete que não bate mais nele?
- Prometo.

Era mentira, ela sabia. Essa decisão persistiria apenas até a próxima travessura de Billy, que a faria se descontrolar e, novamente, descontar nele suas frustrações. Ela se abaixou para afagar a cabeça do cão, mas ele recuou, fugindo para trás de Rodrigo. Tentando ocultar a raiva, ela retirou a mão, até que Anita chamou da porta:

- O almoço está pronto.

Lizandra abraçou o filho, puxando-o para a sala. A onda de calor se transformara em dor de cabeça. Ela estava somatizando seus problemas. Sentou-se à mesa, procurando disfarçar o insistente mal-estar, agora acompanhado de enjoo. Ela não sabia, mas a somatização, à qual ela atribuía sua indisposição, nada mais era do que a reação indignada do espírito a seu lado.

No princípio, quando Lizandra lutou com Billy pela posse da almofada, Moisés se escangalhou de rir, apostando que o cão venceria a demanda. Depois, quando o cachorro correu e destroçou a almofada, ele chegou a se dobrar, tamanhas as gargalhadas. Ainda apostava no cão. Mesmo quando Billy procurou a proteção de Rodrigo, ele achou graça. Mas quando Lizandra desferiu no animal três tabefes estalados, o sorriso em seus lábios murchou por completo.

Com uma fúria incontida, Moisés saltou sobre ela, desferindo-lhe seguidos socos na cabeça. Suas mãos atravessaram a matéria densa da encarnada, nela deixando apenas uma leve ardência. Foi o resultado da energia de ódio com que ele havia se atirado sobre Lizandra, traduzida como sensação de calor. Frustrado em seu intento de espancá-la, Moisés puxou os

cabelos dela, que, como antenas, captaram toda a carga odiosa que emanava dele e a conduziram diretamente aos centros nervosos dela. Veio, então, a dor de cabeça, e a indiscernível sensação de ter o corpo invadido trouxe junto um forte enjoo.

– A senhora está se sentindo bem, dona Lizandra? – questionou Anita, solícita.

– Não é nada – ela rebateu, procurando disfarçar. – Estou bem, Anita, sério.

Procurando não dar muita atenção à dor, Lizandra se serviu. Colocou no prato uma fatia de carne assada, batatas coradas, arroz e salada. Já ia dar a primeira garfada quando notou que Rodrigo, apesar do prato cheio, rejeitara a carne.

– A comida está ruim? – sondou.

– Não.

– Então, por que não quer a carne assada? Você adora.

– Não gosto mais.

– Posso saber por quê?

– Não gosto mais de carne.

– Que novidade é essa agora?

– Não quero mais comer carne. Não é justo com os animais.

Lizandra soltou o garfo. Não podia crer no que estava ouvindo.

– Era só o que me faltava. Quer ficar doente? Você está em crescimento, precisa de proteína.

– Existem outros alimentos com proteína, tipo soja, por exemplo. Você podia mandar fazer para mim.

– Dá um tempo, Rodrigo! – Ela cortou um pedaço de carne e pôs no prato dele. – Come.

- Não quero.
- Come, Rodrigo, estou mandando!
- Não quero, e você não pode me obrigar.

Ela pensou em insistir, contudo, mudou de ideia. Devia ser uma rebeldia passageira, uma tentativa de puni-la por causa do cachorro. Assim que a fome apertasse, ele comeria a carne normalmente.

– Tudo bem – concordou ela, chegando a carne para a beira do prato dele. – Se não quer comer, não coma. Mas depois, não venha reclamar que está com fome.

Ele agradeceu em silêncio. Pensara que a mãe ia insistir, mas ela acabou surpreendendo-o. Sentado a seus pés, Billy abanava o rabinho, esperando que Rodrigo atirasse alguma coisa para ele. Quando terminou de comer, puxou a fatia de carne, cortando-a em pedaços pequenos.

- Resolveu comer, é? – indagou ela, satisfeita.
- Não é para mim.
- Não? E para quem... – Ela se calou, sentindo a proximidade da irritação. – Nem vem, Rodrigo! Você não vai dar carne para o cachorro. Ele tem a ração dele.

- É o meu pedaço. Se não quero comer, posso dar para ele.
- Não pode, não. Além de acostumá-lo mal, não tem graça eu gastar dinheiro com carne de primeira para você dar a esse vira-lata.
- Ele não é vira-lata! E mesmo que fosse, ele merece. Não é, Billy?

Billy abanou o rabo, comendo, com satisfação, a carne que Rodrigo lhe oferecia. Lizandra não sabia com quem estava mais furiosa: se com o filho ou com o cachorro. Contudo, diante do incidente de há pouco, achou melhor não dizer mais nada. Limpou os lábios no guardanapo e se levantou, com Moisés andando atrás dela.

– Você é uma megera sem coração – o espírito espumou. – Maltrata o cachorro e ainda não quer que ele coma? Você vai ver só...

Ele estacou abruptamente, surpreso com a claridade súbita que se interpôs entre ele e Lizandra. Prevendo quem poderia surgir diante dele, rodou nos calcanhares e sumiu pela parede, segundos antes de Lucélia chamar o seu nome.

Capítulo 6

A ideia já se delineava na cabeça de Lizandra. Como se arrependia de ter comprado aquele cachorro! Deixara-se convencer pela vendedora e agora estava às voltas com um monstinho dentro de casa, levado e destruidor. Tudo bem que ele era esperto, engraçadinho e muito meigo, mas isso não compensava os prejuízos que vinha lhe dando.

- O que você tem hoje? – indagou Vítor, logo que chegou do trabalho.
- Nada. Estou com dor de cabeça.

A fim de evitar maiores questionamentos, Lizandra trancou-se no banheiro. Não estava com vontade de conversar com o marido, muito menos de lhe dar satisfações. Sentia mesmo uma forte dor de cabeça, mas não era esse o motivo que a levava a se afastar. A verdade é que estava furiosa com Danilo.

A dor de cabeça aumentava à medida que ela incluía Billy em seus pensamentos mesquinhos, porque o espírito de Moisés não lhe dava trégua. Inconformado com a perda de seu Tostão, afeiçoara-se a Billy como se fosse ele o seu dono. Queria que o cão crescesse livre, que tivesse tudo o que ele não pudera dar a Tostão. Embora não fosse uma pessoa ruim, Moisés tinha o corpo emocional preenchido de frustração e raiva, que ia espargindo pela casa à medida que se deixava levar pela ira diante dos maus-tratos que Lizandra infligia ao animal.

Como uma onda se propagando no oceano, os pensamentos de Moisés acabaram chegando até a mãe. Lucélia os captou num momento em que,

justamente, conversava sobre o filho.

– Ele está pensando em mim – afirmou ela ao jovem com quem falava.

– Eu sei – concordou Germano. – Também senti.

– Fui procurá-lo, para contar o que você me disse, mas ele sumiu antes de eu aparecer.

– Tudo tem a sua hora, Lucélia.

– Eu sei. Foi por isso que vim até aqui, Germano. Achei que já era hora de eu conhecer um pouco mais sobre a espiritualidade animal.

– Para o conhecimento, a hora é sempre agora. Em que posso ajudar você?

– Tenho algumas dúvidas. Para começar, sobre o sofrimento dos animais. Como justificar o quanto eles sofrem? Suas ações e reações são involuntárias. O ser humano constrói o seu destino. O animal, não. Ou você vai me dizer que eles também têm carma?

– O carma é o resultado de ações pretéritas, cujas consequências são sentidas no futuro. É o caos interno que leva ao desequilíbrio e, por isso mesmo, deve ser reorganizado. Pressupõe ação consciente, determinada pelo discernimento, pela capacidade de distinguir entre o certo e o errado, o bem e o mal.

– Mas bem e mal são diferentes aspectos da consciência! São fruto de conquistas individuais, de acordo com o plano divino. Quanto mais próxima a consciência está da divindade, mais se evidencia o bem. Mais distante, mais associada ao mal.

– Exatamente! Bem e mal são evoluções do mesmo conceito, que é a capacidade de agir conforme o discernimento. O mal é resultado da ignorância. O bem, do conhecimento acerca da verdade divina.

– E como se encaixa o sofrimento dos animais em tudo isso?

– A resposta mais simples é que o sofrimento burila o espírito. Ele é a fonte de onde se origina toda a consciência. A dor é a primeira motivação do espírito. Sem ela, a criatura pode permanecer por anos na estagnação. E não me refiro apenas à dor física, mas também às psíquicas e emocionais. A raiva causa dor, a tristeza causa dor, o abandono causa dor. Tudo isso é reflexo da experiência, que vai se repetindo até ser apreendida. Quando isso acontece, o sofrimento pode ser evitado e deixa de existir.

– Desculpe, Germano, mas não sei se é bem assim. Existem coisas que mesmo a experiência não consegue evitar.

– Quando a criatura apreende o resultado da experiência, ela sabe como evitar a dor. Se não, é porque ela só tem uma noção muito frágil do que a dor realmente significa. O cérebro racionaliza e expõe os resultados daquilo que já vivenciou, mas o faz de uma forma mecânica, sem a real consciência da dimensão daquela experiência. A pessoa aprende pela repetição, não porque foi levada a refletir e concluir. Então, ela aprende, mas não apreende. É como fazem crianças e adolescentes, que decoram um texto para a prova e depois o esquecem.

– Mas de que forma os animais podem fazer isso? Eles aprendem por repetição, logo não apreendem nada.

– Aprendem e apreendem, só que isso leva tempo. O homem e o animal encarnam para adquirir experiências. Ao desencarnar, ambos levam consigo o resultado do que a carne vivenciou. Para o homem, a experiência é só dele. O animal a transforma em experiência de todo o grupo que compõe sua alma coletiva. À medida que o animal ali deposita essas experiências, vai reunindo os elementos que integrarão a futura consciência individual. Então, primeiro ele aprende a experiência. Quando, por fim, a apreende, deixa de ser animal e está pronto para ingressar no reino hominal.

– Nesse momento, ele deixa de existir como um ser individual?

– É difícil para o ser humano pensar em perda da individualidade, já que supõe que a criatura deixaria de existir como algo diferenciado. Na verdade, o animal continua a existir, mas sua consciência ultrapassa as questões primárias e individuais para integrar-se de todas as vivências compartilhadas por aquele grupo. Ele retém o que viveu individualmente e o que vem das vivências do grupo. Guarda suas lembranças, mas a elas soma as lembranças do grupo. É um e todos ao mesmo tempo. É um porque possui o atributo da individualização ao encarnar. E é todos porque é resultado do somatório das vivências do grupo ao qual pertence. É graças a esse compartilhamento que o animal nasce com instinto, que nada mais é do que o resultado de experiências repetidas e, por isso mesmo, arraigadas na alma coletiva. Assim como podem surgir daí o temperamento e a inteligência, que são diferentes. Uns animais são mais dóceis, mais espertos, mais arredios, mais ciumentos, tudo dependendo das experiências que viveram e que vão muito além da dor.

– Antes de chegar ao estágio humano, o animal passa por todos os outros reinos e por todas as espécies, não é?

– Sim. Tudo no universo está em constante evolução.

– E como se dá a evolução da alma-grupo dos animais?

– Os primeiros animais de cada família, que se seguiram à condição de vegetais, estão muito próximos das camadas mais rudimentares da evolução, ainda bastante selvagens, agressivos, sanguinários. Com a transposição de uma alma-grupo para outra, mais avançada, o somatório das experiências adquiridas vai lhes conferindo cada vez mais habilidades, atenuando o mais primitivo dos instintos, que é o de sobrevivência, através do desenvolvimento da socialização, da prudência e da astúcia, dentre

outros. Chegando ao mamífero doméstico, o que temos é um animal sociável, cujos instintos são influenciados pelos sentimentos, pelo aprimoramento da inteligência e, sobretudo, pelo contato com o ser humano.

– Como é isso, Germano? As almas-grupo, quero dizer. De que são feitas?

– Da matéria cósmica retirada do universo, como tudo o mais. Só que essa matéria é muito fina e elástica. Com ela, se forma o envoltório dentro do qual se acomoda a essência coletiva. E como essa matéria não é sólida nem indivisível, chega uma hora em que ela se divide, embora as duas metades permaneçam ainda unidas. Cada novo ser, então, é retirado de uma das partes e a ela sempre devolvido, com suas experiências. Essa divisão é realizada por uma espécie de membrana muito delgada e semipermeável, que permite a fluência de experiências entre ambas as metades. Com o tempo, esse vaivém de experiências acaba condensando aquela película até o ponto em que não é mais possível a transição entre as duas metades. Quando isso acontece, o invólucro se rompe, e cada metade ganha novo status, alçada, agora, a uma nova espécie. Esse processo torna a se repetir da mesma maneira, acolhendo almas-grupos de outras espécies, e assim, sucessivamente. A cada vez que se divide, multiplicam-se as espécies e diminui o número de corpos em cada grupo. Por isso, ao alcançar animais de maior complexidade, cada alma-grupo abriga um número bem menor de vidas em potencial. São destas que nascem os animais domésticos, cuja última fragmentação importa na individualização do ser, que está pronto para ingressar nas vivências humanas. Como esse grupo é relativamente pequeno, as vidas que dali surgem concentram toda a gama de experiências das espécies que lhes antecederam. Somadas à influência humana, essas

experiências conferem ao animal certos atributos próprios do homem, que vão desde o ódio ao amor. Vibrados aos extremos, esses sentimentos são capazes de levar à individualização prematura do animal.

– Como assim?

– A violência pode provocar no animal um pavor intenso, que evolui para o ódio. Essa intensidade é de tal ordem, que ele não consegue mais se reunir ao grupo, tornando-se uma espécie de centelha desgarrada. Pronto. Está individualizado. Quando reencarnar, muito provavelmente será um indivíduo rancoroso, vingativo, com tendência ao crime e à marginalidade. Por outro lado, doses excessivas de amor acendem uma luminosidade no chacra cardíaco do animal, onde vibram o amor incondicional, a generosidade, a gratidão, o altruísmo e a compaixão. Nesse ponto, é impossível, para o animal, voltar atrás com o despertar desse chacra, que o torna único dentro da espécie a que pertence. Daí vem um ser humano bondoso, amável, caridoso.

– E o que acontece com eles? Reencarnam imediatamente como pessoas?

– Não. Para que isso aconteça, ainda vai levar algum tempo, durante o qual eles permanecem no mundo astral. Há muitos animais domésticos nessa condição. É por isso que algumas pessoas veem o espírito de seus antigos mascotes e companheiros. Eles continuam no plano espiritual, mas não ficam perdidos. São recolhidos e tratados. Muitos permanecem sob os cuidados de algum parente ou amigo de seu antigo dono, junto de quem aguardam seu retorno.

– Podem reencarnar?

– Podem. Existem animais que reencarnam na mesma família, para ajudar alguém a vencer alguma experiência que precisa viver na Terra, como cães de cegos, por exemplo. Ou pode ser que a própria pessoa mereça

ter aquele animalzinho a seu lado novamente, o que é permitido e acontece.

– E as cobaias de laboratório? Foi graças ao sacrifício de muitos animais que a medicina alcançou tantos avanços.

– É verdade. Esse talvez tenha sido um mal necessário, do qual o homem abusou para extravasar sua crueldade.

– Mas de que outro jeito deveria tratá-los, sabendo que os cria para sofrer ou morrer?

– Com respeito e dignidade. Com reconhecimento e gratidão. Se, por um lado, esses animais são sacrificados em nome da ciência, em circunstâncias, muitas vezes, dolorosas e insensíveis, por outro, são imediatamente socorridos, anestesiados fisicamente, a fim de não sentirem dor, e encaminhados a postos de socorro astral, onde permanecem por muito tempo, até retornarem à sua essência.

– Mas nem sempre eles são sacrificados. E os que sobrevivem em condições inumanas, apresentando defeitos físicos, lacerações e chagas, tanto físicas quanto psíquicas?

– Os encarnados não sabem e não veem, mas esses animais estão em constante atendimento. Existem veterinários astrais encarregados de cuidar deles, minorando, na medida do possível, suas dores e sofrimentos. Muitos, inclusive, só se acalmam quando percebem a presença dos espíritos ao seu redor ou sentem-lhes as mãos sobre a cabecinha.

– Que coisa triste!

– Hoje, a consciência das pessoas está se modificando, e existem vários movimentos direcionados aos direitos dos animais. Com a descoberta de novos métodos de pesquisa, o uso de cobaias vai sendo aos poucos abolido, até que, no futuro, seja totalmente eliminado.

– Que métodos seriam esses?

– Métodos que utilizam células *in vitro* e programas de computador capazes de calcular a reação de determinadas substâncias no organismo humano. Toda a coletividade científica deveria abrir os olhos para essa questão e investir na utilização não apenas desses processos, mas de outros que possam substituir a utilização de animais.

Após alguns momentos de reflexão, Lucélia retomou suas perguntas:

– E os animais que servem de sacrifício em rituais religiosos? Isso está certo?

– Não está certo nem errado. Para alguns, é necessário. Para outros, não. Esses animais, normalmente, são preparados para não sentir dor, tanto pelos que realizam o sacrifício, quanto pelos espíritos presentes. E existem pessoas que precisam dessa energia vital para potencializar sua capacidade de empreender realizações no mundo da matéria.

– Existem correntes espiritualistas na Terra que divergem quanto à natureza da alma animal. Segundo algumas, a alma dos animais é individual, ao passo que outras afirmam que é grupal. Qual delas está certa, afinal?

– Todas estão corretas. O que acontece é que cada uma enfoca a questão em momentos distintos. Os animais possuem alma coletiva e se individualizam por meio do contato com o ser humano. A partir daí, não retornam mais ao grupo, o que acontece na grande maioria dos casos relacionados aos animais domésticos. Por isso, quem ama ou amou seus bichinhos não precisa ficar preocupado, achando que eles vão sumir e se esquecer de seus donos. O amor, principalmente, os torna únicos, e eles guardarão, na vida espiritual, a lembrança daqueles que tanto os amaram.

– Você fala dessas coisas com tanto sentimento! – observou Lucélia, admirada. – Foi você que escolheu trabalhar com eles?

– Sim. Eu amo os animais e, por isso, após um período de preparação, vim parar nessa cidade astral, carinhosamente denominada por nós de Nosso Pet, em homenagem à famosa colônia Nosso Lar, onde me dedico ao socorro e ao cuidado de animais desencarnados.

– Você não sabe como essa nossa conversa foi útil, Germano. Como eu gostaria que meu filho o conhecesse! Se estivesse aqui e ouvisse você falar, não ficaria tão revoltado.

– Tenho certeza de que, no momento certo, nós nos encontraremos.

– E o Tostão? Queria poder levar notícias do cachorro a Moisés.

– Você terá, eu prometo. Vou descobrir quem o acolheu. Só não faço isso agora porque tenho um dever a cumprir.

– Obrigada – falou ela, emocionada. – Sem você, eu estaria perdida.

– Foi um prazer ajudá-la. E um prazer maior ainda ganhar sua amizade.

Lucélia apertou as mãos de Germano, segurando lágrimas de emoção. Num halo de luz, ele desapareceu. Ela não se arrependia de ter ido a Nosso Pet, cuja existência, até bem pouco tempo, lhe era desconhecida. E Germano a recebera muito bem. Ela confiou nele desde o primeiro momento. Em seu coração, a chama da esperança aquecia seu amor de mãe. Em breve, tinha certeza de que estaria em condições de oferecer ao filho a ajuda de que ele precisava.

Capítulo 7

A todo instante, com crescente impaciência, Lizandra consultava o relógio, maldizendo os minutos, por passarem tão devagar. Já consumira duas águas minerais e uma Coca-Cola. Agora pensava em pedir um suco de laranja, só para justificar sua estada no barzinho. O caso é que não aguentava mais tanta bebida. A bexiga começava a inflar, mas ela não podia se dar ao luxo de sair para ir ao banheiro, pois Danilo podia aparecer nesse meio-tempo.

Passava das duas horas, e nada. Ela sabia que ele costumava sair tarde para almoçar. Não se enganara. Assim que terminou de olhar as horas pela milésima vez, ele surgiu na portaria. Ela tirou uma nota de cinquenta da carteira e jogou sobre a mesa. Era muito, mas cobriria as despesas, sem que ela tivesse que esperar. Fez sinal para o garçom, indicando o dinheiro, e, após murmurar um “pode ficar com o troco” apressado, saiu.

– Danilo – ela chamou, tocando em seu ombro.

O médico se virou, contrariado. Já esperava por aquele momento.

– Oi, Lizandra. Tudo bem?

– O que você acha? – foi a resposta irritada. – Há dias estou esperando pelo seu contato, e nada. Você faltou ao encontro comigo e não me deu a menor satisfação.

– Sinto muito. Tive uma emergência.

– Não podia ter avisado?

– Eu me esqueci.

– É claro que não se esqueceu. Você, simplesmente, resolveu me ignorar.

Por quê? Não gosta mais de mim?

Aquele não era momento para mentiras. Segurando Lizandra pelo braço, ele a conduziu para o barzinho onde ela estivera, sentando-se com ela à mesma mesa.

– Está na hora do meu almoço – comentou ele. – Não posso me demorar.

Pediu um sanduíche e um suco. Enquanto aguardava, olhou para ela, tentando ganhar coragem para pôr um basta naquela situação.

– Bem – começou ela, indicando que aguardava que ele iniciasse a conversa. – Não vai dizer nada?

Após tamborilar na mesa com os dedos por alguns segundos, ele se decidiu. Não podia esperar mais.

– A verdade, Lizandra, é que eu e Marília estamos nos entendendo. – Olhou para ela, experimentando o efeito de suas palavras, mas ela se manteve fria, encarando-o com aparente indiferença. – Descobri que ainda amo e quero dar uma outra chance ao nosso casamento.

– Dar uma chance à sua mulher sem sal e sem ambição? – tornou, ainda sem aparentar emoção.

– Não fale assim. Você não a conhece. Marília é uma mulher incrível...

– Incrível? Até outro dia, ela era chata, sem graça e cheirava a cebola. O que aconteceu? Tomou um banho de loja ou o gênio da lâmpada lhe deu de presente um perfume francês?

– Não precisa ser sarcástica.

– Não estou sendo – rebateu, com frieza. – Estou apenas repetindo as suas palavras.

– Isso foi antes de conversarmos. Na verdade, eu é que não prestava atenção à minha mulher. Porque ela é secretária, julguei-a mal, achando

que se contentava com um empreguinho e com o papel de doméstica. Mas Marília é uma alta secretária executiva, fez duas faculdades e domina três idiomas. Isso não a impede de gostar de cozinhar, de cuidar da casa e da família. Ela tem um jeito meio sério de se vestir, o que não significa que seja desleixada. Ao contrário, é bonita, elegante e muito, mas muito inteligente. Sem contar que ganha tão bem quanto eu.

– É disso que se trata, então? De dinheiro?

– Não. Só falei isso para que você compreenda a importância da profissão dela. Não quero o dinheiro de Marília.

– Ah, bom... Porque, dinheiro por dinheiro, eu tenho mais.

– Você não trabalha.

Um leve rubor coloriu as faces de Lizandra, derretendo um pouco da geleira que ela fixara em seu olhar.

– Você agora quer inverter as posições? Sua mulher passou a ser interessante, e eu, o estropício?

– É você quem está dizendo. Em momento algum pensei coisa semelhante. Vocês duas são diferentes.

– Sei. Agora, ela é a intelectual engraçadinha, e eu, a gostosona burra. É isso?

– Não! – exclamou ele, irritado, quase derrubando o copo que o garçom acabara de colocar à sua frente.

– Se não é isso, então, o que é?

Danilo esperou o garçom terminar de servi-lo e se afastar, para então responder:

– Eu amo Marília. Estava passando por uma fase ruim, mas agora as coisas estão entrando nos eixos. São dezessete anos de casamento, temos dois filhos maravilhosos. Não posso, simplesmente, jogar tudo para o alto.

- Então, preferiu jogar a mim, a amante descartável. Cachorro!
 - Pare com isso, Lizandra. Você também é casada, tem um filho. Não quer estragar seu casamento, quer?
 - Isso não vem ao caso. Vítor é um idiota.
 - Se é assim, por que não se separa dele?
 - Você sabe que não posso. Todo o patrimônio dele é anterior ao casamento. Eu não tenho nada.
 - Pode pedir pensão. Ou pode trabalhar. Você não fez faculdade?
 - De filosofia. Acha que vou ser professora nesse país de m...?
- Calou-se, antes de completar o palavrão, pois sabia que Danilo não gostava de mulheres com linguajar chulo.
- Melhor ser professora do que viver à custa dos outros – retrucou ele.
 - *Os outros*, no caso, é o meu marido. Ele tem obrigação de me sustentar.
 - Se você se contenta com isso, mais um motivo para não estragar seu casamento. E o melhor que temos a fazer é terminar tudo agora, antes que façamos alguma coisa da qual nos arrependamos depois.
 - Você tem razão. Não tenho a mínima intenção de estragar meu casamento. Mas também não estou com a menor vontade de terminar tudo agora. Acho que podemos continuar como estávamos. Meu marido não sabe, sua mulher também não. O que eles não veem não pode magoá-los.
 - Infelizmente, não penso mais assim. Estou decidido a acertar as coisas com Marília e aconselho você a fazer o mesmo com Vítor.
 - Deixe que, do meu casamento, cuide eu.
 - Ótimo. Assim como eu estou tentando cuidar do meu. E é por isso que não podemos mais nos encontrar.
 - Você não pode fazer isso!
 - É claro que posso. Assim como você também poderia, se quisesse.

– Mas eu não quero.

– Sinto muito. É como tem que ser. Não quero que você fique magoada. Você é uma mulher sensacional, mas acabou. Guardarei boas lembranças do tempo em que estivemos juntos.

– Não precisa ser clichê nem piegas. Você vai me esquecer assim que eu virar as costas.

– Você também vai me esquecer. Nós vivemos uma aventura, Lizandra, nada mais do que isso. Não há amor na nossa relação.

– Fale por você.

– Não acredito que você me ame.

– Isso parece mesmo impossível, não é? Sendo você quem é. Mas o fato é que eu o amo. Amo e não vou abrir mão de você.

– Infelizmente, você não tem escolha. Toda relação pressupõe acordo de duas vontades. Quando uma falha, a relação se desfaz.

– Eu não acredito que você está fazendo isso comigo – ela choramingou, finalmente desabando em lágrimas.

– Por favor, Lizandra, não chore. A vida é assim. Podemos ser amigos.

– Não quero ser sua amiga. Quero mais.

– Não me peça o que não posso mais lhe dar.

– Não me conformo, Danilo. Marília não é mulher para você. Aposto que nem na cama ela é boa. Deve ser uma geladeira.

– Isso não importa. Nós nos amamos.

– Não, Danilo, é a mim que você ama. Sei que é. Você só está confuso, eu entendo. Mas isso vai passar. Marília vai continuar sendo aquela dona de casa insossa, e você logo vai enjoar dela – Ela mudou o tom de voz, assumindo um ar mais agressivo: – Quando isso acontecer, não venha correndo para mim.

– Não virei, porque não vai acontecer.

Um turbilhão de sentimentos se confundiu no coração de Lizandra, que passava do ódio à tristeza com a velocidade de um raio. Indignação, revolta, medo, tudo se misturava no torvelinho de suas emoções. Aos poucos, Lizandra foi se dando conta de que Danilo falava sério. Tentava engolir os soluços, embora não com a mesma facilidade com que ele engolia o sanduíche. Parecia que fazia um lanche com uma colega de trabalho, tamanha sua indiferença por ela.

– É sua última palavra? – questionou ela, a voz tremendo de raiva.

– É minha última palavra – confirmou ele.

Lizandra nem pensou. Num gesto rápido, apanhou o copo praticamente cheio e atirou-o no rosto de Danilo. Ele deu um salto para trás, mas não a tempo de evitar que se melasse todo de suco.

– Isso não vai ficar assim – rosnou ela. – Me aguarde!

Saiu batendo os saltos, esbarrando nas cadeiras ao redor. Todos na lanchonete se viraram para Danilo, morto de vergonha. O garçom tentou ajudá-lo a limpar a sujeira, mas não adiantou. Danilo pagou a conta e voltou para o consultório, às pressas. Lavou-se no banheiro o melhor que pôde, vestindo o jaleco por cima da camisa.

– Está tudo bem, dr. Danilo? – Sílvia indagou, preocupada.

– Tudo. Foi só um acidente.

De acidente, aquele episódio não tinha nada. Lizandra demonstrara o que ele podia esperar. Não seria fácil romper definitivamente com ela, mas não tinha jeito. Mais cedo ou mais tarde, Lizandra teria que aceitar.

Capítulo 8

Do hall de entrada, Lizandra escutou os latidos de Billy, junto às gargalhadas de Rodrigo e de Vítor. Só de ouvir aquele cão idiota, sentiu raiva. Com tudo o que estava passando, ainda tinha que aturar aquele filhote endiabrado.

Assim que ela abriu a porta, quase foi jogada ao chão pelo cachorro, que saltou sobre ela para lambe-lhe o rosto. Não estivesse segurando na maçaneta, teria mesmo caído. Um rubor de ódio incendiou seu coração, estampando-o em sua face afogueada.

– Tire esse cachorro de cima de mim! – berrou para Rodrigo.

– Billy, vem – chamou o menino, ao que o cão logo obedeceu. – Vamos jogar bola no terraço.

– Nada disso! Não quero bola aqui. Pode quebrar alguma coisa.

– Mas mãe, ele adora jogar bola.

– Já disse que não! Trate de arranjar outra brincadeira. Não aguento mais esse animal! Não sei onde estava com a cabeça quando concordei em comprar essa coisa!

– Seja paciente, Lizandra – intercedeu Vítor. – Ele ainda é filhote. Estou procurando um adestrador. Billy aprende rápido e vai saber se comportar.

– Acho bom. Ou eu o devolvo para a loja.

– Mãe! – exclamou o menino, levando a mão à boca. – Você não pode fazer isso. Dizem que eles sacrificam os animais que ficam encalhados.

– Bobagem. Você acha que eles vão perder dinheiro?

– É verdade, querida – concordou Vítor. – Quando um cão é devolvido, pode ficar encalhado e, na maioria das vezes, é sacrificado. Normalmente, as devoluções ocorrem por doenças preexistentes e por não serem de raça pura. No seu caso, todavia, não iam aceitar Billy de volta. Ele é saudável e é um legítimo border collie.

– Ele é uma graça, né? – disse Rodrigo, embevecido com o cão. – Olha só o olho dele, papai! Não é lindo?

– Realmente – concordou Vítor, analisando o olho direito do cachorro, onde uma pequena e brilhante mancha preta sobressaía na íris castanha, cuja aparência era de uma camurça marrom-claro texturizada. Muito bonito mesmo.

– Tudo bem – Lizandra prosseguiu, esganiçada. – Existem outros meios de me livrar dele.

– Não, mãe! – protestou o garoto. – Você não está pensando em fazer com ele o que fez com a Suzy, está?

Ela não respondeu, mas Vítor falou por ela:

– É claro que não, não é, amor? Você não vai fazer isso, vai? Esqueceu-se de como Rodrigo ficou traumatizado?

Lizandra optou por não responder. Se falasse, corria o risco de descontar em todos a sua frustração.

– Também não vai fazer que nem a mulher do Biruta, vai? – indagou Rodrigo.

– Que Biruta é esse?

– É um conto da Lygia Fagundes Telles. Biruta era o cachorro do menino que uma mulher chamada dona Zulu criava. Como era muito bagunceiro, no dia de Natal, a mulher inventou que ia levá-lo a uma festa onde havia um menino doente, para distrair o menino, sabe? Só que era mentira. A

empregada acabou contando que o Biruta não ia voltar. Ele tinha roído uma meia, e a tal da dona Zulu ficou furiosa, e inventou aquela história de menino doente só para poder soltar o cachorro longe. Aí, o menino pegou a bolinha que tinha comprado para o Biruta de Natal e apertou-a com força no coração...

Ele se calou, a voz embargada, visivelmente emocionado com a história.

– Onde você ouviu isso? – Lizandra, impressionada, quis saber.

– Na escola.

– Isso lá é história que se conte para crianças? – esbravejou. – Onde já se viu? Só para deixar o menino impressionado e triste. Vou reclamar com a professora amanhã mesmo.

– Pelo amor de Deus, não seja ignorante, Lizandra! – censurou Vítor. – É um conto clássico, você não vai dar uma de burra na escola, vai?

– Mas, agora, Rodrigo está pensando que vou fazer a mesma coisa! – queixou-se.

– E você vai? – insistiu ele, os olhinhos brilhantes.

– É claro que não – afirmou ela, embora sem muita convicção. – Isso é só uma história, Rodrigo. Não sou essa tal de dona sei lá o quê.

– Dona Zulu.

– Alguma vez eu menti para você? – Ele não respondeu. – Menti?

– Não.

– Quando levei a Suzy, foi na sua frente, não foi? – Ele assentiu. – Em momento algum inventei uma história dessas para levar a gata às escondidas.

– Fiquei tão triste!

– Você sabe que me arrependi do que fiz, mas agora já era.

– Eu sei. Não vamos mais falar da Suzy. Dá uma tristeza...

– Acho melhor deixarmos essa história para lá – sugeriu Vítor, abraçando o filho. – O que importa é que Billy não é esse Biruta e não vai a lugar nenhum. Ele já é parte da família.

– Viu, mãe? Papai sabe que ele é da família.

– Vocês dois estão contra mim, não estão? – Ela conseguiu até esboçar um sorriso. – Tudo bem. Sei quando estou vencida. Billy é da família. Será que agora podemos jantar? Estou morrendo de fome.

– Anita deixou lasanha – avisou o menino.

– Lasanha? Por quê? Não foi isso que eu mandei fazer.

– Porque eu pedi – retrucou ele com voz baixa, quase como a pedir desculpas.

Mais uma vez, ela sentiu a costumeira irritação absorver seu humor. Rodrigo não podia desdizer suas ordens. Pensou em repreendê-lo, mas o olhar de censura de Vítor a desencorajou.

– Tudo bem, meu filho – disse ele. – Eu também adoro lasanha.

– Engorda pra burro – comentou ela –, mas tudo bem. Vamos lá.

Os três, juntos, puseram a mesa, sempre acompanhados de Billy. A presença do cachorro era suficiente para deixar Lizandra irritada, mas ela precisava se controlar. Usava o animal como bode expiatório, descontando nele a raiva que a fazia tremer.

A história do tal Biruta, porém, a incomodou. Vira-se espelhada nas palavras daquele conto. Podia ser estourada, impaciente, impulsiva, mas amava o filho acima de tudo. À sua maneira exasperada, sentia por ele um amor profundo, que lhe causava remorso, enchendo-a de culpa cada vez que o magoava. Não devia ter lhe comprado aquele cachorro, porém, agora era tarde demais. O cão estava ali, e Rodrigo o adorava. Apenas pelo filho, precisava conter a irritação, para tolerar a presença do animal sem perder a

cabeça. Por Rodrigo, se esforçaria ao máximo para tratar bem o cão, ainda que isso lhe custasse a tranquilidade e a paciência.

Mais tarde, quando se recolheram, Rodrigo levou Billy para o quarto, permitindo que ele deitasse em sua cama.

– Não deixe mamãe saber – sussurrou, abraçando-se ao cão.

Enquanto isso, Vítor tentava despertar algum desejo em Lizandra, beijando-a e fazendo carícias provocantes. Ela, contudo, empurrou-o para o lado, falando com fingida doçura:

– Hoje não. Estou cansada.

– Cansada de quê, Lizandra? – perguntou ele, sentando-se na cama e acendendo o abajur. – Você não faz nada. Passa o dia badalando na rua. Mal olha o seu filho, que está, praticamente, sendo criado pela Anita. Graças a Deus que nós temos uma boa empregada, se não, não sei o que seria desse menino.

A voz dele saía carregada de uma exasperação que parecia contida há muito tempo. Duas brigas num dia só, ela não aguentaria. Bastava a discussão com Danilo. Tinha agora que aturar as cobranças de Vítor?

– Por que está tão aborrecido? – retrucou ela, fingindo-se magoada. – O que foi que eu fiz?

– Nada. O problema é esse. Você não faz nada.

– Como assim? O que você queria que eu fizesse? Quando nos casamos, você concordou que eu não precisava trabalhar.

– Verdade. Mas também não precisa ficar à toa, batendo perna pela cidade. Nem sei onde você anda o dia inteiro.

– Está desconfiando de mim?

– Não se trata disso. Eu só acho que você devia dar um pouco mais de atenção ao nosso filho e a mim.

– Dou atenção suficiente aos dois.

– Você sabe que não dá. Rodrigo passa o dia sozinho, e eu... parece até que não tenho mulher.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que você tem me evitado. Sempre que a procuro, você inventa que está cansada ou com dor de cabeça. O que está acontecendo? Não sente mais desejo por mim?

Era quase uma reprise de sua conversa com Danilo, um filme de muito mau gosto.

– Dá um tempo, Vítor! – reclamou ela. – Quero dormir.

– Por que você está fugindo do assunto? É porque tenho razão?

– Razão em quê?

– Você está estranha, distante, fria. Parece não sentir mais nada por mim.

– Pelo amor de Deus, Vítor, pare com isso! Você está inventando coisas. Sou a mesma de sempre.

– Você quer dizer que não anda esquisita?

– Não... – Até que uma ideia brotou em seu pensamento, e ela admitiu: – Muito bem, se quer saber mesmo, eu não aguento mais esse cachorro. Ele está me tirando do sério.

– Que desculpa mais esfarrapada. Colocar a culpa no Billy é uma covardia.

– Não é que seja culpa do Billy. É que eu não gosto de animais. Você sabe disso.

– Se não gosta, por que o comprou?

– Porque o Rodrigo insistiu.

– Não exatamente, não é, Lizandra? Você comprou o Billy para que o

Rodrigo a deixasse em paz.

- Que absurdo! Você fala como se eu não gostasse de nosso filho.
- Você gosta, mas não tem paciência com ele. Um cão para distraí-lo deixaria você ainda mais à vontade.
- Não é nada disso.
- Será que não? Eu, que trabalho fora o dia inteiro, passo mais tempo com ele do que você. Por isso mesmo, estou até pensando em tirar umas férias.
- Férias? E quem vai cuidar dos negócios?
- O vice-presidente, é claro. E toda a minha diretoria. Ninguém é insubstituível.

Vítor era dono de uma extensa cadeia de postos de gasolina, negócio que fora iniciado por seu avô e passara ao pai, que tratou de adquirir novas franquias, espalhando seus postos pelo país inteiro. Com a morte do pai, Vítor herdara metade da companhia, a quem coube ainda administrar a parte da mãe. Era um homem honesto, bom, muito rico e muito generoso também.

- E para quando é isso?
- Para a semana que vem. E estou pensando em reduzir meu horário de trabalho também. Rodrigo precisa de mim.
- Faça como achar melhor. – Ela virou para o lado e apagou o abajur. – Boa noite.
- Boa noite. Mas não pense que esqueci a nossa conversa. Não é porque você me distraiu falando de Rodrigo e de Billy que vou deixar passar o assunto. Continuaremos amanhã.

Era uma sorte Vítor não poder sentir a raiva extravasando pelos poros de Lizandra. Aquela, decididamente, era uma conversa que não lhe interessava.

No dia seguinte, o melhor seria tentar tolerar as carícias do marido. Se era sexo que ele queria, era sexo que iria ter. Como se isso fosse tudo que Vítor desejasse de sua mulher.

Capítulo 9

Segurando firmemente Nina no colo, Larissa subiu correndo as escadas que levavam à casa na árvore. Mais atrás, veio André, galgando os degraus de par em par.

- Cheguei primeiro – cantarolou ela.
- Não valeu, Larissa, você me empurrou.
- Eu não empurrei! Só cheguei você para o lado.
- Engraçadinha.

Como todo gato, Nina não gostava de colo e começou a se debater nos braços da menina, que falou às pressas:

- Fecha a porta.

André obedeceu e Nina deu um salto do colo de Larissa, indo aninhar-se em sua almofada preferida.

- Tem a janela – observou André.
- Eu sei. Mas vamos tomar conta para que ela não saia, não é, Nina?
- Por que isso? É por causa da sua avó?
- Ela não é minha avó! – irritou-se. – E é por causa dela, sim. Mal chegou, já está de implicância comigo e com a Nina. Vive enxotando a coitadinha.

– Velha chata – criticou André. – Minha mãe sempre diz que quem não gosta de bicho não é boa coisa.

– Sua mãe tem razão. A velha Roberta é uma bruxa. Tem até os dedos tortos, feito uma bruxa de verdade...

Antes que André tivesse tempo de responder, ouviram um *toc, toc, toc* surdo partindo do lado de fora. Assustada com o ruído súbito, Larissa deu um salto para trás, gritando sem pensar:

– É a bruxa!

A voz da bruxa veio lá de baixo, em tom de recriminação:

– Estou ouvindo vocês dois. Desçam já daí!

– E agora? – sussurrou André.

Larissa se levantou resoluta, debruçando-se sobre o peitoril da janelinha.

– Por quê? – indagou, confrontando Roberta.

– Porque eu estou mandando – respondeu ela, com irritação. – Onde já se viu, um menino e uma menina, sozinhos, trancados num barracão em cima da árvore?

– Não é um barracão – objetou Larissa. – É uma casa na árvore, e foi meu pai quem fez. E não estamos sozinhos. Nina está com a gente.

– Nina?

– Minha gatinha. E mesmo que estivéssemos só nos dois, qual o problema? Minha mãe nunca se importou com isso.

– Sua mãe é uma irresponsável. Mas eu vou consertar isso, ora se vou.

– Você não manda em mim.

– Em primeiro lugar, não é você. É senhora. Trate de me respeitar. Em segundo lugar, você é muito atrevida. Não gosto de criança com nariz em pé.

Larissa ia responder, mas André a impediu.

– Acho melhor a gente obedecer.

– De jeito nenhum! Não vou deixar essa bruaca velha mandar em mim.

– Não quero me meter em encrencas.

– Você não vai – e, voltando-se para a janela, Larissa gritou: – Não vou

sair agora. E se quer que eu desça, venha aqui me buscar!

Espumando de raiva e indignação, Roberta rodou nos calcanhares, claudicando com sua bengala em direção à casa. Nunca vira criança tão desaforada. Era tudo culpa de Priscila, que não lhe dava educação.

– Priscila! – esbravejou ela, entrando na cozinha.

A nora teve um sobressalto tão grande que quase deixou cair a colher de pau dentro do arroz, levantando água quente por todo lado.

– Meu Deus, dona Roberta, que susto!

– Você precisa dar um jeito nessa menina – queixou-se, ignorando o estrago que, por pouco, não ocasionara. – Ela não tem um pinga de educação.

– Quem? Larissa?

– Existe outra menina por aqui?

– O que foi que ela fez?

– Está trancada naquela casa horrorosa, com aquele menino aí do lado, fazendo sabe-se lá o quê.

– O que acha que eles podem estar fazendo? São duas crianças!

– Você sabe tão bem quanto eu que as crianças hoje em dia são muito precoces. Aposto como ela já mostrou as calcinhas para ele.

– Que mente imunda, dona Roberta! – censurou Priscila, enojada. – Eles só pensam em brincar.

– Você é muito tola mesmo. Eles ficam lá dentro sozinhos, com a porta fechada. Se não estivessem fazendo nada, não deixariam a porta aberta?

– Larissa fecha a porta quando não quer que a Nina fuja.

– Muito conveniente. Como se gato não pulasse a janela. – Priscila engoliu a raiva e preferiu não responder. – Sem contar que ela não tem um pinga de educação. Ouvi quando me chamou de bruxa.

– Francamente, dona Roberta! – tornou Priscila, ocultando o riso. – Não vê que isso é coisa de criança?

– Criança sem educação, isso sim. E também me chamou de você, em vez de senhora.

– Nós não ligamos para essas formalidades aqui em casa. Larissa nos chama, a todos, de você.

– Está errado. Você não me chama de senhora? Meu filho não me chama de senhora? Por que uma criança, que nem é minha neta, poderia me chamar de você?

– Em nossa casa, não ligamos para isso – insistiu Priscila, visivelmente irritada. – E se nós a chamamos de senhora, é em respeito à sua idade e porque não conhece nossos costumes, já que não faz parte da minha família...

– Como se atreve? – interrompeu, esbravejando. – É claro que sou parte da sua família. Não que isso me agrade, mas você se casou com o meu filho, apesar de eu ter sido contra. Uma viúva, com uma filha... Mas Ítalo insistiu, e acabei me conformando. Então, quer você queira, quer não, sou parte da sua família, e é minha obrigação zelar para que as normas da boa conduta sejam obedecidas. Coisa que, parece, ninguém ensinou à sua filha.

– Minha filha é muito bem-educada – rebateu ela, as faces rubras de raiva e vergonha. – O caso é que ela diz o que pensa.

– Aí é que está. Criança não tem o direito de dizer o que pensa. Isso se chama falta de educação.

– É uma questão de ponto de vista. Eu já acho que Larissa é uma criança sincera.

– Sincera... Ela é mal-educada, insisto. E aquele menino malcriado é um aproveitador.

– Quem? André? Ora, faça-me o favor! André é um amor de criança. Conheço os pais dele desde que me mudei para cá, antes mesmo de ele e Larissa nascerem.

– Pois aposto como os pais dele são outros mal-educados. Onde já se viu deixar uma criança largada pela rua?

– André não é uma criança largada! Está sempre aqui em casa com a Larissa, porque eles gostam de ficar na casa da árvore. É o refúgio deles.

– Refúgio de quê? Da vigilância dos adultos, é claro. Sem contar aquela gata horrorosa. Gatos dão bronquite. Vai ver, é por isso que vivo com falta de ar.

– Gatos não dão bronquite. Isso é lenda. O que acontece é que algumas pessoas são alérgicas.

– Tanto faz. O fato é que os pelos daquela gata me deixam com falta de ar. É por isso que ela deve ir embora.

– O quê? De jeito nenhum! Nina é o xodó da Larissa.

– Lugar de bicho é no quintal. Você não devia permitir que ela entrasse em casa.

– Já disse que Nina é o xodó da Larissa. Está acostumada a dormir na cama com ela. Imagine se vou colocá-la para fora de casa.

– Você permite que uma gata que anda pela terra, sobe em árvores e se esfrega no chão durma com a sua filha na cama?

– Gatos são limpinhos.

– Conversa. Todo animal é sujo e transmite doenças.

– Nina não tem doenças. É uma gata bem tratada, está com todas as vacinas em dia. Por favor, dona Roberta, deixe Larissa e Nina em paz. Da minha filha, cuido eu.

Roberta engoliu a raiva. Larissa era uma garota mal-educada e sem-

vergonha. Já naquela idade ficava se esfregando no filho do vizinho. Talvez houvesse puxado a sem-vergonhice da mãe. Quem sabe não foi por isso que o primeiro marido morreu? Priscila era sonsa, fingida. Na frente de Ítalo, dava uma de boazinha, mas por trás, devia aprontar das suas.

– Cadê o Ítalo? – ela perguntou de repente, como se só agora desse pela falta do filho.

– Foi jogar futebol. Daqui a pouco ele chega.

Quando Roberta levantou os olhos, viu um homem parado na porta da cozinha, prestes a entrar. Ela abriu a boca para gritar, mas o homem se adiantou e cumprimentou com naturalidade:

– Olá, Priscila. Bom dia, dona.

– Ah! – exclamou Priscila, levando a colher de pau à boca para provar o arroz. – Oi, Wilson. Veio buscar o André?

– Isso mesmo. Estou chamando pela cerca, mas ele não ouve.

– Ele está na árvore com a Larissa.

– Posso ir lá chamá-lo? O almoço já está pronto.

– É claro – e, notando o ar de curiosidade da sogra, apresentou: – Esta é minha sogra, dona Roberta. Dona Roberta, nosso vizinho, Wilson, pai do André.

– Muito prazer – falou ele, estendendo-lhe a mão, que ela tocou com a pontinha dos dedos.

Ante o sorriso frio de Roberta, Wilson puxou a mão. Pediu licença, dirigindo-se para o quintal, acompanhado pelos olhos de rapina da velha senhora.

– Bonito homem – comentou ela, lançando a Priscila um olhar malicioso.

– Verdade – concordou, sem se dar conta da maldade no tom de voz da

outra.

– Ele vem sempre aqui?

– Às vezes. Somos bons vizinhos, costumamos nos reunir para jogar buraco, fazer churrasco e essas coisas que os amigos fazem.

O silêncio de Roberta não delatava o que lhe ia no pensamento. Mulher de muita malícia, criava maldade onde não existia. Ao dar de cara com Wilson, o vício da perfídia logo aguçou seu pensamento. Sem tirar os olhos dele, Roberta começou a urdir a teia de intrigas onde pretendia aprisionar a nora e libertar o filho, de uma vez por todas, de suas garras malditas.

Capítulo 10

Mais tarde, após o jantar, André se reuniu com a família para assistir a um pouco à televisão. O pai alugara um DVD chamado *A Incrível Jornada*, onde dois cães e uma gata partiam numa aventura por florestas e montanhas, em busca de seus donos. A ideia de Wilson era animar o filho, que ainda se ressentia da morte de Toby.

- E então, filho? – questionou Isabela, ao final do filme. – Gostou?
- Gostei. Queria ter um cachorro igual ao Shadow.
- Ué! Quem foi que disse que não queria mais cachorro?
- Mudei de ideia. A Larissa me convenceu.
- Eu nem sei que raça de cachorro é aquela – comentou o pai, em tom de gracejo.

– Não faz mal – rebateu o menino. – Podia ser qualquer outro. Até um vira-lata. Eu não me importo com raça.

– Nós não podemos agora – objetou Isabela. – Estamos com uma dívida imensa na padaria. Ainda temos que pagar os fornos.

– Mas um vira-lata não custa nada. Podemos ir a um abrigo.

– Sabemos o quanto você está sofrendo, meu filho, mas agora não dá. Espere até as coisas se ajeitarem, e você terá seu cachorrinho.

– Promete?

– Prometo.

Após um breve silêncio, André comentou:

– A avó postiça da Larissa é uma megera. Implicou com a gente hoje.

– Eu a conheci – disse Wilson. – Mulher sem educação. Estendi a mão para ela, mas ela mal a tocou. Depois ficou me olhando com ar esquisito.

– Como assim? – Isabela quis saber.

– Sei lá. Só não gostei do jeito como ela me olhou.

– Vai ver se apaixonou por você.

– Engraçadinha.

– Por que não os convidamos para comer uma pizza amanhã à noite? – sugeriu Isabela. – Acho que Priscila ia gostar.

– Boa ideia – concordou Wilson. – Talvez isso amoleça a velha.

– Quem foi que disse que estou querendo amolecer a velha?

– André quer, não é, meu filho?

– Sei lá – retrucou o menino, dando de ombros. – Só gostaria que ela parasse de implicar com a gente.

– Pois é. Quem sabe, conhecendo nossa família, ela não deixa você em paz?

– Por que não vai lá convidá-los? – sugeriu Isabela. – Afinal, você já foi apresentado a ela.

– Tudo bem – concordou Wilson, não muito satisfeito. – Quer ir comigo, filho?

– Agora não. Vou jogar videogame.

– Vou sozinho, então. Não demoro.

A volta repentina de Wilson, com a desculpa esfarrapada de um convite para comer pizza no domingo à noite, soou muito suspeita aos ouvidos de Roberta. Não lhe parecia certo tanta intimidade assim entre um homem e uma mulher que não eram casados. Vizinhos ou amigos, o decoro exigia distanciamento e até mesmo uma certa cerimônia no tratamento, o que, definitivamente, não existia entre aqueles dois. Em silêncio, os olhos de

água seguindo cada movimento da presa, Roberta acompanhava a desconcertante visita de Wilson, reparando na troca de olhares lúbricos, nos casuais esbarrões sedutores, na suavidade das palavras sussurradas que entoavam intimidades. Nada daquilo existia de verdade, mas não tinha importância. O que importava era o jeito de manipular as situações para acomodá-las à intriga.

Envenenada pela infâmia criada por seus pensamentos maliciosos, Roberta não via a hora de alertar o filho. Se ele se separasse de Priscila, os dois poderiam voltar a morar juntos, e ela cuidaria para que nenhuma outra mulher se interpusesse entre os dois.

A oportunidade surgiu quando Priscila se retirou da sala com Larissa. Roberta esperou até não ouvir mais as vozes das duas, aguçando os ouvidos para se certificar de que a nora não estava por perto. Convencida de que estavam sozinhos, abordou o filho de forma direta:

– Há quanto tempo você conhece esse Wilson?

– Desde que comecei a namorar a Priscila – informou Ítalo, olhos pregados na televisão.

– Vocês se dão bem?

– Muito bem. Por quê?

Ao invés de responder, ela seguiu com as perguntas:

– Ele vem sempre aqui, na sua ausência?

– Na minha ausência? – surpreendeu-se, agora encarando-a. – Como assim?

– Ele esteve aqui mais cedo. Veio buscar o filho.

– Ah!

– Fez uma cara quando me viu...

– Cara de quê?

- Uma cara esquisita, não sei bem. Parece que não gostou da minha presença.
- Impressão sua, mãe. O Wilson é gente boa.
- Não digo que não seja, mas a reação dele foi meio enigmática. E olhou para Priscila de um jeito estranho também.
- Que jeito estranho?
- Olhe, meu filho, longe de mim fazer intriga, mas acho que você devia ficar de olho na sua mulher e nesse sujeito. Não se vai confiando assim em estranhos.
- O que a senhora está querendo dizer?
- Não estou querendo dizer nada. Mas sou velha, vivida. Reconheço aquele olhar.
- Que olhar? – Ítalo começava a se irritar, aborrecido com as insinuações da mãe.
- Um olhar de cobiça, sei lá.
- A senhora está delirando. Wilson é nosso amigo há anos e é muito bem casado com Isabela. Os dois se dão super bem.
- Como é que você sabe? Ela lhe disse?
- Não precisa dizer. Só de olhar para eles, a gente percebe.
- Se eu fosse você, não confiaria tanto nisso. Homem é bicho sem-vergonha, e mulher sozinha é um perigo.
- Mas que mulher sozinha? Priscila tem a mim.
- Só que você fica fora o dia inteiro, ao passo que o outro trabalha em casa.
- Vou fingir que não estou entendendo as suas insinuações. Mas antes, deixe-me esclarecer umas coisas. Primeiro, confio em Priscila e sei que ela jamais me trairia. Segundo, Wilson é nosso amigo e não tem o menor

interesse em Priscila. Ele ama a mulher dele.

– Tudo bem. Não está mais aqui quem falou. Mas depois, não diga que não avisei.

Ele ia retrucar, quando Priscila entrou na sala, acompanhada de Larissa, limpa e perfumada após um demorado banho.

– Vai dormir, minha princesa? – indagou Ítalo, estendendo os braços para a menina.

– Vou sim. Boa noite, papai.

– Boa noite, meu bem. Sonhe com os anjos.

– Boa noite, dona Roberta.

Ela não respondeu. Irritava-a ouvir a menina chamar seu filho de papai. Ele não era pai dela e nunca seria.

– Larissa está dando boa-noite, mãe – alertou Ítalo. – Não vai responder?

– Hã...? Claro, claro. Boa noite.

Mesmo a noite não foi capaz de adormecer os pensamentos maldosos de Roberta, que chegou a sonhar com Priscila e Wilson se beijando. Acordou suando frio, com uma vozinha irritante vindo do lado de fora.

– Larissa! Acorda, preguiçosa! Vamos brincar!

– O que está fazendo aí, garoto? – repreendeu ela, pondo a cara pela janela. – Isso lá são horas de gritar embaixo da janela dos outros? Chispa daqui!

– Eu... combinei com a Larissa às nove horas. Ela está atrasada.

– Não tem nada disso, não. Larissa está dormindo, e você não deve incomodá-la. Vá para casa.

– Mas eu combinei com ela – André insistiu.

– Você está me desobedecendo, menino?

– Não, senhora. É só que Larissa e eu...

– Sem essa de Larissa e eu. E até que foi bom pegar você aí, sozinho. Assim posso colocar alguma ordem nessa promiscuidade. Você não é companhia para ela. Meninos devem brincar com meninos, e meninas, com meninas.

Embora André não soubesse o que significava promiscuidade, entendeu que ela estava tentando afastá-lo da amiga.

– Não sei o que a senhora quer dizer, mas Larissa e eu somos amigos.

– É disso que estou falando. Vocês não podem ser amigos. Ela não é para o seu bico. Você é homem, tem que brincar com meninos. Ou será que é algum mariquinhas? Hein? Gosta de coisas de menina? É uma bichinha enrustida? Que coisa feia!

André permanecia mudo. Primeiro, porque os pais lhe ensinaram a não ter preconceito contra as pessoas. Segundo, porque não entendia bem o que ela queria dizer. Terceiro, porque não ia sair dali sem falar com Larissa.

– Estou falando com você, garoto! – ela gritou, causando-lhe um sobressalto. – Responda: você é uma bichinha?

– Não, senhora – respondeu ele, assustado. – Mas não tenho nada contra quem é.

Roberta sentiu o sangue ferver. Agora estava explicado por que aquele garoto era tão atrevido. Sendo filho de quem era, só podia ser desavergonhado.

– Seu moleque! – esbravejou, rubra de indignação. – Devia lhe dar uma lição.

– Deixa a gente em paz – intercedeu Larissa, que vinha chegando ao quintal. – André está aqui porque eu chamei, e a senhora não tem nada a ver com isso. Vamos, André.

Os dois saíram correndo pelo quintal, em direção à árvore. Larissa se arrependia do que dissera a Roberta. Havia prometido a Ítalo que tentaria não responder mal a ela, mas aquela mulher era horrorosa.

Roberta agora estava lívida. A má-criação de Larissa não tinha limites. Ela, sim, é que precisava de uma lição. Não podia desrespeitar os mais velhos e sair impune. Não. Tinha que haver uma consequência.

Quando olhou para o lado, onde ficava a janela do quarto da menina, um sorriso maligno brotou em seus lábios. Pendendo para fora do peitoril, o rabo cor de creme de Nina balançava de um lado a outro. Na pressa de sair em socorro do amigo, Larissa se esquecera daquela gata insuportável.

Sem pensar duas vezes, Roberta entrou no quarto da menina. Ao vê-la, a gata bufou e se arrepiou toda. Quis fugir, mas não foi rápida o suficiente. A bengalada atingiu seu dorso antes que ela conseguisse se pôr fora do alcance da mulher. Soltando um miado estridente, Nina disparou pelo quintal e sumiu, deixando Roberta com um sorriso que era muito mais do que maligno. Nele, o que era agora visível, era o ar de satisfação.

Capítulo 11

Vestida como uma alta executiva, Lizandra pisou no hall de entrada da empresa em que Marília trabalhava. O andar confiante dava a falsa impressão de que se tratava de uma importante mulher de negócios, imagem que ela procurava ostentar como se lhe fosse natural. Logo à saída do elevador, a mesa da recepcionista fora colocada estrategicamente, de forma a impedir que qualquer pessoa entrasse sem ser percebida.

– Bom dia – cumprimentou uma sorridente mocinha. – Em que posso ajudá-la?

– Bom dia – retrucou Lizandra, secamente. – Eu gostaria de falar com a dona Marília, por favor.

– Pois não. A senhora tem hora marcada?

– Não. O assunto é pessoal.

A moça ergueu as sobrancelhas. Era a primeira vez que alguém procurava Marília para tratar de assuntos pessoais. Em geral, ela era bastante reservada, jamais comentando qualquer assunto particular em seu local de trabalho. Mesmo assim, não lhe cabia questionar.

– Seu nome? – tornou ela, disfarçando a curiosidade.

– Lizandra Campos de Almeida. Sou paciente do marido dela.

– Aguarde um momento, por favor. Não quer se sentar?

– Obrigada.

Lizandra sentou-se em um confortável sofá, fitando cada recanto da imponente saleta. Tudo muito bonito e bem decorado. Acima da mesa da

recepcionista, letras douradas, porém discretas, anunciavam o nome da empresa: Liberté Corretora de Valores. O lugar podia ser bonito, mas a rival não devia passar de um tribufu.

Após alguns minutos, uma mulher surgiu de uma porta lateral. Vestia um *tailleur* cinza claro, sapatos de salto médio e mantinha os cabelos soltos, muito bem escovados. Pouca maquiagem, joias discretas e elegantes. No rosto, óculos de aro fino de metal lhe conferiam um ar aristocrático e, ao mesmo tempo, intelectual. Era bonita. Não de uma beleza vulgar ou estonteante, mas clássica e serena, própria das mulheres seguras de si. Aquela figura singular, um tanto quanto exótica, não podia ser a Marília que ela procurava.

– Bom dia – cumprimentou ela, estendendo a mão para Lizandra. – Queria falar comigo?

O sentimento que percorreu sua pele e fez tremer sua espinha foi de inveja. Imaginava Marília uma mulher apagada e sem sal, vestida em trajes sem graça, como quem se veste para ir ao supermercado. Aquela mulher, porém, não era nada daquilo. Era exuberante à sua maneira, pois sua elegância encontrava-se na graciosidade dos gestos, na simplicidade de suas formas, agradáveis à vista e, sobretudo, em seu ar inteligente e confiante.

A vontade de Lizandra foi de sair correndo. O que ela pretendia indo até ali, movida por uma curiosidade mórbida de conhecer pessoalmente sua adversária? Em que estava pensando? Que poderia, simplesmente, olhar para a cara da outra, dizer *oi* e, em seguida, virar-lhe as costas e sumir? Aquilo era uma loucura. Ela nunca devia ter ido procurar a mulher de Danilo.

Diante de Marília, Lizandra sentiu-se invadir por uma fraqueza moral

sem precedentes. Ela era muito diferente do que Danilo descrevera. Vendo-a, podia até compreender por que ele mudara de ideia e resolvera ficar com ela. Talvez fosse melhor seguir o conselho dele e afastar-se. Sentia, em seu íntimo, que não podia competir com a outra. Era como se a pequenez da alma de Lizandra se intimidasse com a superioridade moral de Marília, cuja dignidade prescindia de esforços.

O choque do primeiro momento cedeu em parte, assim que ela olhou para a mão estendida de Marília. Num átimo, analisou a manga bem cortada do blazer, a pulseira simples de ouro e as unhas bem feitas, pintadas à francesinha. Ao mesmo tempo, vislumbrou a aliança na mão esquerda, reluzindo em afronta a seus sentimentos. Foi isso que lhe deu forças para se recompor e readquirir um pouco da autoconfiança. Se Marília era atraente, ela era exuberante. Não fazia o tipo intelectual, mas voluptuosa.

A curiosidade insistiu para que Lizandra ficasse e aproveitasse aquele encontro para conhecer a rival. Quem sabe, conhecer seu ponto fraco para montar uma estratégia de reconquista de Danilo? Ou então, podia simplesmente fazer-se de vítima e contar tudo a Marília, fingindo-se de mulher enganada, iludida, apaixonada por um homem casado que mentira o tempo inteiro. O que será que Danilo pensaria disso?

Sentindo que um sorriso irônico nascia no canto de seus lábios, ela se recompôs, com medo de se trair. Voltou os olhos para o rosto da simpática moça que aguardava uma resposta e resolveu dar asas ao improviso. Não importava qual seria o resultado daquela visita. O que faria no futuro, naquele momento, não lhe interessava. Queria apenas ouvir a voz da outra, analisar seu comportamento. Queria ser notada por Marília, tornar-se inesquecível, despertar sua compaixão.

E quando Danilo soubesse, pela boca da própria Marília, que uma mulher

chamada Lizandra fora procurá-la, sentir-se-ia parcialmente vingada só de imaginar a reação dele. Seria de espanto, surpresa, raiva? Ou medo?

– Bom dia – respondeu Lizandra, com surpreendente autocontrole. – Você é a Marília, esposa do dr. Danilo?

– Eu mesma. Em que posso ajudá-la?

– Será que podemos conversar a sós?

– É claro. Venha comigo, por favor.

Se a mulher era paciente de Danilo, então, não tinha problema em fazê-la entrar. Ao menos, foi no que Marília pensou, embora não imaginasse o que poderia fazer por ela. Depois de acomodada em uma poltrona, na antessala do escritório do chefe de Marília, Lizandra entrou logo no assunto:

– Lamento vir procurá-la assim, sem avisar, mas é que estava em dúvida sobre se deveria vir ou não. – Marília a olhava, sem entender. – Mas seu marido me convenceu. Fez muitos elogios à sua capacidade e me mostrou que você é a pessoa certa para me ajudar.

Saber que Danilo a elogiara com uma paciente encheu Marília de orgulho, como Lizandra esperava. Ela estufou o peito, sorriu e retrucou:

– Seu problema deve ser financeiro, suponho.

– Mais ou menos. Não chega a ser um problema, mas pode vir a ser. Não vou fazer rodeios com você, Marília. Sou casada, amo meu marido, mas acho que ele tem uma amante. Nós temos um filho de dez anos, com quem me preocupo muito. Meu marido vem esbanjando dinheiro, o que está me assustando. Como tenho minhas economias, pensei em um investimento que me assegure um bom retorno financeiro e que, ao mesmo tempo, fique fora do alcance dele.

– E por que se decidiu pela Bolsa de Valores? É um investimento de risco,

você sabe.

– A verdade é que não entendo nada dessas coisas. Meu marido foi quem sempre cuidou do nosso dinheiro. Temos uma poupança conjunta, mas queria retirar minha parte para aplicar em um investimento só meu.

– Se a poupança é conjunta, seu marido não vai desconfiar se metade do dinheiro sumir de repente?

E agora, Lizandra?, pensou ela. Fora sincera quando dissera que não entendia nada de investimentos.

– Tem... Tem razão... – gaguejou ela. – Eu não havia pensado nisso.

– E, francamente, Lizandra, investir em Bolsa não me parece a solução mais adequada para você. Não a conheço, mas, pelo seu perfil inicial, você passa a impressão de uma pessoa que precisa de dinheiro seguro, e o mais seguro seria aplicar em poupança ou em algum outro fundo de investimentos.

– Você acha? – rebateu laconicamente, para não denunciar sua raiva.

– Não que eu não queira ajudá-la. Eu quero, mas não posso enganá-la e dizer que seria um bom investimento só para ficar com o seu dinheiro. Se você insistir, posso muito bem chamar um de nossos melhores corretores. Não estamos aqui para enganar ninguém.

– Compreendo – disse Lizandra, à beira das lágrimas. – De qualquer forma, agradeço a sua atenção.

Quando ela se levantou, Marília se arrependeu da forma como a tratara. Fora sincera, é claro, mas não devia ter sido tão franca nem direta. Tinha diante de si uma mulher destruída pela traição do marido e pelo receio de ver o filho passando necessidade. Ela era mulher e mãe, compreendia essas coisas.

– Por favor, Lizandra, não me leve a mal – desculpou-se. – Entendo a

sua situação, e é por isso mesmo que quero preservar você de um possível mau negócio.

– Não precisa se desculpar, Marília. Você tem razão. Foi idiotice da minha parte pensar em retirar metade do dinheiro da poupança para aplicar em Bolsa. Meu marido ia descobrir e ficaria furioso. Você fez bem em me alertar.

– Não sou consultora financeira, mas, se você quiser, podemos conversar. Tenho algum conhecimento e posso tentar lhe indicar uma boa aplicação. Você pode abrir uma conta em outro banco e iniciar seu próprio investimento, sem o seu marido saber. O que você acha?

– Você faria isso por mim? – exultou ela, enxugando uma lágrima inexistente.

– É claro.

– Você nem imagina o quanto me deixa feliz. Seu marido tinha razão: você é uma pessoa maravilhosa!

O ar envergonhado e satisfeito de Marília não deixava dúvidas de que Lizandra a estava conquistando com bajulação e elogios. O ponto fraco dela era o marido.

– Não é nada disso. Gosto de ajudar as pessoas. Ainda mais quando tem filhos envolvidos. Também sou mãe.

– Sabe, Marília, há tempos que não tenho com quem conversar abertamente. Desde que me casei, meu marido me afastou das pessoas e da família. Tornei-me praticamente uma eremita em minha própria casa. Quase não saio, minhas amigas não me procuram mais, meus pais se distanciaram. Resta-me apenas o meu filho. E agora, você.

– Por favor, não exagere.

– Perdoe-me. Eu me empolguei. É claro que não somos amigas. Nós mal

nos conhecemos.

– Não se trata disso. Podemos ser amigas, é claro. Mas eu não sou a única pessoa que você tem no mundo. Você tem família e amigos. É só reconquistá-los.

Como farei com seu marido, pensou, segurando um sorriso sarcástico.

– Você acha que é possível? – considerou, rindo intimamente.

– Tudo é possível. Se suas amigas gostam de você, vão se reaproximar. E seus pais, então, nunca se afastaram, na verdade.

– Obrigada. Nem a conheço direito e já gosto de você. Acho até que não vou mais precisar dos remédios do dr. Danilo.

– Vá com calma. Não sou sua médica. Ele é que é. Melhor seguir as orientações dele.

– Vou seguir. Estou apenas brincando. O dr. Danilo também é uma ótima pessoa. Vocês formam um lindo casal.

– Obrigada.

– É verdade.

– Muito bem, então – arrematou Marília, apresentando a Lizandra um cartãozinho. – A hora em que você quiser, é só me ligar. Podemos marcar um almoço ou um café.

– Excelente! Mal vejo a hora de nos reencontrarmos.

– Ligue para mim.

– Vou ligar.

Despediram-se com dois beijinhos amigáveis nas faces. Marília virou as costas, percorrendo, segura, o caminho de volta até sua sala. Não disse nada, mas alguma coisa naquela mulher não soara bem. Havia algo de artificial em suas atitudes, um estranho brilho de falsidade em seu olhar. Talvez fosse apenas impressão, lógico, contudo, deixou em Marília uma

pequenina semente de desconforto.

Lizandra, por sua vez, quase despencou do salto alto, tamanha a tremedeira nas pernas. Enquanto estava sentada, conseguira manter-se firme. Ao se levantar, as pernas bambearam e ela, por pouco, não tropeçou nos próprios pés. Não queria admitir, mas estava arrependida. Talvez não tivesse sido boa ideia ceder àquela loucura. Agora, porém, não tinha mais jeito. E já que ela havia tido o trabalho de ir até lá, era melhor esperar para ver o resultado, fosse ele qual fosse.

Capítulo 12

A caminho de casa, Lizandra pensava na história que Rodrigo lhe contara sobre o cachorro chamado Biruta. Por alguns instantes, a preocupação com o filho sobrepujou a paixão por Danilo. Por mais que não gostasse de animais, fora ela quem comprara Billy para ele. A responsabilidade era toda sua. Pelo bem do filho, engoliria a irritação para, ao menos, tentar tolerar aquele cão insuportável.

Firme nesse propósito, entrou no apartamento preparada para o alvoroço do animal. Este, contudo, não se aproximou. Ao contrário, quando a viu, foi se esconder embaixo da mesa. Rodrigo ainda não havia voltado do colégio, de forma que o cão se sentia desprotegido, apesar da presença invisível de Moisés a seu lado. O espírito se espremeu embaixo da mesa junto com o cachorro, afagando sua cabeça, tentando acalmá-lo.

Seria impossível não perceber o medo do animal. O que ela desejava mesmo era que ele se mantivesse a distância, contudo, fizera uma promessa a si mesma. Pelo bem do filho, tentaria fazer com que o cão gostasse dela.

Largou a bolsa em cima do sofá, foi até a área, onde guardava as coisas dele e retornou com um petisco na mão. Abaixou-se junto à mesa; o cachorro ganiu baixinho, encolhendo-se o mais que pôde.

– Sai daqui, megera! – grunhiu Moisés, dando um tapa na mão de Lizandra, que nada sentiu.

– Vem cá, menino, vem – chamou ela, com a voz mais amistosa possível. – Não vou lhe fazer mal. Veja o que trouxe para você.

Abriu a mão, exibindo o petisco, cujo aroma logo alcançou as narinas de Billy. O cão hesitou, lambendo os beiços, agora doido de vontade de se aproximar.

– Não caia nessa, amigão – aconselhou Moisés. – É uma armadilha. Ela só quer pegar você para lhe dar uma surra.

Billy, porém, não seguiu o conselho do espírito. Seduzido pela oportunidade de abocanhar uma delícia, estendeu o focinho em direção a ele, mas Lizandra puxou a mão. Estimulado pela gulodice peculiar aos cães, ele foi se aproximando aos poucos, seguindo a mão dela, que cada vez se retraía mais. Quando seu corpo se encontrava totalmente descoberto, ela, finalmente, permitiu que ele pegasse o petisco.

Enquanto Billy mastigava, Lizandra lhe fazia carinho, para espanto de Moisés e deleite do animal. Billy era um cão dócil, afável, muito amigo das pessoas. Era, acima de tudo, inocente, sem malícia, fácil de conquistar-lhe a confiança.

A primeira coisa que Rodrigo viu quando chegou da escola foi a cena inusitada, que ele nunca imaginara possível. Sentada no sofá, a mãe via televisão com Billy a seu lado, roendo um ossinho, feliz da vida.

– Mãe! – exclamou ele, incrédulo. – Você está passando bem?

Aproximando-se dela, Rodrigo experimentou-lhe a testa, fingindo que via se ela estava com febre.

– Dá um tempo, Rodrigo – censurou ela, de brincadeira. – Estou muito bem, obrigada.

– Mas então, o que deu em você? Ficou cega?

– Que eu saiba, enxergo muito bem.

– Não percebeu o Billy ao seu lado, em cima do sofá?

– Não apenas percebi, como fui eu que o coloquei aqui.

- O quê?! Não, você está doente. Sério. Acho melhor ligar para o papai...
- Deixe disso, Rodrigo. Sente-se aqui ao meu lado. – Ele obedeceu, espremendo-se entre ela e Billy. Lizandra segurou a mão dele com ternura e continuou: – Não vou mais brigar com o Billy. Quero que ele e eu sejamos amigos.
- Está falando sério? – ele duvidou.
- Muito sério.
- Por quê? O que aconteceu para você mudar assim?
- Você. Você aconteceu. É porque o amo que estou fazendo isso. Não quero que você sofra e quero que confie em mim.
- Posso confiar mesmo?
- É claro que pode. Vou fazer o possível para aprender a lidar com o Billy.
- Ah, mamãe!

Era tudo o que Rodrigo queria ouvir. Sua felicidade foi tanta, que ele a demonstrou em um abraço apertado e vários beijos no rosto da mãe. Quando Billy se juntou aos dois, lambendo o menino e Lizandra de quebra, ela tolerou pacificamente, embora morrendo de nojo. A repulsa, porém, foi compensada pelos carinhos do filho, e só de senti-lo junto a ela, alegre, cheio de vida, convenceu-se de que tomara a decisão certa. Dali em diante, estava decidido: nada mais de bater no cachorro.

A partir desse dia, foi o que aconteceu. Lizandra passou a tratá-lo bem, e ele, a confiar nela. Ainda filhote, logo se esqueceu das palmadas que ela lhe dera, passando a manifestar alegria e afeto todas as vezes que ela chegava em casa. Ela, por sua vez, esforçava-se ao máximo. Havia momentos em que até sentia prazer na companhia do cachorro, principalmente quando via o filho correndo com ele pelo terraço ou atirando água da piscina em seu

focinho.

– Você mudou mesmo – observou Vítor, deitado na espreguiçadeira, ao lado dela. – Pensei que era apenas fingimento, mas não.

– Não sou fingida – objetou ela, de mau humor. – Você não me conhece. Pelo meu filho, sou capaz de qualquer coisa.

– Será? – duvidou Moisés, que acompanhava tanto a brincadeira de Rodrigo quanto a conversa de Lizandra.

À exceção de Billy, ninguém notava a presença do espírito. Vítor não ouviu o questionamento dele nem respondeu à esposa, mas segurou na mão dela, surpreendendo-se com o aperto que ela lhe deu. Nesse momento, algo tornou a despertar dentro dela. O contato do homem trouxe a lembrança do amante, a do amante, fez surgir a imagem de Marília.

– Tudo bem? – indagou ele, notando que ela se retraía.

– Só um pouco de dor de cabeça. Deve ser o sol.

Apertando as têmporas, ela se levantou, antes que ele tivesse tempo de protestar. Vítor, que já não sabia mais o que fazer, limitou-se a vê-la desaparecer pela porta da sala.

– Depois diz que não é fingida – considerou Moisés, sarcasticamente.

Cedendo à irritação, Lizandra abriu ao máximo a torneira do chuveiro, entrando, de cabeça, debaixo da água fria. Precisava resfriar os pensamentos. Por instantes, o problema do filho a desviara da rejeição de Danilo, fazendo-a esquecer seu encontro com Marília. O que havia acontecido, afinal?

Ela se produziu toda, escolhendo um vestido longo simples e elegante. Maquiou-se com cuidado, perfumando-se, em seguida, com uma essência bem suave. Não queria que Danilo a visse como a amante vulgar e fútil, mas que enxergasse nela uma mulher sensual, sim, mas também refinada e

distinta.

- Vai sair? – indagou Vítor, assim que ela alcançou a porta de entrada.
- Vou ao shopping. Não demoro.

No fundo, Vítor sabia que ela não ia a shopping algum. Pela atitude dela nos últimos tempos, andava desconfiado de que ela teria um amante. Nunca pensou que Lizandra seria capaz de traí-lo. Brigaria com qualquer um que insinuasse tal coisa. O comportamento dela, todavia, era típico da traição: desinteresse pelo sexo, pela família, saídas repentinas, misteriosas, impaciência... Apenas Rodrigo parecia manter a cabeça dela no lar.

Pela primeira vez, a saída repentina incomodou Lizandra. Deixar o convívio do filho e do marido, naquele momento em que partilhavam da intimidade em família, refletiu mal em seu coração. Sentia-se feliz em casa, como há muito não sentia. Ver o filho brincar com Billy, sem se irritar com o cachorro, era uma novidade compensadora. Sentir a suavidade da mão do marido sobre a sua despertara nela um desejo manso, que bem poderia evoluir para a paixão ardente que costumavam dividir na cama. Só isso já seria suficiente para mantê-la em casa. O único problema é que ainda era muito apaixonada por Danilo.

Assim como Vítor e Lizandra, Danilo e Marília aproveitavam o sábado de sol para curtir a piscina junto com os filhos. Marília se bronzeava na espreguiçadeira, bebericando uma cerveja gelada. Ao lado dela, totalmente enfiado embaixo do guarda-sol, Danilo explicava a ela um pouco sobre homeopatia:

- A homeopatia é hipocrática, você sabe – dizia ele, sob o olhar atento da mulher. – Segue a filosofia de Hipócrates, por muitos chamado o Pai da Medicina. O principal método utilizado por Hipócrates foi a observação, ou seja, o estudo do paciente, não da doença. É dele também a ideia de que

semelhantes são curados por semelhantes, que é a base de toda a homeopatia. Em busca da cura da alma, ela vai à raiz do comportamento humano, que se torna acessível pelos remédios de doses diluídas e dinamizadas, de uma forma que a humanidade ainda não tem condições de compreender.

– Por que não?

– Porque o ser humano só consegue acreditar naquilo que os olhos veem. Felizmente, a física quântica veio abrir novas fronteiras, desvendando a existência e o funcionamento do minúsculo e maravilhoso universo das partículas subatômicas que compõem dimensões mais sutis.

– Espere um pouco – pediu Marília, levantando a mão em protesto. – Deixe ver se entendi. O estudo da física clássica concentra-se em tudo aquilo que é maior do que o átomo. Como a relatividade, por exemplo, que acho fascinante. A física quântica, por outro lado, busca explicar os elementos da matéria menores do que o átomo, como elétrons e fótons.

– Minha mulher inteligente – elogiou ele, embevecido. – É isso mesmo. As leis da física clássica não se aplicam à física quântica. Tudo muda quando se está diante de partículas infinitesimais, que podem se comportar de maneira imprevisível, aparentemente aleatória.

– Certo. Mas o que a física quântica tem a ver com a homeopatia?

– Você sabe que os remédios são dinamizados várias vezes, não sabe?

– E os movimentos de dinamização alteram as moléculas da água, reduzindo a substância a partículas tão minúsculas que não podem mais ser detectadas, embora preservem a informação do princípio ativo – concluiu ela, rapidamente.

– Estou impressionado – admitiu ele. – Você andou lendo sobre o assunto?

– Não. Mas assim que você começou a falar, foi fácil deduzir.

O celular dele vibrou em cima da mesa, identificando a chamada de Lizandra. Ele não atendeu. Ela ligou de novo, ele também não atendeu. Na terceira vez, com medo de despertar as suspeitas de Marília, pediu licença a ela e entrou em casa, fechando a porta de vidro que dava para o quintal.

– O que você está pretendendo? – perguntou com raiva, tão logo atendeu.

– Falar com você – foi a resposta rápida.

– Hoje é sábado. Não posso sair.

– Dê um jeito. É importante.

Fez-se silêncio por alguns segundos. Ele estava decidindo se valia ou não a pena arriscar de novo seu casamento por uma mulher que não lhe dizia mais nada. Sabia, porém, que Lizandra não desistiria até conseguir o que queria.

– Onde você está?

– No shopping.

– No shopping? Ficou louca? Quer que alguém nos veja?

– Ninguém vai nos ver, não se preocupe. E depois, só quero conversar. Não tem nada de mais em conversar. Se, eventualmente, formos vistos, você pode dizer que encontrou uma paciente por acaso e foi beber um refrigerante com ela.

Mais alguns instantes silentes se passaram, até que ele se decidiu por ir. Marília agora retomara a leitura de um romance no Kindle.

– E aí? – indagou ela, com suavidade. – Alguma coisa importante?

– Na verdade, sim. Era um paciente... Vou precisar sair.

– Vai demorar?

– Não. Estarei de volta antes do almoço.

– Tudo bem – ela concordou de imediato, sem se deixar dominar pela desconfiança, que tentava abrir espaço para penetrar em sua mente.

– Até já.

Deu-lhe novo beijo, acenou para os filhos e saiu. Enquanto dirigia, pensava no que dizer a Lizandra. Melhor seria evitar um confronto direto, ou ela bem poderia cumprir a promessa de contar tudo a Marília. Se tivera coragem de procurá-la no trabalho, era capaz de qualquer coisa.

Enquanto esperava, Lizandra resolveu fazer umas compras, para justificar sua ida ao shopping. Perambulava pelos corredores cheios de gente, olhando as vitrines, parando de vez em quando para comprar algo que a interessava. Ao sair de uma loja, deu de cara com Danilo, fitando-a com um misto de ansiedade e desgosto.

– Como sabia que eu estava aqui? – indagou ela.

– Estou seguindo você desde lá de baixo. Vi quando entrou em várias lojas.

– Me seguindo? – surpreendeu-se. – Por quê?

– Não sei.

– Tudo bem, não importa. Vamos nos sentar em algum lugar?

Danilo queria evitar lugares públicos. Escolheu um restaurante que tinha salão próprio, para não ser obrigado a se expor na praça de alimentação. Pediram dois refrigerantes e uma porção de fritas, apenas para justificar sua presença ali, embora nenhum deles estivesse com fome.

– Muito bem – iniciou ele. – Cá estamos. Posso saber do que se trata?

Ela deu um sorriso irônico. Espetou uma batata, mas não a comeu.

– Sério, que você não sabe mesmo do que se trata? – retrucou, com voz zombeteira. – Achei que você fosse mais esperto.

– Escute aqui, Lizandra, não estou a fim de seus joguinhos. Diga logo o

que quer e acabe com essa ladainha. Deixe-me em paz.

– Não precisa ser agressivo. Será possível que você já se esqueceu de tudo o que vivemos?

– Por favor, de novo, não. Já tivemos essa conversa.

– Eu sei. Mas tinha esperanças de que algo houvesse mudado.

– O que poderia ter mudado, Lizandra? Acha que eu viria correndo para você só porque você foi procurar Marília no trabalho dela? Foi essa a sua intenção? Fazer-me tremer de medo e ceder a suas chantagens?

– Não... – ela balbuciou, desconcertada com a reação dele.

– Então, qual é? Diga-me, porque não entendo. Você procurou Marília, contou-lhe uma história ridícula, e quer que eu pense o quê? Que fez isso por mera curiosidade?

– Você pode não acreditar, mas a verdade é que foi isso mesmo. Estava curiosa para conhecer a mulher que o tirou de mim.

– Francamente, Lizandra! Você ficou doida ou o quê? Marília é minha esposa! Ninguém tomou ninguém de ninguém, mas, se fôssemos pensar assim, não seria o caso de você ter me tomado dela?

Ela não respondeu. Fitou-o com mágoa, lutando para evitar que um vendaval de ressentimentos varresse seu coração. Nem parecia o Danilo que ela conhecera, meigo, gentil, carinhoso.

– Você mudou... – foi só o que conseguiu murmurar, pois as lágrimas emudeceram-lhe a voz.

O pranto suave de Lizandra arrefeceu as labaredas da raiva que consumiam cada pedacinho de afeto que ele ainda poderia sentir por ela. Um pequeno alento de ternura amenizou seu ímpeto de acusar, ferir, desprezar, despertando nele a consciência do quão imatura ela era. Tudo o que ela fazia era fruto dessa imaturidade, que criara em sua mente um

mundo de ilusão, onde seus desejos, fonte primária de sua existência, deviam ser sempre satisfeitos. Ele olhou para ela, agora com compaixão, vendo ali uma mulher irresponsável, inconsequente e totalmente perdida.

– Eu não mudei – retrucou ele, agora mais calmo. – Apenas acordei de um sonho, porque foi isso o que vivemos, Lizandra. Nada mais do que um sonho.

– Não foi sonho. Foi real...

– Não. A realidade é nossa família, nossos parceiros, nossos filhos. Será que você quer mesmo abrir mão da sua casa, seu marido, seu filho?

– Não se trata disso...

– Quer ou não quer?

Ela demorou para responder, com medo de admitir a verdade. Contudo, não podia mais fingir, não para si mesma.

– Não – sussurrou, de forma quase inaudível.

– Então, Lizandra, não nos resta outra alternativa, senão nos afastarmos de vez.

– Mas eu o amo...

– Não ama, não. Você está apenas magoada, ferida, sentindo-se humilhada em sua feminilidade. Se puser de lado o orgulho, vai ver que tenho razão.

– Você não pode falar por mim. Não sabe o que estou sentindo.

– Tem razão, não sei. Mas posso falar por mim. Não é minha intenção magoá-la, mas a verdade é que não amo você. Amo minha mulher. Querendo ou não, você vai ter que aceitar isso. Ou acha que pode me obrigar a gostar de você?

Ele disse isso sem qualquer agressividade na voz, apenas com uma espontaneidade que a assustou mais do que tudo. Era aquilo mesmo que ele

pensava, no que acreditava, o que queria. Como poderia ela forçá-lo a continuar um romance que ele não desejava mais? Para ela, seria ainda mais degradante saber que mantivera o amante à custa de chantagem e ameaça. Ela não merecia isso, não precisava se sujeitar a tamanha humilhação.

– Não precisa mais se preocupar comigo – afirmou ela, ostentando uma altivez superficial, mas convincente. – Não vou mais incomodar você. Ou sua mulher.

– Está falando sério? – surpreendeu-se.

– Estou. Não preciso rastejar aos pés de um homem que não me quer. Também tenho minha dignidade.

– Não estou dizendo o contrário.

– Nem precisa. Entendi o recado e vou seguir com a minha vida. Espero que você encontre felicidade na sua.

– É só isso? – continuou, ainda mais abismado. – Sem ressentimentos?

– Sem ressentimentos. Só lembranças.

Ela falava sério. Depois de tudo o que ouvira, não pretendia mais dar chance ao destino de humilhá-la novamente. Daria um jeito de refazer seu casamento, centraria a atenção no filho, que ainda era criança e precisava dela. Queria ser boa mãe. Rodrigo merecia isso. E ela também.

Capítulo 13

Parado na porta diante de Ítalo, Wilson segurava no colo uma Nina trêmula e assustada. Assim que avistou sua dona, a gata deu um salto e atravessou a sala correndo, indo esfregar-se nas pernas de Larissa.

– Por onde você andou, Nina? – questionou a menina, pegando-a no colo. – Procurei por você o dia inteiro.

– Estava presa no galpão dos fundos – avisou Wilson. – Isabela ouviu um miado e, quando fomos ver, era ela. Acho bom dar-lhe água e comida. Ela deve ter ficado presa lá o dia inteiro, no calor.

– O que foi que você aprontou, hein, sua gata danada? Quer me matar de preocupação?

Antes de seguir com Nina para a cozinha, Larissa lançou uma olhada de soslaio para Roberta. Tinha certeza de que aquilo era obra dela.

– Você está exagerando – comentou Priscila mais tarde, quando se juntou à filha.

– Será, mãe? A dona Surtada não esconde de ninguém que detesta gatos.

– Sim, mas fazer uma maldade dessas? Isso já é demais. Aquele galpão é um forno, apanha sol o dia inteiro. Será que ela ia colocar a gatinha lá para cozinhar, de propósito?

– Você duvida? Mesmo sendo ela quem é? E a Nina está machucada. Olha só aqui – e exibiu as costas da gata, que tinha um pequeno calombo. – Não posso nem tocar, que ela chora. Deve estar doendo. Aposto que a dona Surtada deu uma bengalada nela.

– Não se pode acusar ninguém sem provas. E depois, dona Roberta não conseguiria levar a Nina para o vizinho sem que ninguém visse.

– É claro que conseguiria! Com todo mundo ocupado na padaria, seria muito fácil atravessar o quintal sem ser vista.

Por mais que Priscila desse razão à filha, não podia dizê-lo abertamente, ou acabaria provocando uma guerra declarada entre a filha e a sogra.

– Melhor deixar isso para lá – aconselhou ela. – A Nina está bem.

– Ela pode ter fraturado algum osso.

– Menos, Larissa. Ela agora só precisa de conforto e carinho. Leve-a para a cama com você. Amanhã, ela vai estar melhor.

Mesmo a contragosto, Larissa obedeceu. Queria que André estivesse ali com ela, para ajudá-la a acalmar Nina. A gata estava tranquila, mas a presença do amigo dava forças a Larissa que, apesar de decidida, sentia-se mais segura ao lado dele.

Já na cama, com Nina enroscada nela, Larissa adormeceu rapidamente. Priscila aguardou ainda alguns minutos, acariciando os cabelos sedosos da filha, até que, convencida de que ela dormia, retornou para a sala. No corredor, notou o silêncio que se espalhava pela casa, imaginando se Ítalo e Roberta haviam adormecido no sofá.

Ao se aproximar um pouco mais, o silêncio deu lugar a sussurros, que fizeram com que ela apurasse os ouvidos, na tentativa de captar alguma coisa. O marido e a sogra, na certa, cochichavam sobre Larissa. Priscila apertou o passo, pronta para sair em defesa da menina, quando as vozes abafadas se elevaram subitamente:

– Não admito que fale assim da minha mulher! – era Ítalo, visivelmente zangado. – Priscila não é como você está pensando.

A resposta veio inaudível, mas Priscila sabia que Roberta a acusava de

alguma coisa. A raiva deu uma espetadela em seu coração, preparando-a para o inevitável embate. Pronta para irromper sala adentro, Priscila chegou a dar os primeiros passos, parando antes de alcançar o limiar da porta. Precisava aprender a ser mais esperta. Em vez de brigar, conhecer o inimigo talvez fosse uma estratégia mais interessante. Oculta atrás da parede, sem emitir nenhum ruído, apurou os ouvidos e focou a atenção no que estava sendo dito.

– Você é muito ingênuo – dizia Roberta, em tom de pura malícia. – Não vê que esse tal de Wilson sempre arranja uma desculpa para vir até aqui? Numa hora é o filho, noutra, a gata. O que mais ele vai inventar?

– Quem está inventando é a senhora. Conheço Wilson há anos. E Priscila é minha mulher...

– Que já era amiga dele antes de vocês se casarem. Nunca se perguntou de onde vem tanta amizade?

– Deixe de ser maliciosa! Cansei de lhe dizer que somos todos amigos.

– Até a amizade há de ter um limite.

– Por favor, mãe, não insista mais nesse assunto. A senhora não sabe o que está falando.

– Sei muito bem. Não se iluda, meu filho. Homem que vive atrás de mulher casada só pode querer uma coisa, e não é amizade. Aí tem...

– Tem o quê, dona Roberta?

Não conseguindo mais conter a indignação, Priscila saiu de seu canto, esforçando-se para não colocar a sogra para fora de sua casa.

– Deu para ouvir atrás das paredes agora, é? – repreendeu Roberta, que levava um susto. – Que coisa feia!

– Feio é a senhora, na minha casa, fazer intriga minha com o vizinho. Está querendo me envenenar, para estragar meu casamento?

– Tenha calma, querida – intercedeu Ítalo, conciliador. – Mamãe não falou sério. Não é, mamãe?

– Pior ainda. Se esse absurdo fosse sério, seria um equívoco, um mal-entendido. Não sendo sério, é maledicência pura, um ato deliberado e maldoso.

– Você se melindra à toa – defendeu-se Roberta. – Não a acusei de nada. Eu só acho que não fica bem esse homem viver atrás de você.

– Ele não vive atrás de mim. Vem aqui de forma desinteressada, como fez a vida inteira.

– Ele nos convidou para comermos pizza amanhã – retorquiu Ítalo, tentando mudar de assunto e arrefecer os ânimos. – O que acha, querida? Estão com um forno novo na padaria, que é um sucesso. Puseram até algumas mesinhas...

– É claro que iremos! – exclamou Priscila, para surpresa de Roberta. – Assim, a senhora poderá nos observar mais de perto com seu olhar viperino. Quem sabe não se engasga com um pedaço de pizza, morde a língua e morre do próprio veneno?

– Priscila! – horrorizou-se Ítalo.

– Deixe, meu filho. É assim que sua mulher gosta de mim.

– Posso ter exagerado – tornou ela, meio arrependida. – Mas a senhora me tira do sério.

– Se não sou bem-vinda nesta casa, posso muito bem ir para um asilo – provocou, tentando fazer-se de vítima. – Com minha pensãozinha, talvez consiga pagar um lugar razoável, onde não seja maltratada.

– De jeito nenhum, mamãe! – objetou Ítalo, estupefato. – Seu lugar é aqui, com a família.

– Não creio que sua mulher me considere da família. Outro dia mesmo,

ela me disse isso.

– Se disse, foi num impulso – desculpou-se, embaraçado. – Aposto que não foi o que ela quis dizer.

– Foi isso mesmo. Mas não faz mal. Estou me acostumando a ser escorraçada.

– Priscila não vai escorraçá-la, não é Priscila?

– Eu estou entendendo bem, ou essa conversa mudou de rumo? – indignou-se Priscila, que, por um tempo, limitara-se a acompanhar o diálogo dos dois, só para ver onde ia parar. – Acorda, Ítalo, não vê o que ela está tentando fazer? Quer inverter a situação e colocar você contra mim, me fazendo passar por megera.

– Viu só, meu filho? É assim que ela me vê: como uma megera.

– Não foi isso que eu disse! – irritou-se. – Mas, pensando bem, como se chama alguém capaz de maltratar uma gatinha inocente, inventar mentiras sobre a nora e ainda se fazer de coitadinha?

– Ah! Quer dizer que agora também sou culpada do desaparecimento da gata. O que mais? Será que também tenho participação na Lava Jato?

– Não duvido nada...

– Muito bem, agora chega – repreendeu Ítalo. – Estamos todos com os ânimos alterados. Acho melhor irmos dormir e deixar essa conversa de lado. Quem sabe, amanhã, todo esse mal-entendido já não terá sido esquecido? Vamos, Priscila. Boa noite, mamãe.

Saiu, arrastando a mulher pelo braço. Priscila deixou-se conduzir passivamente. Sentia tanta raiva que nem queria mais reagir, com medo de acabar cometendo uma loucura. Por pouco não esbofeteou a sogra, o que poderia ainda lhe valer um processo por maus-tratos a idosos. E ela não era assim. Não era essa sua índole. Não podia permitir que Roberta despertasse

nela seu lado mais sombrio.

O mesmo não se dava com Roberta. Cada vez mais, ela se comprazia em infernizar a vida de Priscila e de Larissa. Wilson servia bem a seus propósitos. Ainda que ela, no fundo, não acreditasse que os dois fossem amantes, só insinuar isso para o filho já a enchia de satisfação. Podia não ser verdade, mas dava uma boa intriga. Mesmo que Ítalo também não acreditasse na traição da mulher, uma intriga bem feita sempre plantava a semente da dúvida que, com sorte, poderia evoluir para a cizânia ou, quem sabe, a tragédia?

Roberta balançou a cabeça, para afugentar o pensamento indesejável. Tragédia não era o que ela queria. Reconhecia que tinha uma mente astuta, maquiavélica, uma habilidade com enredos mordazes, uma dissimulação natural. Tudo isso eram ferramentas de que ela dispunha para reaver o que lhe pertencia. Não fosse Priscila ter atravessado seu caminho quando resolvera se casar com Ítalo, ela não teria nenhuma necessidade de lançar mão de métodos traiçoeiros. No fundo, não tinha nada contra Priscila nem contra Larissa, a não ser o fato de lhe terem roubado seu bem mais valioso.

Sim, era por isso que as odiava e faria o possível para vê-las fora da vida de Ítalo. Mas uma tragédia... decididamente, não. Ela era ardilosa, não era assassina. Um pouco maldosa e cruel, talvez, mas não algoz nem desumana. Tivera sua quota de tragédia quando fora enfermeira. Vira muita desgraça, muito sangue, doenças, chagas. Cuidara de gente ferida a bala, facada, fogo. Mulheres espancadas, crianças molestadas, idosos desnutridos. De tudo, experimentara um pouco, mas o suficiente para compreender que violência e felicidade jamais poderiam caminhar juntas.

Uma coisa eram tapas e bengaladas, cuja finalidade era, tão somente, pedagógica. Ela não tinha receio de usar esse método quando se tratava de

ensinar as crianças ou de mostrar aos animais qual o seu devido lugar. Tampouco fazia segredo de sua intolerância à gata de Larissa, em quem desferiu mesmo uma bengalada. Mas só. Não foi ela quem trancou o animal no galpão do vizinho. Na certa, ao correr para lá, a gata esbarrou em alguma tranca e ficou presa. E quem levou a culpa? Ela, óbvio.

Como sempre, tudo o que acontecia de ruim naquela casa, desde que ela ali chegara, era culpa dela. Isso, contudo, não a incomodava. Deixando de lado a violência e a tragédia, havia outros meios de alcançar o que queria.

Capítulo 14

Passava um pouco das oito da noite quando Larissa entrou correndo na padaria, que agora se transformara em pizzeria, seguida pelos pais e por Roberta. As mesas estavam quase todas ocupadas, e um cheirinho gostoso de pizza se espalhava por todos os cantos. Os fregueses pareciam satisfeitos e à vontade naquele ambiente acolhedor.

Assim que avistou Larissa, André correu ao seu encontro, abraçando-a com efusão. O que mais queria era mostrar a ela o novo negócio do pai.

– Entende agora o que eu digo? – Roberta sussurrou ao ouvido de Ítalo, apontando as crianças com o queixo. – Com o pai que tem, esse menino não podia sair boa coisa.

O olhar de Ítalo foi de reprovação e de alívio, pois Priscila não havia escutado o comentário. Ele não disse nada. Cumprimentou os amigos com o abraço fraterno de sempre. Quando Wilson abraçou Priscila, Roberta deu uma cutucada nas costelas dele, dirigindo à nora e ao amigo seu sorriso mais maldoso.

– Ficou muito bonito, Wilson – admirou-se Priscila.

– O movimento cresceu bastante, não? – observou Ítalo, olhando ao redor. – Casa cheia, pelo visto.

– Vocês nem imaginam – concordou Isabela, olhando ao redor para ver se alguém precisava de alguma coisa. – Estamos dando um duro danado. Para pagar as contas, tivemos que despedir o único empregado que tínhamos. Somos apenas nós, para cuidar de tudo.

– Por isso, peço que vocês não reparem se, de repente, tivermos que deixá-los para atender alguém – avisou Wilson.

– É claro que não, Wilson, imagine! – disse Priscila. – Afinal, o freguês tem sempre razão, não é?

– Somos amigos há muito tempo – acrescentou Ítalo. – Entre nós, não tem frescura.

– Não mesmo. Agora, venham por aqui. Reservei uma mesinha especial para nós.

Duas mesas foram postas juntas, perto da janela, a fim de dar espaço para sete lugares. Depois que todos se acomodaram, Wilson surgiu com uma garrafa de champanhe; e uma de guaraná, para as crianças.

– Precisamos brindar! – exclamou, enchendo as taças, que Isabela ia passando de mão em mão. – Ao sucesso!

– Ao sucesso! – repetiram todos.

Foi uma noite agradável, apesar das constantes ausências dos anfitriões, que se revezavam para atender os clientes. Houve momentos em que até Priscila e Ítalo se ofereceram para ajudar, servindo pratos, recolhendo travessas, conferindo o troco. Tudo era novidade, motivo de diversão e alegria. Quando, finalmente, o último cliente saiu, Wilson fechou as portas, dando por encerrado o movimento.

– Ufa! – desabafou, em tom de gracejo. – Finalmente, descanso.

– Foi uma noite incrível! – elogiou Priscila. – Adorei ajudar vocês.

– Sério? – tornou Isabela. – Tive medo de estar abusando da boa vontade de vocês.

– De jeito nenhum! Foi muito divertido.

– Também achei – concordou Ítalo.

– Se você gostou mesmo, Priscila, por que não vem trabalhar com a

gente? – sugeriu Wilson. – É nossa amiga, pessoa de inteira confiança. No começo, não poderíamos lhe pagar muito, mas você não precisaria ficar aqui o dia todo. Só nas horas de maior movimento, para dar uma força no caixa, quem sabe?

Nesse momento, Roberta quase se delatou. Durante toda a noite, pouco falara além de monossílabos inexpressivos. Mantinha a cabeça baixa, mas a atenção circulava por todo o ambiente ao redor. Em pequeninas garfadas, ia comendo lentamente, disfarçando um apetite voraz, ávido pelas guloseimas que não se permitia degustar. Contudo, não conseguiu permanecer impassível diante do convite de Wilson. Deu uma cotovelada nas costelas de Ítalo, que, com a surpresa, por pouco não deixou escapar um grito.

– O que está fazendo, mamãe? – ralhou, baixinho, em seu ouvido. – Fique quieta, por favor.

Ela se remexeu na cadeira, visivelmente incomodada com a repreensão de Ítalo. Olhou de soslaio para Priscila, que praticamente a ignorava, ocupada que estava em olhar para Wilson.

– A proposta é tentadora – anunciou ela, para horror de Roberta. – Mas preciso pensar.

– Se é pelo baixo salário, garanto que será uma situação provisória – assegurou Wilson. – Não é nossa intenção fazer você trabalhar de graça...

– Não se trata disso – cortou Priscila, rapidamente. – Somos amigos, salário é o de menos. Só não sei se daria conta.

Ítalo pigarreou, atraindo para si as atenções.

– Por que não faz uma experiência, meu bem? – aconselhou. – Você sempre gostou de ter o seu dinheiro, e a costura não está dando para nada.

– Não precisa ter pressa – argumentou Isabela. – Pense bem, e depois nos diga.

– Farei isso. Mas antes, preciso agradecer a vocês por se lembrarem de mim.

– Não foi nada – contrapôs Wilson, sem jeito. – Somos todos amigos...

– Certo, gente, só que agora está tarde – disse Ítalo, consultando o relógio. – Amanhã é segunda-feira, dia de trabalho e de escola. Não é, Larissa?

– Antes de vocês irem, posso mostrar meu novo jogo do Batman à Larissa? – André quase implorou. – Por favor, tio Ítalo, só um instantinho.

– Deixe, papai – Larissa também implorou. – Vocês conversaram a noite inteira. Agora é a nossa vez. Só um pouquinho, vai...

– O que você acha, Priscila? – ele se dirigiu à mulher.

– Acho que alguns minutos não farão mal. São dez e vinte e cinco, Larissa. Às onze, vamos embora.

– Beleza!

Os dois se levantaram correndo, disparando pela porta de trás, em direção à casa, nos fundos. À exceção de Roberta, ninguém mais parecia se preocupar com o fato de que não ficava nada bem os dois saírem para brincar sozinhos. Todos agiam como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Ela, porém, não conseguiria permanecer indiferente àquele absurdo, colaborando, com o seu silêncio, para o desvirtuamento moral das duas crianças.

– Não me levem a mal – começou ela, interrompendo a conversa dos demais –, mas vocês acham normal um menino e uma menina sozinhos no quarto, sem supervisão de um adulto?

– Não precisa se preocupar, dona Roberta – Isabela respondeu prontamente. – Os dois são muito bonzinhos e educados. Tenho certeza de que não vão fazer nenhuma besteira.

– De que tipo de besteira você está falando?

Os quatro a encararam ao mesmo tempo, recusando-se a crer na maldade que ela insinuava.

– Ora, do tipo que toda criança faz – continuou Isabela, tentando não dar a ela oportunidade de expressar sua malícia. – Espalhar coisas, quebrar objetos, desarrumar o quarto... enfim, bagunça.

– Na minha época, menino não brincava com menina. Muito menos ficavam sozinhos, e ainda mais no quarto.

– Sua época já passou, dona Roberta – comentou Priscila, ironicamente. – Hoje em dia, ninguém liga mais para certas coisas. E depois, eles são crianças.

– É de pequenino que se torce o pepino.

– A senhora adora clichês, não é mesmo? – Priscila não conseguia conter a irritação. – Tem sempre uma frase feita para qualquer ocasião.

– Não sei o que você quer dizer com isso. Eu me preocupo, é só. Depois, quando o estrago estiver feito, não digam que não avisei.

– Que estrago? São só crianças, pelo amor de Deus! E se conhecem desde que nasceram.

– Mais um motivo. Muita intimidade para um casal tão jovem. Já imaginaram essa intimidade daqui a alguns anos?

– O que é que tem, mamãe? – Era Ítalo, também irritado. – Eles vão continuar sendo amigos.

– Ou não...

– Do que a senhora tem medo? – tornou Priscila, indignada. – De eles transarem?

Roberta enrubesceu, mas não se deu por vencida:

– Você mesma disse.

– Ora, francamente, dona Roberta! – acrescentou Priscila. – Como disse antes, ninguém liga mais para isso.

– Não acredito que você, como mãe, não liga que sua filha se entregue ao primeiro sujeito que aparecer.

– Meu filho não é “o primeiro sujeito que aparecer” – protestou Isabela, com um pouco de fúria. – É um menino ajuizado, muito responsável. E o melhor amigo de Larissa.

– Pelo visto, você também não se importa. E por que se importaria? Tem um filho homem.

– Isso mesmo – concordou Priscila. – E já que eu, que tenho filha mulher, não me importo, creio que o assunto está encerrado.

– Eles ainda são crianças, mãe – Ítalo contemporizou. – Quando chegar o momento, a gente pensa nisso.

– Pode ser tarde demais.

– Já passou pela sua cabeça que eles podem vir a ser namorados? – continuou Priscila. – E que namorados transam?

– Se você acha normal crianças transarem, então não está mais aqui quem falou.

– Ótimo. Se quem falou não está mais aqui, então não temos mais que falar sobre isso.

– Acho melhor a gente se despedir – propôs Ítalo. – Está ficando tarde.

– Também acho. Não vale a pena estragarmos uma noite maravilhosa com discussões inúteis.

– As crianças ainda devem estar jogando – alertou Wilson. – Você disse onze horas.

– Já são quase onze – anunciou Priscila. – É só chamar, que Larissa desce. Isto é, se eu não estiver interrompendo alguma coisa...

O tom era de escancarada ironia. Priscila não aguentava mais a intromissão maldosa da sogra nos assuntos da sua família. Roberta queria mandar, mas ela nunca permitiria.

Mais tarde, já na cama, Ítalo ponderou:

– Acho que você não devia ter falado daquele jeito. Minha mãe não gostou.

– E eu gostei, Ítalo? Acha que é bom ouvir sua mãe insinuar que nós e nossos amigos não prestamos?

– Ela nunca disse isso.

– E precisa? Sua mãe, aos poucos, está pondo as asinhas de fora. Está se revelando cruel, dominadora e maldosa.

– Ela é idosa.

– E daí? Isso não lhe dá o direito de ser desagradável e se intrometer na nossa vida.

– Tenha paciência com ela, Priscila, é só o que lhe peço.

– Só me faltava você ficar do lado dela. Não é possível que não tenha percebido o que ela está fazendo.

– Ela é desagradável, não nego. Também eu não gosto das coisas que ela fala. Brigo sempre com ela, chamo sua atenção. Mas ela é velha, teve outra criação.

– Entendo isso. O que não entendo, e não aceito, é ela achar que tudo tem segundas intenções. Primeiro acha que Wilson e eu temos um caso. E agora, as crianças até já transam?!

– Não foi isso o que ela disse...

– O problema é que ela nunca diz nada. Leva os outros a dizerem por ela. Pense bem, Ítalo. Sua mãe está provocando discórdia na nossa casa.

– Ela não faz por querer...

– Não a defenda mais, por favor, ou acabaremos brigando, e é exatamente isso que ela quer.

– Você está exagerando. Por que minha mãe haveria de querer que brigássemos?

– Ela não gosta de mim. Quer você só para ela.

– Que bobagem. Minha mãe sabe que eu amo você.

– Sabe mesmo? Duvido. Ela pensa que pode competir comigo.

– Competir com você? Mas o que é isso agora? Ciúmes da minha mãe?

– Ela é que morre de ciúmes de mim e da Larissa. Faz questão de me lembrar que Larissa não é sua filha.

– Minha mãe sabe que gosto de Larissa como se fosse minha filha de verdade.

– Esse talvez seja um dos problemas. Ela não aceita você tratar como filha a filha de outro homem.

Durante alguns minutos, ele permaneceu pensativo, até que avaliou:

– Talvez você tenha razão. Minha mãe sempre foi dominadora e controladora. Talvez esteja estranhando o fato de que não pode mandar em nossa casa.

– Isso jamais irá acontecer! Por favor, Ítalo, nunca a deixe pensar que tem esse poder. Sua mãe é uma pessoa difícil, você sabe.

– Eu sei. Mas será que podemos deixá-la de lado por um momento? Preciso de você.

A troca de carícias afastou Roberta, momentaneamente, dos pensamentos de Priscila. A recíproca, no entanto, não acontecia. Sozinha em seu quarto, Roberta remoía os últimos acontecimentos, imaginando o teor da conversa que os dois mantinham na cama. A seus ouvidos chegavam apenas murmúrios indiscerníveis, sons indistintos abafados pelas paredes,

impossíveis de precisar, mas não de deduzir. Falavam dela, com certeza. E, com certeza, Ítalo a defendia.

O volume das vozes, que ora se elevava, ora diminuía, mantinha sua atenção tão aguçada que afugentou o sono para lá da madrugada. Ela queria tanto escutar a conversa que chegou a se levantar, indo postar-se diante da alcova do filho, o ouvido grudado na porta, pronto para captar as palavras malditas da nora e reuni-las em sua própria trama perversa. Ou então, o que seria melhor, aproveitar-se da defesa de Ítalo para mostrar que a nora nunca seria mais importante do que ela.

Apesar dos esforços, não conseguiu distinguir nada além de um verbo ou substantivo escassos, insuficientes para que ela montasse sua história. Cedendo mais ao cansaço do que à frustração, acabou desistindo da infame vigília e retornou ao quarto, as pernas exaustas de manter o peso do corpo sem o auxílio da bengala, cujo *toc, toc* reverberando no soalho bem poderia delatar sua presença.

O esforço de caminhar sem apoio quase levou sua determinação. Por pouco, ela não se entregou ao sono, deixando passar a oportunidade de exibir sua vitória. Teria adormecido, embalada pelo tédio das vozes que, aos poucos, iam se tornando inalteradas, até que, inesperadamente, silenciaram.

A alteração na frequência com que o som inundava seu cérebro rompeu com a monotonia, responsável pela sonolência. Roberta arregalou os olhos, fixando-os na escuridão vazia do aposento. Teria adormecido? O relógio na mesinha de cabeceira informava que apenas cinco minutos haviam se passado desde que ela retornara ao quarto. Agora, a casa toda parecia quieta. As vozes cederam espaço ao silêncio. Todos estavam dormindo.

Menos o filho e a nora. Mesmo sem ver, Roberta sabia que eles não

dormiam. Um rangido quase imperceptível, partindo do fim do corredor, foi suficiente para que ela deduzisse o que eles estavam fazendo. Seu coração encheu-se de raiva. Depois de todos os desaforos que ela fora obrigada a ouvir da nora, Ítalo ainda se mantinha ao lado dela. Sabia disso, porque os dois estavam se amando!

Capítulo 15

Aos poucos, Lizandra foi deixando de sofrer por causa de Danilo. Ainda sentia saudades dele, sonhava que o beijava, que estavam se amando. Acordava ofegante, sentindo na pele o roçar das mãos dele, mas logo percebia que não eram os dedos do amante que acendiam seu fogo, e sim os do marido. Entre a decepção e o desejo, ela deixava fluir o prazer daquele contato, entregando-se a Vítor com ardor, sem saber se era a ele ou ao outro que devia tamanha paixão.

A vida começava a retomar sua rotina, restabelecendo a harmonia dentro de casa. E, embora Vítor, por vezes, a olhasse com desconfiança, impondo entre eles um certo distanciamento, parecia deixar-se seduzir pelo interesse dela, dedicando-lhe mais atenção do que ela realmente merecia.

Não tardou para que a monotonia voltasse a incomodar Lizandra. Apesar de decidida a não mais se relacionar com outro homem além do marido, não podia abrir mão de se divertir. Logo retomou suas saídas, gastando seu tempo entre o shopping, a academia e o salão de beleza. Tudo isso sem descuidar muito da família.

O cachorro também não a incomodava tanto. Já estava até se acostumando com ele, apesar de ainda se aborrecer bastante cada vez que ele destruía alguma coisa. Billy recebia as broncas que ela lhe dava com resignação, mas sem medo, como se soubesse que merecia a reprimenda por ter feito algo errado.

– O Billy não tem mais medo de você, mãe – comentou Rodrigo, vendo

como o cachorro se aproximava de Lizandra para receber seus carinhos. – Sabe que você agora é amiga dele.

Ela não disse nada. Apenas sorriu com benevolência, esforçando-se para que aquela pretensa amizade se tornasse real. Ela acariciou a cabeça do cachorro, que se esparramou no chão, expondo o peito para que ela o afagasse ali. Rodrigo tinha razão. O cachorro aprendera a confiar nela e a demonstrar-lhe afeição.

Naquela manhã, como sempre, ela abriu a porta preparada para o pulo que Billy daria em cima dela, abanando o rabo e tentando lambe seu rosto. O animal tinha esse costume horrível, que ela não conseguia corrigir. Isso se repetia todas as vezes que ela entrava em casa. Não falhava nunca. Nem uma vez sequer, Billy deixou de recebê-la com seu costumeiro alvoroço. Por isso, foi com imensa estranheza que ela entrou em casa, já que o cachorro não apareceu.

– Billy! – ela chamou, pensando que ele talvez estivesse dormindo. – Vem cá, Billy. Cadê você? Acorda, preguiçoso.

Como ele não respondia, Lizandra começou a se preocupar. E se ele estivesse doente? Ou tivesse se machucado? Ou fugido? Rapidamente, ela afastou do pensamento a breve satisfação que aquelas ideias lhe proporcionaram. Pelo bem de Rodrigo, não podia permitir que elas se transformassem em esperança.

Talvez ele estivesse com Anita, na cozinha. Na certa, o cheiro de algum quitute o prendia lá. Sim, devia ser isso. De toda sorte, tinha que se certificar. Atravessou a sala imensa, olhando embaixo dos móveis, mas, como esperava, não o encontrou. Ia passando perto da mesa de jantar, quando o sapato deslizou sobre algo que tornava o chão mais liso do que normalmente era.

Ela olhou para baixo, seguindo o rastro de uma espuma branca, que contornava a mesa e ia morrer do outro lado da sala. Teve o pressentimento de que não ia gostar do que estava prestes a ver. E foi o que aconteceu. Ela engoliu em seco. Por pouco não desmaiou de horror. Para começar, os pés das poltronas haviam sido quase totalmente roídos, as lascas da madeira pulverizadas por todo o piso. Os estofados em *jacquard* foram feitos em tiras, espalhadas pela sala como trapos esfarrapados. E suas preciosas almofadas, de seda texturizada e de cetim em capitonê, sofreram uma estripação tão severa que mais pareciam corpos sem vísceras.

– Anita! – ela berrou, apavorada.

A empregada correu às pressas, pensando que alguma desgraça havia sucedido. Quando chegou à sala, teve confirmadas suas suspeitas.

– Dona Lizandra... – murmurou ela, levando as mãos às faces rubras. – O que foi que aconteceu aqui?

– O que aconteceu? Eu é que lhe pergunto: o que significa toda essa destruição?

– Não sei. Eu estava na cozinha, fazendo o almoço.

– Cadê o Billy?

– Não faço ideia. Não faz muito tempo, ele estava lá fora, no terraço.

– Billy! – ela gritou, tentando manter a calma. – Venha cá, Billy, estou chamando!

De cabeça baixa, o rabo entre as pernas, Billy, finalmente, apareceu, vindo do quarto de Rodrigo. Parecia envergonhado, arrependido da bagunça que havia feito.

– Olha a cara dele, dona Lizandra! – exclamou Anita. – Parece até que sabe que fez besteira.

– Não parece, não. Ele sabe. Isso se faz, Billy?

Sua vontade era dar uma surra naquele cachorro danado. Foi um custo conseguir se controlar. Billy tentou se desculpar à sua maneira. Sentou-se diante dela, ganiu baixinho, procurou sua mão para uma pequena lambida de reconciliação. Anita não foi capaz de conter o riso, mas Lizandra não conseguia ver onde estava a graça.

– Me desculpe, dona Lizandra, mas a cara dele está muito gozada.

– Gozada vai ser a surra que vou dar nele!

Anita calou-se, assustada. Mais adiante, o espírito de Moisés envolveu o cachorro num abraço etéreo, para tentar defendê-lo.

– Fique quieto – sussurrou ele, ao ouvido de Billy. – Se a megera tocar em você, revide. Dê-lhe uma dentada bem dada.

Embora o cão não fosse indiferente à presença de Moisés, não captava suas sugestões, que iam contra sua natureza dócil e meiga. O espírito encarava Lizandra com hostilidade, sacudindo os punhos fechados em sinal de ameaça, pronto para desferir-lhe um murro, caso ela se aproximasse mais.

Paralisada, Anita rezava baixinho, pedindo a Deus que domasse a fúria da patroa, evitando uma desgraça. Em contrapartida, Moisés sustentava a atitude ameaçadora, praguejando em voz alta, lançando fagulhas invisíveis na direção dela. Como o poder da oração é mais forte, capaz de neutralizar os entraves energéticos que tentam impedir a fluência das vibrações do bem, Anita conseguiu desmanchar as faíscas que o espírito atirava sobre Lizandra na forma de dardos venenosos.

Foi graças ao apelo da criada que a mente de Lizandra se clareou, fazendo ressurgir, do fundo de seus pensamentos, as palavras do filho, tão cheias de alegria, que ela não foi capaz de ignorá-las: “O Billy não tem mais medo de você... Sabe que você agora é amiga dele”.

Que espécie de amiga era ela, que não levava em conta os sentimentos do próprio filho?

– Você não é amiga de ninguém – rugiu Moisés, que interceptou seu pensamento. – É uma falsa, fingida, dissimulada. Está doida para dar um jeito de sumir com o cachorro.

– Venha cá, Billy – chamou ela, estendendo a mão para ele, que chegou para perto a cabeça, colocando-a ao alcance do afago de Lizandra. – Você não devia ter feito isso, viu? Foi muito feio.

Inteligente como era, Billy intuía a extensão de seu ato. Com os olhos, acompanhou a direção em que ela apontava. Vendo a destruição que causara, lambeu a ponta de seus dedos, as orelhas caídas em sinal de submissão, de respeito, de arrependimento.

A reação dela deixou Moisés meio apalermado, principalmente porque Billy se derretia ante a doçura de sua voz, onde apenas ele parecia reconhecer o fingimento.

– Não se deixe enganar, meu amigo – falou ele com tristeza, acariciando a barriga do cachorro por debaixo da mão de Lizandra. – Você pode ser amigo dela, mas ela será sempre sua maior inimiga.

Se Billy escutava, não compreendia. Naquele momento, os carinhos da mulher favoreciam a confiança, reforçando os laços de amizade que ele, na inocência própria dos “irracionais”, acreditava existir. Lizandra também acreditava nisso. Estava firmemente convicta de que agora era capaz de administrar a têmpera, segurando os impulsos antes que eles se tornassem ações avassaladoras.

– Graças a Deus, dona Lizandra, que a senhora se conteve – comentou Anita, mal conseguindo disfarçar o alívio. – O pobre não tem culpa de ser cachorro.

Ela encarou a empregada, balançando a cabeça em sinal de assentimento, e retrucou de um jeito meio frio, meio enigmático:

– Não, Anita, não tem.

Novamente em luta consigo mesma, Lizandra entrou no quarto. Parecia que um diabinho se digladiava com um anjinho, cada um soprando conselhos diferentes em cada ouvido. Será que estava ficando louca? Não era possível que um simples cachorro tivesse o poder de desequilibrar sua sanidade. Afinal, o que estava acontecendo com ela?

Se ela pudesse, veria o vulto sombrio encostado na porta do quarto. Moisés não era um espírito ruim, contudo, estava a tal ponto envolvido com Billy, que qualquer coisa que pudesse ameaçá-lo imediatamente erguia, a seu redor, uma aura de revolta que se fazia refletir no campo emocional de Lizandra, dada a incapacidade dela de se conectar com energias mais sutis.

O resultado da indignação de Moisés foi uma forte dor de cabeça, que a visitava com frequência, desde que ela trouxera o cachorro para casa. Nem de longe ela era capaz de fazer tal associação, se bem que Moisés também não fosse. Ela não sabia estar sendo bombardeada pela raiva de um espírito, e este desconhecia seu poder.

Momentos depois, quando um ruído de algazarra chegou até o quarto, Lizandra abriu o chuveiro. Precisava esfriar a cabeça antes de encontrar o filho, que acabava de chegar da escola.

– Esfrie o quanto quiser – disse Moisés. – Só não se meta com o cachorro. Ou vai se ver comigo.

Quando ela começou a se despir, ele não quis mais ficar. Era um indigente morto e revoltado, mas era uma pessoa decente. De olhos fechados, virou as costas e saiu.

Capítulo 16

O diabo não dorme nem tira férias. Não se descuida, não enfraquece, não desiste. É persistente, tenaz, astucioso. Se não pode atacar de frente, dá a volta pelo lado até encontrar um ponto fraco por onde possa se infiltrar. O diabo é paciente, calculista, gosta de seduzir com a mentira, a ilusão. Porque o que o diabo mais sabe fazer é enganar, transformando a realidade numa sombra moldada de prazeres, que afasta a razão e traz para perto o êxtase provocado pelas falsas certezas, pelas conquistas fáceis e pela ilusão maior do poder.

Assim também o anjo. Ele não dorme nem tira férias; não se descuida, não enfraquece, não desiste. Só que o anjo não ataca. Ele protege, ajudando a erguer a fortaleza do discernimento, que mantém indene a razão. Para o anjo, não existem pontos fracos, apenas potenciais que ainda não foram desenvolvidos. E, como ele também é paciente, trabalha para transformar toda aptidão para o bem em um escudo de luz e uma espada de amor. São essas as armas que ele levanta para defender a verdade, combatendo as sombras que obscurecem a mente e o coração.

Céu e inferno são alegorias originadas da imaginação humana, que precisou criar, no mundo externo, um lugar de luz ou de sombra capaz de refletir seu próprio universo interior. São criações mentais tão poderosas que se consolidaram fora da matéria, resultado da soma de crenças semelhantes, que buscam conforto ou castigo após a morte.

Céu e inferno dividem o reino da mente humana, colocando anjo e

demônio como senhores absolutos de cada parte sob seu domínio. Não existe quem não possua, ainda que escondido no recôndito mais profundo de sua essência, esse governo dividido, ditando regras e conselhos.

Ninguém pode viver sem um e outro. Os dois são necessários ao equilíbrio do pensamento e da emoção. Quanto mais o diabo avança, mais intolerante, violenta e perversa se torna a pessoa. Sozinho, o anjo retira a agressividade natural que, bem direcionada, fornece o elemento que impulsiona o homem ao desenvolvimento.

Buscar esse equilíbrio é um dos grandes desafios do ser humano. Não se pode rejeitar o diabo nem recusar o anjo. O diabo não é o malvado; o anjo não é o bonzinho. Cada um deles é apenas um aspecto de algo muito mais profundo, implacável e assustador: a consciência.

Todos os dias, Lizandra se via em luta com seu diabinho e seu anjinho particulares, tentando, a todo custo, equilibrar seus pensamentos, de acordo com os ditames da consciência. Não era fácil. Sentia falta de Danilo, irritava-se com o cachorro e não podia descontar em nenhum dos dois. Obrigava-se a conviver com a ausência do amante e as diabruras do cão.

– Aonde é que vocês vão? – indagou ela ao marido e ao filho, deitada no sofá com uma forte dor de cabeça.

– Levar o Billy ao parque de cães – respondeu Rodrigo, atando a coleira ao pescoço do cachorro.

– Parque de cães? Que novidade é essa?

– Descobri um parque aqui perto onde os cachorros ficam soltos – esclareceu Vítor. – Vamos levar o Billy lá para brincar.

– E eles não fogem?

– Dificilmente. É uma área cercada.

– Não quer vir com a gente, mamãe?

- Hoje não, meu filho. Estou com uma enxaqueca terrível.
- Quer que eu traga algum remédio? – Vítor perguntou.
- Não precisa, já tomei.
- Se está tudo bem, então, vamos indo. Quanto mais tarde, mais quente.
- Hum, hum... Mas espere, Vítor! E o adestrador? Você não ficou de arranjar um?
- Ainda estou procurando.
- Tudo bem.

Assim que a porta se fechou, Lizandra abriu os olhos. O remédio parecia estar começando a fazer efeito, já que a dor diminuía. Na verdade, a dor era resultado da influência de Moisés que, ao sair atrás de Billy, romperá o elo energético que mantinha com Lizandra.

Cerca de dez minutos depois, a dor havia sumido por completo. Ela se levantou do sofá e foi para a cozinha, onde preparou um copo de limonada, para espantar o calor. A bebida gelada lhe fez bem. Uma brisa fresca soprava do terraço, apesar do sol, esparramado por todos os cantos.

Apoiada no portal, para refrescar-se com o vento, ela bebia o refresco, enquanto analisava as condições do terraço. Precisava de uma pequena reforma. O deque da piscina tinha um rombo, que Billy abria de tanto morder. Os pés das cadeiras estavam roídos, as almofadas tinham marcas de dentes. Nem a rede se salvara, já que Billy puxara tanto as franjas que a maior parte havia se soltado do tecido.

Para não se aborrecer, ela voltou para dentro, tentando não prestar atenção à água que ele entornara da bacia e se espalhava pelo piso da cozinha, misturada com a terra que ele cavoucava dos vasos, onde enterrava seus ossos. Na área de serviço ao lado, folhas de jornal sobrepostas e amassadas escondiam as fezes e a urina, cujo odor era impossível disfarçar.

Ainda mais essa. Sábado, sem a Anita, não tinha quem limpasse a sujeira do cachorro, o que acabava sempre sobrando para ela. Como detestava aquilo!

Retornou para a sala, onde o caos a deixou ainda mais irritada, sobrepondo-se à fraca determinação de não se irritar. Brinquedos parcialmente comidos jaziam espalhados pelo chão, infestando tudo de baba e sujeira. Almofadas remendadas, um pouco de recheio aqui e ali, espalhado pelo vento e que Anita não vira. Dois pés da mesa comidos, o sofá cheio de marcas de patas, o fio do telefone quase partido por uma dentada.

Lizandra não aguentava mais. Estava indo além de seu limite. Amava o filho, não queria que ele sofresse, muito menos que ficasse magoado com ela. E agora que reconquistava o marido, não queria fazer nada que o desgostasse. Mas não era justo ela passar por tudo aquilo só para manter os outros felizes. E a felicidade dela, onde ficava?

– Não fica – disse para si mesma. – Mas enfim... Só se o cachorro sumisse. Ele podia fugir ou sofrer um acidente...

Horrorizada com tão macabro pensamento, ela sacudiu a cabeça, para espantar a tentação do demônio. Procurou centrar-se nas coisas boas que advinham daí. Aturar o cachorro não era um preço muito alto para estar em paz com o filho e o marido. Isso era o mais importante, era no que ela precisava se concentrar. Sua prioridade, agora, era a família.

Mais tarde, quando os três voltaram do tal parque, ela os recebeu com a mesa posta para um almoço especialmente feito para o marido e o filho. Queria se redimir de sua própria sordidez.

– Que bom! – exclamou Rodrigo. – Estou morrendo de fome.

Sentaram-se, com o cachorro ao lado, lançando ao filho um olhar de pidão. Rodrigo lhe passava pedaços de frango e batata frita, que ele comia com gosto.

– Você não devia dar isso para o cachorro – observou Lizandra. – Pode fazer mal a ele.

– Não faz, não – objetou Rodrigo, atirando uma batata no chão. – Se a gente come, ele também pode comer.

Ela sorriu, sem o contrariar, uma ideia súbita despontando no fundo de sua mente.

– E que tal o parque? – indagou, com interesse.

– Muito bom – respondeu Vítor. – Os cachorros ficam soltos e se divertem.

– Eles não brigam?

– Não, né, mãe! Cachorro brabo não pode entrar.

– Ainda bem. E fica longe daqui?

– Não.

– Dá para ir a pé?

– Nós fomos – disse Vítor. – Por quê?

– Estive pensando... Talvez me faça bem dar umas caminhadas com o Billy.

– Você não faz academia todo dia?

– Faço. Mas caminhar é sempre bom. E Billy não precisaria esperar Rodrigo chegar da escola para levá-lo à rua.

– Boa ideia, mãe! O Billy vai adorar sair com você. Não é, Billy?

O animal respondeu com um latido contente. Ouvindo a alegria dele, que provocava a do filho, ela sentiu um aperto no coração. Como pudera pensar em desfazer-se do cachorro, maior responsável pela alegria do filho? Decididamente, ela não podia. Jamais faria isso.

Levá-lo para passear todos os dias era uma maneira de demonstrar aos dois homens de sua vida o quanto ela havia mudado. Tinha certeza de que

isso os impressionaria, faria com que eles nunca mais duvidassem de que ela era boa esposa e mãe. E, quem sabe, ela não gostaria de passear com Billy? Talvez ele lhe mostrasse um prazer que ela ainda não sentira, mas que muita gente parecia sentir. Era hora de ela demonstrar que também podia agir como qualquer pessoa e ser dona de um cão.

Capítulo 17

Logo na segunda-feira, Lizandra deu início ao novo projeto. Mal chegou da academia, atou a coleira no pescoço de Billy e saiu com ele. Foi preciso muita força para dominá-lo. Indisciplinado, ele puxava a correia, disparando na frente dela feito um lobo selvagem, obrigando-a a andar depressa para não ser arrastada.

– Decididamente, você precisa de um adestrador, Billy – reclamou ela, dando um puxão na coleira. – Se não, quando crescer, ninguém vai conseguir segurar você.

Aos trancos e barrancos, ela concluiu o passeio, quase arrependida de ter tido aquela ideia, os braços doloridos de tanto puxar a guia. Fora apenas uma volta no quarteirão, mas a deixara esgotada. Se continuasse assim, não sabia por quanto tempo conseguiria manter a determinação.

No dia seguinte, foi a mesma coisa, e, no outro, também. A falta de disciplina dele a estava cansando. Ele puxava, ziguezagueava de um lado para outro, queria escolher que caminho seguir. Lizandra não andava, praticamente corria atrás dele. Parecia um trem desgovernado.

Quando ele parou para cheirar uma árvore, ela deu um suspiro de alívio. O calor fazia brotar gotículas de suor em sua testa, que ela limpou com o punho. Devia ter trazido um lenço de papel. Um puxão na guia deu sinal de que ele havia terminado. Olhando para baixo, Lizandra sentiu a repulsa que sempre experimentava toda vez que ele fazia cocô. Ela olhou de um lado a outro, para ver se havia alguém observando-a. Se não houvesse ninguém,

simplesmente ignoraria a sujeira e iria embora. Mas um casal de idosos vinha se aproximando, e o velhinho já olhava para ela com ar de reprovação.

Querendo demonstrar que era uma pessoa civilizada, ela afrouxou a coleira e retirou um saquinho plástico do bolso da bermuda, com o qual recolheu as fezes do cachorro, tudo sob o olhar vigilante do casal, que, embora fingisse não prestar atenção, estava pronto para censurá-la, caso ela não fizesse a devida limpeza. Como se entendesse o que se passava, Billy se sentou perto dela, aguardando que Lizandra terminasse, para poderem prosseguir com o passeio.

A atitude de Billy agradou-a imensamente. Era a primeira vez que ele ficava quieto. Talvez estivesse cansado ou com sede. De qualquer forma, a surpreendente quietude dele levou-a a afrouxar a correia, a fim de melhor segurar o saquinho com seus dejetos.

Foi nessa hora que o inesperado aconteceu. Do outro lado da rua, um gato passou correndo. Tudo aconteceu muito rápido. Feito um alucinado, Billy deu uma arrancada tão violenta que a correia escapuliu da mão dela. Ele disparou pela rua, quase foi atropelado e investiu contra o gatinho, que subiu em um muro bem a tempo de evitar uma focinhada, já que ele não tinha o hábito de morder. Como o gato sumiu, Billy ficou desesperado. Seguiu ladeando o muro, na esperança de encontrá-lo na outra extremidade. Ele não estava lá, mas o cachorro continuou correndo, correndo, até que a lembrança do gato havia esmaecido, e só o que sobrou foi a maravilhosa sensação de liberdade.

– Billy! – Lizandra chamou esbaforida, correndo atrás dele feito louca. – Volte aqui, Billy!

Billy não obedeceu. Ao contrário, corria ainda mais rápido. Cada vez que ouvia a voz dela, aumentava a velocidade, julgando fazer parte de uma

brincadeira.

– Para, Billy! – ela continuava gritando. – Junto! Junto!

Era o comando que ela descobrira na internet, para fazer o cão voltar para junto de seu dono. Só que Billy não sabia disso. Ninguém nunca lhe ensinara nada.

A certa altura, as pernas de Lizandra recusaram-se a obedecer. Ela não aguentava mais correr. Quase sem conseguir respirar, sentindo dor na lateral do corpo, ela parou e ficou apenas olhando, impotente, vendo-o diminuir cada vez mais com a distância.

– E agora? – lamentou ela, à beira das lágrimas. – O que é que eu vou fazer?

Ela ia chorar. Não podia evitar que o pranto a destruísse. Chorava de desespero, de raiva, de remorso. Devia ter previsto aquilo. Billy era um animal sem qualquer noção de adestramento, não sabia se comportar na rua. Não era culpa dele. Não. Ela era culpada... culpada por não poder fingir para si mesma que, se ele sumisse, sumiria com ele boa parte de seus problemas.

Torturada pelo alívio que não devia sentir, Lizandra manteve os olhos fixos na rua vazia, à espera, nem ela sabia de quê. Queria que Billy voltasse, ao mesmo tempo que torcia para ele sumir. Era isto o que mais a afligia: essa ambiguidade de sentimentos, que a conduzia pelos extremos da própria consciência.

Enquanto esperava, pensava no que iria dizer. Difícil mesmo seria convencer o marido e o filho de que não fora proposital. Billy simplesmente se soltou e correu. Correu e sumiu. Sumiu e não voltou.

Uma súbita visão surgiu para desmentir a fatalidade inevitável que ela começava a urdir. Ao longe, no fim da rua, a silhueta negra de um animal

caminhava em sua direção, sem pressa, despreocupado. À medida que se aproximava, sua forma se tornava familiar, até que ele chegou próximo o suficiente para que ela não tivesse nenhuma dúvida do que, desde o início, era uma certeza.

Como se nada tivesse acontecido, Billy sentou-se ao lado dela; a língua de fora, o único sinal de cansaço. Agora sem saber se ria ou se chorava, Lizandra abaixou-se para apanhar a guia empoeirada, solta atrás dele. Devia brigar com ele? Ou simplesmente abraçá-lo, demonstrando que estava feliz com a sua volta?

Sem muito pensar, abraçou-o, incapaz de repreendê-lo.

– Vamos? – chamou. – Para casa.

Ele a seguiu obedientemente, a marcha reduzida pela exaustão que sofria suas patas. Lizandra ia em silêncio, perguntando-se até que ponto ele tinha consciência do que havia feito. Talvez nenhuma. Ou talvez conhecesse a extensão do seu limite, intuindo o momento em que deveria retroceder, para não perder o caminho de volta para casa.

À noite, quando Vítor chegou, encontrou-a sentada na sala, com o filho ao lado e Billy deitado a seus pés. Ele pressentiu sinais de animosidade e irritação.

– Aconteceu alguma coisa? – indagou, sentando-se na poltrona diante deles.

– O que aconteceu foi que o Billy quase fugiu hoje – respondeu Lizandra, sem fazer rodeios.

– Como assim?

– Ele puxou a guia da minha mão e disparou atrás de um gato. Pensei que o tinha perdido, mas ele, inexplicavelmente, voltou.

– É porque ele gosta da gente, não é, Billy? – intercedeu Rodrigo,

abraçando o cão pelo pescoço.

– Ele voltou porque é inteligente e sabe que poderia se perder – corrigiu Vítor. – De qualquer forma, é preocupante. Da próxima vez, pode ser que ele não volte.

– Exatamente. Para evitar isso é que ele não sai de casa enquanto não tiver um adestrador. Não quero que, mais tarde, me acusem de ter dado sumiço no cachorro.

– É você quem se acusa. Nem de longe isso passou pela minha cabeça. E aposto que, pela de Rodrigo, também não.

O menino meneou levemente a cabeça, incomodado por essa possibilidade que, até então, não havia lhe ocorrido.

– Só estou dizendo isso porque... vocês sabem por quê. Já chega o que passamos com a Suzy.

A menção à gatinha estendeu uma névoa de tristeza nos olhos de Rodrigo, que se abraçou ainda mais a Billy.

– Está bem – concordou Vítor, notando a mudança na expressão do filho. – Você está certa. Amanhã mesmo vou providenciar um bom adestrador.

Dois dias depois, Billy iniciou o adestramento. As primeiras aulas aconteceram no terraço, para que o adestrador ganhasse a confiança do animal. Em breve, já estavam na rua. Um pouco mais tarde, Lizandra e Rodrigo passaram a participar das aulas, a fim de que o cachorro reconhecesse o comando de suas vozes. O aprendizado foi breve. Graças à extraordinária inteligência dos border collies, Billy não encontrou dificuldade alguma em aprender. Só assim Lizandra retomou seus passeios na rua, permitindo, também, que Rodrigo saísse com ele mais tarde, em companhia do pai.

Apesar das contradições não apenas emocionais, mas comportamentais de Lizandra, um elo de intimidade estabeleceu-se entre ela e o cão. Desde que ele passou a obedecer-lhe, suas travessuras se tornaram mais contidas e ela chegou mesmo a sentir um certo prazer em sua companhia. Caminhar com ele pela manhã tornou-se um programa agradável, tranquilo, um alívio para o estresse.

– Será que você mudou mesmo? – Moisés costumava indagar, responsável, em parte, pelo alívio que ela sentia. – Quero acreditar em você, sua megera, mas não sei, não...

À medida que ele aliviava a pressão sobre Lizandra, a enxaqueca ia melhorando, de forma que ela, não de todo equivocada, associava essa melhora aos passeios matinais com o cão. E, embora Moisés não estivesse totalmente convencido da surpreendente transformação no temperamento de Lizandra, aos poucos foi se acostumando.

Mudar, no entanto, significa não apenas refazer a atitude, mas convencer a mente e o coração de que velhos vícios não são mais satisfatórios. Quando a razão e a emoção se equilibram na consciência das ações oportunas, prevendo e aceitando somente resultados condizentes com a ética humana e espiritual, então, a verdadeira transformação acontece, de forma definitiva, segura e irrevogável. Se não é assim, o que se tem é a imposição da razão sobre a emoção, que mexe com a consciência, embora não seja capaz de, realmente, alcançá-la. A mudança assim operada é mera ilusão imposta pelo desejo, que se desmancha na primeira oportunidade que a verdadeira essência encontra de se desprender do jugo do pensamento racional, abandonando os grilhões do que *deve ser* para ganhar a liberdade daquilo que realmente é.

Capítulo 18

No banco de trás do carro, Billy se mantinha deitado, quase imóvel. A pequena mancha de sangue secara em sua cabeça, não chegara a sujar o estofado. À medida que a raiva de Lizandra arrefecia, arrependia-se da atitude precipitada e vingativa que tomara com o cachorro.

– Mas também, o que deu em você para subir na minha cama e fazer xixi? – indagou ela, olhando-o pelo espelho. – Você nunca fez isso. Ficou doido de repente, foi?

Ouvindo a voz dela, ele levantou a cabeça e ganiu baixinho. Logo, um odor ácido de urina se espalhou pelo carro. O cheiro foi tão forte que Lizandra foi obrigada a desligar o ar-condicionado e abrir as janelas. Ela parou o carro na beira de uma calçada, virando-se para trás com indignação:

– Está a fim de me provocar, é? Não foi por querer que bati em você. Não precisava fazer isso.

Novo ganido, seguido de um jato de urina que se espalhou pelo banco negro, inviabilizando que ela identificasse o sangue misturado com a urina. O cheiro se tornava insuportável. Olhando para ele, Lizandra percebeu sua dor. Havia algo de errado com ele. Tirando o fato de que ele urinara onde não devia, o que nunca antes havia feito, não era natural ele esvaziar a bexiga sobre o próprio corpo. Sem contar aquele odor forte, que quase a fez vomitar.

– Você está doente, não está? Deu um jeito de arranjar alguma infecção

urinária. Era só o que me faltava...

De volta para a frente, ela engatou a marcha, prosseguindo pela rua. Mais uma razão para levá-lo ao veterinário, além da pancada que ela desferira em sua cabeça com o secador de cabelo, que lhe abriu uma pequena ferida no crânio. A caminho da clínica, ia pensando.

Se havia uma coisa para a qual ela nunca tivera paciência, era cuidar. Por isso, a dificuldade com o filho, que passava longe da falta de amor, revelando seu temperamento inquieto, omissos, tão descuidado, que beirava a negligência. Rodrigo, contudo, tinha a seu favor o inabalável sentimento da mãe, que exigia dela esforço e persistência, a fim de assegurar que lhe daria o melhor que tinha para dar. O mesmo podia dizer do marido, para quem queria se tornar uma mulher atenciosa e, com isso, manter unida a família e intacto o casamento.

O cachorro, porém, era diferente. Se continha a irritação, era porque conseguira, após muitos percalços, enquadrá-lo no que ela considerava um comportamento razoavelmente adequado. Anita cuidava dele nos dias de semana e, aos sábados e domingos, convencera Rodrigo a limpar a sujeira dele, dar-lhe água e comida, o que ele fazia sem reclamar, auxiliado pelo pai.

Assim, tudo se tornou mais fácil. Doença, contudo, era outra história. Não bastava levá-lo ao veterinário. Era preciso cuidar dele, submetê-lo ao tratamento, dar-lhe os remédios na hora exata, vigiar para que ele não fizesse nada que o ferisse. Isso já era demais. Sabia que era uma exigência que ia muito além do que ela podia fazer ou teria para dar. Não conseguia se ver mais presa ao lar do que já se encontrava.

O diabinho na sua cabeça estendeu sua sombra negra sobre o coração de Lizandra, obscurecendo a lamparina que o anjo, à custa de muito sacrifício,

fazia luzir um pouco mais a cada dia. A luta que se travou foi ferrenha, terrível, dolorosa. De um lado, ela queria se livrar do problema. De outro, a consciência martelava que não. Nessa batalha, saiu vencedor aquele que residia mais próximo de sua real essência, despertando o que ela, a todo custo, tentava enfronhar na profundidade mais visceral de seu âmago. Da crueza de sua personalidade, que ali se apresentava sem camuflagem, sem a pantomima do dia a dia, em que ela posava de mãe e esposa perfeita, ressurgiu a velha Lizandra, aquela para quem seus desejos, seu bem-estar, seus interesses se colocavam acima de tudo e de todos. A Lizandra de sempre, que pensara haver se modificado, mas que, finalmente, se via diante do espelho de sua alma, que lhe mostrava a imagem fria e egoísta da mulher que nunca deixara de ser.

No breve instante em que o diabo venceu, fazendo-a esquecer das promessas que fizera a si mesma, Lizandra tomou o que considerou, mais tarde, a pior decisão de sua vida. Evitando olhar para o cachorro, cujo silêncio era sinal de que havia adormecido, ela deu uma guinada no volante, entrou no retorno, tomando a direção da praia. Seguiu beirando a orla, avaliando as possibilidades. Havia muita gente por ali, banhistas, ciclistas, pessoas caminhando ou correndo. Não era um bom local.

Acabou seguindo pela serra de Grumari, onde se deparou com um trânsito reduzido a poucos carros, que passavam em ambas as direções. Dirigindo devagarzinho, seguiu em busca do local adequado. Passou por restaurantes, terrenos vazios, muitas árvores e arbustos. De um ponto mais à esquerda, uma nesga luminosa no meio da mata descortinava o azul do mar lá embaixo.

Lizandra avançou alguns metros, até que freou. Olhou pelo espelho, pensou, considerou as implicações do que estava prestes a fazer. Acelerou

um pouco mais e, quando chegou a um trecho um pouco mais largo, fez uma manobra arriscada, retornando pela outra pista. Diante do que parecia um mirante natural e improvisado, parou para melhor avaliação. Satisfeita com a descoberta, estacionou o carro na reentrância, desligou o motor e permaneceu olhando por mais alguns minutos.

Não sabia se teria coragem. A experiência com Suzy fora muito traumática para Rodrigo. Mas não era só. Sentia-se uma traidora, aproveitando-se da confiança de um ser que se entregava em suas mãos para desfazer-se dele sem piedade, só porque agora estava doente. Esse pensamento quase despertou sua consciência, fazendo-a mudar de ideia. Mas o vento atirou um cheiro fétido em suas narinas, e o estofado do banco, coberto de urina, parecia definitivamente estragado.

– Vamos lá fora, garoto? – indagou ela, afugentando o pensamento, já contaminado pela morbidez da culpa.

Desceu do carro, escancarando a porta de trás num ímpeto de determinação, para evitar as mãos de tremer, levando-a a vacilar ante o que devia fazer. Billy não se mexia. Talvez a dor fosse muito grande, talvez ele se sentisse incomodado, todo sujo de urina e sangue.

– Não vou pensar em nada, não vou! – ela repetia para si mesma. – É o melhor para todos, não é? Você é só um cachorro.

Ao puxá-lo pela coleira, ele veio docilmente. Sujo, malcheiroso, alquebrado e, ainda assim, obediente. Ela se comoveu. O cachorro, agora sentado na terra, parecia evitar o olhar da mulher, como se, de repente, se desse conta do que estava prestes a acontecer.

– Eu sabia – gemeu Moisés, agarrado ao pescoço do animal. – Sabia que você não tinha mudado, sua traíra, bruxa, vadia!

De nada adiantaram as ofensas de Moisés. Além da dor de cabeça, que

retornou com violência dobrada, Lizandra nada registrou de sua revolta. Puxou a coleira. O cão se levantou, seguindo-a a passos vagarosos, soltando um ganido ou outro de vez em quando.

O pequeno mirante, aberto na vegetação que crescia à beira de um precipício, parecia bem adequado. Ela parou com ele ali, admirando o mar de águas translúcidas, que se estendia num azul de tons variados, correndo sob o céu até encontrá-lo no horizonte.

– Não é um lugar bonito? Eu não ia deixar você em qualquer buraco. Aqui, você terá a chance de encontrar um novo amigo.

– Amigo! – esbravejou Moisés. – Ele é seu amigo. É o melhor amigo de sua maior inimiga! Pobre cão ingênuo. Se soubesse como você é falsa e sem coração, jamais teria confiado em você. E eu nunca devia ter permitido essa aproximação. Nunca...!

Moisés falava como se tivesse o poder de evitar que os encarnados materializassem suas escolhas. Não tinha. Podia influenciar no pensamento e até na matéria física, mas só. Sua influência só alcançava os resultados que a índole do influenciado permitia.

– Por favor, Deus, não permita que ela faça isso – Moisés agora suplicava, agarrando o cachorro, implorando que a intervenção divina impedisse a desgraça que ele não tinha meios para impedir.

Como Deus ouve todas as preces, ouviu também a de Moisés. Uma luz brilhou a seu lado, ofuscando a do Sol, fazendo surgir diante dele os espíritos de Lucélia e Germano.

– Mãe, ela quer matar o cachorro – disparou ele, desmanchando-se em lágrimas. – Ninguém liga para os cães. Será que ela não percebe que os animais também choram, sentem dor e medo?

Enquanto Lucélia abraçava o filho, Germano se aproximou de Lizandra,

pousando a mão sobre sua testa, para despertar-lhe a consciência. Ela hesitou novamente. Olhou para Billy, que se mantinha sereno, a dor quase anestesiada pela injeção energética que Germano havia aplicado no órgão infeccionado.

– Não faça isso – Germano soprou ao ouvido dela. – Moisés tem razão. Você não quer ser a inimiga de seu melhor amigo, quer?

Ouvindo as palavras do espírito desconhecido, Moisés tornou, indignado:

– Por que ele não manda que ela solte logo o Billy? Ele parece poderoso, pode muito bem impedi-la.

– Poder, ele não pode – esclareceu Lucélia. – Se ela estiver mesmo decidida, não vai seguir os conselhos de ninguém. Mas ele está tentando.

– Quem é ele, mãe?

– É o Germano. É o responsável por uma cidade astral chamada de Nosso Pet, inspirada em Nosso Lar, mas que só abriga animais.

– Eu nem sabia que isso existia! – surpreendeu-se. – Será que ele sabe o que foi feito do Tostão? Já procurei por todos os cantos e não consigo encontrar.

– Por que não pergunta a ele?

– Germano – chamou timidamente, depois que o espírito encerrou suas tentativas com Lizandra.

– Olá, Moisés – cumprimentou ele, dando um abraço no outro.

– Você me conhece?

– E como! Sua mãe fala muito de você.

– Ele vai ficar bem? – indagou em primeiro lugar, apontando para Billy.

– Creio que sim. Talvez ela não me ouça, porque está decidida a desfazer-se do cachorro. Mas vamos tentar encontrar um novo lar para ele.

– Como?

– Orientando quem estiver disposto a adotá-lo a passar por aqui e o recolher.

– Você pode fazer isso? – admirou-se.

– Dependendo da recepção dos encarnados, sim.

No momento em que Moisés se preparou para perguntar de Tostão, o ronco do motor de um carro desviou toda sua atenção para Lizandra. Ela havia deixado Billy deitado no mesmo lugar, aproveitando-se de que ele adormecera para fugir. Esquecendo-se de Germano, da mãe, de Tostão, de tudo, Moisés desapareceu num piscar de olhos, ressurgindo ao lado de Lizandra.

– Vai mesmo abandonar o cachorro, sua maldita, vai?

Tomado pela fúria, resultado do desespero, Moisés investia contra Lizandra, desferindo-lhe murros na face e na cabeça. O ódio que vibrava era tão intenso, que ela chegou a sentir uma pontada no crânio, como se houvesse sido atingida por um objeto contundente.

Billy permanecia onde ela o deixara, deitado sobre as folhas, adormecido pela transfusão de energia promovida por Germano. De uma certa forma, a apatia do animal facilitou o abandono, desobrigando-a de ter que enfrentar a visão dos olhos súplices dele. Apesar da tontura, ela acelerou o carro, dirigindo com cautela, olhando pelo espelho a cada segundo, para se certificar de que ele não a seguiria. Billy continuou no mesmo lugar, imóvel, sem reação alguma. Será que havia morrido?

– Não, sua vaca, ele não morreu! – berrou Moisés. – Mas vai morrer, se você o deixar ali doente, jogado na beira da estrada. E vai ser culpa sua, ouviu? Só sua!

Ela apertou as têmporas, para ver se a dor diminuía. Não diminuiu, ao contrário, aumentava cada vez mais. Ante o mal-estar crescente, ela

acelerava devagarzinho, para evitar bater com o carro. Além da enxaqueca, sentiu que um enjoo subia até a garganta. Parou o carro, abriu a porta, vomitou. Uma buzina estrídula forçou-a a prosseguir lentamente. Os carros a ultrapassavam como podiam, alguns motoristas a xingavam, outros, mais medrosos, seguiam buzinando atrás dela.

Foi um alívio quando ela retornou à segurança da orla, onde a existência de duas pistas facilitou as ultrapassagens, e os outros motoristas a deixaram em paz. Moisés prosseguia com suas maldições, só parando quando ela, em voz baixa, murmurou:

– Espero que você fique bem...

Ela se referia a Billy, que ele, no afã de agredi-la, esquecera ao abandono. Preocupado com o cachorro, num átimo, surgiu ao lado dele. Billy ainda dormia, acalentado pelas vibrações de Germano.

Por falar em Germano, onde é que ele estaria? Olhando de um lado a outro, Moisés não viu ninguém. A rua estava deserta, sem carros, sem transeuntes. Apenas ele, abraçado ao cachorro, zelando pela sua vida. Era o único que se importava.

– Estou aqui, meu amigo – confortou Moisés, acariciando o pelo sedoso de Billy. – Não vou deixar você. Prometo que não vou.

Ficou ali ao lado dele, esperando alguém chegar ou o cachorro morrer.

Capítulo 19

O rosto de Wilson estava lívido. Por pouco não batia de frente com aquela maluca. Devia estar bêbada, para dirigir assim na contramão. Foi muita sorte a doida desviar a tempo, talvez despertada pela estridência da buzina. E ele ainda fora obrigado a pisar no freio, jogando no chão o filhotinho de cachorro que pusera no banco a seu lado.

– De onde veio você, cãozinho? – indagou ele, afagando o focinho de Billy. – Quem foi que deixou você assim, ferido e doente, hein? E que raça mais esquisita é essa sua? Mas você é bem bonitinho, sabia?

Deitado no banco ao lado, Billy lambeu os dedos de Wilson, reconhecendo nele alguém em quem podia confiar. Indignado, Wilson se perguntava quem teria tido a coragem de abandonar aquele cachorro tão mansinho. Por acaso, pensou, ele estava passando por aquela estrada, por onde nunca ia. Mas, naquele dia, tivera uma vontade imensa de ver o mar lá de cima, de sentir a presença das árvores.

Tinha acabado de sair de uma fábrica de embalagens plásticas, onde fora comprar alguns potes para armazenar comidas e condimentos, quando, de repente, sentira uma vontade inexplicável de percorrer as curvas da serra de Grumari, lugar aonde não ia havia mais de vinte anos. Tomado por um impulso quase irresistível, Wilson acedeu imediatamente ao chamado da nostalgia.

O que ele denominava de nostalgia era apenas a sugestão feita pelo espírito encarregado por Germano de aproximá-lo de Billy. Dos recônditos

de suas lembranças, o espírito evocou momentos da infância de Wilson, na época em que morava em Barra de Guaratiba e costumava passear por ali com a família.

Decidido a matar as saudades, Wilson tomou o caminho mais longo de volta para casa, no bairro de Vila Valqueire. Assim que se aproximou da Barra de Guaratiba, seus pensamentos voaram até a meninice, quando viviam ali, ele e os irmãos, gozando de total liberdade pelas ruas sem asfalto, correndo na praia praticamente intocada. É claro que tudo estava muito diferente, mas a lembrança dava a sensação de que continuava o mesmo.

Envolvido por uma aura de suave nostalgia, subiu a serra, admirando a natureza em cada recanto. Ia devagar, curtindo as árvores, o sol e, sobretudo, o mar que, de tempos em tempos, vislumbra por entre a vegetação. Ia assim, absorto pelas reminiscências da infância e a beleza do lugar, quando avistou uma cena inusitada.

Um carro estacionou na entrada de um pequeno mirante, e um casal saltou para apreciar a paisagem. De mãos dadas, provavelmente admirados com a exuberância do lugar, não viram o cachorro surgir do meio do mato. Sujo, machucado, parecia doente. O barulho da porta batendo devia ter despertado nele alguma lembrança que o fez sair de seu esconderijo e se arrastar até o carro, arranhando a porta com fraqueza. Atraída a atenção do casal, a moça soltou um grito de medo, agarrando-se ao braço do namorado, que, embora sem violência, tratou de afugentar o cão para longe.

Ciente da rejeição, o cachorro soltou um ganido triste, descendo pela estrada num caminhar vagaroso, que acusava sofrimento. A cada carro que passava, ele levantava as orelhas, olhando avidamente, esperando, procurando... Como os automóveis seguiam adiante, ele seguiu também. Um

grupo de jovens num jipe passou devagar, gritando coisas para ele. O cachorro parou, eles pararam. Movido por um instinto inato de esperança, aproximou-se do carro, o rabinho abanando, julgando-se salvo. Ao invés de socorrê-lo, um dos garotos atirou algo que parecia cerveja na cara do cachorro, rindo debochadamente.

Penalizado desde o início, Wilson vinha logo atrás, dirigindo o mais devagar que podia. O estado do animal, por si só, já o condoía. Presenciar o desprezo com que o tratavam o deixou revoltado, tão revoltado que, diante do incidente com o jipe, resolveu intervir.

– Vocês não têm vergonha? – gritou, parando na contramão, ao lado do jipe. – Maltratar um cachorro indefeso!

Surpreendido na maldade e na ilicitude, o motorista acelerou, cantando os pneus ao fazer a curva. Wilson parou o carro bem ao lado do cão, que olhou para ele com uma certa desconfiança, encolhendo-se o mais que pôde. Sem notar a presença do invisível, Wilson saltou, alheio aos gritos de Moisés:

– Vá embora! O cachorro tem sentimentos, viu? Vá maltratar sua mãe!

Atrás de Wilson, uma presença iluminada encheu Moisés de assombro. O ser luminoso acompanhou o homem até chegar ao cão, sorrindo para Moisés, que logo compreendeu tratar-se do espírito enviado por Germano para cuidar de Billy.

– Chegue aqui, garoto – chamou Wilson com carinho, oferecendo a mão para o cachorro cheirar. – Deixe-me ver o que você tem aí.

Um pouco receoso, Billy encostou o focinho, de leve, nos dedos de Wilson, no exato momento em que o espírito soprava sobre eles flocos brancos de luz. Foi uma sensação maravilhosa para os três: o encarnado, o desencarnado e o cachorro.

– Vá com ele – disse o espírito, fazendo surgir uma espécie de coleira de luz que ligava Billy a Wilson.

– Venha comigo, amiguinho – repetiu Wilson, sensível à presença do invisível. – Conheço um garotinho que vai adorar você.

Billy foi, capenga, estropiado, porém, mais confiante. Wilson ajudou-o a entrar no carro, tocando-o com o máximo de cuidado, notando que ele sentia dor. Depois que o carro partiu, Moisés encarou o espírito e sussurrou emocionado:

– Obrigado.

O espírito sorriu e estendeu-lhe amistosamente a mão.

– Venha comigo. Germano o espera.

– Não posso...

Na mesma hora, sumiu.

Wilson seguia pela rua, esquecido da paisagem e da nostalgia. Demoraria um pouco mais para chegar em casa, mas tinha um bom motivo. Quando o celular tocou, não pôde atender, mas sabia que era Isabela, preocupada com a demora imprevista. Ao parar no primeiro sinal, passou um WhatsApp para ela, em que dizia simplesmente: estou chegando.

Enfrentou muito trânsito até chegar a Vila Valqueire. Durante o percurso, Billy se manteve quieto, embora houvesse urinado uma vez. Wilson não se importou. Ao contrário, procurou confortar o animal, assegurando-lhe que ele ficaria bem. Quando, finalmente, estacionou o carro na garagem, Isabela correu ao seu encontro, morta de preocupação:

– Pelo amor de Deus, Wilson, o que foi que aconteceu? Você nunca demorou tanto!

– Tive um imprevisto.

– Que imprevisto?

Ela parou de falar, estarecida. Wilson agora abria a porta do outro lado, de onde um cão enorme se arrastou para fora. Preto, uma faixa branca no dorso, marcas marrons sobre os olhos, como sobrancelhas espessas.

– Meu Jesus Cristo! – exclamou ela, levando a mão ao peito. – De quem é esse cachorro?

– Não sei. Encontrei-o na rua, escorraçado por todo mundo.

– Coitadinho – ela logo se condoeu. – Ele parece doente. E está fedendo.

– Alguém bateu na cabeça dele.

– É macho?

– É.

– Ainda é filhote? Ele parece filhote, mas é tão grande!

– Creio que sim. Ele tem carinha de bebê. E não é tão grande assim.

– Como não? É imenso!

– Sem exageros, Isabela. Parece até que é do tamanho de um labrador.

– E não é?

– Lógico que não! É bem menor. Você vai ver quando crescer.

– Vou ver? Quer dizer que você pretende ficar com ele?

– Você não acha que André ia gostar?

– Mas Wilson, você não sabe de quem é esse cachorro! Ele pode estar perdido, deve ter alguém atrás dele. Sem contar que está doente. E se for alguma coisa contagiosa?

– Vou levá-lo ao veterinário antes de permitir que André o veja.

– Você não pode estar falando sério. Nós não temos condição de ficar com esse cachorro.

– O que você sugere que eu faça? Que o jogue na rua novamente?

– Para começar, você nem devia tê-lo apanhado.

– Quer dizer que eu devia tê-lo deixado lá, sofrendo *bullying* de

playboyzinhos mimados?

- Não é isso...
- O que é, então?
- Não sei. Você está me confundindo.
- Você não tem pena dele? Olhe só o coitadinho.
- É claro que tenho pena – concordou ela, sensibilizada ante o estado lastimável do cão. – Só não sei se devemos ficar com ele.
- Se você tiver outra sugestão, estou pronto para ouvir.
- Não tem ninguém que o queira?
- Não sei. Você tem?
- Lógico que não!

Ela desistiu de argumentar. Sabia, desde que ele entrara ali com o cachorro, que acabaria concordando em ficar com ele.

– Se André o vir, vai enlouquecer – afirmou ela, irremediavelmente vencida.

– Eu sei. É por isso que ele não pode vê-lo ainda. Não antes que eu o leve ao veterinário.

– Então seja rápido – pediu ela, finalmente externando sua rendição. – Ele já deve estar chegando da escola.

Depois de entregar as encomendas a Isabela, Wilson colocou o cachorro no carro outra vez. Ele resistiu, chorou, não queria ir. O medo de ser abandonado novamente levava-o a fazer força para não entrar.

– Tudo bem, menino – Wilson o acalmou. – Não tenha medo. É para o seu bem.

Vencido, Billy deixou-se levar, o olhar perdido na incerteza do futuro.

Capítulo 20

Ao chegar à clínica veterinária, Billy sentia tanta dor que não foi capaz de ensaiar qualquer tipo de resistência. Saiu do carro praticamente carregado por Wilson e amparado por Moisés, que voou para junto dele tão logo deixou o espírito enviado por Germano.

A veterinária procedeu a um exame minucioso, colheu sangue, urina, fez várias perguntas, a fim de reconhecer os sintomas. No fim, constatada a infecção urinária, a doutora encarou Wilson com ar sério e considerou:

– Gostaria de tentar um tratamento novo. Não é novo, na verdade. É só que não é muito usado para fins veterinários.

– Que tratamento?

– Homeopatia. – Ele ergueu as sobrancelhas, fitando-a com incredulidade. – Não acredita que pode dar certo?

– Não é que não acredite. Eu mesmo já andei tomando alguns remédios. É só que não sei se funcionaria para o cachorro.

– Por que não?

– Sei lá...

– E se eu lhe garantir que, em animais, funciona de um jeito ainda melhor?

– Eu ia querer saber por quê.

– A primeira coisa que você deve saber é que a homeopatia é a cura pelos semelhantes, ou seja, a doença é curada pela substância que reproduz seus próprios sintomas. Mas ela não cura a doença. Cura o paciente como um

todo.

– Como, se ele só está doente da bexiga?

– Aí é que está. A doença é a expressão do desequilíbrio interno. Sendo assim, o que a homeopatia faz é disparar estímulos energéticos que equilibram a energia do paciente.

– Não me leve a mal, doutora, mas como pode um cão estar em desequilíbrio? – indagou Moisés, que não perdia uma só palavra das explicações da médica.

– Como é possível que um cão esteja em desequilíbrio? – Wilson repetiu, captando, sem saber, a indagação do espírito, que também se surpreendeu.

– Cada animal tem o seu temperamento, características que formam sua personalidade. Com base nas informações do dono, é possível identificar a raiz do problema e consertá-la.

– Então, não vai dar certo. Não sei nada sobre o cachorro.

– Mas podemos deduzir. Ele foi abandonado, estava perdido, com muito medo. Além de doente, foi agredido, o que revela uma situação pretérita de insegurança. Só aí, já podemos tirar algumas conclusões que podem ajudar no tratamento.

Ele olhou dela para o cachorro, ainda em dúvida.

– Confesso que não sei o que dizer.

– Não diga nada, apenas confie. A homeopatia vem sendo usada há algum tempo no tratamento dos animais, principalmente nos de produção.

– Refere-se aos animais de corte?

– Sim. Além de mais econômica, a medicação não contamina a produção dos alimentos, como carne, leite e ovos. Possui ação rápida e não agride nem o animal nem o meio ambiente.

– Nunca tinha ouvido falar numa coisa dessas. Homeopatia para

animais... Onde já se viu?

– Os animais possuem energia vital, assim como nós. É a energia que todos absorvemos do universo. Energia em equilíbrio é sinal de saúde. Desordem interna provoca uma perda prematura de energia. Esse desperdício é provocado por vícios, hábitos perniciosos, má alimentação, pensamentos negativos, sentimentos difíceis e outros, que abrem uma válvula de escape no organismo para dar saída a ela. Por onde ela sai, manifesta-se a doença.

– No ser humano, isso é fácil de assimilar. Mas os animais não têm vícios nem pensamentos negativos. Agem apenas por instinto.

– Não exatamente. O instinto é altamente influenciado pela atitude humana e acaba gerando emoções boas ou ruins. O pensamento do animal, embora não ordenado, possui a organização própria da inteligência conferida pela sua espécie. Ele não pensa em palavras, mas pensa.

– Pelo que entendi, é o ser humano que acaba provocando a doença nos animais.

– Pode-se dizer que sim. Os animais são muito sensíveis. São como esponjinhas, absorvendo as energias do ambiente e das pessoas. Um ambiente doméstico caótico desequilibra as energias do animal, que pode vir a apresentar sintomas de várias enfermidades.

– Então é por isso que dizem que ter um animal em casa é bom, porque tudo de ruim vai para ele?

– Isso é um absurdo! Não seria uma troca justa. O animal recebe a energia porque tem mais sensibilidade, o que não significa que sabe como lidar com ela. Ele pode ficar doente e, ainda assim, a energia continuar no ambiente. Ele até serve de sinalizador, mas não de bode expiatório.

– Concordo plenamente com você.

– Existem casos, também, em que o animal se coloca na posição de auxiliador do dono. Em outras palavras, ele quer ajudar o dono a tomar consciência de alguma coisa que não está legal no comportamento dele. Então, adoece. Com isso, ele pretende mostrar ao dono a necessidade de se modificar. Se o dono percebe, ótimo. Se não, acaba ficando doente também.

– Os animais fazem isso? – espantou-se. – Mas eles não são capazes de raciocinar dessa maneira.

– Eles não raciocinam. Sentem. É uma coisa instintiva, algo que está projetado na alma deles e que se manifesta de forma inconsciente, algo que decorre do amor.

– Então é por isso que o animal desenvolve a mesma doença do dono – observou, impressionado. – Já vi casos assim. A pessoa fica doente e, logo em seguida, o animal também cai doente, vítima do mesmo mal.

– Se o animal adoece depois, a história é um pouco diferente. Quando o dono ainda não apresenta nenhum sintoma da doença, a enfermidade do animal serve para alertá-lo e, com isso, evitar que o dono adoça. Mas se a pessoa adoece primeiro, não há mais o que ser evitado. Lembra da história do desequilíbrio? – Ele assentiu. – Pois é. Antes de chegar ao físico, o espírito já adoeceu. Isso significa que a energia daquela pessoa já estava desequilibrada. E como o animal, além de sensível, tem essa ligação afetiva muito forte com o dono, acaba absorvendo dele mais essa energia. Tem a mesma doença porque desenvolveu uma sintonia muito grande com a pessoa. É como aqueles cães, que têm comportamento muito parecido com o do dono. São ciumentos, porque o dono é ciumento. São meigos, porque o dono é meigo. São ranzinzas, porque o dono também é. E por aí vai.

– Sem contar que percebem logo quando a pessoa não é lá muito boa. Parece que eles sabem quando alguém gosta ou não deles.

– E sabem mesmo. Está na energia da pessoa, que eles conseguem captar.

– Estou impressionado, doutora!

– Então, vamos experimentar homeopatia no... como é mesmo o nome dele?

– Ainda não tem nome. Acabei de encontrá-lo.

– Tudo bem. Vamos ou não tentar?

– A senhora me convenceu. Vamos tentar, sim.

– Ótimo. Vou fazer a receita. Você pode encomendar o remédio aqui mesmo. Não demora nada. Se quiser, pode esperar, ou então, mandaremos entregar em sua casa.

– Não sabia que, além de veterinária, a senhora é também farmacêutica.

– Não exatamente. Tenho um pequeno laboratório que atende a clínica.

– Mas é uma inovação, não?

– Acho que sim. Não conheço muitos veterinários que façam isso. A maioria vende os remédios prontos.

Ela entregou a ele a receita.

– Vou mandar fazer. E prefiro esperar. Meu filho ainda não sabe do cachorro.

Billy acabou se tornando a sensação da clínica. Dócil, inteligente, bem ensinado, conquistou todo mundo. Enquanto aguardava, Wilson conseguiu ainda encaixá-lo para um banho. Comprou tudo de que ele poderia precisar, pegou o remédio e levou-o para casa.

– Vamos nessa, meninão – falou, abrindo a porta de trás para ele.

Dessa vez, Billy não resistiu. De uma forma incompreensível para o ser humano, sabia que Wilson o levara até ali para cuidar dele. Billy subiu no banco com lentidão, embora sem se arrastar. Sentou-se em uma posição

que permitia a Wilson olhá-lo pelo retrovisor. Os dois podiam se ver.

O cachorro não estava propriamente feliz. Talvez sentisse alívio e gratidão, mas havia sido marcado pelo trauma do abandono, da traição. Demonstrava uma tristeza inconfundível no olhar, um quê de amargura que transformava a docilidade em submissão. O que teria acontecido com ele, era impossível dizer. Contudo, Wilson podia imaginar.

– Aquele que mais devia amá-lo deve ter sido o seu algoz – afirmou ele, encarando o cão pelo espelho. – Não foi?

– Foi isso mesmo – concordou Moisés, debulhando-se em lágrimas, agradecido pelo tratamento que Wilson dispensava a Billy. – O cão é o melhor amigo do homem. Mas o homem pode ser o maior inimigo do cão.

Billy não compreendeu nem o comentário do espírito nem a pergunta do encarnado, mas achou que tamanha bondade merecia uma resposta. Devolvendo o olhar de Wilson através do espelho, pela primeira vez, conseguiu latir. Permaneceu com a boca entreaberta, a língua meio de fora, esboçando uma careta que, do jeito dele, era o mesmo que sorrir.

Capítulo 21

De banho tomado, curativo feito e medicado, Billy foi conduzido até a cozinha da casa de Wilson, onde recebeu ração e água. Num primeiro momento, o cão hesitou, na dúvida entre a fome e a sede. Preferiu a água, que bebeu sofregamente, quase esvaziando a bacia. Em seguida, praticamente devorou a ração, deixando apenas alguns poucos grãosinhos no fundo do prato.

– E agora? – Isabela quis saber. – O que fazemos com ele? Onde vamos colocá-lo?

– No quarto de André, é claro. Vou pôr a cama dele lá. Ele deve estar exausto, talvez ainda sinta um pouco de dor. Melhor deixá-lo dormir um pouco.

Acomodado na cama, Billy logo adormeceu. Ainda teve tempo de endereçar a Wilson um olhar que parecia de gratidão, antes de as pálpebras, portadoras do sono reparador, pesarem sobre seus olhos.

– Coitadinho – apiedou-se Isabela. – Tomara que fique bom logo.

– Vai ficar. A veterinária disse que a infecção não é grave. Se tomar o remédio direitinho, em breve estará correndo por aí.

– Como vamos dar a ele essas gotinhas? – questionou ela, avaliando o vidro da medicação homeopática. – Normalmente, esses vidrinhos vêm com aquela tampa dosadora.

– Esse vem com conta-gotas. Foi feito na farmácia da própria clínica, que só atende os animais da veterinária.

– Ainda bem – fez uma pausa, observando bem o cachorro, e perguntou em seguida: – Ele é de raça?

– É um border collie.

– Nunca ouvi falar.

– Parece que não era muito comum por aqui. Disseram-me que é uma raça recente, criada na Inglaterra, para servir de cão de pastoreio.

– E virou cão doméstico?

– Creio que sim.

– Será que tem alguém procurando por ele?

– Duvido muito. Acho que ele foi abandonado porque estava doente. Sendo assim, ninguém deve estar procurando por ele.

– Tomara.

– E o André? Está na casa da Larissa?

– Onde mais poderia estar?

– Vou buscá-lo agora mesmo. Vai ser uma surpresa e tanto.

Ao se aproximar da casa de Larissa, Wilson viu, com desgosto, a figura desagradável de Roberta sentada na varanda. Pensou em dar meia-volta e passar pela cerca dos fundos, mas era tarde demais. Ela já o havia visto e o agraciava com seu sorriso mais dissimulado.

– Boa tarde, dona Roberta – cumprimentou ele, tentando parecer simpático.

– Se veio buscar seu filho, ele está lá atrás com a Larissa, trancado naquela casa da árvore.

– Obrigado.

Ele contornou a casa, seguindo direto para o quintal. Em outras circunstâncias, teria entrado para cumprimentar Priscila, mas queria evitar o contato com Roberta. Mesmo assim, ao se aproximar da árvore, ouviu um

barulho de máquina de costura vindo da garagem. Pela porta aberta, viu Priscila costurando.

– Oi, Priscila! – disse ele, acenando com naturalidade.

– Oi, Wilson! – ela respondeu, de forma inocente. – André está lá em cima, com a Larissa.

– Eu sei.

Não foi preciso chamá-lo. Ouvindo a voz de Wilson, o menino apareceu na janela.

– Oi, pai. Tá cedo ainda.

– Preciso que você vá em casa um instante. Quero lhe mostrar uma coisa.

– O que é?

– Você vai ver.

– É coisa boa ou ruim?

– Deixa de história, André, e venha logo. Pode trazer a Larissa, se quiser.

– A Nina também pode ir? – gritou Larissa, lá de dentro.

Já que ele não sabia a forma como o cachorro reagiria a gatos, achou mais prudente mantê-la em casa.

– Melhor não. Ela pode fugir. Vamos, André. Rápido.

– Tô indo, tô indo.

As crianças desceram correndo, deixando Nina na janela. Durante o trajeto até sua casa, Wilson não falou nada. André insistia em tentar adivinhar, mas só podia pensar em um novo forno, mesinhas mais modernas, toalhas mais alegres ou qualquer coisa legal relacionada à nova pizzeria. Larissa apostou num aparelho de som ou numa televisão para pôr na parede.

– Nada disso – negou Wilson. – Parem de tentar adivinhar.

Passaram pelo corredor lateral da garagem, sem entrar na pizzaria, para estranheza das crianças, que começavam a se divertir com o que parecia um enigma.

– Não tem ninguém tomando conta da pizzaria? – André surpreendeu-se.

– Sua mãe fechou só um instantinho.

– Quanto mistério! – exclamou Larissa.

– Aposto que não é nada de mais...

– Fique quieto – Wilson fingiu ralar.

Entraram na sala, onde tudo permanecia igual. Tirando a excitação quase infantil da mãe, nada havia que fosse digno de nota. Sem dizer nada, ela correu na frente, subindo as escadas antes que o filho pisasse no primeiro degrau. Cada vez mais curioso, André não estranhou quando Isabela parou diante da porta do quarto dele, bloqueando a entrada, com a mão na maçaneta. É claro que André deduziu que a surpresa era um presente para ele. Chegou a imaginar um novo cachorro, mas logo afastou a ideia, um sonho por demais distante da realidade.

– Pronto? – perguntou a mãe, já começando a rodar a maçaneta.

Ela contou até três e abriu a porta. Sob a luz mortiça do fim de tarde, André nada viu além do quarto arrumado, cada uma das suas coisas no devido lugar. Quem primeiro avistou o cachorro foi Larissa. Ao invés do amigo, que procurava, nas prateleiras, qualquer indício de surpresa, ela foi atraída por um movimento quase imperceptível, bem ao lado da cama. Levou a mão à boca, para sufocar um grito de surpresa.

O grito morreu na garganta, mas a expressão de assombro traduziu a descoberta. Seguindo seu olhar espantado, André deu de cara com o cão, agora acordado, apesar de bastante sonolento. A primeira coisa que ele

pensou era que se tratava de um bichinho de pelúcia. Permaneceu mudo, olhando para o suposto boneco, com medo de dar vazão à alegria e depois ter que assumir a frustração. Depois, achou que poderia ser um sonho ou miragem. Só que não... Estava na cara que o ser que se mexia logo abaixo dele não era brinquedo nem miragem, mas um cachorro de verdade.

– Mamãe! – exclamou, finalmente acreditando em seus olhos. – É um border collie! É o cão mais inteligente do mundo!

– Pronto, viu? – gracejou Wilson. – Aí está, o esperto conhece a raça. Por que não tivemos a ideia de perguntar logo a ele?

– É meu? – prosseguiu ele, cada vez mais atônito.

– O que você acha, André? – tornou Larissa, impaciente com a pergunta óbvia.

– É claro que é seu – confirmou Wilson.

Sentindo a celeuma que sua presença havia causado, Billy arregalou os olhos castanhos, fitando cada um dos presentes, na esperança de que seu dono estivesse ali. Mas nada de Rodrigo nem de Lizandra, a quem não sabia que devia atribuir todo seu infortúnio. Um breve pesar o deixou paralisado, como se, aos poucos, fosse se dando conta de que estava no meio de estranhos.

Admirado, André chegou mais perto. Ajoelhou-se ao lado da cama do cachorro e experimentou esticar as mãos, que ele recebeu com uma lambidinha sem muito entusiasmo.

– O que é que ele tem? – questionou André. – Acho que não gostou de mim.

– Ele está doente – informou o pai. – Pegou uma infecção urinária, mas já está sendo tratado com homeopatia.

– Deve estar sentindo um pouco de dor – acrescentou Isabela.

– Ele é lindo, André! – elogiou Larissa. – Não importa que esteja doente. Vai ficar logo bom, você vai ver.

– É claro que vai – concordou Wilson. – Mas por enquanto, ele precisa descansar.

Bem devagarinho, André foi passando a mão pelo cachorro, acariciando sua cabeça, seu pescoço, suas costas. Ele respondeu com uma virada de bruços, estendendo as patas para cima e exibindo a barriga, onde gostava de receber carinho. Percebendo o que ele queria, André dirigiu para lá a mão, mas foi obrigado a retirá-la quando ele ganiu baixinho e puxou a perna, encolhendo-se na borda macia da cama.

– Está doendo muito, garoto? – indagou ele, a voz naturalmente amistosa. – Não fique triste. Vai passar. Eu vou cuidar de você. Eu e minha amiga Larissa. Não é, Larissa?

– É claro – ela respondeu, também se aproximando. – Espero que você goste de gatos.

– Onde você o encontrou, pai?

– Como sabe que eu o encontrei?

Ele deu de ombros:

– É um cachorro caro...

– Pois você tem razão. Nem sonhando, eu teria dinheiro para comprar um animal desses. Encontrei-o perdido na rua, doente e machucado. Pode ser que tenha fugido, mas o mais provável é que tenha sido abandonado.

– Por que você diz isso?

– Foi o que me disseram na veterinária. O border collie é um cachorro agitado, impossível, destruidor. Deve ter feito uma bobagem muito grande na casa de onde veio, e aí, o puseram fora.

– Que maldade! – indignou-se Larissa.

– Infelizmente, as pessoas compram cachorros de raça porque são bonitinhos, sem atentar para o trabalho que dão. Alguns crescem muito e não cabem nos apartamentos, são dispendiosos, fazem sujeira, destroem, bagunçam. As pessoas não têm paciência. Querem um bichinho de verdade, mas que se comporte como um de pelúcia.

– Todo mundo deveria pensar bem antes de pegar um cão ou gato – observou Isabela. – Ninguém é obrigado a gostar de animais nem a ter um de estimação, mas se o faz, torna-se responsável por ele. É como a raposa diz para o Pequeno Príncipe: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. Lembram dessa passagem? – As duas crianças assentiram. – Pois é assim mesmo. Ninguém precisa se escravizar ao animal, nem a outra pessoa, na verdade. Mas é responsável na medida em que assume para si o seu cuidado, e pelo tempo em que ele precisa de cuidado. Uma criança cresce, se torna adulta e pode cuidar de si mesma. Um idoso, nem tanto. Um animal necessita de cuidados para sempre. Abandonar um animal é um atentado contra as leis da natureza.

– Sua mãe está coberta de razão. Ainda bem que, aqui em casa, não fazemos essas coisas.

– Nem na minha! – completou Larissa, apressadamente.

– Sei disso, Larissa – observou Isabela. – Sua mãe e Ítalo são pessoas do bem. E é por isso que temos crianças igualmente boas.

– É por isso, também, que você precisa cuidar bem dele – lembrou Wilson. – Ele agora é responsabilidade sua.

– Eu vou cuidar. Ele vai ser muito feliz aqui. Não vai, cãozinho? – Billy abanou o rabo de leve, erguendo os olhos sem mexer a cabeça. – Ei, pai! Tem alguma coisa esquisita no olho dele.

Wilson se aproximou para examinar a vista do cachorro, mas não viu

nada além de uma pequenina mancha preta.

– Isso não é nada – tranquilizou. – É só uma manchinha. Ele tem os olhos muito bonitos. Parecem bolas de gude de fundo sépia.

– Sépia?

– É tipo cor de fotografia antiga, meio amarelada, meio marrom.

– Ele tem cara de bonzinho – considerou Larissa. – Aposto como vai gostar da Nina.

– A gente dá um jeito de acostumar os dois.

– Como vai chamá-lo? – perguntou Isabela.

– Toby não pode mais – falou André, pensativo. – Que tal... Bruce?

– Bruce? – tornou o pai. – Tipo Bruce Lee ou Bruce Willis?

– Não, pai. Tipo Bruce Dickinson, vocalista do Iron Maiden. Você sabe o quanto eu gosto de Iron Maiden.

– Se é esse o nome que você escolheu, então, é esse o nome que vai ser – concordou a mãe.

– É isso aí, meu filho. O cão é seu.

– Bruce – sussurrou ele, envolvendo o pescoço do cachorro. – Você vai ser muito feliz aqui.

Bruce não sabia falar, mas algo em seu íntimo compreendeu que, daquele dia em diante, sua nova família estava ali.

Capítulo 22

Vítor levou um susto quando a presença de Lizandra foi anunciada em seu escritório. Em todos aqueles anos de casados, era a primeira vez que ela ia procurá-lo no trabalho. A primeira coisa que pensou foi em desgraça. Um medo atroz de que algo houvesse acontecido ao filho levou-o a disparar pelo corredor, sem nem mesmo responder à secretária.

– Lizandra! – exclamou apavorado. – O que foi que houve?

Devia ser algo muito sério, para ela se apresentar vestida como se tivesse acabado de chegar da academia.

– Fiz uma coisa horrível, Danilo! – ela desabafou, atirando-se nos braços dele, aos prantos.

– O que foi que você fez? – indagou ele, cada vez mais angustiado. – Foi algo com o Rodrigo? Atropelou alguém? Pelo amor de Deus, Lizandra, me fale!

Ele a conduziu até sua sala. Pediu água à secretária, sentou-a no sofá, procurou acalmá-la, acariciando seus cabelos. Ela bebeu devagar, tentando conter os soluços, para que a voz não fosse impedida de sair.

– Você nunca vai me perdoar – divagou ela, olhar a esmo, ainda soluçando.

– Não me diga que foi com o Billy – adivinhou ele, pressentindo uma calamidade. – Foi? Responda, Lizandra. Você fez alguma coisa com o Billy?

O olhar dela era de súplica, de medo, de agonia. Queria nunca ter tido aquela ideia maldita. Se pudesse virar o relógio alguns minutos atrás, tudo

seria diferente. Billy teria levado uma bronca, ficado de castigo, qualquer coisa, menos ter sido abandonado. Vítor a encarava, sério, aguardando uma resposta. Ela queria falar, mas não conseguia. A língua havia travado, contaminada pelo medo.

– Vou perguntar de novo, Lizandra. – A voz dele agora soou áspera, reverberando em sua cabeça e potencializando a dor. – Você fez alguma coisa com o Billy?

– Ele... – balbuciou, procurando coragem em algum lugar de seu íntimo.
– Ele sumiu...

– Como assim, sumiu? Ele fugiu de novo? Soltou-se da coleira, disparou pela rua e não voltou mais? E você não conseguiu encontrá-lo? Fale, Lizandra!

– Não foi isso. – Ela meneou a cabeça não apenas para negar, mas para afastar a última imagem que guardara dele, sozinho, abandonado, sem entender o que acontecia. – Eu... ele... ele fez xixi na minha cama... e no meu carro... Eu ia levá-lo ao veterinário, já estava a caminho. Mas aí, não sei o que me deu...

– O que isso quer dizer? O que você fez com ele?

– Eu subi a serra de Grumari e o deixei lá...

– Você o quê?

– Eu voltei para buscá-lo, juro que voltei...! Mas ele não estava mais lá...

Vítor tentava raciocinar. Tinha que encontrar um jeito de desfazer a burrada de Lizandra antes que o filho descobrisse, se é que já não havia descoberto.

– Lizandra, estou tentando manter a calma – tornou ele, realmente se esforçando para sustentar o autocontrole. – Você sabe, exatamente, o lugar onde o deixou?

– Sei. Voltei lá, mas ele não estava. No caminho, entrei na contramão e quase bati em outro carro. Tive a impressão de ter visto um cachorro igualzinho ao Billy no banco da frente, mas acho que me enganei, porque ele desapareceu de repente.

– Não sei como você pôde fazer isso, Lizandra – censurou ele, passando as mãos pela testa, amargurado. – Ainda mais depois do que aconteceu com a Suzy.

– Eu estava fora de mim... E ele... acho que estava doente...

– Doente?

– Ele estava gemendo, se urinando todo. Fiquei apavorada. Como é que eu ia cuidar de um cachorro doente?

– Não acredito! Você deu sumiço no cachorro porque pensou que ele estivesse doente e não queria ter trabalho? Foi isso, Lizandra? Será possível que você é mesquinha a esse ponto? Não pensou no animal? Não pensou no seu filho?

– Não pensei em nada...

– Claro que não. Na hora, só pensou em você, não foi?

– Por favor, Vítor, me perdoe. Foi uma idiotice, um ato impensado, mas logo me arrependi. Ajude-me a encontrá-lo, antes que tenhamos que contar ao Rodrigo.

– Agora você quer a minha ajuda? – rebateu, sarcástico. – Por que não pediu a minha ajuda quando pensou em abandoná-lo? Eu teria ido até você, levado Billy ao veterinário, cuidado dele, junto com Rodrigo e Anita. Você não teria trabalho algum.

– Eu não estava raciocinando direito! Pelo amor de Deus, Vítor, me ajude! Enquanto estamos aqui discutindo, ele pode estar indo, cada vez mais, para longe.

– Muito bem. Vamos procurá-lo juntos. Mas faço isso por Rodrigo, não por você. Não quero que meu filho passe por outro trauma.

Vítor sentou-se ao volante do carro dela, dirigindo o mais rápido que era possível sem infringir as leis de trânsito. Demorou um pouco até começarem a subir a serra, onde ele reduziu a velocidade.

– Não foi aqui que o deixei. Foi mais para cima.

– Ele pode ter caminhado para qualquer lado. Fique de olho na estrada. Se vir algum movimento, me avise.

Ela prestava atenção, torcendo para encontrar o animal. A questão agora era de sobrevivência. Sem Billy, Vítor pediria o divórcio e talvez conseguisse a guarda de Rodrigo.

– Não estou vendo nada – constatou, beirando o desespero.

– Está muito quente. Ele pode estar escondido embaixo de alguma árvore.

Continuaram procurando, olhando, revirando todos os cantos e recantos da estrada. Quando chegaram ao local onde ela o havia abandonado, Vítor estacionou exatamente no lugar em que ela estacionara algumas horas antes.

– Foi aqui – avisou ela. – Deixei-o bem ali, perto da beira.

– Você o deixou à beira de um precipício? – Ela assentiu. – Era só o que me faltava. Tomara que ele não tenha caído.

– Quando eu saí, ele estava ali, deitadinho no chão.

– E você não se condoeu? Não doeu em seu coração ver os olhinhos assustados dele?

– Não...

– Ah, claro, eu me esqueci – cortou, com rispidez. – Você não tem coração.

– Não era isso que eu ia dizer! – replicou ela, uma cascata de lágrimas irrompendo dos olhos. – Eu me condoí, mas não vi os olhos dele. Parecia que estava dormindo.

– Dormindo – repetiu ele, incrédulo. – Por acaso, não achou estranho o cão ser abandonado e, ao invés de tentar seguir você, simplesmente, se deitar e dormir? Hein? Não achou?

– Ele estava doente – ela repetiu, a voz um sopro sem vida.

– E você deduziu que ele estava morto, não foi? – Ela assentiu, dolorosamente. – Só que não estava. Do contrário, não teria saído daqui.

– O que será que houve com ele?

– Muito simples. Ou ele se mandou ou alguém o pegou.

– E agora?

– Vamos continuar procurando.

Procuraram a tarde inteira. Vítor desceu a serra, foi até Barra de Guaratiba, circulou pelas redondezas, vasculhou, indagou, prometeu recompensas. Nada. Ninguém havia visto o cachorro. Desanimados, com fome, viram-se forçados a desistir.

– Não é possível – considerou ela. – O cachorro evaporou.

– Cachorros não evaporam. O mais provável é que alguém o tenha encontrado. É um cachorro lindo, de raça, muito bem tratado. Se alguém o encontrou, vai ficar com ele ou vendê-lo.

– Por que alguém iria vendê-lo?

– Porque ele ainda é filhote e custa uma nota. Só por isso.

Ela escondeu o rosto entre as mãos, chorando mais uma vez. Desde que se desfizera de Billy, parecia que não fazia nada além de chorar.

– O que vamos fazer agora?

– Eu não vou fazer nada. Você vai contar tudo ao Rodrigo.

- Ele vai me odiar.
- Pensasse nisso antes de fazer o que fez.
- Por favor, Vítor, me ajude. Podemos inventar uma história qualquer.

Dizer que ele ficou doente e morreu.

– Não vou mentir para acobertar a sua maldade. O máximo que posso fazer é pregar uns cartazes com a foto do Billy, oferecendo uma recompensa para quem o encontrar.

- Você está sendo cruel. Não sente piedade de mim?
- E você? Por acaso sente piedade de alguém além de si mesma?
- Não é justo, Vítor, eu errei. Quem não erra?
- Todo mundo erra e aprende com seus erros. Só você repete os mesmos erros. Será possível que nunca vai aprender?

– Eu aprendi...

– Mesmo? Pois se aprendeu, comece a demonstrar agora. Assuma seu erro, coisa que você nunca faz.

De volta ao carro, Vítor deu partida no motor, seguindo direto para casa. Mais tarde, mandaria alguém levar seu carro até ele. No momento, o mais importante era estar presente para assegurar-se de que Lizandra contaria a verdade a Rodrigo. Mais importante ainda seria o apoio de que o filho iria precisar.

– Onde é que vocês estavam? – Rodrigo praticamente saltou em cima deles, mal a porta se abriu. – Por que não atenderam o celular?

– Onde estávamos não tinha sinal – justificou Vítor, que só agora via as ligações do filho.

– Cadê o Billy? Por que não está com vocês? Mãe, ele fugiu de novo?

Lizandra não se atrevia a olhar para ele. Daria tudo para sumir, virar uma poeirinha e desaparecer. Mas não podia. Vítor tinha razão. Ela

precisava encarar o filho.

– Venha cá, Rodrigo – Vítor o chamou. – Sente-se aqui. Sua mãe tem algo a lhe dizer.

Seria impossível não prever algum tipo de desgraça. Corpo trêmulo, Rodrigo sentou-se ao lado do pai, evitando contato com a mãe.

– O que foi? – perguntou ele, mesmo sabendo que a resposta seria difícil e dolorosa.

As lágrimas nos olhos dele foram o que mais doeu em Lizandra. Por sua culpa, o filho teria que passar por todo aquele sofrimento outra vez. Talvez ele nunca mais a perdoasse. E, ainda que o fizesse, ela mesma não se perdoaria.

– O menino está esperando – avisou Vítor, estreitando o filho nos braços.

– A primeira coisa que quero que saiba, Rodrigo, é que não fiz por querer... – iniciou ela, mais uma desculpa do que uma explicação.

– Não fez por querer? – repetiu Rodrigo. – Quer dizer então que é verdade? Billy fugiu outra vez?

– Mais ou menos... Quero dizer, não foi bem assim...

Ela olhou para Vítor, pedindo socorro, mas o que obteve foi um olhar frio, impassível, no qual desfilava a sombra da hostilidade.

– Mãe, você está me assustando! Quer me dizer, de uma vez, o que foi que aconteceu com o Billy?

– Ele... ele urinou na minha cama, e eu... fiquei com raiva, e... você sabe como eu sou impulsiva...

– O que você fez com ele, mãe?

– Vareei o secador de cabelos na cabeça dele e...

– Você machucou o Billy? – horrorizou-se. – Ele está no veterinário

agora?

Ela não conseguia falar. O nó na garganta tornava impossível a voz de sair.

– Vamos, Lizandra, conte o resto – ordenou Vítor.

– Tem mais? – surpreendeu-se o menino. – Mais o quê, mãe? Fala logo!

– Eu... – ela hesitou, apertando os lábios para evitar o tremor provocado pela proximidade do pranto. – Eu o coloquei no carro... ia levá-lo ao veterinário, mas aí... não sei o que me deu, fiquei fora de mim. Mudei o caminho e deixei-o lá...

– Lá onde? – ele agora gritava, agitando-se sob os braços do pai.

– Num lugar distante... Voltei, pedi ajuda a seu pai, mas a verdade é que ele sumiu. Não conseguimos encontrá-lo.

Difícil seria definir qual dos três estava mais emocionado. Lizandra parecia uma condenada a caminho da forca. Vítor, a testemunha silenciosa, ouvindo a confissão do criminoso. Rodrigo, por sua vez, não assumiu a posição de vítima. Estava mais para alguém que recebe a cruel notícia da morte de um filho.

Não disse nada. Apenas levantou-se para encarar a mãe com olhos vítreos, lívido feito um espectro de órbitas vazias. O corpo dele foi cedendo à gravidade, tombando lentamente, feito uma folha de papel que cai da mesa, sem poder ir muito longe. Seu mutismo foi interrompido por um grito gutural, um som de dor misturado com morte, a agonia da ausência de palavras em face do inevitável. Além disso, nada. Rodrigo cambaleou, tentou dar um passo para a frente, estendeu os braços, buscando apoio, e, finalmente, desabou.

Capítulo 23

Depois de submetido aos exames de praxe, Rodrigo voltou para casa. O médico não constatou nada de anormal em sua saúde física, atribuindo o desmaio a forte trauma emocional. Apesar do diagnóstico, o menino entregou-se a um silêncio preocupante. Não falava porque não tinha o que dizer. Se não podia mais pronunciar o nome do cachorro, nada mais lhe interessava falar.

No dia seguinte, ele mal tocou na comida. Anita se esmerou no preparo dos pratos mais saborosos, mas não adiantou. Não sentia fome. Se forçasse, acabaria vomitando. Não foi à escola, não quis brincar nem ver televisão. Entregou-se a uma apatia alarmante, como se vivesse porque tinha que viver.

- Você não pode continuar assim, meu filho – Lizandra preocupava-se.
- Vai acabar ficando doente de verdade. Vamos, coma só um pouquinho.

Ele não comia. Olhava para ela e se levantava da mesa, sem nada dizer, deixando a mãe em lágrimas, arrasada.

- Isso passa – Anita procurava tranquilizar, embora duvidasse do que dizia. – Ainda está muito recente. Dê tempo ao tempo.

À noite, parecia que o mesmo se repetiria, desta vez, com Vítor. No entanto, para surpresa de ambos, Rodrigo aceitou a comida que o pai colocou no prato dele. Não comeu muito, mas o suficiente para deixar os pais um pouco mais tranquilos.

Quando ele foi para a cama, os dois o acompanharam. Vítor beijou-o, leu

uma história, na qual ele mal prestou atenção. Mantinha os olhos abertos, embora distantes dali. Via o pai, sabia que ele sofria, queria confortá-lo, mas não conseguia. A presença da mãe é que o deixava assim. Queria que ela fosse embora.

A cadência das palavras acabou em sonolência, mergulhando Rodrigo no esquecimento do sono. Vítor fechou o livro, pousando-o de leve sobre a mesinha. Admirou o filho por alguns minutos, beijou-o na testa e saiu sem falar com a mulher.

Lizandra engoliu o pranto. Por dedicação ao filho, ou para fugir do confronto com o marido, permaneceu um pouco mais, segurando a mão de Rodrigo. Depois, quando achou que Vítor estaria dormindo, voltou para o quarto. Encontrou-o recostado na cama, lendo um livro, ou fingindo que o lia.

Tentou não lhe prestar atenção e passou direto por ele, sem dizer nada. Foi para o banheiro, trancou a porta, ligou o chuveiro. Saiu cinquenta minutos mais tarde, na esperança de que ele tivesse adormecido. Vítor, porém, continuava onde estava, lendo o livro com aparente tranquilidade. *Só faltava estar com o livro de cabeça para baixo*, pensou ela, certa de que ele não lia nada.

Ignorando-o propositadamente, vestiu a camisola, escovou os cabelos e, disfarçadamente, procurou o reflexo do marido através do espelho. Vítor ainda estava lá, recostado na cama, na mesma posição, sem virar sequer uma página do livro. Ela largou a escova e foi para a cama. Quando se deitou, finalmente, Vítor anunciou o que mantinha atravessado na garganta há um bom tempo:

– Quero o divórcio. E vou pedir a guarda de Rodrigo.

Mesmo esperadas, as palavras doeram mais do que cem agulhadas.

- Pense mais um pouco – pediu ela, súplice.
- Não há mais o que pensar. Já está decidido.
- Por favor, Vítor, eu amo você. Construímos uma vida, temos um filho.

Quer jogar tudo isso para o alto?

- Quem jogou tudo para o alto foi você.
- Você não pode tirar o Rodrigo de mim.
- Quer ver como posso?
- Isso não é justo. Sou mãe, tenho meus direitos.
- Sou pai, também tenho os meus. E Rodrigo, mais ainda, tem o direito de ser cuidado por alguém que se preocupe com ele, que lhe dê carinho, apoio, segurança.
- E eu não dou nada disso?
- Responda você mesma.
- Nunca dei motivos que pudessem me fazer perder a guarda dele.
- Nunca? Tem certeza? Talvez o juiz não pense assim.
- Ou talvez pense – calou-se, refletindo nas próprias palavras, até que continuou: – Não sou eu quem quer o divórcio. Se você quer, tudo bem, não posso obrigá-lo a continuar casado comigo. Mas, o meu filho, você não vai tirar de mim.

Ele não retrucou. Ao olhar para ela, levou um susto com a feição selvagem que encontrou. Os olhos dela soltavam faíscas, transbordando de uma raiva escaldante, o rosto refletindo o fogo que lhe consumia as entranhas. A respiração se tornou ofegante, suas mãos se fecharam, seu corpo tremia.

Vítor não queria brigar. Procurando manter a calma, levantou-se, puxando o travesseiro com ele. Carregando o livro debaixo do braço, foi dormir no quarto de hóspedes, deixando-a sozinha, para remoer sua fúria.

Foi uma noite perdida.

Alguns poucos passarinhos iniciaram sua cantoria matinal, dando bom-dia à vida que recomeçava. Uma claridade suave se insinuava pelas frestas da persiana, colocando o quarto numa penumbra macia, acariciando os olhos de Lizandra, que começaram a ceder ao convite do sono. Ela piscou algumas vezes, sentindo uma sonolência confortadora relaxando seus músculos e nervos, levando para longe a tensão dos problemas. Quando seu corpo cedeu ao chamado da quietude atemporal, ela, por fim, adormeceu.

Uma vozinha miúda ressoou em seus ouvidos, choramingando à distância. Parecia que Rodrigo chorava, chamando por ela de algum lugar perdido na imensidão do mundo dos sonhos. Era uma ilusão. Ela projetava no sonho o medo de perder o filho.

Gradativamente, o pranto dele foi aumentando de intensidade, como se alguém apertasse a tecla do volume ininterruptamente, elevando-o até o ponto de os tímpanos não mais suportarem. Lizandra se mexeu na cama, procurando atenuar o incômodo que perturbava seu sono. Virou-se para um lado, para outro, esticou-se, deitou-se de bruços, fez de tudo para silenciar aquele lamento insuportável.

Até que abriu os olhos. O quarto continuava rodopiando em seu crepúsculo particular, acompanhado de um gotejar que, a princípio, ela pensou tratar-se de chuva, mas que era apenas o barulho do chuveiro. Vítor, provavelmente, tomava banho para trabalhar.

Totalmente desperta, tornou-se consciente de que o som daquele lamento não se propagava nas ondas do sono. Vinha dali mesmo, daquele mundo tão inconstante e, ao mesmo tempo, tão petrificado nas artimanhas da matéria.

Rodrigo. Foi seu único pensamento. De um salto, disparou para o quarto

dele. Encontrou-o revirando-se na cama, balbuciando frases desconexas. Tentou segurá-lo, mas ele se debateu, os olhos cerrados, os lábios desenhando palavras que ela não compreendia. Temendo que ele se machucasse, segurou sua cabeça, sentindo-lhe a pele em chamas. Gotas abundantes de suor brotavam de sua testa, uma febre levantada pelo calor da febre.

– Meu Deus! – ela exclamou, apavorada. – Vítor! Vítor, venha cá, pelo amor de Deus! Me ajude!

Saindo do banheiro, a toalha enrolada na cintura, Vítor ouviu os gritos alarmados de Lizandra, partindo do quarto do filho. Chegou esbaforido, sufocando um grito de terror ao ver a mulher debruçada sobre o menino, tentando contê-lo na agitação do sono. Imediatamente percebeu a umidade da testa, o rubor das faces, a fala engrolada por uma inquietação invisível.

– O que está acontecendo, Lizandra? O que ele tem?

– Não sei – ela respondeu, em lágrimas. – Ouvi que ele estava chorando e, quando cheguei, encontrei-o assim.

– Ele está ardendo em febre! – constatou Vítor, a mão pousada sobre sua fronte.

Subitamente, Rodrigo começou a se sacudir, atingido por espasmos musculares que percorreram seu corpo inteiro. Revirando os olhos, a boca retorcida numa contração que dificultava a fala, pôs-se a emitir grunhidos indistintos, acompanhados de uma espuma branca que saía de sua boca.

– Ele está tendo uma convulsão! – gritou Lizandra, aterrada.

Os dois ficaram atarantados feito duas baratas tontas. Nenhum deles sabia o que fazer. Vítor segurou a cabeça do filho e tentou puxar sua língua para fora, mas os dentes trincados não lhe permitiram.

– O que fazemos, Lizandra? Não dá tempo de levá-lo ao médico.

Desesperada, Lizandra fez a única coisa que seu coração de mãe imaginou. Pelo que ela sabia, convulsões eram problemas neurológicos, e ela conhecia um neurologista muito competente. De posse do telefone, discou o número da casa de Danilo, já que ele, dificilmente, atenderia o celular. Esperou infundáveis segundos, até ouvir uma voz feminina, ainda sonolenta:

– Alô...

– O dr. Danilo, por favor! – ela gritou, revelando seu estado de desespero. – É uma emergência! Meu filho está tendo uma convulsão!

Na mesma hora, Marília passou o fone ao marido, que atendeu com uma indagação no olhar.

– Parece grave – foi só o que ela disse.

Ele segurou o fone e atendeu, cauteloso:

– Alô?

– Por Deus, Danilo, me ajude! – Lizandra disparou, sem nem se perguntar se ele reconheceria sua voz. – Meu filho está tendo uma convulsão!

Evitando falar o nome dela, Danilo retrucou aborrecido:

– Se isso for alguma brincadeira...

– Acha que eu ia brincar com a vida do meu filho? – ela contestou, apavorada. – Me ajude, Danilo, ou ele vai morrer!

Totalmente descontrolada, Lizandra chorava ante a visão do filho, todo retorcido na cama, babando, se debatendo. Um cheiro ácido, familiar, subiu às suas narinas, evocando lembranças que ela procurava esquecer.

– Dona Lizandra, está me ouvindo? – perguntou Danilo, do outro lado da linha, agora convencido da gravidade da situação. – Por favor, dona Lizandra, preste atenção.

– Meu filho, meu filho!

Pensando que ele morria, Lizandra soltou o telefone e empurrou Vítor para o lado, tomando a cabeça do menino entre suas mãos.

– Dona Lizandra! – vinha o som, quase indiscernível, partindo do fone.

– Dona Lizandra, apanhe o telefone!

Ao ouvir a voz abafada saindo do aparelho, Vítor conseguiu se reequilibrar e pegar o fone.

– Fala Vítor, marido de Lizandra.

– Muito bem, Vítor, aqui quem fala é o dr. Danilo. Sou o neurologista da sua mulher. Ouça bem. É muito importante que você mantenha a calma e faça exatamente o que eu mandar. Compreendeu?

– Sim.

– Muito bem. Onde o menino está?

– Na cama.

– Ótimo. Tire de perto dele qualquer coisa que possa feri-lo e vire-o de lado, com a boca para baixo, para ele não sufocar. Mas se ele resistir, não force.

– Vire-o de lado, com a boca para baixo – ele repetiu para Lizandra, que obedeceu.

– Pronto – avisou a Danilo. – Ela conseguiu.

– Proteja a cabeça dele, mas não tente segurá-la. Deixe que ele a agite o quanto quiser.

– Solte a cabeça dele, Lizandra – ordenou, e ela soltou. – Pronto.

– Agora, veja se consegue abrir-lhe a boca.

– Ele está com os dentes trincados.

– Então, não force. Ele está salivando?

– Sim.

– Urinou ou defecou?

– Urinou.

– Parece que ele vai engasgar! – Lizandra apavorou-se. – Está sufocando!

Em vez de sufocar, Rodrigo vomitou.

– Tudo bem, fiquem calmos – tranquilizou Danilo. – Ele não vai sufocar.

Foi por isso que mandei virá-lo de lado.

– E agora, doutor? O que fazemos?

– Agora é só aguardar a crise passar.

– Só isso?

– No momento, sim. Quando ele acordar, provavelmente, vai estar confuso. Expliquem-lhe o que aconteceu, de uma forma que ele consiga entender. Deixem-no descansar e, quando ele estiver melhor, procurem um médico.

– Que tipo de médico? Um neurologista?

– Exatamente.

– O que o senhor acha que é isso?

– Não posso diagnosticar por telefone. Pode ter sido um episódio isolado ou o sintoma de alguma doença que precisa ser investigada.

– Ele estava com muita febre.

– É uma das causas. Quantos anos ele tem?

– Nove.

– Ele já teve isso antes?

– Não, nunca.

– Então, pode ter sido pontual, decorrente da febre. Ele está doente?

– Não exatamente, mas está sob forte emoção.

– Se não for indiscrição, posso perguntar por quê?

– A mãe dele... se desfez do cachorro. O senhor acha que pode ter sido isso?

– Tem uma grande chance, mas não dá para ter certeza. Somente um exame mais acurado poderá detectar a verdadeira causa.

– Certo, doutor. Assim que ele melhorar, vou levá-lo a um neurologista. Pode ser o senhor?

– Um neuropediatra seria mais aconselhável.

– Pode indicar algum?

– Certamente. Aguarde um minuto, que vou lhe passar o telefone de uma médica excelente, em quem confio muito. – Ele saiu por alguns instantes, passando o número da médica em seguida. – Não deixe de procurá-la. Pode não ser nada de mais, mas pode ser muitas coisas.

– Tipo o quê?

– Converse com a médica primeiro. Não vejo motivo para alarme. Podemos estar nos precipitando.

– Doutor, se o senhor não me disser alguma coisa, vou para a internet pesquisar. Não seria melhor ouvir isso de uma pessoa abalizada?

– Muito bem, se é o que quer. Só não conte à sua esposa. Ela está muito nervosa.

– Eu nem sonharia em fazer uma coisa dessas.

– Ela está nos ouvindo?

– Não. Está ocupada com Rodrigo.

– Certo. Os casos mais graves são de epilepsia ou tumor cerebral. A primeira tem tratamento. O segundo já é um pouco mais complicado.

– Entendi. Bom, não vou tomar mais o seu tempo. Muito obrigado, doutor. Pode nos mandar o valor dos seus honorários por e-mail?

– De jeito nenhum! Fiz o que tinha que fazer por amor à profissão e à

vida. Nem pense em querer me pagar. E depois, sua esposa já é minha paciente.

– Muito bem, doutor. Não tenho palavras para agradecer o que o senhor fez por meu filho e por nós. Deixe-me, ao menos, lhe dar um vale de abastecimento perpétuo para o seu carro.

– Um vale de quê? Não entendi.

– É que tenho uns postos de gasolina – esclareceu ele, com humildade. – Gostaria de presenteá-lo com um vale de abastecimento gratuito em toda a minha rede de postos. E por favor, não diga que não precisa. Seria um prazer e uma honra para mim.

– Veremos isso depois. No momento, concentre-se no menino. E não se esqueça de me dar notícias.

– Darei. Novamente, muito obrigado.

– Não foi nada. Um abraço.

– Outro – desligou, aproximando-se da cama do filho. – Como ele está?

– Parece que melhorando.

– Gostei muito do seu médico. Pena que ele não quer cuidar do caso de Rodrigo.

Era uma ironia. Seu marido simpatizara justamente com o amante da mulher. Naquela hora, gostaria de nunca ter se envolvido com Danilo. Tinha certeza de que era esse o motivo que o levava a recusar-se a cuidar de Rodrigo. Uma pena. Danilo era bom médico, competente, de confiança.

– Será que você não consegue convencê-lo a aceitar o caso de Rodrigo?

Era a mesma pergunta que ela gostaria de fazer.

Capítulo 24

Atarefados com a nova pizzaria, Wilson e Isabela faziam o que podiam para deixar tudo em ordem. Os negócios cresciam, a freguesia aumentava dia a dia. O sucesso das receitas de Isabela começava a correr a vizinhança, e vinha gente até de bairros próximos para experimentar suas delícias.

– Acho que, daqui a pouco, teremos que contratar mais gente – observou Wilson.

– Pena que Priscila não aceitou vir trabalhar com a gente.

– Ela tem os afazeres dela. E acho que ficou com medo de dona Roberta.

– É possível... – concordou ela, olhando em dúvida para os ingredientes que estava guardando.

– O que foi?

– São esses potes. Há algo errado com essas tampas. Olhe só.

Wilson pegou um dos potes e tentou encaixar-lhe a tampa, mas ela não servia. Parecia menor do que a abertura do recipiente.

– Que coisa! – reclamou ele. – Não cabe.

– Você não conferiu as tampas na fábrica?

– Não. Elas vêm embaladas embaixo dos frascos. Nem imaginei que podiam ser diferentes.

Ela desistiu de fechar os potes, olhou para Wilson e anunciou, categórica:

– Você vai ter que dar uma corrida lá para trocar esses frascos.

– Agora?!

– Não vejo outro jeito. Preciso acondicionar esses queijos e frios. Quer

que tudo se estrague?

– Não dá para pôr no freezer do jeito que está?

– Já fatiei e etiquetei tudo com as datas de validade. Não dá para deixar isso destampado no freezer. Vai ficar tudo ressecado.

– Ai, Isabela, põe um plástico por cima. Ou um papel alumínio.

– Pelo amor de Deus, Wilson! O que é que custa você ir lá correndo trocar as tampas?

– É longe...

– E daí? Quem anda é o carro, não você. Vai logo. Daqui a pouco, teremos que abrir a pizzaria, e não vai dar mais tempo. Sem contar que a fábrica fecha, né?

– Tá bem, tá bem – falou ele, resignado. – Já estou indo.

Sem argumentos para contrapor à mulher, apanhou o carro e foi, muito contrariado. Por sorte, não teve nenhum problema. O gerente efetuou a troca sem maiores discussões, pedindo desculpas pelo incômodo.

Na volta, Wilson acedeu ao forte desejo de passar novamente pelo local onde Bruce fora encontrado. O que esperava ver lá, não sabia. Talvez só quisesse se certificar de que não havia ninguém procurando por ele.

O cão já estava com eles havia alguns dias. O tratamento homeopático surtira efeito rapidamente, e Bruce agora corria solto pelo quintal. Habituar-se ao ambiente e às pessoas sem dificuldade, embora, em alguns momentos, vagueasse o olhar pela rua, sempre à procura de algo ou de alguém. Inteligente, aprendia depressa, dando mostras de que havia sido adestrado.

Ao passar perto do local onde apanhara Bruce, seus olhos foram atraídos para um cartaz colado em um poste, na beira da estrada, onde se via a foto de um cachorro. Coração aos pulos, pisou no freio, engatando a ré com

rapidez. Ligou o alerta e saltou ao lado do poste. Durante alguns minutos, permaneceu olhando o cartaz esmaecido, tentando desmentir o reconhecimento. Os dizeres simples, em vermelho desbotado, anunciavam a procura de um cão perdido, que atendia pelo nome de Billy. Abaixo, um número de celular. Na foto, um filhote de border collie olhava para a câmera com ar inteligente, a língua pendurada da boca, pronto para saltar. Era igualzinho ao Bruce. Aquele olhar era inconfundível. Lá estava a manchinha preta circundada pela tonalidade castanho sépia da íris direita.

– Não pode ser – ele falou em voz alta, arrancando o cartaz. – Não é que é o Bruce?

O arrependimento chegou num ímpeto quase destruidor. Que diabo estava pensando quando resolvera voltar ali? Se não tivesse visto o cartaz, tudo continuaria como estava. Mas acontece que ele vira. Vendo, não podia ignorar.

Voltou para casa debatendo-se com a própria consciência, evitando olhar para a foto que o encarava do banco ao lado. Quando chegou, o filho veio correndo, seguido pelo cachorro, que pulou na porta do carro, saudando-o com latidos brincalhões.

– Não, Bruce, você não pode pular – o menino ralhou gentilmente. – Ainda não está totalmente curado.

Bruce deixou-se abraçar por André, virando o focinho de vez em quando para lambe-lhe o rosto. Foi terrível, para Wilson, ver os dois assim. Lentamente, ele saltou do carro, recebendo o abraço do filho e sentindo o rabo de Bruce batendo em suas pernas.

– Como está, filhão? – indagou, aproveitando para afagar a cabeça do cachorro.

– Bem. Sabia que tia Priscila fez um lanche para a gente comer lá na casa

da árvore? O Bruce adorou, não foi, Bruce? Ele comeu toda a parte dele. Só não comeu a da Nina porque ela lhe deu uma arranhada no focinho.

– Foi mesmo? E o Bruce não fez nada?

– O Bruce é muito bonzinho. Abaixou a cabeça, abanou o rabo e deu uma lambida na cara dela.

– E o que ela fez?

– Sabe que a danada até que gostou? Não fez nada. Ficou lá, olhando para ele com aqueles olhos azuis vesguinhos.

– Você gosta muito do Bruce, não é, meu filho?

– É claro! E ele também gosta de mim. De mim, da Larissa e da Nina. Somos uma equipe, pai.

– Que bom.

– Vou avisar a mamãe que você chegou.

– Tudo bem. Vá, filho.

– Vamos, Bruce! Mãe! Mãe! Papai chegou!

Wilson não pôde deixar de rir. Isabela surgiu na porta dos fundos, enxugando as mãos num pano de pratos. Solto o pano em algum lugar e foi em sua direção.

– Tudo bem? – ela indagou, recebendo o beijo que ele lhe deu no rosto. – Conseguiu trocar?

– Consegui.

– Algum problema?

Antes de pegar a sacola com as tampas trocadas, Wilson se esticou e apanhou o cartaz no banco do carona, hesitando um pouco antes de mostrá-lo a Isabela. Assim que viu do que se tratava, ela levou a mão à boca, silenciando um grito de medo.

– Não diga nada, por enquanto – pediu ele, quase sem ser ouvido.

- Meu Deus, Wilson, ele vai sofrer muito.
- Eu sei. Foi por isso que ainda não mostrei o cartaz a ele.
- Não podemos fazer isso. Ele é só uma criança! Não vai entender.
- Entender, ele vai. Não sei é se vai aceitar.
- E agora?
- Não sei. Sinceramente, não sei. Acho melhor pensarmos bem a respeito antes de tomarmos qualquer atitude.
- Rasgue isso – pediu ela, quase implorando. – Ninguém sabe que você viu esse cartaz.
- Mas eu vi, Isabela! Não posso fingir que não vi. Não ficaria em paz com a minha consciência.
- E eu não ficaria em paz com a minha se causássemos um outro trauma a André.
- Que situação!

Parado, com o cartaz na mão, Wilson não sabia o que fazer. A mulher tinha razão, mas ele era uma pessoa honesta. Ambos eram. Por outro lado, o filho já sofrera muito. Seria justo impor-lhe outra decepção, forçando-o a conviver com nova e dolorosa perda? Pensando nisso, decidiu-se. Segurando o cartaz com força, rasgou-o em pedaços pequenininhos, observando o papel ressecado se despedaçar e escapular por entre seus dedos.

– Pronto – sussurrou ele. – Está acabado. Deus me perdoe pelo que fiz, mas André é nossa prioridade.

Ela não disse nada. Deu-lhe um abraço apertado e enxugou os olhos. Não queria que o filho a visse chorando. Voltou para a pizzaria em silêncio, evitando questionar a consciência sobre o que haviam feito.

Sozinho no quintal, Wilson deixou que o vento espalhasse os pedacinhos

da cartolina destrozada. Aqui e ali, restos da foto esvoaçavam, irreconhecíveis. As letras vermelhas rodopiavam num pequeno redemoinho, fragmentos de símbolos indiscerníveis. Olhando aquela execução mal ensaiada de dança ao vento, Wilson percebeu que nada restara que pudesse tornar reconhecível ou legível o cartaz que ele acabara de destruir.

Deu um suspiro de alívio, dizendo a si mesmo que tinha sido o melhor. Ninguém precisava saber que ele sabia e, provavelmente, nunca mais veria aquele cartaz outra vez. Até porque pretendia não passar mais pela serra de Grumari.

Aparentemente convencido, apanhou a sacola no banco de trás, bateu a porta e seguiu sorridente para a pizzaria. Nem bem pisou a soleira da porta, algo em seu cérebro ribombou como numa explosão, reagrupando os fragmentos do que ele pensou que poderia esquecer.

Assim como se foram, os Algarismos voltaram, agora trazidos pelos ventos que agitam a consciência. Foi então que ele soube. Não adiantava mentir para si mesmo, tentando apagar o que era indelével. Naquele momento, o que surgiu em sua mente foi o número do celular, que ele havia decorado sem querer.

Capítulo 25

Com o passar dos dias, as lembranças de Bruce esmaeciam, substituídas pela carinhosa companhia de André. Ainda se lembrava do antigo dono, contudo, sem entender por que não o via mais, direcionou seu afeto para André, junto de quem se sentia seguro, confiante, alegre.

Tinha medo de carro, era verdade. Quando Wilson precisou levá-lo novamente ao veterinário, ele teve uma reação inesperada. Deu um pinote, soltou-se da coleira e disparou pela cerca do quintal. Voltou pouco depois, trazido por Priscila. A muito custo, conseguiram, finalmente, fazer com que ele entrasse no carro e, assim mesmo, só depois que ele se convenceu de que André iria junto.

O tempo trouxe o esquecimento. Agora inteiramente recuperado, Bruce não saía do lado de André. Quanto mais via crescer a amizade entre os dois, mais Wilson se convencia de que havia feito a coisa certa. Só o que o incomodava era a lembrança daquele maldito celular que, por mais que ele fizesse, não conseguia apagar de sua mente.

O término do ano letivo era sempre comemorado pelas crianças. Findas as aulas, a vida era só brincadeira. Fazia uma linda manhã de sol quando Larissa, postada embaixo da janela de André, pôs-se a berrar pelo amigo:

– André! Já acordou? Vamos logo! É o primeiro dia das nossas férias! Mamãe preparou um café da manhã para a gente comemorar.

– Já estou indo! – gritou ele em resposta, aparecendo rapidamente na janela.

Depois de um rápido bom-dia aos pais, saiu apressado, com Bruce correndo atrás dele. Rapidamente, alcançaram a árvore onde Ítalo construía a casa para Larissa.

– Você sobe com ele e me espera – orientou a menina. – Deixei a Nina no quarto, pra ela não comer nossa comida.

– Tudo bem.

– E não comecem sem mim!

Ela saiu correndo, em busca de Nina. André subiu os degraus de par em par, enquanto Bruce ia de um em um, farejando o ar impregnado de aromas gostosos.

– Não, senhor – censurou André carinhosamente, tão logo abriram a porta. – Não seja mal-educado. Temos que esperar a Larissa e a Nina.

Larissa passou pela cozinha como uma bala. A mãe lavava a louça do café da manhã dos adultos, enquanto Roberta tomava sol na varanda. Larissa deu graças a Deus por ela não estar por perto.

– Vamos, Nina – chamou ela, pegando a gatinha no colo. – Está na hora do café da manhã. Nossos amigos já estão esperando.

Quando saiu do quarto, quase deu um encontrão em Roberta, que seguia em direção ao banheiro.

– Tome cuidado, menina! – zangou. – Isso são modos de andar dentro de casa?

– Desculpe, dona Roberta! – ela gritou, sem parar. – Estou com pressa.

Passou novamente pela mãe, carregando Nina no colo, aos sacolejos. Subiu às pressas, entrando pela porta aberta. Como sempre fazia ao se ver diante de outro animal, Bruce esticou o focinho para a frente. Queria cheirá-la, para fazer um reconhecimento. A gata, porém, levou um susto e bufou, desferindo uma unhada no focinho dele, que gritou e foi se esconder

atrás das costas de André.

– Ai, ai, ai, Nina! – ralhou ela. – Isso foi muito feio. Vocês já se conhecem. Têm que ser amigos. Faça o favor de se comportar. Vamos comer agora.

Havia leite, achocolatado, pão com manteiga, queijo, presunto e bolo, que as crianças repartiram com os animais. Nada aproxima tanto as criaturas como partilhar refeições. Faz com que todos se sintam parte do mesmo momento, da mesma alegria, do mesmo grupo. Pouco depois, Priscila chamou lá de baixo.

– Tudo bem aí em cima?

– Tudo, mãe. Está tudo uma delícia!

– O Bruce também está gostando. Não é, Bruce?

– Nós já vamos descer.

Quando a porta se abriu, Bruce foi o primeiro a saltar. Desceu correndo, latindo, abanando o rabo. Conquistara Priscila desde que ela o vira pela primeira vez.

– Você é muito lindo, sabia? – elogiou. – E simpático também. Ele já se acostumou com o carro?

– Ainda não – disse André.

– Que trabalhadeira danada naquele dia, hein? Não foi nada fácil fazer com que ele entrasse...

– Mas que balbúrdia é essa aqui?

A voz desagradável que os interrompeu, sempre em tom de reprovação, só podia ser de Roberta. Priscila suspirou, olhando para a filha como quem pedia, pelo amor de Deus, que não dissesse nada.

– Balbúrdia nenhuma, dona Roberta – ponderou Priscila, escondendo a irritação. – Foi o Bruce que desceu para nos cumprimentar.

Ao ver aquela senhora chegando, apoiada numa bengala preta, Bruce achou o máximo. Só podia ser brincadeira. Na certa, ela atiraria aquele pedaço de pau para que ele fosse buscar, como se faz com gravetos. Talvez tenha sido nisso que ele pensou quando resolveu abocanhar a bengala e correr com ela na boca. Ou, o que é mais provável, não pensou em nada. Apenas agiu seguindo o instinto da novidade, da diversão.

Privada de seu apoio, Roberta quase foi ao chão. Não fosse o reflexo rápido de Priscila, teria sido um tombo feio.

– Cachorro maldito, devolva minha bengala! – ela gritou, o rosto roxo de raiva.

E Bruce lá sabia o que era devolver? Divertia-se, correndo pelo quintal arrastando a bengala, incentivado pelas gargalhadas das crianças. Até Priscila achou engraçado, sufocando o riso para não despertar ainda mais a ira da sogra.

– Vem cá, Bruce! – chamava André, entre uma risada e outra. – Devolve a bengala!

– Não devolve, não, Bruce! – contrapôs Larissa, sem nenhuma outra intenção senão a de se divertir. – Corre!

Mesmo sem vontade, André interveio. Sabia que Roberta estava furiosa. Por mais que estivesse se divertindo à beça, o pai não aprovaria aquela atitude, e ele tinha que disciplinar o cachorro. Aproveitou um momento em que Bruce soltou a bengala no chão, pisando sobre ela, e puxou-a de debaixo de suas patas. Ele correu atrás de André, tentando alcançar o objeto, que ele segurava no alto.

– Não, Bruce, acabou. – Entregou a bengala à dona, que a apanhou, furiosa. – Aqui está, d. Roberta. Desculpe. O Bruce não fez por mal.

Um agradecimento podia não ser esperado, mas ninguém estava

preparado para o que veio a seguir. Completamente transtornada pelo ódio, Roberta agarrou a bengala e desferiu uma bengalada nas pernas de Larissa, que gritou de dor, caindo no chão.

– Larissa! – exclamou a mãe, correndo para ela. – O que deu na senhora, dona Roberta? Isso não se faz!

– Se você não dá educação a essa menina, então, sou eu quem vou dar.

– Não admito que a senhora bata na minha filha! – rugiu, irada. – Eu sou a mãe dela. Se ela fez algo de que a senhora não gostou, fale comigo!

– E adianta alguma coisa? Essa menina faz o que quer, e você nem liga. Parece até que é ela quem manda na casa.

Larissa chorava, e foi só por isso que Priscila não respondeu. Apanhou-a no colo desajeitadamente e levou-a para dentro. Atrás dela, André seguia cabisbaixo, tentando guiar Bruce pelo mesmo caminho.

– Está doendo, mãe – choramingou Larissa. – Dói muito.

Um vergão vermelho já se alastrava pela pele da menina, no formato exato de uma vara, terminando em uma das coxas e seguindo pela outra.

– Filha da mãe! – esbravejou Priscila. – Essa velha me paga! Fique com ela um minuto, André.

André segurou a mão de Larissa, enquanto a mãe ia à cozinha fazer uma compressa de gelo, que colocou sobre as coxas da filha.

– Ai, ai! – gritou ela, redobrando o choro.

As lágrimas desciam em abundância pelo rosto de Larissa, misturando preocupação e ódio no coração de Priscila. Era sábado, Ítalo estava no futebol, ela não sabia o que fazer. Não tinham carro, mas ela precisava levar Larissa sozinha ao hospital.

– Vá chamar sua mãe, André – pediu, com gravidade. – Veja se ela pode vir me ajudar.

– Está bem.

Pouco depois, André voltou em companhia dos pais. Mesmo sabendo do ocorrido, não fizeram nenhum comentário, para não perturbar Priscila ainda mais.

– Não acha melhor ligar para o Ítalo? – sugeriu Isabela.

– Ele está jogando futebol. Não vai nem ouvir o telefone.

– Acho melhor levá-la ao hospital – aconselhou Wilson. – Vou buscar o carro agora mesmo.

– Nem sei como agradecer a vocês – falou Priscila, comovida.

– Não precisa – retrucou Isabela. – Wilson leva você, e eu fico de olho no Ítalo. Assim que ele chegar, aviso a ele para ir ao hospital.

– Ótimo.

– Não se preocupe, Priscila, ela vai ficar bem.

– Obrigada.

Isabela ajudou Priscila a acomodar Larissa no banco de trás do carro. Depois, sentou-se ao lado de Wilson, dando mais espaço à menina para acomodar as pernas feridas. O carro partiu apressado, e Isabela voltou para casa com André, recomendando-lhe que prestasse atenção e fosse avisá-la assim que Ítalo chegasse.

Toda essa movimentação foi acompanhada pelos olhos argutos de Roberta, que espiava por detrás da cortina da sala. Por alguns instantes, viu-se presa do remorso, com medo de haver exagerado na bengalada. Sua intenção era educar, não ferir.

Procurou não pensar mais em Larissa, dizendo a si mesma que não era nada grave, apesar de não ter tido a oportunidade de examinar a lesão. Larissa era criança, e as crianças eram dotadas de uma excepcional capacidade de regeneração. Importante era que, daquele incidente, poderia

sair uma boa oportunidade para minar a confiança do filho na mulher.

Precisava falar com Ítalo antes que a nora ou a vizinha o fizessem. Para isso, tinha todo o tempo de que precisava. Sentou-se na cama e apanhou o celular. Dali em diante, discou o número do filho a cada cinco minutos. Ligou dezenas de vezes, até que, finalmente, ele atendeu.

Capítulo 26

A tela do celular de Ítalo acusava um total de dezenove ligações não atendidas, quase todas, da mãe. Priscila havia ligado quatro vezes. O resto era de Roberta. Ia ligar para a mulher primeiro, mas o aparelho vibrou, exibindo o número da mãe.

– Oi, mãe – atendeu ele, em tom neutro. – O que foi que houve?

– Você não viu as minhas ligações? – reclamou ela. – Liguei uma porção de vezes.

– A senhora sabe que, a essa hora, estou jogando futebol. Como é que eu ia atender de dentro do campo, no meio da partida?

– Deixe isso para lá. Preciso muito falar com você. É importante.

– Já estou indo para casa.

– Não dá para esperar. Vou falar pelo celular mesmo. A Priscila saiu daqui com seu vizinho. Foram levar a Larissa ao pronto-socorro.

– O quê? Por quê? Ela se machucou? É grave?

Ele falava de forma atropelada, devido à preocupação.

– Creio que não – respondeu Roberta. – Foi só um machucadinho à toa.

– O que foi que aconteceu?

Ela fez uma pausa dramática antes de prosseguir:

– Vou lhe contar antes que a Priscila conte do jeito dela. Sabe como são as mulheres, gostam de parecer inocentes diante dos maridos.

– O que foi que a senhora fez, mãe?

– Nada que não estivesse no meu direito. Aquela menina é uma mal-

educada. Ela me faltou com o respeito.

– Como assim? Está se referindo a Larissa?

– E quem mais haveria de ser? Você sabe que o seu vizinho favorito achou um cachorro na rua e deu para o filho, não sabe? Um bicho maldito, uma praga. Pois essa besta-fera quase me mordeu. Por sorte, a dentada pegou na bengala, em lugar da minha perna, se não, quem estaria agora no hospital seria eu, provavelmente, com a carne dilacerada por aqueles dentes medonhos.

Ele contou até dez e só então retrucou:

– Seja mais objetiva, por favor. Quero saber o que foi que aconteceu para a Larissa ir parar no hospital. Conte essa história direito.

– Calma. Vou chegar lá. Não satisfeita de o cão quase ter me mordido, sua querida enteadinha pôs-se a rir e incitou o cachorro contra mim. Veja só, Ítalo, que absurdo! O maldito veio com gana para cima de mim, mas acho que ficou com medo, sei lá. Só sei que ele soltou a bengala, que eu consegui apanhar antes que ele abocanhasse a minha perna. E sabe o que aquela menina horrorosa fez?

– O quê?

– Gritou: *Pega! Pega!* Todo mundo ficou rindo, e eu, para me defender, usei a única arma que tinha.

– Que arma, mamãe?

– A bengala, oras! Vareei uma bengalada na perna daquela malvada, para ela parar de atizar o cão contra mim. É claro que fez um vergão na perna dela, mas não foi minha culpa. Eu só quis me defender.

Ítalo não sabia se ria ou se chorava. É claro que aquela história estava muito mal contada. Nada nela fazia sentido, mas ele não podia simplesmente dizer para a mãe que não acreditava nela. Não conseguia

visualizar Larissa dando ordens a um cão feroz para que morderesse alguém, ainda que fosse sua mãe. Sem contar que Bruce era um cão dócil, não a fera que a mãe descrevia.

– Tem certeza de que ela estava aticando o cachorro? – questionou ele, tentando não demonstrar incredulidade.

– É claro que tenho!

– E o cachorro obedeceu? Quero dizer, ele entendeu o que ela disse?

– Imagine se aquele animal feroz não ia entender! Ele tem o gosto de sangue impregnado nas presas. Parece até um lobo, se é que não é. Não sei, Ítalo, essa gente é doida. Vai ver, ele foi jogado fora justamente por causa disso. Acho que é uma espécie de lobo, e lobos não podem ser domesticados. É perigoso.

– Que lobo o quê, mãe! É um border collie!

– Que seja. É feroz.

Ele soltou um suspiro prolongado e afastou o celular do ouvido por uns instantes. A voz da mãe chegou até ele, estridente e distante, falando sem parar, sem tomar fôlego.

– Está bem, mãe – arrematou ele. – Tenha calma. Estou indo para casa.

Seria um dia difícil, ele já podia prever. Tentou ligar para Priscila, contudo, ela não atendeu, provavelmente ocupada com o médico e Larissa. Arriscou o celular de Wilson. Para seu alívio, ele atendeu logo no primeiro toque.

– Wilson! Graças a Deus! Soube agora do que aconteceu com Larissa. Onde vocês estão?

– Fique tranquilo, Ítalo. Ela já foi atendida e está passando bem.

– Vocês estão na emergência de que hospital? Quero ir até aí.

– Não precisa. Já estamos voltando.

- Tem certeza?
- Sim. Estamos saindo agora.
- Priscila pode atender?

Wilson repetiu a pergunta para Priscila, falando com Ítalo logo em seguida:

- Ela perguntou se você está em casa.
- Ainda não. O jogo acabou agora.

Mais uma vez, ele falou com Priscila, passando o recado ao amigo:

- Ela pediu para você esperá-la em casa.
- Certo. Estou indo para lá.

O campo de futebol ficava mais perto da casa de Ítalo do que o hospital. Em poucos minutos, Ítalo chegou. A mãe, sentada na varanda, não se levantou, mas olhou-o com ar aborrecido.

- Até que enfim! – bufou ela. – Pensei que não fosse chegar nunca.
- Sem exageros, mãe. Acabamos de nos falar. E eu tinha que saber notícias de Larissa.

- Como ela está?
- Bem, segundo Wilson, já foi liberada para vir para casa.
- Viu só? Não disse que não foi nada?
- A senhora é quem está dizendo. Só vou sossegar quando a vir pessoalmente.

- Elas estão voltando com Wilson?
- Lógico. Não foi ele quem as levou?
- Foi. Imagine se seria outra pessoa.
- Por favor, mãe, não vou tolerar suas insinuações! – zangou ele, para frustração de Roberta.

Obrigada a engolir o próprio veneno, Roberta o fuzilou com o olhar.

Queria insistir na intriga, contudo, ele não lhe deu a menor chance. Vencida, o cenho fechado revelando o azedume, levantou-se para entrar. Ítalo reparou, então, nas ranhuras por toda bengala. Pareciam mesmo mordidas de cachorro.

O carro de Wilson estacionou em frente à casa dele poucos minutos depois. Ítalo abriu a porta de trás, onde a menina estava sentada, a perna direita esticada sobre o banco. Gentilmente, ele a pegou no colo, levando-a para o quarto.

– O médico recomendou repouso absoluto – avisou Priscila. – Foi uma contusão feia, mas não atingiu nenhum músculo. Ela só tem que tomar analgésicos e repousar.

– Isso não se faz – queixou-se ela. – Como vou fazer para brincar com André e o Bruce?

– Você não vai – ponderou Ítalo. – Vai fazer direitinho o que o médico mandou.

– É isso mesmo, minha filha. E o André pode vir aqui visitá-la.

– O Bruce também?

– Depende – falou Ítalo. – Vamos ver.

Embora, a Priscila, não agradasse a forma como o marido falou, ela não quis contradizê-lo na frente da filha. Cuidando de dar o máximo de conforto a ela, ligou a pequenina televisão que ela ganhara de presente de aniversário havia alguns anos e deixou o controle remoto na mesinha, para que ela não precisasse se levantar.

– Está confortável? – indagou.

– Estou sim, mamãe.

– Então descanse. Qualquer coisa, estaremos aí fora. É só chamar.

– Tá bem.

Depois de a beijarem, os dois saíram em silêncio, encostando a porta ao passar.

– Que história é essa de *depende*? – disparou Priscila, tão logo se viram a sós, no quarto. – É claro que André pode trazer o Bruce.

– Não sei se seria aconselhável, Priscila. Não depois do que aconteceu.

– O que aconteceu?

– Você sabe.

Ela sentiu a raiva subindo pelo pescoço, aquecendo suas faces, nublando seus olhos. Chegou ao cérebro, que não fez o mínimo esforço para controlar os nervos, permitindo-os vibrar à vontade.

– O que é que eu sei, Ítalo? – vociferou. – Ou melhor, o que é que você não sabe? Sim, porque eu vi o que aconteceu. Agora você, pelo visto, andou dando ouvidos a intrigas. O que foi que sua mãe inventou dessa vez?

– Ela disse que Larissa atijou o cachorro contra ela e que só lhe deu uma bengalada para se defender.

– E você acreditou?

– Não... – ele hesitou. – Acreditar, não acreditei. Acho que minha mãe exagerou, mas que houve alguma coisa, houve.

– Houve, sim. Quer saber o que houve? Estávamos nos divertindo com o Bruce quando sua mãe chegou, reclamando. O cachorro é brincalhão, levado. Apanhou a bengala dela, que quase levou um tombo, é verdade, mas não aconteceu nada, porque eu a segurei. Todo mundo riu, inclusive, eu. André mandava o cachorro devolver a bengala, mas Larissa, sabe como ela é, mandou o cachorro correr. Era só uma brincadeira sem maldade. Até que André conseguiu segurá-lo e tirou a bengala dele, entregando-a para Roberta. Aí, sucedeu algo surpreendente. Sem que ninguém esperasse, sua mãe levantou a bengala e desceu-a nas pernas de Larissa. Foi horrível. A

menina chorava de dor, e sua mãe achando que estava certa, que Larissa era mal-educada, que eu não a criava direito. Fiquei furiosa, discuti com ela, mas tinha que cuidar da minha filha. André chamou os pais, e Wilson se ofereceu para nos levar de carro. Foi isso que aconteceu de verdade. Foi essa a versão que ela lhe contou?

– Não exatamente. Ela acha que o cachorro é uma fera, um lobo, sei lá.

Mesmo diante da gargalhada de Priscila, Ítalo repetiu a história que sua mãe lhe contara.

– Por que será que isso não me surpreende? – ironizou ela. – Ela torceu tudo a favor dela. Você não vê?

– Pode ter sido... Mas por favor, Priscila, tente compreender. Minha mãe é velha, não está acostumada com certas coisas.

– Eu é que não estou acostumada com intrigas, porque foi isso que ela fez. Não sei como não fez nenhuma insinuação maldosa do Wilson, já que foi ele quem nos levou... – Ante o olhar transtornado do marido, ela se exaltou: – Ela fez, não foi? Pela sua cara, estou vendo que ela despejou um pouquinho mais do veneno dela em você.

– Minha mãe é uma pessoa difícil – ele tentou justificar. – A velhice a faz dar asas à imaginação. Ela vê fantasmas onde não tem.

– Sua mãe quer você só para ela. Ela é egoísta, mesquinha, ciumenta, manipuladora e má.

– Vá com calma, Priscila. Ela está velha...

– Velhice não é desculpa para falta de caráter. Sei que ela é sua mãe e que você deve se sentir dividido. Mas você sempre a defende. E eu, como é que fico?

– Não a estou defendendo. Estou apenas tentando conciliar as coisas.

– Não dá para conciliar nada com a sua mãe. Ela não quer. Quer dar

ordens, mandar, submeter todo mundo à vontade dela. Ela não tem esse direito. Muito menos o direito de bater em Larissa. Ou será que você acha que ela agiu corretamente?

– É claro que não. Ela exagerou, reconheço.

– Se reconhece, ouça o que lhe digo e preste atenção nas atitudes dela.

Ela não vai sossegar enquanto não conseguir o que quer.

– E o que ela quer?

– Jura que você não sabe? Ou prefere não acreditar?

– Meu Deus, Priscila, não sei mais o que fazer.

– Dê um jeito nela – ela arrematou, decidida. – E tem mais uma coisa: André pode trazer o Bruce quantas vezes quiser. A casa é minha, quem manda aqui sou eu.

O que Priscila queria não era, exatamente, excluir Ítalo do comando da casa que, afinal, era dele também. Pretendia deixar claro que Roberta não dava ordens ali. Ao menos era nisso que ela acreditava quando mostrara a ele quem realmente dava as ordens. Entre uma intenção e outra, Wilson leu nas entrelinhas o que, lá no fundo, ela pensava, embora jamais ousasse admitir.

Palavras mal ditas quase sempre são fruto da raiva. Precipitadas, inverídicas, mas também portadoras de avisos ocultos. Uma vez pronunciadas, podem até ser desmentidas. E a intenção por detrás delas é algo que se pode até camuflar, nunca alterar.

Capítulo 27

Desde que Rodrigo teve a primeira consulta, havia mais de dois meses, elas não pararam mais, repetindo-se quase que diariamente. Quanto mais seu estado se agravava, mais ele perdia a vivacidade. Pouco falava. Menos ainda, sorria. Não queria sair nem brincar, tinha medo até de ir à escola. A cada nova convulsão, sentia como se um pequeno sopro da vida escorregasse de seu corpo.

Só pensava no cachorro. Todos os dias, quando Vítor voltava do trabalho, era com ansiedade que lhe perguntava se havia encontrado Billy, apesar de ver o pai chegar sempre sozinho. Ninguém o vira. Os cartazes que ele espalhara pelo bairro todo não surtiram efeito. Algumas vezes, Rodrigo apenas chorava. Em outras, rendia-se à convulsão.

Seguindo o conselho de Danilo, Lizandra levou o menino à médica por ele recomendada. Os exames descartaram a hipótese de tumor cerebral, apostando numa epilepsia aparente. Ela receitou remédios fortíssimos, que nem sempre faziam efeito. Diminuíam a excitação dos neurônios, contendo o disparo dos impulsos elétricos no cérebro, mas não resolviam o problema. Com medicação ou sem medicação, as crises se sucediam, cada vez mais violentas.

Esgotados os recursos terapêuticos, a médica aventou a possibilidade de submeter Rodrigo a uma cirurgia para retirada da área do cérebro responsável pelas convulsões. Segundo ela, era o único caminho, já que Rodrigo se demonstrava refratário aos medicamentos conhecidos para

tratamento da epilepsia.

– Estou tão cansada, Vítor – queixou-se Lizandra, atirando-se no sofá ao lado dele. – Não de ficar para cima e para baixo com o Rodrigo, mas de ouvir sempre a mesma coisa. Parece que não tem solução. Não sei mais o que fazer.

– Cirurgia está fora de cogitação! – objetou ele. – Não vou permitir que tirem um pedaço do cérebro do meu filho.

– Ah, meu Deus, por que será que nosso filho foi ter essa doença maldita?

– Você não sabe? – rebateu ele, em tom acusador. – Não faz mesmo a menor ideia?

– Isso não é justo, Vítor. Jamais desejaria uma coisa dessas para o meu filho.

– Não estou dizendo que você desejou. Só que foi o seu egoísmo que detonou todo esse processo.

– Por favor, não me acuse mais do que me acuso por mim mesma. Se pudesse, daria a própria vida para voltar atrás e desfazer o que fiz.

As lágrimas dela eram tão dolorosas, tão carregadas de arrependimento, que ele se comoveu. Como não fazia há muito tempo, puxou-a gentilmente, para envolvê-la num abraço reconfortante.

– Não fique assim. Vamos encontrar um jeito.

– Será que ninguém viu o Billy por aí? – tornou ela, aliviada pelo inesperado gesto de carinho e compreensão.

– Se viu, ficou com ele. É um cão de raça, vale muito dinheiro.

– Rodrigo nunca vai me perdoar... ele mal fala comigo.

– Rodrigo está doente.

– Você já me perdoou?

Ele não respondeu. Não sabia se ela se referia ao abandono do cachorro ou ao fracasso do casamento.

– Não sou eu que tenho que perdoar você – afirmou, por fim.

– Mas Rodrigo...

– Não me refiro a Rodrigo – cortou, com uma frieza que ele mesmo não previra. – Estou falando de você mesma.

De olhos baixos, Lizandra chorou em silêncio, sentindo o eco daquelas palavras reverberando em cada pedacinho de seu coração. Não era apenas no que se referia a Rodrigo que ela precisava de perdão. Sua culpa ia muito além da negligência com o filho. Envolvia todos os aspectos de sua vida. No final, tudo se resumia ao abandono. Abandonara o filho, depois abandonara o cão. Ao trair o marido, abandonara o casamento, e, agora, abandonava a esperança. Com ela, ia-se a vontade de lutar.

– Estou mudada, Vítor – murmurou, como se estivesse se desculpando consigo mesma. – A doença de Rodrigo me fez ver o quanto eu era egoísta. Quero consertar as coisas.

– Consertar o quê?

– Nosso casamento.

– Quer mesmo? – indagou ele, em tom de desafio. – Então, responda-me uma coisa, com sinceridade.

– O quê?

– Você está me traindo?

Ela esperava qualquer pergunta, menos aquela. Apanhada de surpresa, seu primeiro impulso foi mentir. Mas não foi capaz. Não diante de tudo que estavam atravessando. Mesmo assim, tentou desviar-se do assunto:

– Por que está me perguntando isso?

– O que você acha? Vamos, Lizandra, é uma pergunta simples, que

demanda uma resposta mais simples ainda. É sim ou não.

- Não – tornou ela, os lábios trêmulos denunciando hesitação.
- O.k. Acredito, mas vou reformular a pergunta. Você já me traiu?

Dessa vez, ela não conseguiu sequer olhar para ele. A traição havia ficado no passado, por isso, ainda que se tratasse de uma meia verdade, pôde responder *não* à primeira pergunta. Mas simplesmente negar que o havia feito durante quase dois anos inteiros não condizia com a consciência da nova Lizandra. Ela tentou dizer que fora uma aventura inconsequente, que estava acabada, que nunca mais se repetiria. Mas não conseguiu. As palavras se desconectaram da voz, levando os lábios a tremular novamente, ensaiando a resposta muda. A boca se abriu em vão, permanecendo entreaberta apenas para confirmar, com sua indecisão, a resposta que ele já conhecia.

Constrangida pela vergonha, Lizandra abaixou a cabeça. Se fosse possível, nunca mais tornaria a levantá-la, só para não ter que encarar a decepção realçada nos olhos do marido. Foi assim, fitando seus pés, tão próximos aos de Vítor, que ela assentiu de forma quase imperceptível, e apenas uma vez.

Impossível, para Vítor, descrever o que sentiu. À onda de revolta sobrepôs-se outra, de frustração, seguida por mais uma, de ódio, e por outra, de tristeza, e por várias outras, indefiníveis, de forma que ele se viu quase afogado num oceano de desilusão. Também não conseguiu encará-la. O corpo esfriou, como se o sangue houvesse sido lavado pela enxurrada do desencanto, transformando em gelo o sentimento que antes aquecia seu coração.

Sem reação, as lágrimas agrilhoadas aos olhos por imposição do orgulho, Vítor se afastou, procurando apoio no filho. Rodrigo lia um livro de

aventuras, ao qual não prestava a menor atenção. Vendo o pai, abaixou o volume e esboçou um sorriso tímido.

– Quer que eu leia para você? – perguntou Vítor, sentando-se ao lado dele.

– Se você quiser...

– Eu quero.

Ele reabriu o livro, dando continuidade à leitura, com a qual seguia sem prestar atenção, escravizado pela dor da certeza. Pronunciando frases que lhe pareciam vazias, experimentou uma sensação de paz ao sentir a cabecinha do filho encostar em seu ombro. Por pouco, não soltou o livro e o abraçou, só não o fazendo por medo de acionar uma nova crise que, naquele momento, talvez não tivesse condições de controlar.

– Eu te amo, papai – sussurrou o menino, apertando a mão dele.

– Também te amo, meu filho – respondeu ele, em seu esforço máximo de parecer coerente.

– Vai ficar tudo bem.

– Por que diz isso?

A estranheza funcionou como uma injeção de coragem em seu espírito. Vítor abaixou o livro e olhou para ele, sem saber o significado exato daquela afirmação.

– Eu vou ficar bom. E mamãe vai voltar para a gente.

– Como assim?

Ele não respondeu. Nem sabia por que dizia aquelas coisas. Desconhecia a interferência sutil de Lucélia, que fora ali à procura de Moisés. Não o encontrou mas, deparando-se com a aura de tristeza disseminada por todo o apartamento, auxiliou do jeito que pôde. Promoveu uma limpeza energética que, tal como uma esponja de luz, diluiria, aos poucos, parte das

crostas de energia escura ali atiradas pelos pensamentos e sentimentos deletérios dos encarnados. Depois, aproveitando-se da sensibilidade extrema de Rodrigo, soprou em seu ouvido a mensagem de esperança, que ele transmitiu ao pai sem nenhum questionamento. Em seguida, adormeceu o menino e partiu, deixando Vítor entregue à reflexão, pensando sobre o significado da única palavra que ela iluminou em sua mente: perdão.

Capítulo 28

Dentro do apartamento vazio, o espírito de Moisés suspirava, consultando o relógio da parede a todo instante. Fazia tempo que não aparecia por ali. De vez em quando, sentia um certo alvoroço no coração, como um chamado que o atraía para perto de Rodrigo. Devia ser saudade, pensou. Afinal de contas, afeiçoara-se também ao menino, embora desse graças a Deus por não precisar mais conviver com as malvadezas de Lizandra.

De qualquer forma, seria bom dar uma passada por lá para ver como o garoto reagia ao sumiço de Billy, agora Bruce. Sem sombra de dúvida, o cachorro estava melhor com a nova família, já que Lizandra conseguira estragar aquela. Rodrigo e Vítor eram boas pessoas, mas aquela mulher era insuportável.

O menino devia estar sofrendo. Mais do que qualquer outra pessoa, Moisés conhecia a dor de perder um cão amigo. Era por isso que estava ali. Se encontrasse um jeito de confortar Rodrigo, ele o faria.

Ouviu barulho na fechadura e fixou os olhos na porta, ansioso pela entrada do menino. Para espanto seu, quem primeiro entrou não foi quem ele esperava, mas uma mulher toda perua, vestida de vermelho berrante, lábios cor de cereja, cabelos presos no alto, com fios encaracolados caindo displicentemente sobre os olhos exageradamente pintados.

Ela não entrou propriamente, atravessou a porta. Logo após, pelas vias físicas normais, Rodrigo entrou em companhia dos pais. Moisés, contudo, intrigado com a presença da mulher, esqueceu-se de que fora até ali para

visitar o menino. Ela caminhava pela sala escura com uma intimidade desconcertante. Até então, parecia não ter se dado conta da presença dele, pois perambulava agitando a saia, cantarolando uma canção desconhecida.

Quando a luz se acendeu, ela foi atrás das pessoas, passando por Moisés como se ele não existisse. Seria possível que não o tivesse visto? Melhor segui-la. Ele deu dois passos na direção dela e estacou. Subitamente, a mulher parou e se virou para ele, apontando-lhe um dedo ameaçador.

– Quem é você e o que está fazendo aqui? – perguntou de chofre, intimidando-o com sua aparência de perigete ensandecida.

Com o susto, ele soltou um grito agudo e pensou em correr para se esconder atrás da cortina, até que se deu conta de que seria uma bobagem inútil. Preferiu sustentar o olhar furioso dela e tentar uma abordagem amistosa.

– Você é um espírito – afirmou, calmamente.

– Nota-se.

– O que está fazendo aqui? Isso é, não que seja da minha conta, mas é que estou curioso.

Ela olhava para ele com total desconfiança. Talvez fosse melhor fugir e retornar depois, mas o caso é que fazia pouco tempo que estava de volta.

– Você também é um espírito – tornou ela, sem muita emoção.

– Sou.

– Mas não é perigoso, é?

– Como assim, perigoso?

– Sabe como é, tipo sentinela ou vigilante. Daqueles que pegam a gente e levam embora.

– Não sei do que você está falando. Nunca vi nenhum desses.

– Sorte a sua. E agora me diga: o que você está fazendo aqui? Também

tem contas a acertar com essa gente?

- Não. Eu só queria encontrar o meu cachorro...
- Cachorro? Ah, deixa pra lá. Não me interessa.
- E você? Tem contas a acertar com quem?
- Com ela, principalmente. Detesto a mulher do açougueiro.
- Mulher do açougueiro? Que eu saiba, o marido dela é dono de uma rede de postos de gasolina.

Ainda o encarando, ela se perguntava se podia confiar nele.

- Tem certeza de que você não está aqui para me levar?
- Absoluta. Na verdade, nem saberia para onde levá-la.
- E de onde você veio?
- De lugar nenhum. Fico zanzando por aí.
- Ninguém veio recolher você? Nada de parentes, amigos, espíritos iluminados tentando convencê-lo a seguir com eles?
- Bom, isso teve, mas eu recusei.
- Por quê? – interessou-se.
- Sei lá. – Ele deu de ombros. – Acho que não tenho o que fazer com eles.
- Agora sim, você é dos meus! Sinto que posso confiar na sua pessoa.
- É claro que pode. Mas você falava na mulher do açougueiro...
- Verdade. No passado, o marido dela era outro cara – disse, apontando com o polegar na direção que Lizandra havia tomado – e ele tinha um abatedouro, vendia carne. Terrível!
- Não sei nada sobre isso.
- Essa mulher sempre detestou animais. Tinha prazer na hora do abate. Era ela quem segurava o cutelo no momento de degolar as reses.
- Esse assunto está me deixando enjoado – reclamou Moisés.

- Pois é. Eu também ficava. Agora, já me acostumei.
- O que foi que ela lhe fez? Matou seu porquinho de estimação?
- Ah, ah, ah... – ironizou. – Engraçadinho. Ela roubou meu marido.
- Seu marido? – repetiu, desconfiado.
- Quer ouvir a minha história?

Ele ergueu os braços, acomodando-se em uma poltrona e fazendo sinal para que ela se sentasse ao lado dele.

- Sou todo ouvidos.
- O que vou lhe contar aconteceu em outro tempo. Na verdade, estou por aqui há tantos anos que nem sei mais direito quando foi. Algo em torno do início do século XIX. Acho que estamos no XXI, não é? Adoro este século e sua linguagem descompromissada.

- Você está esse tempo todo vagando por aí, atrás dela?
- Mais ou menos. No começo, ficamos nos engalfinhando por aqui mesmo, até que ela fugiu para reencarnar. Mas isso é outra história.
- Então, vamos lá. Conte-me a história que interessa.
- Como eu disse, ela e o marido tinham uma criação de gado, que abastecia a cidade em que viviam, aqui mesmo, no estado do Rio.
- Onde está o marido dela?
- Reencarnado. É um médico chamado Danilo. Conhece?
- Já ouvi falar.

– Mas essa também é outra história. Bom, como eu ia dizendo, eles tinham essa propriedade horrorosa. Imagine só como eram criados os animais de abate naquela época. Sem qualquer higiene, sem inspeção, sem cuidado com os bichos, que sofriam à beça nas mãos dos carniceiros.

- Essa parte, você pode pular. Não gosto de ouvir sobre crueldade animal.

- Deixe de ser frouxo e escute. Num lugar em que rola muito sangue, não é possível que espíritos iluminados se sintam bem, não é?
- Não sei, na verdade.
- Alguns lá de cima vão aos matadouros para ajudar os animais a desencarnar, mas os outros não os veem. São puros demais, sutis demais para o padrão vibratório do lugar. Bom, o fato é que o abatedouro estava cheio de espíritos sedentos de sangue, que ficavam circulando por ali, à espera da carnificina.
- Não me leve a mal, dona... – fez uma pausa, com ar questionador. – Você ainda não me disse o seu nome.
- Camélia, sem o dona. E o seu é...?
- Moisés.
- Muito prazer, Moisés. Agora somos amigos. Quer saber como o pessoal daqui se chamava na outra vida?
- Não precisa. Vai complicar muito as coisas. Acho melhor chamá-los pelos seus nomes atuais.
- Também acho. Bom, como eu ia dizendo...
- Na verdade, eu é que ia dizendo – interrompeu Moisés. – Você divaga demais. Por que é importante falar de tudo isso? Estou mesmo ficando enjoado.
- Foi você quem pediu.
- Tem razão. Continue. Vou tentar segurar o estômago.
- Você não tem mais estômago! Quer dizer, não físico. Então, seu enjoo é só impressão dos seus sentidos ainda presos à matéria.
- Como é que você sabe de tudo isso?
- Tantos anos no astral devem ter me valido de alguma coisa, concorda?
- Concordo. Mas não divague. Vá adiante, por favor.

– Tudo bem.

A história que Camélia estava prestes a narrar não era nada agradável. Em outras circunstâncias, teria se recusado a falar. Mas havia em Moisés uma cumplicidade que a atraía, despertando sua confiança. E o silêncio prolongado dos anos estimulava sua vontade de conversar.

Ela pigarreou algumas vezes, fez gestos teatrais e só então começou.

Capítulo 29

Com ar de quem sabe de tudo, Camélia deu início ao que ela mesma considerava uma narrativa macabra:

– Para que um animal seja abatido, ele precisa ser sangrado. Isso quer dizer que voa sangue para todo lado. Nessa hora, espíritos mais empedernidos, ainda muito apegados ao universo denso, se jogam sobre a carcaça, para sugar o sangue que se derrama da vítima. São como vampiros, ávidos pelo fluxo de vida que o bicho, ainda cheio de vitalidade, expele. Isso acontecia naquela época e ainda acontece até hoje, apesar dos cuidados e das modernas técnicas de abate e insensibilização do animal. O sangue continua fluindo para fora das veias, e os espíritos continuam se alimentando dele.

– Já sei, já sei. E aí...

– E aí, com esse fluxo de vida, ou fluido de vida, ou energia de vida penetrando no corpo fluídico de espíritos embrutecidos, eles se sentem como se estivessem vivos, embora saibam que não estão. São espíritos que não queriam estar mortos, mas não tem jeito, né? Morreu, morreu. Vida física, só na outra encarnação. Mas eles não querem reencarnar, com medo dos ajustes da consciência. Daí surgem alguns horrores e aberrações, como pessoas defeituosas, com mutilações horríveis, retardadas...

– Camélia, você está divagando de novo. Dá para se ater ao que interessa?

– Ah, tudo bem, desculpe. É que faz muito tempo que não converso com

alguém e acabo me empolgando. Se um dia eu for embora desse mundo, acho que vou ser professora...

– Camélia!

– Ah, desculpe. É que ninguém nunca me ensinou nada. Apreendi tudo sozinha, só observando e tirando minhas conclusões.

– Sei, mas...

– Já sei, estou divagando. E você está se repetindo. Muito bem, vamos continuar – apressou-se ela a dizer, antes que ele reclamasse outra vez. – Na hora do abate, a porção da matéria densa, que são o sangue e a carne, fica para esses espíritos que, de tão espessos e opacos, não alcançam elevação vibratória suficiente para perceber os espíritos de luz que atuam na outra porção, acolhendo os corpos sutis dos animais. Essa parte, realmente, é linda de se ver. Nos dias de hoje, por causa da insensibilização, eles partem adormecidos, não sei para onde, carregados de forma carinhosa pelos iluminados. Os espíritos são delgados, delicados, mas conseguem levantar um boi com a maior facilidade. E com que ternura eles levam os animais! Você tem que ver!

– Posso imaginar. Mas continue.

– Antigamente, levava um bom tempo até o animal morrer. Ele ficava se debatendo, gritando, estrebuchando. Os sanguessugas adoravam. Riam, se compraziam, faziam até apostas entre eles para ver quem acertava o tempo que levariam para morrer. O vencedor tinha direito a um quinhão maior da essência do sangue. Os iluminados faziam o que podiam. Davam passes, espargiam energias anestésicas para diminuir a dor dos pobres imolados. Uniam-se para desligar o espírito do animal, o mais rápido que podiam, de seu corpo físico. Quando a vítima finalmente morria, seu corpo astral era arremessado, literalmente, no mundo invisível. Os animais ficavam feito

doidos, não entendiam nada. Viam seus corpos mutilados, sem saber que lhes pertenciam. O animal não tem consciência dele mesmo, sabe? Mas rapidinho aprende o que é sofrer, e a memória da dor e de quem as causou permanece por muito tempo. Por causa disso, não eram poucos os que fugiam dos espíritos de luz, pois a forma humana sempre lhes causou horror. Se eles aprendem o que é sofrer, aprendem também quem é a causa do sofrimento. O homem é uma ameaça, sempre foi e sempre continuará sendo... Quero dizer, até que as consciências mudem, muitos animais ainda sofrerão nas mãos de pessoas, não digo más, porém, insensíveis.

Moisés estava chorando. Só de imaginar aquela câmara de horrores, aquele calabouço sanguinolento, sentiu o coração dilacerado.

– Por favor, Camélia – suplicou ele. – Pare de divagar. Estou ficando deprimido agora.

– Não era essa minha intenção, Moisés. Mas como eu disse, não falo sobre isso com ninguém há muito tempo. E eu também fico condoída, toda vez que vejo um assado sobre a mesa de jantar. Você não sabe os horrores que eu já presenciei.

– Não compreendo sua intenção com tudo isso. Você me parece uma boa pessoa, esclarecida, equilibrada. Por que não vai embora e deixa essa gente para lá?

Ela sorriu amargamente, levantando-se do sofá para apreciar a Lua, que se derramava pela janela.

– Eu não consigo perdoar – confessou, com angústia. – Não guardo raiva de ninguém, não desejo o mal a ninguém. Procuro ajudar, quando posso, principalmente os animais. Mas tudo é diferente quando se trata de Lizandra. Ela tirou de mim a única pessoa que eu amei na vida.

– Sinto muito – murmurou ele, condoído, lembrando-se que lhe fizeram

o mesmo ao retirar-lhe Tostão.

– Olhando para mim agora, ninguém diz que eu já fui deficiente.

– Você foi?

– Fui. De olho no meu marido, ela quis me matar. Afrouxou a roda da minha carroça, que se soltou e virou sobre minhas pernas. Fiquei parálitica, desde esse dia.

– Como é que você sabe que foi ela?

– Depois que morre, a gente acaba sabendo de tudo. Mesmo antes, eu já desconfiava. Era a conclusão lógica, já que ela e Rodrigo eram amantes.

– Rodrigo?! Esse Rodrigo?

– O próprio.

– Mas como... – balbuciou confuso.

– Meu marido trabalhava para eles – prosseguiu Camélia, sem dar atenção ao embaraço dele. – O marido dela, o açougueiro, era um banana. Matava bicho, mas tinha medo da mulher. Era bem mais velho do que ela, que só se casou com ele por dinheiro. Mas como o traste não a satisfazia, ela acabou se engraçando pelo meu marido. Depois que sofri o acidente, ele praticamente me abandonou. Estava de cabeça virada, enrabichado pela piranha... Ainda assim, era melhor do que ela, não permitiu que ela tentasse me matar novamente. Levou-me para a cidade, para a casa de meus pais. Fiquei lá até morrer de desgosto, ainda jovem.

– Que história mais triste.

– Pois é. Mas quem não tem uma história triste para contar, não é mesmo? Todos nós vivemos e morremos sob a lei de causa e efeito.

– Não entendi.

– Lei de causa e efeito. Não sabe o que é?

– Mais ou menos.

– Diz que a gente recebe aquilo que dá. Antes, eu achava que a gente pagava pelo mal que fazia, até que entendi que não é um pagamento, mas uma compensação. A gente compensa a vida pelo desequilíbrio que lhe causou. Simples assim.

– Compensa como?

– Com sofrimento ou sem sofrimento. Depende de cada um. Quem é burro, como a maioria de nós, escolhe sofrer. Quem não é encontra meios melhores.

– Desculpe, Camélia, mas continuo sem entender muito bem.

– Eu, hein! Vai ser tapado assim na China!

– Não precisa ofender! – Moisés irritou-se, fazendo menção de se levantar.

– Fique calmo, me desculpe. Tenho um jeito meio tresloucado mesmo, mas não quis ofender. Quando falo na lei de causa e efeito, quero dizer que, num passado ainda mais remoto, anterior a esse que lhe contei, fiz alguma coisa de ruim a ela, que a deixou com raiva, e ela acabou fazendo algo semelhante comigo.

– Ou seja, ela se vingou de algo que você lhe havia feito antes. – Ela assentiu. – E agora você quer se vingar dela, para depois ela querer se vingar de novo. Aí, você se vinga outra vez, e depois ela, e depois você... E por aí vai. Quando é que esse ciclo de vinganças vai acabar?

O olhar dela exprimia compreensão. Concordava com o que ele dizia, entendia aquele ciclo mesquinho de vinganças, só que não tinha forças para lutar contra seus sentimentos. Ela desviou os olhos para as próprias mãos, temendo encarar o interlocutor, até que conseguiu rebater:

– Não quero me vingar dela. Só não consigo perdoá-la. Esse sentimento de ódio é o que me mantém presa ao campo vibracional de Lizandra. Se

Rodrigo ainda não fosse filho dela, talvez eu conseguisse, mas ele está aqui, um prêmio para a mulher que o tirou de mim.

– Já passou pela sua cabeça que ele pode gostar dela?

– Isso não importa – objetou ela, enraivecida. – Ele me traiu porque ela o seduziu. Foi ela quem o tirou de mim.

– Por que está se enganando? Não sabe que ninguém perde o que nunca teve?

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que as pessoas não pertencem a ninguém. Cada um é livre para escolher com quem quer ficar, e não há nada que se possa fazer.

– Mas ela não precisava tentar me matar!

– Não estou justificando o que ela fez. Eu mesmo não gosto de Lizandra e só fiquei por aqui para defender o cachorro. Agora que ele se foi, não tenho mais motivos para permanecer. Ainda tenho esperanças de encontrar o Tostão.

– Que Tostão?

– O meu cachorro. Desencarnou junto comigo, mas alguém deu sumiço nele. Minha mãe disse que ele voltou para a alma coletiva dos cães. Não quero acreditar, mas, no fundo, acho que é isso mesmo. Que outra explicação haveria para justificar o sumiço dele?

– Não sei. Essa gente de lá é fogo. Procure esquecer. Se ele retornou à alma-grupo dele, você nunca mais irá encontrá-lo. Melhor se conformar logo e sofrer menos.

– É o que estou tentando fazer, mas não é nada fácil.

– Não, não é. Eu que o diga.

– Desculpe, mas não me parece que você esteja tentando alguma coisa.

– É porque não posso. Quando Rodrigo me deixou, jurei que ele não seria

dela. Não pude impedir em vida, mas agora, tenho meus métodos.

– Não tem, não. Você só vai prejudicar o menino. Se é que já não o está prejudicando.

– Isso não é da sua conta! Quer saber? Estou arrependida de ter dado conversa a você. Enxerido!

– Não fique zangada. Quero apenas que você reflita. Vingança não leva a nada. E acho que a lei de causa e efeito não é bem assim. Entendo pouco de questões espirituais, mas o que sei é que tudo deve atender à lei do amor. Não creio que Deus exija sofrimento das pessoas. São as próprias pessoas, nós, inclusive, que buscamos nosso sofrimento, ao fazer escolhas que não condizem com a lei do amor. Mas acredito que podemos mudar isso. Basta querer. O inevitável só se estabelece quando a gente lhe dá forças com a nossa crença.

– Belas palavras – ironizou ela, batendo palmas. – Parece até coisa de filósofo. Só que não preciso de filosofia na minha vida. Já basta a lavagem cerebral que os outros tentam fazer em mim.

– Que outros?

– Os espíritos que vêm do alto para tentar me levar. Às vezes, uma sentinela mais experiente consegue me laçar e me leva para a cidade deles. Cuidam de mim, tentam me convencer a ficar. Não vou dizer que não me sintam tentada. O lugar é bom, bonito; as pessoas são amáveis, atenciosas. Mas não dá. Não saio do lado de Rodrigo por nada desse mundo. Como não sou boba, dou um jeito de me concentrar e fujo para cá.

– Você é esperta, não nego. Mas devia ser mais inteligente.

– Vai começar? E você? Se é tão inteligente assim, por que não vai embora? O que o prende aqui?

– Nada me prende aqui.

- Então vai. O que está esperando? Pode ir. Desapareça!
- Ei! Calma! Por que tanta agressividade? Acabamos de nos conhecer, e você já quer se livrar de mim? Depois de me contar sua história?
- Desculpe. Eu me excedi. É que saio do sério quando alguém sugere que eu deixe o Rodrigo.
- Não se preocupe, não vou mais falar isso. Não é problema meu.
- Até que você é um cara legal. Sabe que parece que o conheço de algum lugar?
- Será?
- Vai ver, você frequentava o matadouro.
- Eu?! Deus me livre!
- Engraçado... nunca o havia visto antes... Mas espere... você tem mesmo algo familiar. Estranho... Tem certeza de que nunca participou da carnificina animal, de um lado ou de outro?

Nesse momento, Moisés sentiu uma pontada no coração. A imagem de um lugar sujo e pegajoso, do cheiro de sangue, dos despojos, dos fragmentos de ossos e da atmosfera lúgubre invadiu sua mente como um ciclone inesperado, embaralhando memórias e pensamentos. Sentiu-se mal, confuso, atordoado. A sala ao redor ganhou vida, girando como um relógio em que, a cada hora, sucedia-se um episódio macabro. Aturdido, levou a mão à cabeça, tentando silenciar os gritos e apagar as imagens.

– Não pode ser! – esbravejou, o rosto se avermelhando com o calor da raiva súbita. – É minha imaginação. Devo ter ficado impressionado com a história macabra que você me contou. Eu não participaria daquele holocausto animal. Nunca! Pelo meu Tostão, eu não faria isso! Que eu arda na fogueira, se estou mentindo!

Surpreendida pela reação violenta e inesperada de Moisés, Camélia

recuou para o canto da parede, o cérebro evocando reminiscências há muito esquecidas na poeira do tempo. Um rosto, uma voz, uma gargalhada... algo sinistro que rastejava pelas sombras como um espectro medonho, de proporções imensas, corpo disforme. Como um caleidoscópio funesto, cenas do antigo matadouro se revezavam e se transformavam na lembrança que, simultaneamente, era revivida nas mentes de Camélia e Moisés.

Beirando a escuridão, uma presença maligna serpenteava pelos arredores da sala sangrenta. Oculta pelo manto das trevas, comandava a malta de sanguessugas, que atacava e recuava sob suas ordens.

Aberta a garganta do boi, ele deu um passo à frente. Era um homem, mas tinha algo de fera. O olhar flamejante, sanguíneo, dardejava ondas de um desejo diabólico e lúbrico.

Cornos pequenos e pontudos encimavam sua cabeça de bode. As mãos deformadas apresentavam garras taurinas, e, em lugar de pés, cascos, que estalavam nas pedras quando ele coxeava.

A aparência era uma mistura de boi e bode, assustadora mas, ao mesmo tempo, dotada de uma certa comicidade. Parecia um ser exótico feito às pressas para um filme de terror da década de 1950. Mesmo assim, impunha respeito, facilmente constatado pelo ar de reverência com que os demais o recebiam.

Quem se atrevesse a observá-lo com mais acuidade, logo desvendaria a farsa em suas atitudes. O medo, contudo, impedia os outros de enxergarem o homem acuado por debaixo da tenebrosa capa. Bastava mirar-lhe bem os olhos para perceber que as chamas que ali ondulavam vinham do espelho que refletia seus desejos, mas que se apagariam ao primeiro sinal de reconhecimento. O corpo, que ele transformara num colosso animalesco, era o resultado da modificação plasmática, por ele manipulada com uma

certa destreza.

Nada nele era real, salvo, talvez, o intelecto, a esperteza, a argúcia. Sabia imprimir terror porque dominava as técnicas de modelagem do plasma e conhecia os medos ocultos no coração de cada ser que o servia. Era, merecidamente, o líder.

Soltando uma gargalhada infernal, a coisa olhou ao redor, satisfeita com o respeito de seus comandados. Por alguns segundos mais, manteve o teatro ensaiado, a fim de impressionar a mente fraca dos que lhe deviam obediência. Em seguida, deu um urro estrondoso e, com a fúria própria do predador, atirou-se, famélico, sobre a presa ainda viva.

Os demais espíritos aguardavam, inquietos, sua vez de saciar a fome de vida. Mas o mestre custava a se fartar daquele sangue quente e pulsante. Quando outro animal foi cortado, a súcia olhou para ele, ávida, pronta para avançar sobre o boi que se debatia. Olhando-os com ar malicioso, o líder assentiu. Na mesma hora, dezenas de espíritos lançaram-se sobre o animal, sugando o sangue com sofreguidão vampiresca.

Não se podia negar que a cena era horrenda. O líder, um embuste, mas a situação era real. Ele e seus asseclas comportavam-se feito lobos selvagens, mordendo, rasgando, sugando sangue, até que a energia vital por eles roubada lhes desse a sensação de saciedade e os fizesse descartar os restos inertes da pobre presa.

Perceber que tudo não passava de encenação não era fácil. Apenas os espíritos de maior esclarecimento tinham condições de identificar os sinais da artimanha. Mas a malta que o seguia era por demais estúpida para questionar qualquer coisa. Atemorizados diante do ardil bem montado, os espíritos se entregavam à sanha do maioral, sem saber que era com a sua covardia que alimentavam o poder do mestre. Após séculos, a hierarquia se

consolidou, o chefe se estabeleceu e o medo só fez aumentar.

A inesperada visão, saída das reminiscências ocultas, tanto de Camélia quanto de Moisés, se desfez tão logo os dois reassumiram o controle sobre a própria mente. Não foi uma lembrança agradável. Na verdade, foi surpreendente, ainda mais porque partilhada por ambos. Uma lembrança partilhada é uma história repartida, de forma que os dois espíritos compreenderam que, juntos, haviam presenciado aquele episódio.

Uma vez liberta da atrofia das pernas, a jovem Camélia desencarnada partiu em busca do marido, passando a acompanhar seus encontros furtivos com a mulher do açougueiro, que geralmente aconteciam no próprio matadouro, após o abate. Ali, presenciou os horrores da matança, seguida da voracidade sanguinária dos macabros espíritos que espreitavam das sombras.

Sob a forte impressão causada pela lembrança funesta, Camélia, olhos arregalados, apontou o dedo na direção de Moisés e gritou, aterrorizada:

– É o diabo!

Sem compreender bem de onde havia partido aquela cena grotesca, Moisés se concentrou na própria vida, puxando de volta a memória para o presente. Os olhos ardiam, como duas gemas ígneas de onde irrompiam lágrimas escaldantes. Aturdido, buscou Camélia com o olhar e tentou aproximar-se, quando percebeu que ela tremia de medo. Ela se esquivou, ocultando-se atrás da cortina, de onde o olhava com desconfiança e pavor.

Foi então que ele se deu conta. Olhou para ela, depois para ele, para ela de novo. Levantou as mãos na altura dos olhos, virando-as de um lado a outro, tentando identificar qualquer resquício do passado. Resquícios não havia. Só a certeza de quem ele realmente havia sido.

A revelação da consciência fez dobrar seus joelhos. Lentamente, Moisés

tombou no chão. Ofereceu a Camélia seu olhar de maior horror e exclamou aterrorizado:

– Sou eu! O diabo sou eu!

Sem mais resistir, como num passe de mágica, fechou os olhos e sumiu.

Capítulo 30

Cães não são simplesmente coisas inanimadas. São seres vivos. E, como não são dotados de autonomia para cuidar de si mesmos, recebem proteção legal, cabendo ao homem promover medidas eficazes contra a extinção de espécies e os abusos que os submetam a tratamento cruel^[1]. Abusos de toda natureza são considerados crimes por lei, estendendo-se a todo tipo de animais, domésticos ou não^[2]. Essa proteção, todavia, atende, primeiramente, ao direito que todo ser humano tem a um *meio ambiente ecologicamente equilibrado*, donde se conclui que visa, primordialmente, ao bem-estar das pessoas, figurando o animal como elemento essencial à manutenção desse equilíbrio.

Ainda sob a óptica egoística do homem, o animal é uma coisa que possui valor econômico. É um bem móvel^[3], que pode ser reivindicado, cedido ou alienado, de acordo com a vontade de seu proprietário. Em suma, o animal é protegido para assegurar o direito de propriedade, que é um dos direitos fundamentais da pessoa^[4], a quem cabe a faculdade de usar, gozar e dispor da coisa, mas sempre atendendo à limitação que a preservação da fauna requer^[5].

Não se trata, porém, de uma injustiça. Da proteção legal conferida aos animais resulta, de forma indireta, o reconhecimento de seus direitos, sobretudo à vida e à integridade, tanto física quanto psíquica. E, embora ainda sejam vistos como fonte de alimento, trabalho e até diversão, não podem ser submetidos a maus-tratos nem a técnicas que lhes inflijam

sofrimento. Pode não ser o ideal, mas já é um avanço, ainda mais levando-se em conta a natureza ainda um tanto primitiva do planeta.

Falar em *direito* não significa estender aos animais todos os atributos contidos na lei, pois apenas as pessoas podem adquirir direitos e contrair obrigações. Sob a óptica jurídica, pessoas naturais são apenas os seres humanos, que adquirem personalidade jurídica após o nascimento com vida^[6]. Seguindo o desenvolvimento normal, a criança cresce, ganha maturidade e se torna um ser independente, capaz de cuidar da própria vida^[7].

Abstraído-se do campo jurídico, a ciência física e, sobretudo, a espiritual, vão muito além do valor econômico do animal. Sendo ambos, animal e humano, iguais na concepção divina, priorizar um ou outro irá depender da adequação do momento às necessidades da natureza. Na luta entre o homem e a fera, sairá vencedor aquele que, no instante do confronto, merecer ganhar da vida a chance de sobrevivência.

Todas essas questões pesavam na consciência de Wilson. Havia escolhido não telefonar para o número de celular que, contra sua vontade, ficara registrado em sua mente. Por mais que fizesse, não conseguia esquecê-lo. A todo instante, lá vinham aqueles algarismos tingidos de vermelho se organizando até formar o número que marretava em seus pensamentos. E se outra criança estivesse sofrendo com a falta do cachorro?

Faça a coisa certa, Wilson!, era o que dizia a si mesmo. Estava enlouquecendo. Queria dividir o fardo com a mulher, mas Isabela evitava o assunto, saindo de perto dele sempre que ele o iniciava. Já que a esposa não o auxiliava, talvez fosse melhor consultar a pessoa mais interessada no problema: o próprio filho. André ainda era uma criança, mas tinha capacidade para compreender e decidir. Nada mais justo do que fazê-lo

participar daquela difícil resolução.

Ainda era cedo, André devia estar acordado. Wilson se levantou do sofá, onde Isabela cochilava, em frente à televisão. Evitando fazer barulho, seguiu na ponta dos pés, até chegar ao topo da escada. Olhou para baixo, para ver se ela havia percebido alguma coisa, mas apenas o silêncio o acompanhou.

– Posso entrar, meu filho? – indagou ele, pondo a cabeça pela porta entreaberta.

– Pode, claro.

– O Bruce está dormindo?

– Está. Também pudera, brincou o dia inteiro.

– E você? Por que ainda está acordado?

– Estou terminando essa partida.

O menino voltou os olhos para a televisão, concentrando-se novamente no jogo de futebol. Pacientemente, Wilson esperou, fazendo comentários elogiosos a cada vez que ele concluía um lance inteligente. Quando, por fim, ele venceu, desligou o videogame e a televisão, preparando-se para dormir.

– Já escovou os dentes?

– Já.

Wilson ajudou-o a se acomodar, cobrindo-o com o edredom, para protegê-lo do frio do ar-condicionado. A sensibilidade do garoto levou-o a perceber que havia algo errado. O pai evitava encará-lo, virando e desvirando a borda das cobertas, como se ainda não estivesse bom. Ele notou o ar ansioso do filho, porque retirou a mão, que uniu à outra para posicioná-las sobre o queixo, acentuando o ar de gravidade.

– Preciso ter uma conversa com você – disse ele, pausada e claramente.

– O que foi? É sobre o Bruce? Ele fez algo errado?

– Ele não fez nada. Mas o que tenho a dizer tem a ver com ele, sim. –

André esperou, ansioso, que Wilson prosseguisse – Você sabe que encontrei o Bruce na rua, não sabe?

Ele assentiu vagarosamente, coração disparado, imaginando mil coisas ao mesmo tempo. O pai ainda não havia dito, mas ele já se via diante do momento que mais temia, desde que Bruce chegara.

– O dono do Bruce apareceu? – redarguiu, quase chorando.

– Não exatamente. Mas sei o telefone dele.

Com cautela, Wilson contou ao filho os detalhes de como havia descoberto o paradeiro dos verdadeiros donos de Bruce, inclusive, que ele se chamava Billy. Quando concluiu, o filho chorava baixinho, abraçado ao cachorro, que puxara para junto de si.

– Não é justo, pai – rumorejou. – O Bruce agora é meu.

– Tem certeza? Será que podemos fingir que não sabemos que os donos estão atrás dele?

– Não quero me separar dele. Nem ele de mim.

– Sei que não. Tampouco eu gostaria disso. Mas precisamos pensar no que é certo fazer.

– Eu não sei o que é certo. Só sei que Bruce e eu nos amamos...

Será que ele estaria pondo nas costas do filho um julgamento por demais complexo para ele fazer sozinho? Não estaria exigindo demais de uma criança, que não tinha ainda maturidade para colocar a razão acima da emoção e escolher a decisão certa, que só lhe traria sofrimento? As lágrimas de André, a forma como se apegava ao animal, seu olhar de incompreensão diante do que ele considerava uma injustiça, tudo isso levou Wilson a questionar se tinha mesmo o direito de envolvê-lo naquela escolha.

– Sinto muito, André. Não queria fazer você sofrer.

As lágrimas desaguaram no pranto, que acabou despertando Isabela,

cujos ouvidos de mãe estavam preparados para perceber qualquer alteração na tranquilidade do filho. Chegou ao quarto dele ainda a tempo de ouvir as últimas palavras de Wilson.

– O que está acontecendo aqui? – questionou ela, dirigindo ao marido um olhar severo. – Por que você faria André sofrer?

– Acalme-se, Isabela. André e eu só estamos conversando.

– Conversando? Sobre o quê? Veja o estado dele, Wilson! O menino está desesperado!

Ela abraçou o filho, movida pelo instinto de proteção. André agarrou-se à mãe, como se ela fosse capaz de transformar em pesadelo a realidade trazida pelo pai.

– Isabela, por favor... – pediu Wilson.

– O que você fez, Wilson? Você contou a ele, não foi? É por isso que o menino está assim.

– Achei que era o melhor.

– Nós tínhamos combinado que não contaríamos! Você não tinha o direito de falar com ele sem me consultar.

– Você não teria permitido.

– É claro que não! Não foi isso que decidimos? Juntos?

– Mas não é certo. Não podemos fingir que o cachorro é nosso.

– Mas é!

– De verdade, você sabe que não.

– O que você fez foi uma covardia! Mas não vou permitir que você tire o Bruce daqui!

– Deixe, mãe – a vizinha miúda de André interrompeu a fluência de indignação de Isabela. – Está tudo bem. Papai tem razão. Agora que sei, não dá para fingir que não sei.

– Você não sabe o que está falando – objetou ela. – Ainda é muito criança, não tem noção das coisas.

– Sei o que é certo e o que é errado. Você e papai me ensinaram. E acho que ficar com um cão que não me pertence não é certo.

Os dois o fitaram ao mesmo tempo, impressionados com a lucidez de suas palavras.

– Tem certeza, meu filho? – Wilson quis saber.

– Tenho.

– Pense bem, André – interveio Isabela. – Vai ser difícil separar-se dele.

– Eu sei. Mas é o certo...

A decisão estava tomada. Mesmo diante dos alertas de sofrimento, André a sustentou. Os pais permaneceram junto a ele, confortando-o até que pegasse no sono, quando, então, saíram. André, contudo, estava acordado. Fingiu dormir para que o deixassem sozinho. Bruce dormia a seu lado, ocupando quase toda a cama. Nem foi preciso puxá-lo para sentir o corpo quente do animal junto ao dele.

André afundou o rosto no pelo macio do pescoço de Bruce. Em meio à sonolência, o cachorro entreabriu os olhos. Percebendo que era André deitado sobre ele, virou a cabeça o suficiente para lambe-lo o rosto dele, como se pudesse prever a nova ameaça do destino.

Nem bem o dia amanheceu, Wilson apanhou o telefone. Queria ligar antes que André acordasse. Queria poupá-lo daquela conversa. Demorou um pouco até que alguém atendesse.

– Alô – soou uma voz masculina, seca, apressada.

– Bom dia... – gaguejou ele, sem saber ao certo como iniciar o assunto. – O senhor não me conhece. Estou ligando por causa do cartaz do cachorro.

Após um breve silêncio, a voz do outro ressurgiu, agora mais relaxada:

- O senhor está se referindo ao border collie?
- Esse mesmo. É seu?
- Meu Deus! – exclamou, aparentemente sem poder acreditar. – Nem tínhamos mais esperanças de encontrá-lo. É o cachorro do meu filho.
- O senhor o quer de volta?
- Se o quero de volta? O senhor nem imagina o quanto! Foi Deus quem o trouxe até nós, justo neste momento. A perda do cachorro foi um choque terrível para Rodrigo, que até adoeceu.
- Lamento muito ouvir isso.
- Como é mesmo o seu nome?
- Wilson.
- O meu é Vítor. Quando e onde podemos buscá-lo?
- Espere um momento. Não é tão simples.
- Por que não?
- Ele está com meu filho agora. Vai ser uma separação traumática.
- Entendo sua preocupação, Wilson, mas minha mulher e eu estamos desesperados. Meu filho está doente desde que Billy se foi.
- Mais uma vez, sinto muito.
- Não é que eu queira parecer insensível. Sei como as crianças se afeiçoam aos animais.
- Devolvê-lo foi ideia de André, meu filho. Mesmo assim, sei que ele vai sofrer, principalmente porque faz pouco tempo que seu outro cãozinho morreu.

Vítor silenciou, pensando. Sabia o que era o sofrimento de uma criança e, se pudesse, faria tudo para evitá-lo ou, ao menos, diminuí-lo.

– E se eu levar o Rodrigo para ver o cachorro e conhecer o seu filho? Eles podem se tornar amigos. Quem sabe, assim, não descobrimos uma maneira

de resolver as coisas sem machucar ninguém?

- Parece uma boa ideia.
- Pode me passar o endereço?
- Vou mandar por WhatsApp.
- Ótimo. Iremos o mais rápido possível. Ainda hoje, sem falta.
- Tudo bem. Estaremos esperando.

O telefone emudeceu quando Vítor desligou. Parado, com o fone na mão, Wilson perguntou-se se havia, realmente, tomado a decisão certa.

Capítulo 31

André acordou com o pai avisando-o de que os verdadeiros donos de Bruce chegariam a qualquer momento. De banho tomado, roupa limpa e perfumado, sentou-se na cama para esperar a mãe chamar para o café da manhã. Não tinha fome. Sentia que, se algo descesse pelo seu estômago, faria o caminho de volta em segundos. Estirado sobre a cama, Bruce abriu os olhos, cumprimentando-o com sua usual lambida.

– Bom dia para você também, Bruce – falou André, tentando desvencilhar-se das lambidas do animal. – Hoje é o dia. Você se lembra do que lhe falei, não se lembra?

A resposta foi uma generosa lambida na boca, o que provocou uma careta em André, que o afastou e correu para o banheiro, esfregando os lábios com sabão.

– Você sabe que não gosto disso, seu danado – ralhou ele, em tom carinhoso. – Não é porque o seu verdadeiro dono vem aqui hoje que você pode fazer o que quer.

Bruce respondeu com um latido. Sentou-se diante dele no banheiro, ainda abanando o rabo, que parecia varrer o chão.

– Nada disso. Não podemos brincar.

Totalmente alheio ao monólogo do garoto, Bruce correu para a porta, arranhando-a para que ele a abrisse.

– Eu sei que você está com fome – continuou André, abaixando-se junto a ele. – Mas eu não estou.

Uma lágrima silenciosa escapuliu de seus olhos, seguida por muitas outras, que pareciam apenas à espera de que a primeira se decidisse. André não as tentou conter. Permitiu que elas escorregassem aos borbotões e despencassem sobre os pelos de Bruce que, num primeiro momento, nada percebeu. Mas quando o menino o apertou de encontro ao peito, afogando em seu pescoço os soluços que se desprendiam do pranto, ele deu uma espécie de pinote para trás e olhou fundo em seus olhos.

Embora Bruce não tivesse consciência alguma do que acontecia, o fato é que os corpos emocionais de ambos, misturados na sintonia do amor, eram capazes de transmitir e receber ondas de sentimento puro, que a sensibilidade impoluta do cão traduziu como tristeza. O olhar dele demonstrava preocupação, amor, amizade. A sensação foi tão forte, e os dois estavam tão estreitamente ligados, que André também captou o sentido daquele olhar, percebendo que ele o cão se amariam para sempre.

O instinto, fator invariável do comportamento animal, determina reações automáticas aos vários estímulos que se apresentam ao longo da vida. No momento em que os estímulos provocam reações mentais, que se convertem em sensações perceptíveis no mundo exterior, surge a emoção. A emoção é uma reação química ou orgânica, manifestada por meio de respostas impulsivas intensas, automáticas, irracionais e instantâneas a um estímulo específico. Uma vez tocada pela compreensão espiritual, a emoção faz nascer o sentimento, que é leve e sutil. As ações que decorrem do sentimento não são acionadas por impulsos. São equilibradas, ponderadas e avaliadas, decorrentes da percepção do próprio corpo e do pensamento.

No instinto, o indivíduo simplesmente age. Na emoção, age sem pensar. No sentimento, pensa para depois agir.

Todo animal possui instintos bem definidos, podendo experimentar

emoções ao longo da vida. Já os sentimentos podem ou não ser desenvolvidos, dependendo da natureza e da intensidade dos estímulos recebidos da pessoa por ele responsável. Nele, o sentimento não possui a mesma feição que apresenta no ser humano, porque o animal não pensa, propriamente, mas avalia. E é dessa avaliação que pode decorrer o sentimento.

No caso específico dos cães, algumas raças não são apenas mais inteligentes. Tendem também a ser mais sensíveis, perceptivas, ternas e gentis. Guardam o instinto, conhecem as emoções e conquistam sentimentos dos quais não podem mais ser dissociadas. É o estágio final de evolução da espécie, que prepara o animal para a humanização.

A pequena fração de essência que animou o corpo de Bruce foi retirada do invólucro imaterial da alma animal em seus últimos estágios de fragmentação. Essa particularidade fez dele um ser realmente especial. Arguto e sensível ao extremo, começava a ultrapassar a barreira da limitação animal.

Capaz de perceber a agitação do corpo emocional, Bruce reconhecia, embora não raciocinasse, a tristeza de André. Não conhecia lágrimas. Cachorros não choram, ao menos, no sentido orgânico. As lágrimas animais se manifestam pela expressão dos olhos e os sons de angústia. Produzem secreções oculares, mas não lágrimas.

Mesmo assim, Bruce foi capaz de associar as gotículas que molhavam os olhos do menino à onda de tristeza que partia dele. Permaneceu quieto onde estava, oferecendo a André seu olhar mais doce, no qual expressava sua amizade. Mais uma vez, o menino o abraçou, e foi assim que Isabela os encontrou quando abriu a porta do quarto, obrigando-se a desviar os olhos, a fim de garantir o controle do pranto.

– Eles chegaram – avisou ela, dando meia-volta em seguida.

Nesse momento, Bruce fez algo inesperado. Abanou o rabo, ergueu as orelhas pontudas e disparou pela porta aberta, voando pela escada em direção ao quintal, quase atropelando os que estavam no caminho. Foi o primeiro a chegar ao portão, onde se pôs a latir, a saltar e arranhar a madeira, tentando, desesperadamente, alcançar o menino do outro lado.

Mais atrás, Wilson vinha com a chave, seguido por Isabela. André surgiu pouco depois. Havia parado para esperar Larissa, que atravessara a cerca correndo, para juntar-se a eles. Segurando Nina no colo, apertou a mão dele, só para mostrar que estava ali.

Pela atitude de Bruce, que latia e pulava feito louco, quase derrubando o portão, dava para imaginar qual seria sua reação ao se ver diante de seu primeiro dono. Estava na cara que ele não havia se esquecido do menino, sinal de que, muito provavelmente, não hesitaria em acompanhá-lo de volta a seu antigo lar.

Tamanha era a ansiedade do cachorro que, tão logo o portão se destrancou, ele o empurrou com o focinho, atirando-se sobre Rodrigo com tanta alegria, que era impossível negar que era mesmo seu dono. Ninguém conseguiu se mover nem dizer nada. A cena foi comovente. Rodrigo se ajoelhou, envolvendo o cão com o mesmo carinho de antes, despertando na memória dele os momentos felizes de sua primeira infância.

Saciada a fome de carícias, com as quais ambos mataram a saudade, o grupo se apresentou. Menos André, que se aproveitou do momento de comoção para se esgueirar pelo corredor, correndo para a casa da árvore em companhia de Larissa.

– E seu filho, onde está? – indagou Vítor, tão logo se acomodaram na sala de visitas.

– Desapareceu – informou Wilson, sem ocultar a tristeza. – Deve ter fugido para o quintal da vizinha, que é sua melhor amiga. Ela tem lá uma casa na árvore, onde os dois passam horas brincando.

– Casa na árvore? – repetiu Rodrigo, surpreso.

– Isso mesmo. Uma casa na árvore.

– Uau! Pensei que isso só existisse em filmes.

– Não, querido, existe de verdade – esclareceu Isabela. – Pensamos em construir uma, mas achamos que seria inútil, já que André passa a maior parte do tempo com Larissa.

– Não gostaria de conhecê-la? – ofereceu Wilson. – Podemos ir lá com o Bruce. Ele também não sai de lá.

– Billy – corrigiu Lizandra, pouco à vontade. – O nome dele é Billy.

Para disfarçar o constrangimento, Wilson se levantou, convidando os demais a acompanhá-lo.

– Talvez seja melhor o Rodrigo ir sozinho – sugeriu Vítor. – Para não deixar o menino encabulado. Tudo bem, meu filho?

– Por mim, tudo bem.

Wilson usou a passagem da cerca, que era reservada apenas às crianças. Queria evitar encontrar-se com Roberta. A seu lado, Rodrigo o seguia em silêncio, admirado com a quantidade de árvores e plantas espalhadas pelo imenso quintal. Sentiu-se dentro de uma verdadeira floresta, cujo ar de mistério provocou nele uma excitação inusitada, o frenesi do aventureiro a um passo de desvendar o desconhecido.

– É aqui – anunciou Wilson, apontando para o enorme carvalho.

Rodrigo levantou os olhos, cada vez mais abismado. Nunca havia visto árvore tão grande.

– Será que eles estão aí? – questionou, com assombro.

– Estão. Ouço as vozes deles – juntou as mãos em concha e chamou: – André! Larissa!

A cabeça de Larissa surgiu na janelinha da casa. Pouco depois, André apareceu ao lado dela. Os dois olharam para baixo, tentando adivinhar como proceder. O menino desconhecido parecia um fantasminha, de tão pálido e cheio de olheiras.

– Deve ser por causa da doença de que meu pai falou – cochichou André.

– Coitado.

– Por que não descem para conhecer o Rodrigo? – incentivou Wilson. – Ou ele pode subir para brincar com vocês?

– Ele pode subir – anunciou Larissa.

– Pode ir, Rodrigo. Não tenha medo. Eles são crianças boas.

Ao lado de Rodrigo, Bruce olhava para cima, abanando o rabo. André não resistiu. Esticou o pescoço para fora e, com ar de quem tudo sabe, chamou:

– Vem, Bruce.

O cachorro não esperou que o chamassem de novo. Passou por Rodrigo e galgou as escadas, só parando ao chegar ao alto, quando então olhou para baixo. Latiu, convidando o menino, que olhou para Wilson, em dúvida.

– Vem logo, Rodrigo! – Larissa definiu a questão. – A gente não morde.

Estranhamente, a voz dela o tranquilizou. A um sinal de Wilson, Rodrigo subiu a escada. A cada passo, ganhava um pouco mais de confiança. Chegou ao alto, rodopiou na pequena varanda, para onde se abriam a janela e a porta. Bruce a empurrou com a pata, entrando na casa com intimidade. Rodrigo entrou logo atrás, fechando a porta ao mesmo tempo que sentia sua vida se abrir para um novo mundo.

Capítulo 32

Seguindo os passos de Bruce, Moisés praticamente se mudou. Passava agora mais tempo na casa de André e de Larissa do que na de Rodrigo. Na verdade, não tinha muito que fazer lá. Depois do que vira da última vez em que lá estivera, preferiu deixar a casa toda para Camélia. Ao menos, no quintal, podia tentar esquecer aquela história de diabo.

Moisés gostava dali. Sentia-se bem no meio das plantas, deitava-se na terra fresca para absorver a vibração pura da natureza. Transitava pela casa de André sem qualquer tipo de interferência. Billy, agora Bruce, acostumado com a presença dele, não estranhava quando ele se aproximava. E as pessoas, com as quais não mantinha nenhum vínculo energético, não detectavam o menor sinal de sua existência. Simpatizava com praticamente todo mundo, menos com Roberta. Mesmo assim, não se envolvia com ela. Não era problema seu.

Não fazia nada. Apenas zanzava de um lado a outro, para matar as saudades do cachorro. Se dependesse dele, nunca mais voltaria a pôr os olhos em Lizandra. Por isso, quase não acreditou quando a viu sentada no sofá da sala, mantendo uma conversa polida com Isabela.

– Só pode ser brincadeira – murmurou ele, irritado. – Essa mulher me persegue.

– Eu jamais pensaria em vender o cachorro do meu filho – ele ouviu Vítor dizer.

– E eu jamais aceitaria dinheiro por ter resgatado um cão abandonado –

contrapôs Wilson, com nervosismo. – A oferta da sua mulher chega a ser ofensiva.

Esse fragmento de conversa foi suficiente para Moisés compreender o que estava se passando. Wilson ligara para Vítor, que foi buscar o cachorro e ofereceu uma recompensa, que o primeiro recusou, ao mesmo tempo que fez uma oferta para comprá-lo.

– Lizandra não falou por mal – tornou, desculpando-a. – Ela não quis ofender, não é, querida?

– Hein? – fez ela, apática, sentindo a proximidade da enxaqueca trazida por Moisés. – Não... claro que não.

– Por favor, Wilson, não nos leve a mal. Perdoe-nos. Pode ter sido uma oferta infeliz, mas não foi maldosa.

Convencido pelo tom conciliador de Vítor, Wilson se acalmou.

– Não tenho dúvida de que todos desejamos a mesma coisa – disse Isabela, tentando contornar o súbito mal-estar. – O bem de nossos filhos. E se o cachorro é o caminho para alcançarmos isso, é natural que procuremos convencer uns aos outros a abrir mão dele.

– Não se trata somente disso – contrapôs Lizandra. – O cão é propriedade nossa. Temos o certificado de compra, *pedigree* e tudo.

– Quando o encontrei, ele estava com uma forte infecção urinária – lembrou Vítor, em tom acusador. – E com uma ferida na cabeça. Todo *pedigree* não impediu que ele fosse abandonado, doente e machucado.

– Quem foi que disse que ele foi abandonado?

– Posso saber, então, como é que ele foi parar tão longe de casa, na serra de Grumari?

A conversa tomou um rumo indesejável. Vítor olhou para Lizandra pelo canto do olho, beliscando-a suavemente com os dedos que pousavam sobre

seu ombro. Um lembrete de que ela devia se conter, se não quisesse expor a verdade e perder o cachorro de vez.

– A questão é muito mais sentimental do que financeira – Vítor desviou o assunto.

– Sim... – balbuciou Lizandra, assumindo sua inabilidade com as palavras. – Sinto muito.

– Creio que essa discussão não nos levará a lugar algum – Isabela contemporizou. – O cão é de vocês, ninguém duvida disso.

– Obrigada – ciciou Lizandra, cuja voz sumia, açoitada pela dor de cabeça.

– Está se sentindo bem? – tornou Isabela, notando a aparência doentia que ela ia assumindo.

– Mais ou menos. Estou com uma terrível dor de cabeça. Fazia tempo que não me sentia assim.

– Quer tomar alguma coisa? Um comprimido?

– Não, obrigada. Acho que seria melhor irmos andando.

– Que pena...

– Mas esse não é o fim da história – considerou Vítor. – Nossos filhos podem ser amigos. E André pode visitar o Billy sempre que quiser.

– Acho que ele gostaria disso – concordou Wilson. – E agora, se me dão licença, vou lá chamá-lo.

Vieram as três crianças. Por mais doloroso que fosse, André queria se despedir de Bruce, que passara o tempo todo junto de Rodrigo, oferecendo-lhe seu afeto e recebendo seus carinhos.

– Venha, querido – Lizandra chamou, puxando o filho pela mão. – Hora de ir.

– Podemos voltar outro dia? – retrucou ele. – Adorei vir aqui. André e

Larissa são muito legais.

– É claro que podemos – afirmou Vítor. – Era justamente isso que estávamos combinando.

– Mas agora temos que ir. Está quase na hora do seu remédio, e eu estou com uma enxaqueca que está me matando.

O menino obedeceu. Apanhou a mão da mãe, deixando-se levar por ela. Enquanto caminhavam, olhava para o lado, a fim de se certificar de que Billy ia com eles. Pararam diante do portão, para se despedir.

– Não fique triste – pediu Rodrigo, sinceramente comovido com o choro que André procurava evitar. – Billy vai sempre se lembrar de você.

André só foi capaz de assentir. Os olhos ardiam, incendiados pelo calor e o sal das lágrimas. Isabela o envolveu na segurança do abraço materno. Do outro lado, Larissa apertava sua mão, para que ele não perdesse a coragem. Wilson abraçou Isabela, e os quatro permaneceram ali, parados na entrada, antevendo a angústia dos dias futuros.

Pela calçada, Rodrigo e os pais também seguiam abraçados. Chegando ao carro, Vítor abriu a porta traseira, mandando que o filho entrasse com Billy. O menino chegou para o lado, esperando o animal passar, mas nada aconteceu. Ele se virou espantado, procurando...

Foi nesse momento que todos perceberam que o cão não seguia com eles. Os olhos de Rodrigo foram do carro até a casa, refazendo o trajeto que Billy deveria ter feito ao lado dele. Encontrou o cachorro na outra extremidade, parado, imóvel, apenas observando, com o olhar confiante de quem sabe o que está fazendo. Talvez soubesse por que ele não ia, mas parecia não compreender por que Rodrigo se afastava dele.

– Billy! – chamou Rodrigo. – Vem, Billy! Aqui, garoto! Vamos para casa.

Billy não se moveu. Continuava parado lá, olhando o outro garoto como

se fosse ele quem estivesse adotando uma atitude estranha. O cão não queria partir. Queria que Rodrigo ficasse.

– Vai, Billy – incentivou Wilson, dando um empurrão de leve nas costas do cachorro, que se mantinha parado.

– Você tem que ir, Bruce – André falou bem baixinho, para só o cão ouvir.

Bruce ensaiou um movimento, mas não na direção que deveria seguir. Na verdade, só o que fez foi girar a cabeça o suficiente para que André pudesse ver os seus olhos.

– Vamos embora, Billy! – gritou Lizandra. – Não quer ir para casa?

– Venha, Billy! – Vítor estimulou, batendo a mão na lateral da coxa.

– Billy, vem! – insistiu Rodrigo. – Aqui, Billy, aqui!

– Junto! – ordenou Lizandra, lembrando-se das aulas de adestramento.

Ante o comando imperativo, o cão titubeou. Fez menção de ir, contudo, após uma breve avaliação, retrocedeu, fincando as patas no chão, bem ao lado de André. Não desgrudava os olhos de Rodrigo, como se lhe dissesse: *volte*.

Convencido de que o cachorro não obedeceria, Rodrigo foi até onde ele estava. Na mesma hora, o cão abanou o rabo e latiu, feliz da vida porque o menino, finalmente, parecia ter entendido que era ele quem devia ficar. Rodrigo tentou puxá-lo, causando-lhe uma certa estranheza, que o levou a travar o corpo na posição em que estava. Temendo machucá-lo, o garoto olhou para o pai, pedindo sua ajuda.

– Ele está confuso – deduziu Vítor. – Acho melhor levá-lo no colo.

O cão pareceu entender as palavras dele, ou, talvez, tivesse apenas percebido a intenção por detrás delas. Assim que Vítor estendeu as mãos para segurá-lo, Bruce as prendeu entre os dentes, sem apertar. Não fez

força, não queria machucar ninguém. Foi apenas um aviso, a forma que ele encontrou de dizer que não permitiria que o tirassem dali. Pela última vez, olhou para Rodrigo, compreendendo tudo. Seus olhos deixavam transparecer uma compreensão impossível de ser descrita pela mente humana. Silenciosa e mansamente, o cachorro deu as costas à rua, voltando para dentro de casa com ar altivo, imponente, ostentando a nobreza própria do animal selvagem, a cabeça erguida, o olhar seguro, as passadas mansas e confiantes do lobo.

– Billy! – gritou Rodrigo, mas ele não se deteve, sequer vacilou.

– Bruce!

Era André quem o chamava. Ele parou sem se voltar, esperando ser alcançado por seu único dono. Esquecendo-se de tudo, André se desvencilhou da mãe, correndo ao encontro do cachorro. Sentindo-o a seu lado, Bruce retomou a caminhada, sumindo pelo corredor da garagem, em direção a seu verdadeiro lar.

Ninguém conseguiu dizer nada. Entre a estupefação e o abalo, ficaram todos sem ação. Foi uma reação inesperada, porém, compreensível. Depois que o impacto da surpresa se dissipou, Wilson falou, consternado:

– Esperem só um momento. Vou buscá-lo.

– Não – contestou Rodrigo, impassível, sem qualquer sofrimento aparente. – Pode deixar. Ele já não me pertence mais.

Sob o mutismo assombrado de todos, Rodrigo rodou nos calcanhares e, evitando olhar para trás, entrou no carro, abaixou a cabeça, mas, dessa vez, não chorou.

Capítulo 33

Ao passar diante da porta do quarto de Rodrigo, Lizandra ouviu um barulho, parou e espiou para dentro. A televisão estava ligada, mas não era a causa do estranho som que captara. O filho dormia com o controle remoto na mão, revirando os olhos por debaixo das pálpebras. Devia estar sonhando. Seria com Billy?

Procurando não pensar no fracasso que fora a tentativa de reaver o cachorro, ela desligou o aparelho. De joelhos ao lado dele, acariciou seus cabelos, triste e orgulhosa ao mesmo tempo. O filho havia demonstrado uma maturidade muito superior aos seus 10 anos. Encarou a decepção, assumiu a derrota, soube perder.

– Eu te amo – sussurrou ela, beijando sua testa.

Quando se afastou, o menino estremeceu levemente. À espera de nova convulsão, ela ficou parada, lívida, pronta para correr em seu auxílio. Mas nada aconteceu. Ele se virou para o lado e continuou a dormir. Durante alguns minutos, ela permaneceu onde estava, vigiando. Como nada acontecesse, sentiu-se confiante para deixá-lo.

– Sua maldita! – ela não ouviu o praguejar de Camélia, mas sentiu um leve arrepio. – Se pensa que vai ficar com ele, está muito enganada. Não vou permitir! Jurei que, se ele não voltasse para mim, também não voltaria para você.

Alheia à revolta do espírito, Lizandra saiu vagorosamente, sufocando o pranto na dor do silêncio. Foi para a cozinha, onde Anita terminava de

preparar o almoço.

- Como ele está? – ela quis saber.
- Dormindo.
- Que bom. O almoço está quase pronto.
- Você fez a sopa?
- Fiz, sim, senhora.
- Ótimo. Quando estiver pronta, me chame. Quero ver se ele toma ao menos um pouquinho desta vez.

Dali, seguiu para a sala, recostando-se no sofá. Passou a mão pelo estofado, sentindo, na ponta dos dedos, a aspereza do tecido, esgarçado nos lugares onde Billy deixara a marca de seus dentes. Nunca se arrependera tanto de algo em sua vida. Daria tudo para ter o poder de fazer o tempo retroceder, de ter uma nova chance para agir corretamente. Não teria tido amante nem ignorado o filho. Muito menos, teria abandonado o cachorro. Talvez não tivesse nem dado sumiço na Suzy. Quanto arrependimento! Quanta culpa! Quanto remorso!

O alívio a acolheu na forma de um sono leve, quase etéreo. Lizandra teve a sensação de que o corpo escapava da força da gravidade, elevando-se acima do chão como uma pluma conduzida por uma brisa suave. De olhos abertos, reconheceu sua contraparte densa, recostada no sofá. Via-se adormecida, consciente do que estava vendo. Maravilhou-se com a estranha experiência, que não era a primeira, porém, a única cuja lembrança, até então, ela registraria.

De longe, um vulto vinha se aproximando, ganhando forma à medida que chegava mais perto. Ela não o conhecia, embora sua aparência não lhe fosse de todo estranha. Ele não parecia amistoso. Tampouco exibia sinais de agressividade. Seu semblante, duro e frio, tinha algo de assustador, apesar

de não transparecer nenhuma ameaça. Apesar de tudo, despertou sua curiosidade.

– Quem é você? – indagou ela, entre temerosa e decidida.

Ele não respondeu de imediato. Não sabia o que dizer. Não estava ali por causa dela, mas ela era a única com um mínimo de condições de compreendê-lo.

– Não sou ninguém especial – ele acabou dizendo. – Mas estou aqui para ajudar.

A situação podia parecer estranha, e até inusitada, mas ela acreditou nele. Havia em seu olhar uma certa fúria que não deixava margem à dúvida. Era aquele tipo de exasperação própria de quem não quer se revelar, porém, não sabe mentir.

– Como pode me ajudar? – tornou ela, o medo cedendo lugar à esperança.

– O mal de Rodrigo vai muito além de um problema neurológico. A medicina tradicional da Terra não conseguirá curá-lo.

– Não entendo o que quer dizer.

– Abra a mente e os olhos. Seu ex-amante conhece métodos mais eficazes, nos quais você nunca acreditou. Procure-o. Ele pode curar o Rodrigo.

– Como? O que ele pode fazer que já não esteja sendo feito?

– Procure-o. Confie nele...

A voz firme do espírito começou a diminuir, convertendo-se, gradativamente, na de Anita, que a despertava do sono, mandando para longe o sonho revelador.

– Anita? – assustou-se, procurando o espírito pela sala. – Onde ele está?

– Quem?

Passada a confusão do despertar súbito, ela se deu conta de que estava sonhando.

– Ninguém – disse, repassando o sonho na mente como se rodasse uma fita que acabara de filmar.

– O almoço está pronto. Vai levar a bandeja agora?

– Vou, claro. Ele já acordou?

– Dei uma olhada no quarto. Ele está vendo televisão.

Pouco depois, Lizandra entrou no quarto do filho, segurando a bandeja com cuidado extremo. Ele virou o pescoço com dificuldade, como se estivesse amarrado a cordas invisíveis.

– Tudo bem, Rodrigo? – perguntou ela, puxando a cadeira para sentar-se ao lado dele.

– Tudo – respondeu apático, o tônus da vitalidade furtado pelo abraço de Camélia.

– Vamos comer um pouquinho?

– Não quero. Não estou com fome.

– A médica disse que você precisa se alimentar – tornou ela, alisando os cabelos dele. – Não vai querer passar o resto das férias nessa cama, vai?

– De que adianta sair, se não tenho com quem brincar?

– Você agora tem novos amigos. Não quer brincar com André e com Larissa? Eles gostaram muito de você. E Billy também está lá, com eles.

– O nome dele agora é Bruce.

– É como prefere que o chame?

– É o nome dele – insistiu.

– Tudo bem. Não quer voltar a ver o Bruce? Ele ainda gosta de você.

Camélia aproximou os lábios do ouvido do menino e soprou algo que ele repetiu, só para irritar Lizandra:

– Se você não o tivesse jogado fora, ele ainda seria o Billy. Mas agora, ele não é. É o Bruce, e eu odeio você.

Ela fechou os olhos, como se as pálpebras servissem de escudo para bloquear as lágrimas. De frente para ela, Camélia ria sarcasticamente, apertando, mais e mais o corpo de Rodrigo. A atitude de Lizandra, contudo, a pegou de surpresa. Em vez de aceitar a agressão e simplesmente ir embora, ela pousou a bandeja suavemente sobre a mesinha e encarou o filho. Sem dizer nada, acariciou seus cabelos, seu rosto, aos poucos substituindo a energia de ódio do espírito pelas suas vibrações de amor.

– Eu amo você, Rodrigo – afirmou ela, segurando o queixo dele com suavidade, para forçá-lo a encará-la. – Cometi um erro terrível, movida por um impulso incontrollável de egoísmo. Deus sabe o quanto me arrependi. Mas isso é o normal do ser humano, infelizmente. Todo mundo comete erros, para depois aprender. O que posso lhe dizer é que, nesses últimos meses, aprendi mais do que poderia aprender na minha vida inteira. E sabe o que mais me ajudou? – ele meneou a cabeça. – Você, Rodrigo, você me ajudou. Foi o meu amor por você que me fez ver o grande erro que cometi. E olha que não foi o único... Mas já está feito. Se houvesse um jeito, eu o desfaria, só que não há. Tenho que conviver com isso da melhor forma, tentando remediar as consequências. Hoje, sou uma mulher muito diferente do que era alguns meses atrás. Posso não mudar o que fiz, mas posso fazer de outro jeito. Tudo isso porque amo você. E se você não consegue me perdoar, não faz mal. Não vou amar menos você por isso. Compreendo sua revolta e aceito minha punição. Mas meu amor por você, não há ódio nem castigo que o faça diminuir. Entende isso? – Ele fez que sim, sem dizer nada. – Bom. Então, se você não quer comer, não vou insistir. A hora que sentir fome, qualquer hora, é só me chamar. Estarei aqui sempre, esperando

por você.

O olhar horrorizado de Camélia nenhum efeito teve sobre a situação. Toda sua energia, concentrada em ferir Lizandra e, indiretamente, Rodrigo, parecia ter sido engolida pelas bolinhas cor-de-rosa que saíam da boca da encarnada, como se ela cuspsse pétalas de rosa envenenadas. Foi assim que o espírito definiu o incidente.

– Desgraçada! – rugiu ela, afastando-se, incomodada pelos eflúvios energéticos que distribuíam o aroma delicado das flores por todo o ambiente, acompanhados da luminosidade rósea que envolveu o quarto numa suave nuvem de algodão-doce.

Camélia quis se aproximar de Rodrigo, mas foi impedida pela névoa rosada que a enlaçou, fazendo-a perder o caminho até o menino, embora ele não estivesse a mais do que dois palmos de distância. A fúria que ela exalava não foi capaz de ultrapassar a barreira de proteção erguida pelo amor da mãe. Sem alternativa, ela rodou nos calcanhares e se atirou pela janela, num destempero suicida.

É claro que ela sumiu no ar. Com ela, desapareceram os últimos vestígios de sua presença maligna, deixando Rodrigo livre para exprimir a própria vontade.

– Mãe! – chamou ele, alcançando Lizandra no limiar do quarto. – Estou com fome agora.

Ela se voltou, os olhos brilhantes fulgurando de alegria e alívio. Tornou a sentar-se ao lado dele, com a bandeja sobre os joelhos.

– Quer que eu dê? – perguntou ela, carinhosamente.

– Não, mãe – contestou ele, com a irritação peculiar das crianças. – Não sou mais bebê.

– Tem razão, me desculpe. Então tome. Foi Anita quem fez. Está uma

delícia!

Ela ajeitou a bandeja no colo dele. Rodrigo segurou a colher e remexeu a sopa, aspirando o cheirinho gostoso dos legumes. Bem devagar, começou a comer. A cada colherada, Lizandra sentia a esperança despedaçando o medo.

Enquanto comia, ele mantinha os olhos baixos, aparentemente concentrado na refeição. Tomou toda a sopa, chegou a raspar o prato.

– Posso beber uma coca? – questionou ele, entregando a bandeja para ela.

– Coca? Não serve um suco? – Ele meneou a cabeça. – Está bem. Uma coca, então. Não devia, mas pode.

Levantou-se, com a bandeja nas mãos, para buscar o refrigerante, feliz da vida porque ele, finalmente, havia se alimentado direito. Antes de cruzar a porta, mais uma vez ele a chamou:

– Mamãe?

– Sim, meu filho, o que é?

– Também amo você.

Ela não sabia se ria ou se chorava. Ou se fazia as duas coisas ao mesmo tempo. O coração batia tão alto, que ela se surpreendeu por ele não ouvir. Lágrimas miudinhas desaguaram de seus olhos, indo se alojar nos lábios que já se abriam num sorriso de contentamento. Não precisava de mais nada. As palavras dele lhe bastavam. Eram a sua alegria, toda sua felicidade, sua fonte de vida, o motivo de ela desejar viver.

Capítulo 34

Demorou alguns dias para que Camélia voltasse. Durante sua ausência, Rodrigo mostrava sinais de uma pequena melhora. Nada efetivo nem substancial, mas, mesmo assim, ele se sentia melhor. Ela chegou acabrunhada, farejando o ar como um animal em busca do odor do predador. Como não sentiu mais cheiro de flores, tampouco vislumbrou luzes nem névoas coloridas, animou-se a entrar.

– Você não sabe mesmo como fazer as coisas, não é, sua bruxa? – ironizou ela, vendo que Lizandra não fora capaz de manter o asseio energético no ambiente.

Camélia era tudo, menos burra. Ao contrário, o intelecto desenvolvido ao longo de muitas encarnações, aliado à experiência adquirida no tempo em que se encontrava no astral, conferiam a ela uma inteligência aguçada e veloz. Para ela, foi muito fácil reconhecer que Lizandra não era nenhuma alma iluminada. Se antes impregnara o ambiente com aquela chuva cáustica de energias desconcertantes, fora porque alcançara um estágio de momentânea sublimação do sentimento de amor. Isso demonstrava ao espírito que não podia subestimar nem provocar a inimiga. Ao contrário, tinha que se manter imperceptível, sem se utilizar de técnicas capazes de afastar a mãe do filho. Lizandra podia ficar perto dele, conviver com ele. Seria um sofrimento até maior: estar ao lado dele sem poder tê-lo de verdade.

A tática surtiu o efeito desejado. Camélia não investia mais contra

Lizandra. Concentrava-se em Rodrigo, estabelecendo com ele um elo poderoso, forjado na fornalha do passado. Em breve, estabeleceu-se a simbiose. A exemplo do parasita que se nutre da vida do hospedeiro, Camélia se alimentava da seiva vital do menino, em quem, como compensação, injetava uma parte de seus próprios fluidos deletérios. Uma potente troca energética foi estabelecida, onde um funcionava como sustento psíquico do outro, o que levava ao desequilíbrio mútuo e incontrollável. A doença de Rodrigo serviu como catalisador, aticando os neurônios do cérebro do menino, que disparava impulsos elétricos excessivos e irregulares, responsáveis pelas convulsões.

O ódio levou embora a razão de Camélia. Em seu lugar, o que ficou foi uma determinação insana, a obsessão febril que acabou transformando-a em uma presença macabra. Toda vez que Rodrigo caía ao chão, ela se revirava de prazer. Vingava-se de Lizandra, ao mesmo tempo que reafirmava sua dominância sobre o homem amado, que sempre lhe pertencera e sempre pertenceria.

Lizandra nem conseguia mais chorar. De tanto presenciar convulsões, já não se desesperava mais. Sabia o que fazer e fazia com eficiência.

Observando o filho mergulhado em profunda letargia, resolveu agir. Nenhum tratamento tradicional surtia efeito. Operar estava fora de questão. Restava-lhe apenas experimentar métodos alternativos ou não muito convencionais. Ainda se lembrava do sonho do outro dia, do homem, do conselho. De sua salvação.

Mesmo correndo o risco de ele desligar ou se recusar a vê-la, Lizandra precisava tentar. Não permaneceria inerte, vendo o filho definhar dia após dia. Foi com essa determinação que apanhou o telefone e ligou.

– Preciso falar com você – disse rapidamente, tão logo ele atendeu. – É

urgente.

– Estou no meu horário de consultas – objetou Danilo. – Ainda tenho dois pacientes.

– Não faz mal. Eu aguardo.

– Não, Lizandra, espere...!

Ignorando os protestos dele, Lizandra desligou o celular e chamou Anita.

– Vou precisar sair por uns instantes – avisou. – Fique de olho no Rodrigo por mim, está bem? Qualquer coisa, me ligue.

Já no carro, ainda com o celular na mão, consultou a tela bloqueada, que indicava quatro ligações de Danilo. Ele podia ligar quantas vezes quisesse, que ela não atenderia nenhuma. Não lhe daria a chance de descartá-la novamente. Em poucos minutos, chegou ao seu destino.

– Boa tarde, dona Lizandra – disse a secretária dele, surpresa. – A senhora está marcada para hoje?

– Boa tarde, Sílvia. Não tenho hora marcada, não. Mas vou aguardar. Tenho um assunto urgente para tratar com o dr. Danilo.

– Ele sabe que a senhora veio?

– Eu avisei, obrigada.

– Está bem. Fique à vontade.

À custa de muito autocontrole, Lizandra conseguiu conter a impaciência. A todo momento consultava o relógio. Ligou para casa várias vezes, procurando notícias de Rodrigo. Por sorte, ele ainda estava dormindo.

Depois que o último paciente saiu, Danilo apareceu na porta, fitando-a com ar de perplexidade. Ela se levantou, encarando-o de um jeito que o tranquilizou. Não leu paixão em seu olhar. Só desespero.

– Vamos entrar, dona Lizandra, por favor – chamou ele.

Ela passou para o lado de dentro do consultório, apertando as mãos

como se estivesse com frio. Queria evitar que ele visse sua tremedeira.

– Por favor, Danilo, ouça-me antes de me despachar – ela iniciou, com uma urgência nervosa. – A última coisa que pretendo é reviver nossa relação. O que vim fazer aqui não tem nada a ver com nós dois.

– Tudo bem, Lizandra – disse ele, sem saber se acreditava nela ou não. – O que você quer?

– Você é neurologista.

– Isso é óbvio.

– E sei que você flerta com a homeopatia.

– Eu não flerto com a homeopatia. Sou um neurologista que também é homeopata.

– Preciso da sua ajuda.

Ele tornou a encará-la, começando a entender o motivo de sua visita.

– Por causa de seu filho?

– Exatamente. Rodrigo está cada dia pior.

– Você procurou a médica que lhe indiquei?

– Procurei, mas de nada adiantou. Os remédios não fazem efeito. Ela quer operá-lo.

Ao ouvir isso, o sentimento de devoção à medicina não deu mais sossego a Danilo. Por mais que não quisesse se envolver no tratamento de Rodrigo, para evitar qualquer reaproximação com Lizandra, o que ela lhe dizia era um absurdo.

– Nesse momento uma cirurgia talvez seja precipitada – contrapôs ele, com cautela. – Em alguns casos, pode até ser, embora eu, pessoalmente, não seja a favor em circunstância alguma.

– Foi por isso que resolvi procurá-lo. Algo me diz que você pode ajudar Rodrigo.

– Você não me procurou em busca de um medicamento alopático milagroso, pois o que eu poderia receitar seria o mesmo que outros já receitaram. É por isso que está pensando em tratá-lo com homeopatia?

– Pensei que houvesse dito isso desde o começo.

– Mas você nunca acreditou em homeopatia. Dizia que era apenas placebo, se me lembro bem.

– Eu só repetia o que ouvia de outros médicos. Mas agora, não sei... Estou desesperada, disposta a tentar qualquer coisa para salvar o meu filho. Qualquer coisa mesmo, juro. Se alguém disser que ir a um centro de macumba e matar setenta galinhas pretas vai curá-lo, é o que farei.

– Não brinque com essas coisas, Lizandra. O lado espiritual é poderoso e cheio de possibilidades.

– Não estou brincando. Faço o que tiver que fazer.

– Cuidado com suas palavras. A espiritualidade está recheada de forças que atuam tanto para o bem quanto para o mal. Pessoas em desespero, como você, podem se deixar levar por promessas milagrosas, mas que só trazem dor e frustração. Não se envolva com nada que seja capaz de abalar a sua dignidade.

– Está se referindo a dinheiro?

– Também.

– Se está preocupado que eu possa matar alguém para salvar a vida de Rodrigo, não precisa. Eu não iria tão longe. Quando falo em qualquer coisa, refiro-me a qualquer tratamento legal e moralmente admitido.

– Que bom. Fico mais aliviado.

– Não vim aqui em busca de conselhos, Danilo. Quero encontrar a cura para a doença do meu filho.

– Não posso tratar do seu filho. Já lhe disse isso antes.

– Por favor, Danilo, me ajude! Não sei mais a quem recorrer. Eu já fui sua paciente, não seria de se estranhar que você cuidasse também do meu filho.

– Não entre na própria fantasia, Lizandra. Você nunca foi minha paciente. Só inventamos isso para você poder frequentar meu consultório.

– Que seja. Mas você é minha última esperança. Não acredito que seja tão frio a ponto de ignorar o sofrimento de uma criança. Ele tem uma convulsão atrás da outra...

Uma sucessão de *bipes* insistentes desviou os olhos de Danilo para o aparelho telefônico em cima da mesa. Era uma chamada interna, que ele atendeu rapidamente. Lizandra foi obrigada a esperar, remoendo a impaciência. Por sorte, a conversa foi breve, embora nada satisfatória.

– Vamos ter que deixar esse assunto para outro dia – anunciou ele, para desespero dela. – Marília está lá fora.

Foi uma sensação esquisita. Será que devia sentir ciúmes? Porque não sentia nada além de desespero, misturado com esperança.

– Por favor, Danilo, estou implorando – rebateu ela, segurando o pranto que ameaçava roubar-lhe a voz. – Peça a ela para esperar. Ou melhor, faça com que ela entre. Eu não me importo. Quero apenas saber se você pode ajudar o meu filho.

Mandá-la entrar não seria ético. Lizandra estava ali como mãe de um paciente em potencial. Pediu que ela aguardasse e foi falar com a mulher.

Marília estava sentada na sala de espera, conversando coisas sem importância com Sílvia. Levantou-se assim que ele surgiu, fazendo menção de entrar no consultório.

– Espere um instante – pediu ele. – Tem uma pessoa lá dentro.

– Um paciente?

– Mais ou menos. É dona Lizandra, lembra? – Ela assentiu, acabrunhada. – Veio me procurar em busca de tratamento para o filho.

– O que tem epilepsia.

– Esse mesmo. A mãe quer tentar homeopatia.

O suspiro que ela exalou foi quase uma revelação. Marília desconfiava de Lizandra, embora nunca o admitisse. A princípio, Danilo pensou que ela não permitiria que ele aceitasse tratar do menino. Contudo, ela não se opôs. A saúde da criança estava acima de qualquer ciúme ou medo de traição.

– Muito bem – disse ela. – Vou tomar um café lá embaixo.

– Você acha que devo aceitar? – sussurrou ele, segurando-a pela ponta do cotovelo.

– Você não é médico?

– Sou, claro...

– Tem condições de ajudar o menino?

– Tenho.

– Então, é sua obrigação aceitar.

Voltou para junto de Lizandra impressionado com a atitude da mulher. Ele tinha certeza de que Marília desconfiava dela. Ainda assim, não hesitara em consentir que ele cuidasse do caso. Ele disse isso a Lizandra, que agradeceu com o olhar. Apesar de perscrutar os olhos dela com um pouco de desconfiança, em busca de um sinal, por menor que fosse, de fingimento, a única coisa que Danilo conseguiu neles identificar foi gratidão.

Capítulo 35

Dois dias depois, Lizandra compareceu ao consultório de Danilo na hora marcada, acompanhada de Vítor e de Rodrigo. O menino relutou antes de ir. Chegou a ter uma convulsão, graças à revolta de Camélia, que temia ser afastada pelos remédios homeopáticos. Cessada a crise, deram um banho nele e o levaram ao médico, quase adormecido.

Após um exame preliminar, Danilo o deitou na maca do consultório, onde ele logo pegou no sono. Junto a ele, Camélia pensava se fugia ou ficava. O medo de ser descoberta lhe dizia para fugir. Mas a curiosidade de saber que possíveis consequências o tratamento poderia produzir nela convenceu-a a ficar.

O médico estudou atentamente os muitos exames feitos no menino, centrando-se no eletroencefalograma, na tomografia computadorizada e na ressonância magnética.

– Pelos exames, não dá para rastrear as crises e encontrar a causa – observou ele.

– Isso impede que ele seja curado? – Lizandra indagou, apressada.

– Não.

– E o senhor pode ajudar? – prosseguiu ela, esperançosa. – Pode curar nosso filho?

– Posso tentar, com uma grande chance de cura. Mas não posso fazer isso sozinho. Vou precisar da colaboração de vocês.

– Como?

– Como pais, devem ministrar as doses corretamente e ficar atentos aos sintomas que ele apresentar após o início da medicação. Isso vai determinar todo o tratamento seguinte.

– Não me leve a mal, doutor, mas o que a homeopatia tem de tão especial, que a alopatia não tem? – retorquiu Vítor.

– Os métodos são distintos e produzem resultados diferentes.

– Como assim? Poderia explicar melhor? Não entendo nada de homeopatia.

– É muito simples. A alopatia cura os sintomas da doença, enquanto a homeopatia cura o doente através dos sintomas. A homeopatia vê a doença como resultado de um desequilíbrio interno, tanto mental quanto emocional. Em vista disso, é preciso tratar o paciente em sua integralidade, buscando sua harmonização gradual.

– Um desequilíbrio interno? – repetiu Vítor. – Mas Rodrigo só tem dez anos!

– E daí? O espírito dele é muito mais antigo. Tem séculos de existência, através dos quais foi colecionando vícios morais, assim como cada um de nós.

– São esses vícios que a homeopatia visa atacar? – questionou Lizandra.

– Atacar não é bem o termo. Ela não ataca o vício. Age sobre o indivíduo.

– Desculpe, doutor, mas em que ela é diferente da alopatia? – insistiu Vítor.

– Como eu disse, a alopatia se prende aos sintomas, sem considerar os aspectos mentais e emocionais do paciente – repetiu o médico. – Eliminados os sintomas, pode-se chegar à melhora ou à cura.

– Então, a alopatia também pode curar? – concluiu Lizandra.

– Depende. Se for uma doença tida como curável pela comunidade

médica tradicional, é possível chegar-se à cura pela alopatia, desde que o paciente reconheça a necessidade de transformação de algum processo patológico emocional ou mental. Se não, os remédios podem amenizar e controlar os sintomas ou, no máximo, prolongar a vida.

– E isso não acontece na homeopatia? Ela cura sempre?

– Não é que a homeopatia opere milagres. Ainda existem doentes incuráveis. Mas ela mexe na energia vital da pessoa, procurando o caminho da saúde por meio do equilíbrio. O remédio não cura, propriamente. Provoca uma reação no organismo, pelo reequilíbrio emocional e mental, que conduz à autocura. Mas cada caso é um caso, cada pessoa é única e reage de uma maneira. Outros fatores também são importantes, como o conhecimento do médico, a cooperação do paciente e o tipo de doença. Também pode acontecer que o desequilíbrio esteja tão arraigado na pessoa, que seu organismo encontre dificuldades em se desapegar da desordem e achar o caminho de volta ao equilíbrio. São males decorrentes de antigos estados viciosos da alma, traumas de outros tempos, de outras vidas, que podem retardar o processo de cura ou mesmo impedi-lo. Isso não acontece por erro na medicação homeopática, mas por falha na identificação de algum desses fatores.

– Do que é que os remédios são feitos? – Vítor questionou, agora mais interessado.

– A partir de substâncias físicas extraídas de animais, vegetais, minerais e, até mesmo, do próprio corpo do paciente.

– Que nojo! – exclamou Lizandra, torcendo o nariz.

– E o que se faz com essas substâncias? – prosseguiu Vítor, olhando para ela com reprovação.

– Na maioria dos casos, os remédios passam por um processo chamado

dinamização. Isso significa que a substância original é diluída numa solução de água e álcool, e agitada cem vezes. Se for preciso, agita-se mais cem vezes, depois mais cem, e assim por diante. Cada vez que isso se repete, acelera-se o princípio ativo da substância, até que não sobre mais resquício algum de matéria física, apenas a energia liberada pela substância original.

– Então, pelo que entendi, é a ausência de resquícios químicos do princípio ativo que gera a incredulidade dos médicos – concluiu Lizandra.

– Exatamente. Mas isso porque o processo não deve ser analisado sob o ponto de vista da química, mas sim da física quântica.

– Porque a física quântica estuda as coisas bem pequenininhas, não é? Coisinhas menores do que o átomo.

– Partículas subatômicas. A física quântica trouxe uma nova compreensão do funcionamento do corpo humano e de como as doenças se instalam nele.

– De que forma?

– Tudo é bem pequeno, certo? – Ela confirmou. – É o que acontece com as moléculas da água, depois de passar pelo processo de dinamização. Elas são tão diluídas, que não sobra nada delas, a não ser a informação do princípio ativo. Ou seja, o que é físico se desmancha e o que fica é a energia.

Lizandra e Vítor trocaram olhares espantados. O problema era bem mais complicado do que parecia ser.

– É só isso? – continuou Vítor. – A pessoa não precisa se transformar?

– A transformação ocorre naturalmente, em um nível muito acima do físico. A homeopatia opera nos corpos emocional e mental do indivíduo. Restabelecido o equilíbrio de sentimentos e pensamentos, a pessoa muda o comportamento, o que, muitas vezes, só é percebido lá adiante.

– E isso sempre acontece? – tornou Lizandra. – Essa mudança, quero

dizer?

– Sim.

– Não existem casos de pessoas refratárias ao tratamento?

– As pessoas não são refratárias ao tratamento, mas à mudança em si. Lá no fundo, a alma sabe que precisa mudar e faz uma tentativa. Só que os processos viciosos são tantos, e tão resistentes, que a pessoa não aceita a mudança. Prefere ficar com seus vícios. Tipo: “Eu sei que preciso emagrecer, mas não quero parar de comer chocolate”. No fundo, o desejo de emagrecer vem da racionalização imposta, talvez, pelas exigências da sociedade. Não é uma vontade verdadeira.

– Mas qual o resultado dessa resistência no tratamento?

– Se a pessoa não quer mudar, não há remédio no mundo que a obrigue. Ou ela nem começa o tratamento, ou não o faz direito, ou o abandona no meio do caminho. Às vezes, desiste logo na primeira dose, ao primeiro sinal interno de transformação.

– Se ela, por outro lado, insiste e vai adiante...

– Ela se modifica e, conseqüentemente, se cura.

Não apenas Lizandra, mas também Vítor permanecia com a atenção presa aos esclarecimentos de Danilo. Até Camélia, agora sentada sobre o peito de Rodrigo, balançando as pernas como se estivesse no banco de uma praça, se interessou pelo assunto. O médico falou tanto em energia, que ela olhou para si mesma, espantando-se ao perceber garras energéticas partindo dela e enfiando-se nos centros nervosos do menino.

Quando ouviu a voz de Vítor, ela afastou os olhos, procurando não associar aquela ligação aos processos energéticos descritos por Danilo.

– O senhor falou que o espírito tem séculos de existência – recordou Vítor. – E que colecionou vícios. Isso tem a ver com vidas passadas?

– Com certeza, existe um desequilíbrio aí, que deixou latente o germe da doença. É como se ele estivesse adormecido, à espera de um elemento detonador. Algo apertou o botão que desencadeou os sintomas e trouxe a doença para o corpo físico.

– O quê, por exemplo?

– Não tenho como afirmar isso. Pode ter sido um somatório de fatores, como a perda do cachorro, seguida da influência de alguma energia mal-intencionada.

– Por energia, o senhor entende o quê? Um espírito?

– Pode ser, sim.

– Espírito, doença... Afinal, como a homeopatia pode lidar com tudo isso?

– Todas as coisas estão conectadas. A epilepsia do seu filho é a chamada idiopática, de origem desconhecida, aparentemente sem relação com nenhum outro mal, como um tumor, por exemplo. Mas tudo possui uma causa, e quando fatores físicos não conseguem encontrá-la, talvez estejamos diante de uma grave interferência espiritual.

– O que o leva a pensar dessa forma?

– Em alguns casos, a epilepsia aparente pode ser o resultado de um forte assédio espiritual. O espírito pode agir sobre os centros nervosos da pessoa, desencadeando crises convulsivas que se confundem com a doença.

– E em outros casos? – prosseguiu Lizandra, aflita.

– Em outros casos, a epilepsia decorre da conjugação da interferência espiritual com a predisposição neurológica do indivíduo. Quando o espírito se associa a alguém com sérios comprometimentos dos centros nervosos, pode impressioná-los, de tal forma e por tanto tempo, que a patologia transcende os corpos sutis e se instala no físico. A pessoa, então, sofre

duplamente: tanto pelo assédio do espírito, quanto pela enfermidade.

– Pode ser que nada disso aconteça, e a epilepsia seja tão somente um fator fisiológico?

– Pode. Só que, como eu disse, os exames do seu filho não apresentam nenhum fator conhecido detectável. E as informações que vocês forneceram, além do histórico familiar, também não sugerem nada que leve a isso. Sendo assim, só posso supor que seja uma causa extrafísica.

– Se o problema é espiritual, como é que a homeopatia pode resolver? Não seria o caso de procurarmos um centro espírita?

– Isso ajudaria muito, claro, porque esclareceria o espírito e até o afastaria. Mas para que qualquer tratamento seja eficaz, a reforma íntima é necessária. Se não, tudo não passará de paliativo.

– Um espírito... – divagou Vítor, esforçando-se para acreditar. – Posso saber como é que ele foi parar lá?

– Tudo gira em torno da lei de atração. Algo no campo emocional e mental do seu filho não vai bem. Esse *algo* pode estar ligado a algum episódio ocorrido nessa vida ou em uma vida passada. De qualquer forma, o desequilíbrio existe, bem como uma certa predisposição convulsiva neurológica. Se a eletricidade percorre o fio até a lâmpada, a única coisa que o espírito tem que fazer é acionar o interruptor e acender a luz, ou seja, iniciar a descarga elétrica que sobrecarrega o cérebro e desencadeia o ataque.

– Digamos que seja isso mesmo – Lizandra se adiantou, impedindo Vítor de opor resistência. – Como a homeopatia poderá ajudar? Como qualquer coisa poderá ajudar?

– Pelo reequilíbrio. Se alguma consciência externa se aproveita da “bagunça” dos corpos sutis do seu filho para ali se instalar, o que temos

que fazer é reorganizar tudo. Espíritos ignorantes e aproveitadores não gostam da casa arrumada. Preferem a anarquia, porque a confusão embaralha o raciocínio, desestabiliza os ânimos e facilita a interferência. O corpo é a primeira casa do indivíduo, que recebe a desordem gerada nos corpos emocional e mental. Organizados estes, a ordem se reflete no físico, restaurando o equilíbrio. A pessoa fortalecida muda o comportamento e deixa de ser presa fácil, passando a controlar o que pensa e sente, de forma a manter-se em constante equilíbrio ou a ele retornar rapidamente.

– É só isso?

– A princípio, sim. Agora, prestem atenção a uma coisa. Aos primeiros sinais de melhora, o paciente tende a abandonar o tratamento, seduzido pela ilusão de que está curado. Isso não é real. A homeopatia age com rapidez, especialmente em crianças, mas a cura efetiva leva um certo tempo. É muito importante que vocês não interrompam o tratamento e que venham sempre às consultas. O *feedback* de vocês, e dele, é claro, é fundamental para uma cura bem-sucedida.

– Por que está dizendo isso? – estranhou Vítor. – Sabemos que melhora não é sinônimo de cura.

– Vejam bem, estamos falando de conflitos profundos da alma, muitas vezes arraigados no âmago desde muitas gerações. Se a isso se somar alguma interferência espiritual, é muito provável que, seja lá quem for que esteja junto dele não queira sua melhora, para não ser repellido pela própria vontade de Rodrigo. Nessas situações, é comum o espírito tentar influenciar o paciente, sugerindo-lhe que tudo é bobagem, que ele não precisa disso, que já está curado e coisas do gênero. Rodrigo é apenas uma criança, pode ceder facilmente. Mas vocês, não. Precisam estar conscientes dessa possibilidade e do que ela representa. Ainda que lhes possa parecer que ele

está bom, não se iludam. Não está. Não se permitam ser enganados por nenhuma inteligência invisível. Entenderam?

– Sim – confirmou Lizandra, um pouco assustada.

– Mas nós não sabemos se há um espírito – objetou Vítor. – Sabemos?

– Exatamente por não sabermos é que temos que estar atentos. Não quero que pensem que digo isso para assustá-los nem que sou um fanático religioso. Eu só falei sobre espíritos porque vocês perguntaram. Tudo certo?

Ambos aquiesceram ao mesmo tempo, mas Lizandra fez uma última pergunta:

– Se fizermos tudo direitinho, esse espírito, se houver, vai embora?

– A ideia é essa.

Nesse ponto, Camélia deu um pulo. Ao ouvir Lizandra perguntar se o espírito ia embora, deduziu que só podiam estar se referindo a ela.

– Que espírito que vai embora? – enfureceu-se. – Está pensando o quê? Que vou me afastar por causa de umas gotinhas? Ou de umas bolinhas de açúcar? Não vou mesmo! Era só o que me faltava! Não tenho nada com essa tal de epilepsia. Eu amo o Rodrigo, e ele me ama! Foi você que o enfeitiçou, sua bruxa, víbora peçonhenta! Acha que vou permitir que ele volte para você? Nunca! Nem que, para isso, tenha que levá-lo comigo!

Tamanha fúria deixou-a completamente descompensada. No consultório, ninguém percebeu a mudança energética do ambiente, a não ser Rodrigo. Tomado de assalto pela investida frenética do espírito, viu-se no limiar de nova crise. Em poucos instantes, sobreveio a convulsão.

Todos correram ao mesmo tempo, alarmados, perdidos, aflitos. Menos Danilo. A convulsão podia ser violenta, mas fora providencial. Como ele não acreditava em coincidências, tinha certeza de que estava certo. A epilepsia de Rodrigo tinha origem numa intervenção espiritual intensa.

Sem descuidar de suas obrigações médicas, Danilo procurou mentalizar uma espécie de mensagem, em que tentava esclarecer os efeitos daninhos provocados pela perseguição ao garoto. De forma surpreendente, Camélia ouviu a voz dele, embora não identificasse que pertencia ao médico. Parecia que as paredes falavam com ela.

De tão colada ao menino, parecia um carrapato enfiado na pele de um cachorro. A comparação que ela mesma empreendeu provocou-lhe risos frenéticos. Gargalhou feito uma demente, fazendo vibrar os ouvidos astrais de Danilo.

Camélia sentiu uma espécie de torpor percorrer suas entranhas astrais. Não é que o danado do médico estava rezando? Nunca tinha ouvido falar de um médico rezador. Não ia adiantar nada. Ninguém sabia que ela estava ali. Era invisível, podia fazer o que bem entendesse, sem precisar da autorização de ninguém. Ele que rezasse o quanto quisesse. Não desgrudaria de Rodrigo nem que o próprio Jesus Cristo lhe pedisse.

Ainda agarrada ao menino, ela virou a cabeça um pouco para cima, na direção do médico. Foi então que sentiu o choque, o horror, pois Danilo olhava, diretamente, para ela.

Capítulo 36

A mesma situação que leva alegria a uns pode ser a causa da desgraça de outros. Foi assim com André e Rodrigo. Enquanto este se via obrigado a conviver com a rejeição de Bruce, a amizade entre o cão e André se fortalecia mais e mais. Ele estava crescendo. À medida que crescia, diminuía as diabruras. Diminuía, mas não terminavam. Afinal, Bruce era um border collie legítimo.

Como todo cachorro de sua raça, Bruce continuava hiperativo e inteligente. Alegre, brincalhão, divertido, engraçado. Tudo isso ao mesmo tempo e mais algumas coisas. Era, por exemplo, desengonçado e estabanado. Uma calamidade.

Longe de incomodar Wilson e Isabela, essas características eram por eles encaradas como naturais e típicas de certos cães. E Bruce era obediente. Nunca havia feito nada que demandasse uma reprimenda mais rigorosa ou que tivesse provocado uma ira insana em alguém. Até aquele dia.

A pizzeria ocupava a maior parte do tempo de Wilson e Isabela. Como as coisas haviam, finalmente, melhorado, recontrataram o antigo empregado, agora como garçom. Wilson explicava a ele alguns detalhes acerca do atendimento às mesas, enquanto Isabela preparava massas de pizza e pães.

A monotonia da rotina foi subitamente interrompida pela chegada intempestiva de André, que entrou esbaforido no estabelecimento, gritando feito um alucinado:

– Mamãe! Mamãe!

– O que foi que houve, André? – correu ela, assustada. – Que gritaria é essa?

– Foi a dona Surtada, mãe! Ela deu uma bengalada no Bruce.

– O quê? – indignou-se Wilson, do outro canto. – Essa velha é maluca, é?

– Por que ela fez isso? – indagou Isabela.

– Porque ela é má. Só porque o Bruce estava brincando, ela ficou com raiva e bateu nele. Tá a maior confusão lá na casa da Larissa.

– E cadê o Bruce?

– A Larissa prendeu na casa da árvore.

– Vamos até lá – decidiu Wilson, pegando a mulher e o filho pela mão.

Parecia que um tornado emocional havia passado pelo quintal de Larissa, tamanha a mistura de emoções. Priscila mudou de cor. Seu rosto agora variava entre o vermelho e o roxo. Larissa chorava convulsivamente, agarrada à cintura da mãe, enquanto Roberta berrava e gesticulava com a bengala. Mais atrás, paralisado, com cara de bobo, Ítalo olhava da mãe para a mulher, da mulher para a menina, e então, de volta para a mãe. Do alto da árvore, vinham os latidos agudos de Bruce e o som de ranhuras na porta. Apenas Nina parecia alheia ao estardalhaço, deitada no peitoril da janela da árvore, batendo o rabo e observando a balbúrdia com ar impassível.

– Meu Deus do céu, o que está acontecendo aqui? – quis saber Isabela, postando-se ao lado de Priscila. – O que foi que houve com o Bruce?

– Está preso na casa da árvore – esclareceu Larissa, entre um soluço e outro. – Para a dona Roberta não bater nele de novo.

– Posso saber por que motivo? – questionou Wilson, controlando a irritação.

– O senhor não está em sua casa! – objetou Roberta, com fúria. – Não

tem o direito de saber nada.

– A partir do momento em que a senhora bate no cachorro do meu filho, tenho direito, sim.

– Se não quer que eu bata nele, não permita que ele se bandeie para cá.

– Alto lá, d. Roberta! – interrompeu Priscila, irada. – Já disse que André pode trazer o Bruce aqui quantas vezes quiser. A casa é minha. Se quer dar ordens, sugiro que arranje uma casa somente sua.

– Viu só, meu filho? – tornou ela com ar sarcástico, dirigindo-se a Ítalo. – Além de me mandar embora, tira toda sua autoridade. Você não apita nada aqui. Nesta casa, quem canta de galo é a galinha.

– Deixe de fazer intrigas – rugiu Priscila, colérica. – O que a senhora mais quer é colocar o Ítalo contra mim. Devia se envergonhar. Uma velha...

– Tenha calma, Priscila, por Deus! – interrompeu Ítalo. – Vamos todos nos acalmar.

– Foi tudo culpa da sua mãe – acusou Priscila. – As crianças estavam apenas brincando com o cachorro, e lá veio ela, com o mau humor de sempre, distribuindo bengaladas a torto e a direito.

– Eu só estava me defendendo.

– Acho melhor pararmos por aí – insistiu Ítalo, impedindo Priscila de retrucar. – Estamos todos nervosos, e essa discussão pode acabar mal.

– Diga isso à sua mãe – tornou Priscila. – Foi ela quem começou.

– Venha comigo, mamãe, por favor – atalhou Ítalo, pondo fim à discussão. – Antes que a senhora passe mal.

– Já estou passando mal – aproveitou-se ela, levando a mão ao coração. – Estou com palpitações e minha pressão deve ter subido.

– Mais um motivo para entrar – e, virando-se para os amigos, finalizou: – Desculpe, pessoal. Depois nos falamos.

– Tudo bem – assentiu Isabela.

– Eu odeio essa mulher! – sibilou Priscila, depois que eles sumiram de vista. – Deus me perdoe, sei que é errado, mas como gostaria que ela fosse embora daqui!

– O que foi que aconteceu, exatamente? – Wilson quis saber. – O que foi que o Bruce fez de tão terrível?

– Nada, é claro. As crianças estavam jogando bola com ele, até que ela surgiu de repente no meio do quintal e levou um esbarrão.

– Não foi nada demais – esclareceu Larissa, às pressas. – Dessa vez, ela nem se desequilibrou.

– Verdade, pai, eu vi – concordou André.

– Pois é. De repente, lá estava ela, dando bengaladas no cachorro.

– Foi pura maldade – prosseguiu Larissa. – O Bruce não estava fazendo nada. Mas acho que ele pensou que ela estivesse brincando e abocanhou a ponta da bengala.

– Até que foi engraçado – contou André, rindo da lembrança. – Ela puxando de um lado, o Bruce puxando de outro. Aí, ele foi mordendo a bengala cada vez mais para cima, até que alcançou a mão dela.

– Alcançou a mão dela?

– É. Mordeu...

– Mordeu? – assustou-se Isabela.

A partir daí, as duas crianças se revezaram nas explicações. Ambas queriam contar a travessura do cachorro, com a qual, embora procurassem disfarçar, divertiam-se enormemente. André iniciou, em tom quase elucidativo:

– Não mordeu com força, não. Só encostou nos dedos dela...

– É, mas ela fez um escândalo. Soltou um grito tão alto que até o Bruce

se assustou.

– Verdade. Ele soltou a bengala e ficou olhando para ela, meio que rosnando baixinho.

– De brincadeira, claro. Só que a dona Surtada não estava nem aí pra brincadeira. Deu um jeito de apanhar a bengala e desceu com ela na cabeça do Bruce.

– Ele deu um uivo terrível...

– E ela continuou batendo.

– Acontece que o Bruce é muito esperto. Saiu fora das bengaladas e abocanhou o calcanhar dela. Não machucou, é claro...

– Mas ela machucou o Bruce. Aquela última bengalada, até eu senti.

– Foi aí que resolvi colocar ele na casa da árvore – finalizou Larissa. – Quando desci, encontrei mamãe discutindo com ela.

Wilson e Isabela se entreolharam, atônitos.

– Sinto muito, Priscila – desculpou-se Isabela, nitidamente abalada. – Não pensei que o Bruce pudesse causar tanto aborrecimento.

– Aborrecimento foi aquela velha se intrometer na brincadeira das crianças – corrigiu Priscila. – Não é a primeira vez.

– Acho melhor o André não trazer mais o Bruce – sugeriu Wilson. – Ao menos, por enquanto.

– Ah, pai, não! – protestou o menino. – Não é justo. Larissa e eu sempre brincamos aqui.

– Vocês podem brincar no quintal lá de casa.

– Mas nós não temos uma casa na árvore!

– De jeito nenhum, Wilson! – discordou Priscila, pondo a mão no braço dele. – Se as crianças estivessem brincando dentro de casa, eu não diria nada. Mas elas estavam no quintal, que é o lugar apropriado para correrias e

brincadeiras. Não vou permitir que dona Roberta mude os hábitos da minha casa, principalmente quando isso prejudica a felicidade da minha filha.

– O Bruce pode acabar servindo de motivo de discórdia entre você e Ítalo – observou Isabela. – Não queremos que isso aconteça.

– É claro que não! Dona Roberta se aproveita de tudo para me atingir. Se não fosse o Bruce, seria outra coisa. Essa mulher é uma praga. Só vai sossegar depois que destruir meu casamento.

– Não lhe dê a chance – aconselhou Wilson, apertando as mãos dela entre as suas, num gesto de carinho fraternal. – Converse com Ítalo. Ele deve estar dividido porque, no final das contas, ela é mãe dele. Mas no fundo, no fundo, deve dar razão a você.

– Não sei se é bem assim...

Sem que eles prestassem atenção, André subiu a escada e abriu a porta, liberando o cachorro, que desceu aos pulos, latindo e abanando o rabo em sinal de felicidade.

– O Bruce é nossa mascote – esclareceu Larissa, enlaçando o pescoço dele. – Ele e a Nina são a nossa família. Quando nos casarmos, vamos levar os dois com a gente.

– Como é que é? – espantou-se Wilson.

– Que história é essa de casar? – inquireu Priscila.

– Vocês não sabiam? – Os adultos menearam a cabeça, surpresos. – Quando crescermos, André e eu vamos nos casar.

Os três sorriram ao mesmo tempo. Se dependesse das crianças, ainda haveria esperança para o mundo.

– Tudo bem, meu filho – considerou Wilson. – Vocês podem se casar quando crescerem, se é o que querem. Mas agora é hora de ir para casa. Cada um para a sua.

Foram-se rindo, os resquícios de raiva deixados pela briga se diluindo ante a pureza das crianças. Larissa e Priscila seguiram abraçadas, a menina contando os detalhes de como seria o casamento. A mãe ria, impressionada com a imaginação fértil da filha. Envolvida pela inocência dela, Priscila entrou em casa, sem perceber os olhos ávidos de Roberta, que as espionava por detrás da cortina.

Capítulo 37

Ítalo permaneceu divagando o olhar pelo quintal, agora vazio. Apenas Nina imprimiu algum movimento ao cenário quieto, espreguiçando-se com uma corcova de pelos e saltando para a escada. De rabo erguido como um periscópio, bamboleou pelo terreiro, deu patadas no que deveria ser um inseto e deslizou para dentro, atendendo ao chamado de Larissa.

– Você viu, não viu? – provocou Roberta. – Viu a intimidade com que eles se trataram.

– Essa conversa já está me cansando – queixou-se ele.

– Se você prefere fingir que não vê, problema seu. Mas depois não reclame, quando todo mundo começar a chamá-lo de corno.

– Mamãe! – censurou ele. – Entenda de uma vez por todas: não existe nada entre Wilson e Priscila. São apenas amigos.

– É o que eles querem que todos pensem. Alimenta o disfarce deles.

– Quanta imaginação!

– Imaginação, é? Você viu tão bem quanto eu quando ela pôs a mão no braço dele. Depois, ele agarrou as mãos dela. E bem na frente da mulher! Isso não foi imaginação.

– Não. Foi malícia.

– Você é muito ingênuo. Confia cegamente na sua mulher.

– Priscila não faria isso comigo. Ela me ama.

– Ama tanto que exclui você das decisões da vida dela.

– Isso não é verdade!

– Ah, não? E que nome você dá ao que ela disse há pouco? Você não apita nada aqui dentro, ela deixou isso bem claro. Se isso não é excluir das decisões, então o que é?

Ele não respondeu. No fundo, nem ele entendia por que Priscila insistia tanto em afirmar que era ela quem mandava ali.

– A casa é dela... – ele tentou justificar.

– E daí? Você não mora aqui? Não contribui com as despesas? Não cuida de tudo, inclusive da filha dela? – Ele assentiu. – Pois então, você deveria mandar tanto ou mais do que ela. Afinal, é você o homem da casa.

– Essa história de homem da casa é bobagem. Hoje em dia, as coisas não são mais assim.

– Não são quando convém que não sejam.

Ele já ia retrucar quando batidas leves soaram na porta.

– Pode entrar – disse ele, apesar do olhar de reprovação da mãe.

A porta se entreabriu apenas o suficiente para tornar Priscila parcialmente visível. Sem adentrar o quarto, ela fixou os olhos no marido e chamou, procurando manter a voz num tom cordial e neutro.

– Será que você pode vir aqui um minuto, Ítalo?

– Já vou.

– Não sei se você percebeu, mas meu filho e eu estamos conversando – contrapôs Roberta, mal-humorada.

Priscila teve que lutar com os sentimentos e a voz, para não dar uma resposta desaforada. Com muito esforço, conseguiu se controlar, procurando manter no rosto um sorriso artificial e congelado:

– Eu sei, mas é importante. Por favor, Ítalo...

– Está certo. Volto depois, mamãe.

Beijou a mãe rapidamente na testa, seguindo atrás de Priscila,

imaginando que nova sucessão de tempestades desaguaria sobre ele. Entraram no quarto em silêncio. Ela trancou a porta e se virou para ele, mantendo no ar uma expectativa cruel, insistindo em fixar nele o olhar enigmático. Não se movia.

Depois de uma eternidade, finalmente, ela se mexeu. O olhar abrasivo havia desaparecido, substituído por feições amenas, súplices. Os gestos de ameaça cederam à proximidade dele, desmanchando-se em ternura. Toda ela tremia. Com vagar, aproximou-se, estendendo a mão para tocá-lo. Ele recebeu o toque dela sem medo, com esperança. Não havia hostilidade em seus gestos, apenas um encanto pelo que acabara de ser redescoberto.

– Você me ama? – perguntou ela, com simplicidade.

– Amo. – Ele fez uma pausa e devolveu a pergunta: – Você me ama?

– Amo.

Não puderam dizer mais nada. Os lábios se uniram, unindo também seus corpos, seus corações. Entregues ao esquecimento que só faz bem, amaram-se como se apenas os dois existissem. Naquele momento, não havia nada no mundo além do amor partilhado por eles.

O crepúsculo avançou sobre a tarde, ameaçando derramar o véu da noite por cima dos telhados das casas. A janela emoldurava a transição das horas, fazendo do tempo uma pintura viva. Era algo tão bonito de se ver, que Priscila não se atreveu a interromper aquele momento mágico da criação de Deus. Abraçada ao marido, acompanhava a transformação da luz, que ia se apagando enquanto escurecia. O quarto mergulhou na penumbra, delineando o contorno de sombras que não se moviam. Não havia trevas entre eles, nem do lado de dentro, nem do lado de fora. Só o deslumbramento da escuridão silenciosa, que, em vez de medo, traz consigo a paz.

As batidas que soaram na porta ecoaram por todo o quarto, retornando cada coisa à perspectiva fria de sua natureza sem vida.

– Mamãe? – veio a vozinha meiga de Larissa. – Vocês estão aí?

– Estamos aqui, meu bem – respondeu ela, acendendo a luz. – O que foi que houve?

– Não tem jantar hoje?

– Jantar? – estranhou. – Que horas são?

– Já passa das oito.

– Oito da noite? Meu Deus do céu! Levante, Ítalo! Não é que dormimos e esquecemos da vida?

Sacudido bruscamente, Ítalo abriu os olhos, tentando entender o que se passava. Priscila corria pelo quarto, atarantada, catando as roupas do chão e vestindo-as apressadamente.

– Que horas você disse que são? – perguntou ele, sem conseguir focar a vista no relógio da mesinha.

– Oito horas! Esqueci de fazer o jantar.

– Calma, Priscila – contemporizou ele, puxando-a pela mão. – Qual o problema? Podemos comer uma pizza no Wilson.

– Larissa ia adorar.

– Então vamos. Não se apoquente. Não é nada demais.

– E a sua mãe? Sério, Wilson, não queria que ela fosse com a gente.

– Pode deixar que eu cuido disso. Essa noite, passaremos sozinhos, eu, minha mulher e nossa filha.

– Jura? Vai fazer isso mesmo?

– Vou, sim.

– Obrigada – finalizou ela, apertando a mão dele com gratidão.

– Ponha um vestido bem bonito. Vou mandar a Larissa se arrumar e

depois, vou falar com a minha mãe.

Roberta recebeu a notícia de que fora excluída do programa noturno com uma incredulidade irritante. Tinha vontade de gritar com o filho. Primeiro, ele não voltara, embora houvesse dito que voltaria. Depois, passou o resto da tarde trancado com Priscila no quarto, fazendo ela bem sabia o quê. Agora, surgia de repente, avisando que não tinha jantar. E, para concluir, apenas a informou que levaria a mulher e Larissa para comer fora, mas que ela não fora convidada.

– Quer que eu morra de fome em casa, sozinha? – rebateu ela, a voz trêmula de indignação e raiva.

– Deixe de exageros, mãe. Sobrou sopa de ontem. É só esquentar.

– Vocês vão se regalar num banquete, e quer que eu tome sopa requentada?

– Não vamos nos regalar num banquete. Vamos só comer uma pizza.

– Por que não posso ir junto? Não fui da outra vez?

– Porque Priscila e eu queremos ficar sozinhos.

– Por acaso, Larissa é invisível? Ou ela não conta?

– Larissa é nossa filha. Queremos passar uma noite só que seja, sozinhos. Só nos três.

– Você está me excluindo da família – constatou ela, com azedume.

– Não se trata disso. É que as coisas não vão lá muito bem entre mim e Priscila. De uns tempos para cá, temos brigado muito. Quero nos dar uma chance de voltarmos a nos entender.

– Sou eu a causa de tanta discórdia?

– Mamãe, por favor...

– Se sou, pode dizer. Arrumo minha trouxa e, amanhã mesmo, vou embora.

- Deixe de bobagens. A senhora nem tem para onde ir!
- Eu me arranho.
- Pare com isso, está bem? Não seja ciumenta. A senhora sabe o quanto a amo, mas amo Priscila também. Ela é a minha mulher.

Não adiantava discutir com ele. Nem Roberta tinha mais forças para isso. Vencida, suspirou profunda e dolorosamente, para ver se ele se comovia. Não se comoveu. Ele a beijou gentilmente na testa, afagou o rosto dela e se foi. Antes de sair, voltou-se brevemente e acrescentou de bom humor:

- Não fique triste. Vou lhe trazer um pedaço de pizza.

Triste, ela não ficou. Ficou com raiva, amargando na solidão a cortante dor da derrota.

Capítulo 38

Lucélia encontrou Moisés abraçado a uma árvore no quintal de Larissa, onde parecia haver firmado residência.

– O que está fazendo, meu filho? – perguntou ela, mais para chamar a atenção dele do que para obter uma explicação.

– Tirando energia da árvore. Não está vendo?

– Quero falar com você – disse, sem perda de tempo.

– Pode falar. Estou ouvindo.

– Por que não me chamou?

Finalmente, ele se decidiu a desgrudar-se da árvore. A seiva energética do vegetal o fez sentir-se fortalecido.

– Não vi motivos para chamá-la.

– Não é verdade. Você está tentando parecer durão, mas sei que está abalado.

– Abalado com o quê, precisamente?

– Você sabe.

– Sei o quê? Que sou o diabo?

– Você não é nada disso.

– Mas fui.

– Disse-o bem. Foi, não é mais.

– Sem joguinhos de palavras, por favor. Você podia ter me preparado.

– Sou sua mãe, mas nem sempre posso evitar que você passe por certas coisas. Você não é um bebê.

- Desde quando você sabe dessa barbaridade?
- Desde sempre. Ou você acha que eu não tinha conhecimento do que havia sido o filho que carreguei no ventre? Pensa que, quando aceitei ser sua mãe nessa vida, não sabia de que antro você havia saído?
- Por que você fez isso? Por que aceitou ser minha mãe?
- Tirando o amor que sempre lhe tive? Porque acredito no bem oculto no coração das pessoas.
- Mesmo das pessoas malditas?
- Deixe de ser dramático. Nenhuma existência é maldita. Tudo vem de Deus.
- Mesmo o mal, o inferno e os demônios?
- Mesmo esses. São aspectos de Deus, mas não são Deus. São criações que se desvirtuaram do criador, mas só porque Ele permitiu.
- Por que Deus permitiria uma coisa dessas?
- Para que cada um se esforce e cresça por seus próprios méritos.
- E não é que eu cresci mesmo? – zombou. – O diabo evoluiu. Virou indigente.
- Acha mesmo que você foi o diabo?
- Fui.
- Não foi, não.
- Eu me lembrei de tudo. O ser tenebroso, macabro, de aspecto animalesco, serpenteando por aquele lugar horrendo era eu. A pobre Camélia quase morreu de susto.
- Camélia já está morta.
- É jeito de falar.
- Ela apenas ficou chocada porque não esperava que a criatura que ela sempre temeu naquela época fosse você.

– Viu só? Você está se contradizendo. Reconhece que eu era o próprio Satã!

– Quanta ignorância... Para começar, satã é uma palavra hebraica que significa adversário. É o opositor, tudo que afasta o homem de Deus. Originariamente, então, satã é a força que confere ao ser humano a capacidade de distinguir entre o bem e o mal. A oposição surge do questionamento, quando alguém começa a raciocinar e discernir. Daí, faz suas próprias escolhas, segue seu próprio caminho. Deixa de ser comandado para ser o senhor de sua própria vontade. Satã não é o mesmo que diabo. Nem você.

– Gostei da explicação, mas isso não muda nada. É só uma questão de nome. Tudo bem, Satã não é o diabo, nem eu sou Satã. E mesmo que não fosse o diabo em pessoa, era algo muito semelhante.

– Pare um pouco e escute, sim? Muitos são os espíritos que encarnam a figura do diabo. São espíritos poderosos que habitam a treva, sem dúvida, mas mesmo ali existe ordem, e cada um tem a sua função. Já pensou no caos que seria o planeta, se houvesse uma horda incontável de espíritos malignos soltos por aí?

– O planeta já é um caos.

– Podia ser pior. Esses seres mantêm a ordem e o equilíbrio nas estações inferiores do astral. Vibram em frequência semelhante à dos mais embrutecidos, circulam livremente em seu meio, entendem a sua linguagem. São os líderes, os chefões. Mandam e exigem ser obedecidos. Ninguém os desafia. Nem aqueles que possuem elevação moral suficiente.

– Por que não?

– Porque eles não querem. Respeitam a posição que cada um ocupa dentro da ordem divina.

– Sei – disse vagamente, fazendo uma pausa para reflexão. – Me explica uma coisa: como é que eu consegui sair do submundo e reencarnar?

– O poder é inebriante, Moisés. Poucos espíritos com altos cargos hierárquicos se animam a deixar as sombras. Sair significa abrir mão do poder e assumir responsabilidades. Enquanto dominados pelo orgulho, eles não saem. Até que algo acontece que muda suas perspectivas, fazendo-os ver que seu universo de poder é só uma gotinha de ilusão. Chega um momento em que todo mundo é tocado por esse algo mais, essa luzinha que, uma vez acesa, nunca mais volta a se apagar.

– E ninguém os impede de sair?

– Alguns até tentam. Mas a vontade tem mais força do que se supõe. E como o espírito não pode ser aprisionado, salvo pela indução provocada pelo medo e a ignorância, eles acabam se dando conta de que sempre foram livres para partir. Então, simplesmente, partem.

– Como foi que eu entrei nessa, mãe? Quero dizer, o que me levou a sentir prazer no sangue? Que tipo de espírito se compraz com uma coisa assim?

– Espíritos muito primitivos, embrutecidos, selvagens, no limiar dos instintos: guerreiros sanguinários, empaladores, canibais. Todo tipo de gente. Para esses espíritos, o sangue é uma droga, um verdadeiro vício. É dali que extraem a energia vital que lhes dá a ilusão de que ainda estão vivos.

– Até aí, tudo bem – avaliou ele, pensativo. – É horrível, mas faz algum sentido. O que não faz sentido algum é a aparência bestial que adquiri. Meio homem, meio bode, com cascos, chifres e tudo! Por quê?

– O espírito não tem forma, você sabe. O que lhe dá forma é o invólucro, o chamado perispírito, ou corpo astral. Mas de onde surgiu o corpo astral? –

Moisés deu de ombros. – Do plasma derivado do fluido cósmico universal, que é a matéria primária do universo, da qual provêm todas as coisas. O plasma é o quarto estado da matéria, a mais abundante do universo, responsável até pela formação das estrelas. Todo fluido, e o plasma que dele deriva, é uma substância plástica, moldável, sem forma específica. Extraído do universo, é com o plasma que se forma o plano astral, bem como o veículo que nele circula, que é o corpo astral. E, levando-se em consideração que o corpo astral, como plasma que é, pode ser livremente moldado, o resultado disso é que ele sofre transformações de acordo com a vontade do artista. Um pouco de inteligência, criatividade e pronto. O espírito formata para si mesmo a máscara ou a fantasia que quer.

– Foi o que eu fiz? Deliberadamente, formatei aquela heresia?

– Em parte, sim. Espíritos vampiros, que sugam o fluido de pessoas desencarnadas, absorvem o plasma presente no corpo astral humano. Logo, não há diferença no conjunto de átomos astrais, que são absorvidos naturalmente. Quando se trata de animais, é um pouco diferente. No seu caso, por exemplo, você já estava tão impregnado da energia dos animais, que seu corpo astral entrou em desequilíbrio, misturando resquícios do plasma absorvido das vítimas ao seu próprio plasma. Isso provocou uma reação gradativa e imperceptível. Seu corpo astral foi absorvendo partes animais que se mantiveram meio intactas, que não se diluíram no todo da matéria. Injetadas no seu corpo astral, elas não se dissolveram. Sem saber o que fazer com elas, a massa astral que dava forma ao seu corpo fez o melhor que pôde, deu a solução que encontrou. Direccionou tudo para as extremidades, onde elas tentaram se reagrupar na forma original, formando cascos e chifres.

– Parece até coisa de filme. Como em *A Mosca*, em que a máquina não

sabia o que fazer com o DNA do cara e o da mosca, e acabou juntando tudo numa aberração.

– Boa comparação, Moisés. Traçando-se um paralelo metafórico, pode-se dizer que o plasma carrega uma espécie de DNA astral, que, injetado no receptor, mistura-se à sua própria cadeia genética, formando um ser híbrido.

Ele a encarava de boca aberta, com um assombro que chegou a ser engraçado.

– Como foi que eu fiz tudo isso sem saber? – questionou, perplexo.

– A mente não para de trabalhar. As ideias do corpo mental se convertem em ações voluntárias, na maioria das vezes. Mas ele tem os seus segredos. E como é ele que comanda o pensamento, não precisa de palavras que o traduzam. Nem de imagens, nem de sons, nem de mensagens deliberadas e conscientes. Ele capta o desejo e faz.

– Não entendi nada – queixou-se ele, cada vez mais abismado.

– O ser em que você se transformou queria manter o poder, é lógico. Para isso, precisava impor medo, sua forma de ter o respeito e a obediência cega dos comandados. Quem conhece os atributos das matérias astral e mental não se aprisiona, pois sabe identificar os métodos geradores da ilusão. Mas quem não conhece morre de medo. A história da humanidade está recheada de superstições assustadoras, que foram se agregando ao imaginário coletivo do planeta ao longo das eras. Todo mundo teme o diabo, porque ele é a personificação do que há de mais mesquinho, maligno e inconfessável no ser humano. Foram esses sentimentos que auxiliaram na formatação da imagem a ele atribuída, da qual seres muito inteligentes se apropriaram para imprimir terror e, com isso, firmar sua posição de soberanos absolutos do inferno. Assim nasceu o diabo. Ou diabos, porque

são muitos.

- O diabo, então, não passa de um mito.

- Um mito que é real, na medida em que cada um o fortalece com sua crença e seu medo.

- Então, se entendi bem, eu me apropriei dessa imagem para me impor pelo terror.

- Foi. Sua mente já havia dado ordens ao corpo astral para plasmar cascos e chifres, dos quais você soube bem se aproveitar. Um retoquezinho aqui, outro ali, e pronto. A fantasia ficou perfeita. Dali em diante, foi só vesti-la, fazer cara de fera e mandar à vontade.

- É tipo uma plástica astral?

- Tipo isso. Só que sempre se pode retornar à forma anterior.

- Deus me livre!

Moisés se persignou três vezes e conseguiu sorrir descontraidamente.

- Parece que agora você está mais relaxado – observou Lucélia, com gosto.

- E como! Você não sabe o peso que tirou de cima de mim.

- Quer dizer que deixou de lado a ideia absurda de que você foi o diabo?

- Não sei se a ideia é absurda. Mas não penso mais isso, não. Compreendo e aceito minha condição pretérita de espírito ignorante, seduzido pelo poder.

- E inteligente. Você sempre foi muito inteligente.

- Mais ou menos. Se fosse tão inteligente assim, não teria virado mendigo.

- Foi você que escolheu.

- Não quero falar sobre isso agora. Ainda não me recuperei totalmente. Engraçado... Está sendo mais fácil superar minha fase demônio do que

minha última encarnação.

– Natural. Sua “fase demônio” se acabou há muito tempo. Mas faz poucos meses que você desencarnou. Aproveitando que você tocou no assunto. Não acha que já está na hora de partir?

– Não. É estranho, mas não sinto vontade de deixar a Terra. Ainda não.

– Não se apegue aos vivos, porque eles não podem compreender os mortos – sentenciou ela, olhando fundo nos olhos dele.

– Não estou apegado. É só... não sei definir... uma necessidade de ficar, de fazer alguma coisa...

– Como o que você fez para ajudar Lizandra?

– Não fiz nada para ajudar Lizandra – protestou ele, acabrunhado.

– Foi um gesto muito bonito ir à casa dela para sugerir que ela levasse o filho ao homeopata.

Devia imaginar que não poderia esconder nada de um espírito esperto feito a mãe. Sim, ele havia ido à casa de Lizandra por amor a Rodrigo. Nem imaginava como é que ele sabia das coisas, mas o fato é que tinha certeza de que apenas um médico homeopata seria capaz de curá-lo. Como gostava muito do menino, não podia permanecer inerte, vendo-o definhar dia após dia.

– Não fiz por ela – contestou, cabisbaixo. – Fiz por ele.

– Não. Fez por você.

A surpresa o pegou de jeito, provocando uma reflexão silenciosa. Entendia o que ela queria dizer. Ao fazer algo por alguém, a pessoa faz é por si, porque o resultado que daí se origina reverte para ela em primeiro lugar. Seja para o bem ou para o mal.

Lucélia o fitava com aquele olhar compreensivo e sábio que toda mãe reserva para seu filho. Não falou nada, mas Moisés sentiu vibrar dentro dele

a força do que talvez fosse o pensamento dela: na dúvida, consulte o íntimo do seu coração. Ele não duvida. Sempre sabe o que é certo fazer. Aceite a sugestão e faça.

Mesmo assim, ele se recusou a ouvir o que o coração dele queria dizer. O pensamento da mãe, que ele captou parcialmente, tinha algo a ver com Tostão. Ele não queria saber. Não queria ouvir dela que seu maior amigo havia virado massinha sovada na tal paçoca da alma-grupo.

Sentindo a resistência dele, Lucélia quase se adiantou para lhe contar o que havia descoberto. Moisés, contudo, foi mais rápido. Cruzando o olhar com o dela, desapareceu numa nuvem de fumaça. Lucélia deu um suspiro profundo e olhou ao redor, procurando-o entre as árvores. Ele havia mesmo desaparecido, ela não sabia para onde.

Ainda não havia chegado o momento de ele saber a verdade. Em breve, quem sabe, esse momento chegaria?

Capítulo 39

Os dois espíritos se estudavam cautelosamente. Camélia, sob o domínio da ira, não escondia a disposição de atacar, se preciso fosse, para que ele a deixasse em paz. Fazia algum tempo que não se viam, desde que Moisés se mudara para a casa de Larissa.

– O que você quer, Moisés? – interrogou ela, com a urgência de um inquisidor. – Pensei que agora não tivesse mais motivos para vir aqui.

– Por que diz isso? Não posso visitar uma amiga?

– Quem é sua amiga? Eu ou Lizandra? – Ele fez cara de espanto, ela prosseguiu: – É, eu sei. Não adianta fingir nem tentar me enganar. Sei que foi você que sugeriu a ela o tratamento da homeopatia. Por que fez isso, hein? Foi para se vingar? Porque eu chamei você de diabo naquele dia?

– Não é nada disso. Minha mãe já me esclareceu sobre essa história.

– Que bom, porque não falei sério. Quer dizer, na hora falei, mas depois, mudei de ideia. Você não é o diabo. Foi só um pobre infeliz que resolveu se fingir de diabo.

– Será que dá para a gente mudar de assunto? Essa história ficou no passado.

– Ficou mesmo, não foi? Mas então, por que você quis se vingar de mim?

– Não quis me vingar de ninguém. Só fiz o que achei que era certo. Você está prejudicando o menino.

– Depois de tudo o que lhe contei, você acha que ele merece sua defesa? Ou ela?

- Por que não esquece esse assunto? Arranje outra coisa para fazer.
- Olha só quem fala! Um pobre coitado que pensa que é importante só porque a mãe é uma figurona da luz.
- De onde você tirou essa ideia fantasiosa, posso saber?
- Não interessa! Vá-se embora daqui. Seu negócio era com o cachorro. Ele se foi, você pode ir também. Vá procurar seu cão desencarnado. Ou então, vá assombrar outro lugar.
- Assombrar? – repetiu ele, dando gargalhadas. – Sério, Camélia, você é uma pândega.
- Agora tenho cara de palhaça, é? – enfureceu-se, mostrando os punhos para ele. – Você é muito mal-agradecido, isso sim. Não fosse por mim, ainda estaria por aí, remoendo a própria ignorância.
- Assim como você.
- Eu não sou mendiga.
- Não. É só infeliz e assustada.
- Quer parar com isso? Não vai conseguir me enrolar com essa conversa mole.
- Longe de mim querer enrolar um espírito inteligente como você.
- Vai debochando, vai.
- Não é deboche. Acho você muito inteligente, e é por isso que essa atitude não combina com você.
- Não me venha com sermão. Não vai adiantar nada.
- Não sou padre para dar sermão.
- Ótimo. Então, se não tem o que fazer aqui, pode ir se mandando.
- Por que está sendo tão agressiva? Eu só quero o seu bem.
- Se é assim, você me faria um enorme bem se desaparecesse.
- Não quer vir comigo?

- Para onde? – zombou. – Para sua casinha de bonecas na árvore?
- Como é que você sabe da casa na árvore? Por acaso já andou por lá, me espionando?
- Espionando, eu? Não me faltava mais nada. Esqueceu que sei ler pensamentos? Aprendi muito antes de você.
- Tem razão. Devo a você muito do que aprendi. Por isso, quero ajudá-la.
- Você não tem condições nem de ajudar a si mesmo. Olhe-se no espelho! Continua com a mesma aparência maltrapilha de quando chegou aqui.
- Pode ser. Mas aparências podem ser modificadas. Quer ver?

Ela não respondeu. Olhava-o de mau humor, os braços cruzados demonstrando a irritação. Era chegado o momento de Moisés colocar em prática o que a mãe havia lhe ensinado. Já fizera isso antes. Agora, seria mais fácil, já que a transformação que pretendia não envolvia sua aparência física, mas apenas as roupas com que se apresentava.

De olhos fechados, concentrou-se, procurando fixar o pensamento no universo, imaginando os átomos cósmicos desfilando pelo plasma. Em pouco tempo, a mente entrou em ação. Estendendo braços invisíveis, ele recolheu uma parcela do plasma, que reteve entre as mãos etéreas. Totalmente concentrado, deu início ao processo de manipulação mental, idealizando, em minúcias, a roupa ideal para vestir. Em vida, antes que a indigência o colhesse, ele gostava de usar calças jeans e camiseta de malha, normalmente branca ou azul. Quando abriu os olhos, foi dessa forma que se apresentou.

- Que lindo – ironizou Camélia, batendo palmas devagar. – Se está querendo me impressionar, perdeu o seu tempo. Sei fazer isso muito melhor do que você.

– Por que não faz, então? Por que não desfaz esses tentáculos, ou garras, ou fios energéticos, ou lá o que seja que você criou para enfiar nos centros nervosos de Rodrigo?

– Engraçado – desdenhou ela, olhando para ambos os lados do próprio corpo. – Não estou vendo nada.

– Tem certeza? Então me diga. O que é isso aqui?

Ele puxou os dedos que ela escondia sob os braços cruzados, desvendando garras retorcidas e deformadas. Ela retirou as mãos às pressas, cobrindo-as novamente com os braços.

– Saia daqui – rugiu. – Você não tem o direito.

– Pensou que eu não tinha visto? Se não quisesse que eu visse, não devia ter me aplaudido.

– Idiota. Quem você pensa que é? Está tentando se fazer passar por muito esperto, mas é só um demônio falido e burro.

– Posso ser burro, mas sou livre.

– E eu não sou?

– Não. Está aprisionada ao campo energético de Rodrigo.

Embora, naquele momento exato, Camélia não estivesse grudada em Rodrigo feito um parasita, não era capaz de ir além dos limites com que sua mente a aprisionara. Se tentasse ultrapassar a barreira fluídica que circundava o apartamento, era atraída de volta pelo magnetismo de Rodrigo, firmemente embaraçado ao dela.

– Vá embora – ela suplicou, agora com lágrimas nos olhos. – Deixe-me em paz.

Aprisionada nos estreitos limites do apartamento, o mais distante que Camélia conseguiu ir foi até a ponta do terraço. Ainda tímido, o Sol despontava por detrás dos morros a leste, pronto para desfiar suas cores em

vapores tênues de luz e calor. Moisés foi atrás dela. Encontrou-a debruçada sobre o guarda-corpo, admirando a chegada do dia em silêncio, envolta por uma névoa tênue de melancolia.

– É realmente lindo, não é? – comentou ele, embevecido.

– Fique quieto – ordenou ela, irritada. – Preste atenção.

O silêncio não era total. De algum lugar da casa, vozes indistintas permeavam o espetáculo da alvorada. Camélia seguiu na direção de onde elas partiam. Pela porta aberta, entrou na cozinha, seguida por Moisés.

– Segundo entendi – era Vítor quem falava –, a homeopatia é a cura pelos semelhantes, enquanto a alopatia cura pelos contrários.

– Foi o que entendi também.

– E se utiliza de substâncias que reproduzem os mesmos sintomas da doença, ao passo que a alopatia usa remédios que atuam contra aqueles sintomas.

– O que mais me animou foi o fato de que a homeopatia utiliza doses mínimas de substâncias que possuem atuação energética, ao passo que as doses alopáticas estão no limiar da toxicidade e quase sempre têm efeitos colaterais.

– Isso é importante, sem dúvida. Agora, tem uma coisa que não entendi direito.

– O que foi?

– Essa história de espírito ruim...

– Eu não sou um espírito ruim! – protestou Camélia, indignada.

– Não sei se acredito muito nisso.

– Isso mesmo, não acredite – concordou Camélia, irritada. – Eu não existo.

– Hoje em dia, não duvido de mais nada – prosseguiu Lizandra. – E

onde está a sua mente aberta? Não é você que vive dizendo que tudo é possível, que há muitas coisas no mundo ainda desconhecidas e incompreensíveis?

– Você não entendeu. Eu acredito em espíritos. Só não creio que um deles esteja molestando nosso filho.

– Por que não?

– Que razões poderia ter um espírito maligno para perturbar uma criança que nunca fez mal a ninguém?

– Não sei. E depois, ele não disse que é isso. Pode não ser.

– Não é – insistiu Camélia.

Moisés sentiu pena dela. Camélia não percebia que começava a agir feito uma demente. Ela se voltou para ele com olhos amedrontados, as lágrimas etéreas se desmanchando na frieza do vazio. Moisés tocou seu rosto com cuidado. Não queria que ela o repelisse. Ela não o fez. Deixou-se acariciar até não poder mais se conter. Então, afastou as mãos do esconderijo embaixo do braço e segurou a mão dele.

Sem se importar com o aspecto repulsivo das garras disformes de Camélia, Moisés a puxou para um abraço. Envolveu-a com ternura, sentindo a transfusão energética que alimentava o corpo dela.

– Não fique assim – sussurrou ele. – Isso vai passar.

– Ah, Moisés...

Não conseguiu dizer mais nada. A consciência roubou-lhe a voz, assim como ela roubava a saúde de Rodrigo. Em seu íntimo, perguntava se o que ele dizia era verdade. Será mesmo que tanto ressentimento, um dia, iria passar?

Capítulo 40

O ódio transformou-se em companhia constante no coração de Roberta. Ainda não havia perdoado o filho por tê-la deixado sozinha em casa, sem jantar, apenas com uma sopa velha e fria para servir de alimento. Tudo para ir comer pizza na casa do vizinho, arrastando com ele a mulher desaforada e sua filhinha insuportável.

Sentada na cama, ela remoía o ressentimento, tentando maquinar um plano que afastasse as duas sirigaitas de Ítalo, de vez. Era possível vislumbrar parte da casa na árvore, onde as crianças permaneciam horas trancadas, sem a supervisão de um adulto, fazendo brincadeiras inapropriadas na companhia de dois pulguentos.

Retirando-a de seu devaneio, a voz esganiçada de Priscila reverberou pelo quintal, chegando até ela pela janela aberta do quarto:

– Larissa! Larissa!

A menina assomou na janelinha da casa na árvore e respondeu prontamente:

– O quê, mãe?

– Vou ao mercado e já volto. Dê uma olhada na panela de pressão para mim, está bem? Começou a chiar agora. Coloquei em fogo brando, mas você tem que apagar.

– Daqui a quanto tempo?

– Meia hora.

– Tá bem.

- Não se esqueça, ou pode causar uma explosão.
- Pode deixar, mãe, eu sei!
- E não mexa na tampa, pelo amor de Deus!
- Tá!
- Entendeu, Larissa?
- Entendi! – finalizou ela, voltando para dentro.

Logo que ouviu o barulho da porta da frente se fechando, Roberta foi espiar a cozinha, onde a panela apitava normalmente. Priscila não devia deixar algo tão perigoso sob a responsabilidade de uma criança.

Seria benfeito se o feijão queimasse. Ítalo, na certa, ficaria chateado. Podia até ser que não brigasse com ela, mas deixaria escapar a frustração por não encontrar o jantar pronto do jeito que ele gostava. Pensando nisso, uma ideia lhe ocorreu.

De volta ao quarto, aguardou para ver se Larissa cumpriria a ordem da mãe direitinho. Na hora exata, a menina entrou correndo na cozinha e apagou o fogo, disparando de volta para a árvore. A panela já era assunto antigo, esquecida em cima do fogão. Hora de Roberta agir.

Com cuidado para não ser vista pela janela da cozinha, chegou perto do fogão. A panela continuava com seu chiado, deixando sair o vapor acumulado lá dentro. Roberta nem pensou na tragédia que sua ação maldosa poderia causar. Pensava que a válvula continuaria liberando pressão, mesmo com o fogo aceso.

Sem pensar duas vezes, girou brevemente o botão do queimador, liberando a chama azul em sua potência máxima. Em seguida, girou-o em sentido contrário, aproximando-o o máximo possível da posição desligada, mas sem o desligar. Isso daria a impressão de que, na pressa de voltar para as brincadeiras, Larissa teria soltado o botão de qualquer jeito, sem conferir

se realmente o havia desligado, aumentado o fogo ao invés de apagá-lo e, conseqüentemente, queimando o feijão.

De volta ao quarto, aguardou. Priscila não deveria demorar. Encontraria o fogo ligado, poria a culpa na filha, mas não adiantaria nada. O feijão já estaria estragado, imprestável para comer. Podia ser que ela e Ítalo considerassem isso uma coisinha à toa, mas era o início de uma grande vingança.

Os minutos passavam rapidamente, indiferentes à ansiedade de Roberta, que não desgrudava os olhos dos ponteiros. Paralelamente, o chiado da panela aumentava, sem que ela percebesse. Alheios a seus planos, fragmentos de feijão subiram com o vapor, entupindo a válvula de escape e a auxiliar.

Inesperadamente, Priscila demorava a voltar do mercado, entretida na conversa com uma vizinha. Preocupada com o resultado da tramoia, Roberta resolveu ir até a cozinha conferir a panela, que chiava de um jeito esquisito.

Nem bem chegou à porta, seu coração quase parou. Seu corpo inteiro se tornou um bloco gelado, paralisado por ondas de terror. No fogão, a panela sacolejava, emitindo gritinhos agudos, reclamando porque a válvula de pressão não saía do lugar. O ar quente, preso lá dentro, não tinha por onde escapar. O chiado continuava, cada vez mais alto, queixando-se da válvula entupida, alheia à angústia do vapor.

Percebeu, tarde demais, que as leis da física agiam independentemente das leis de Roberta. O que parecia terrível ficou ainda pior. Entrando em seu pesadelo, Larissa passou pela porta e estacou em frente ao fogão, tentando adivinhar por que o fogo continuava aceso, se ela mesma o havia desligado.

– Sai daí, Larissa! – gritou Roberta, apavorada.

O grito caiu no vazio, mas não no silêncio. Larissa ouviu Roberta gritar seu nome, mas nem teve tempo de se virar para ela. A panela de pressão, sem revelar a quantas andava sua fúria, deu uma chocalhada e, subitamente, explodiu. Uma chuva de feijão quente e queimado voou por toda a cozinha, enquanto pedaços de alumínio incandescente se precipitavam com a velocidade de projéteis disparados por uma metralhadora descontrolada.

A explosão colheu Larissa em cheio, atirando-a contra a parede como se ela fosse uma boneca de pano sem peso e sem vida. Com o choque da cabeça contra o azulejo, a menina desmaiou antes mesmo de perceber o que havia acontecido. Foi uma verdadeira bomba que, por pouco, não incendiou a cozinha.

Roberta entrou claudicante, do jeito mais apressado que pôde. O fogo se extinguiu sozinho, sufocado pela onda de choque. Em meio aos destroços, procurou a criança. Larissa estava caída perto da parede, coberta de feijão da cabeça aos pés. A pele, uma chaga viva e carbonizada, não escondia a gravidade das queimaduras.

– André! – ela chamou, na esperança de que o menino a escutasse. – André! André!

André não estava mais lá. Havia ido para casa tomar banho e preparar-se para o jantar. Ela estava sozinha com a garota. Tentando dominar o pânico, procurou acalmar-se e inteirar-se da situação. Como enfermeira formada, saberia o que fazer.

Jogou a bengala no chão e ajoelhou-se ao lado de Larissa. Com cuidado, conseguiu puxá-la para cima dos joelhos, examinando o rosto avermelhado e o sangue que brotava da ferida na cabeça. Precisava dar um jeito de se levantar com a menina e banhá-la em água fresca, para hidratá-la. O

problema é que não andava direito. Como faria isso sozinha?

Procurando não pensar na dificuldade que seria, Roberta, gentilmente, pousou a cabeça de Larissa no chão. Afastando os destroços, fincou a bengala no piso e fez força para se levantar, apoiando-se nela com ambas as mãos. À custa de muito sacrifício, conseguiu pôr-se de pé. Parou um momento, para recuperar o fôlego e voltou-se para a criança.

Abaixou-se para apanhá-la, temendo não ser capaz de levantar-se novamente. Deus, ou alguma outra força invisível, a estava ajudando, porque ela conseguiu puxar a criança e segurá-la no colo. Mas teve que soltar a bengala. Com muita dificuldade, caminhou até o banheiro, apertando Larissa nos braços para evitar que ela escorregasse e caísse.

Com o pé, foi empurrando a banquetinha de plástico, que servia para enfiar roupa suja, em direção ao boxe. Não foi fácil. A todo momento, a banqueta deslizava, ameaçando tombar e rolar para longe. Ela conseguiu controlá-la, enfrentando nova dificuldade para suspendê-la o suficiente para ultrapassar a pedra do boxe. Aos trancos e barrancos, a coluna e as pernas estalando de dor, sentou-se com Larissa no colo. Abriu a torneira do chuveiro, deixando que a água se derramasse sobre ela e Larissa.

Não foi capaz de segurar as lágrimas. Não queria que nada daquilo tivesse acontecido. Seu único desejo era tirar Priscila do caminho, para que ela pudesse viver em paz com o único filho que lhe restara. Nunca lhe passou pela cabeça ferir ninguém, muito menos uma criança. Que espécie de enfermeira era ela, que jurara colocar-se a serviço da humanidade e agora se encontrava ali, amparando uma menina cheia de queimaduras provocadas por ela?

Ouvindo um gemido baixinho, Roberta olhou para baixo, na esperança de que Larissa houvesse recobrado a consciência. A garota, porém, mantinha

os olhos fechados, choramingando de vez em quando, como se quisesse acordar de um sonho ruim.

– Larissa – chamou Roberta. – Está me ouvindo, Larissa? Consegue abrir os olhos?

Com muito esforço, Larissa abriu um olho, depois o outro, mas parecia não compreender o que via. Tentou pronunciar algumas palavras, porém, de seus lábios saíram apenas sons desconexos, balbucios delirantes.

– Pode me ouvir, Larissa? – chamou ela de novo. – Compreende o que eu digo?

À medida que a consciência retornava, Larissa vencida a barreira da confusão provocada pela síncope, ao mesmo tempo que a dor das queimaduras ardia feito ferro em brasa enfiado na carne.

– Está doendo muito – choramingou ela, tentando se levantar.

– Tenha calma, procure não se mexer.

– Tá chovendo – murmurou ela. – A chuva tá me machucando.

– Não está chovendo. É só o chuveiro.

– Quero a minha mãe...

– Você se lembra do que aconteceu, Larissa? Lembra da explosão? Os olhos de Larissa estacionaram na torneira do chuveiro, que ela quis fechar. Esticando um braço, tocou o metal, sentindo a pele toda repuxar.

– Ai, ai, ai... – gemeu, contorcendo-se de dor. – Está queimando. Foi a panela de pressão que explodiu. A panela...

Calou-se, engolindo as palavras junto com os soluços provocados pela dor. A cabeça também doía, contudo, eram as queimaduras que lhe causavam maior sofrimento. Ela mantinha os olhos fechados, apertando as pálpebras e mordendo o lábio a cada contração da carne ferida.

Cerca de quinze minutos haviam se passado desde que Roberta se

sentara com a menina embaixo do chuveiro. A pele dela devia estar hidratada o suficiente. Tentou se levantar, mas os pés resvalaram no piso molhado. Olhou ao redor, à procura de algo que pudesse auxiliá-la. Nada. Nenhum objeto adequado ao alcance de sua mão. O banheiro tinha a frieza de um mausoléu, talvez devido ao frio da própria água, que se infiltrava pela porosidade de seus ossos, dando-lhe a impressão de estar trancada num sepulcro. Nada se mexia. Larissa, olhos fechados, respirava com dificuldade, emitindo ruídos estranhos que a fizeram lembrar dos estertores da morte. Seria isso? Estariam ambas mortas, atingidas pela explosão?

– Não estamos mortas – afirmou ela, e, decidida, implorou: – Deus! Me ajude!

Ela queria renunciar a tudo e se abandonar às lágrimas, mas não se permitiu. Nunca fora mulher de desistir facilmente. Nem dificilmente, para falar a verdade. Ela estava viva e bem. Podia não ter mais a robustez da juventude, mas havia ainda muitas coisas que, apesar de suas limitações, poderia fazer. Restava-lhe descobrir o quê.

Capítulo 41

A quietude era total. Nem o som do vento, nem o barulho dos carros, nenhum indício de que o mundo existia fora do banheiro onde Roberta se encerrara com Larissa. Nada se movia naquela câmara mortuária. De Priscila, nem sinal. Por onde ela andaria? Por que demorava tanto?

Um único sinal de vida surgiu subitamente. Um movimento na porta chamou a atenção de Roberta, que olhou com esperança. Não sabia se ria ou se chorava, se agradecia ou maldizia a chegada repentina do cachorro. Bruce entrou de mansinho e parou, a língua de fora, olhando-a com neutralidade. Não abanava o rabo, não latia. Só ficou ali, vasculhando o ambiente como se tentasse entender o significado de tudo aquilo.

O significado era que André devia estar por perto. Atrás do cachorro, vinha sempre o menino. Não era? De qualquer forma, valia a pena tentar.

– André! – gritou, esforçando-se o máximo que seus pulmões cansados permitiam. – André, você está aí? Responda, André! André! Venha cá, meu filho! André!

Ninguém respondeu. Ainda parado no mesmo lugar, Bruce também não emitia nenhum ruído nem fazia menção de se mover. Roberta olhou-o, desesperada. Precisava fazer alguma coisa. As lesões de Larissa estavam feias, vermelhas, cheias de bolhas, em alguns lugares a pele já se soltava. Queimaduras de segundo grau, pelo visto. Era preciso levar Larissa com urgência ao posto médico, mas como, se não havia ninguém para acudi-la?

– Preciso dar um jeito de me levantar – disse Roberta em voz alta, como

se desabafasse com o cão. – Mas não tem ninguém aqui para me ajudar, não é, pulguinto? Só você.

O jeito era tentar se virar sozinha. Experimentou a saboneteira embutida na parede, mas só o que conseguiu foi escorregar os dedos na louça saturada de sabão. Em seu colo, Larissa choramingou em protesto, sem se mover. Ela olhou novamente para a saboneteira, avaliando se valia a pena insistir, contudo, desistiu. Não daria certo mesmo.

Ao desviar os olhos da parede do boxe, soltou um grito assustado. Sem que ela percebesse, Bruce havia saído de perto da porta e estava agora sentado diante dela, mantendo o olhar sério, grave, avaliador.

– Ai, cachorro, que susto! – reclamou ela. – Você não me serve de nada. Xô! Passa fora! Ah! Se eu ao menos tivesse a minha bengala...

Subitamente, Bruce levantou as orelhas, assumindo aquele olhar de inteligência que lhe era tão peculiar. Abanou o rabo de leve, levantou-se e saiu correndo, para alívio de Roberta. No fundo, tinha medo de que o cão a mordesse. Poucos minutos depois, o som de algo se arrastando pelo chão provocou-lhe um sobressalto, logo convertido em esperança. Podia ser alguém chegando, embora o mais provável era que não fosse. O barulho que vinha do corredor era muito estranho, não parecia ninguém caminhando.

Mesmo assim, ficou olhando, ansiosa, na expectativa de ver Priscila surgir com ar enfezado. Priscila enfezada seria uma bênção. O som foi se aproximando lentamente, como se alguém arrastasse algo com dificuldade. Não podia ser Priscila. Efetivamente, não era. Para espanto de Roberta, Bruce passou pela porta desajeitadamente, puxando a bengala que se prendera no portal.

– Traz aqui, Bruce! – ordenou, ríspida. – Vamos, estou mandando, cachorro burro, traz logo essa bengala aqui!

O cão não obedeceu. Conseguiu passar a bengala pela porta, soltando-a diante de suas patas. Dali, olhou para Roberta que, inesperadamente, pareceu compreender.

– Traz para mim, Bruce – ela agora pediu, em tom de comando, sim, mas, sem agressividade.

Ele segurou a ponta da bengala e tornou a arrastá-la, depositando-a aos pés de Roberta. Ela esticou o braço livre, mas não conseguiu alcançá-la.

– Aí não, Bruce – repreendeu ela, firme, porém, gentilmente. – Aqui, na minha mão. Aqui, Bruce, aqui!

Ela abriu e fechou a mão, movimentando os dedos, na esperança de que ele entendesse. Por uma fração de segundo, ele olhou diretamente nos olhos dela. Toda vez que André dizia *aqui* com aquela entonação, era o momento em que ele deveria colocar a bola no lugar para o qual ele apontava. Já que Roberta não apontava para lugar nenhum, ele fez uma associação dirigida pela inteligência, misturada ao instinto e à intuição.

Bruce tornou a abocanhar a bengala, tomando o cuidado de deixar livres as extremidades, conduzindo-a diretamente até a mão estendida de Roberta. Quando ela viu o castão cor de marfim encostado na palma da mão, quase chorou de alegria. Fechando os dedos ao redor dele, puxou a bengala para si, fincando no chão a outra extremidade.

– Por favor, não escorregue – implorou.

Bruce tomou, então, outra atitude inesperada. Parou em pé bem junto a ela, olhando dela para Larissa, tentando falar com os olhos. Se ele entendia ou não a gravidade da situação, Roberta não saberia dizer. Mas a atitude dele parecia não deixar dúvidas. Ou talvez fosse o desespero dela que a fez compreender as coisas à sua maneira. O fato, porém, é que ela não pensou duas vezes. Apoiou o corpo de Larissa sobre as costas de Bruce, que se

vergou com o peso, mas logo se recompôs.

Parcialmente aliviada do fardo, Roberta equilibrou Larissa com a lateral de seu corpo. As patas de Bruce bambeavam, quase cedendo ao esforço que ele fazia para que elas não arriassem. Roberta precisava ser rápida. Com uma das mãos mantinha Larissa presa a ela, enquanto, com a outra, dava impulso no próprio corpo, uma, duas, três vezes, até que, finalmente, conseguiu pôr-se de pé.

Na mesma hora, soltou a bengala, amparando Larissa bem a tempo de evitar que ela fosse ao chão junto com o cachorro, que dava mostras de cansaço. Ela quis afagar a cabeça dele, em gratidão, mas não conseguiu se abaixar.

Com a menina novamente no colo, Roberta saiu coxeando em direção ao quarto. Sem apoio, exausta, emocionalmente abalada, manquejava devagarinho, com muita dificuldade. A perna doía horivelmente, assim como os quadris. O quarto, quase ao lado do banheiro, de repente pareceu estar a quilômetros de distância.

Quando, finalmente, alcançou a cama, deitou-se junto de Larissa. Respirou fundo várias vezes, tentando não pensar na própria dor. A seu lado, Larissa se contorcia e chorava.

– Acalme-se – sussurrou ela, alisando os cabelos de Larissa. – Vai ficar tudo bem. Sou enfermeira, vou cuidar de você.

Antes, contudo, precisava falar com alguém. Apanhou o celular na mesinha de cabeceira e ligou para Ítalo, expondo a situação com a maior brevidade possível. Em seguida, pensou. Precisava dar um jeito de limpar e cobrir as feridas com gaze, se quisesse evitar uma infecção.

– Vou pagar por esse pecado – resmungou para si mesma. – Deus vai me punir pelo que fiz.

Chorou baixinho, ocultando o rosto entre as mãos para esconder de si mesma a vergonha. O que diria à nora? Como encararia o filho? Deixaria que Larissa levasse a culpa por um acidente no qual não tivera a menor participação? E será que se perdoaria se a garota ficasse com alguma sequela que lhe roubasse a juventude e a vida?

Não era hora de sentir pena de si mesma. Cuidar da menina era o mais importante. Precisava encontrar uma maneira de voltar ao banheiro, onde ficava o material de primeiros socorros. Sem a bengala, seria impossível. Se fossem só as dores, daria um jeito de suportá-las e andaria até lá. No entanto, depois da dor, vinha a fraqueza. As pernas dela se tornaram incapazes de atendê-la.

Mas nem tudo estava perdido. Ainda tinha o cão.

– Bruce! – chamou. – Aqui, Bruce!

Em poucos instantes, ele apareceu na porta, totalmente recuperado do esforço de sustentar o peso de Larissa no lombo. Para surpresa de Roberta, trazia a bengala presa entre os dentes. Após um pequeno embate com os batentes, conseguiu passar com ela.

Dessa vez, nenhum comando foi necessário. Bruce sabia o que fazer. Caminhando de forma decidida, ergueu o focinho e acomodou a bengala no colo de Roberta. Depois, chegou para trás, abanando o rabo, à espera de um elogio.

– Muito bem, Bruce – falou ela, agradecida.

Após um breve afago, levantou-se novamente, procurando não pensar na dor nem na fraqueza. As pernas cediam a todo instante, mas ela não caiu nenhuma vez. Não apenas a bengala a sustinha. Bruce caminhava a seu lado, fornecendo o apoio que lhe faltava para evitar que o corpo envergasse.

De posse do material necessário, voltou ao quarto, onde Larissa ainda

dormia. Gentilmente, lavou as lesões com a solução fisiológica que encontrou no armário do banheiro, evitando esfregá-las com força. Em seguida, cobriu tudo com gaze, que ela umedecera na pia do banheiro.

O tempo todo, Bruce permaneceu a seu lado. Achou esquisito, porque André, em nenhum momento, aparecera para procurá-lo. Não era crível que não tivesse dado pela falta do cachorro. Curiosa, conferiu as horas. Não era possível! Desde a explosão, haviam se passado apenas trinta e cinco minutos. Como é estranho o sofrimento, pensou. É algo que costuma desacelerar o tempo. Quando se sofre, tudo passa devagar.

Larissa agora dormia um pouco mais tranquila, aliviada pelo efeito do curativo. O cachorro latiu de repente, assustando Roberta, que olhou para a porta, esperando ver André surgir. Quem entrou foram Priscila e Ítalo, ambos pálidos, desnorteados, a imagem da aflição.

– O que foi que aconteceu? – perguntou Priscila, correndo para a filha, horrorizada com a quantidade de ataduras.

Roberta não foi capaz de responder. Na verdade, nem foi preciso, porque Priscila já saía pela porta em disparada, carregando a filha no colo.

– Ela precisa ir para o hospital – avisou Roberta, sem forças para ir atrás delas.

Ítalo apenas assentiu. Saiu, sem se dar conta do significado da dor que transparecia no olhar da mãe. Jamais poderia ler a culpa escondida por detrás do medo e da preocupação.

Capítulo 42

Sentada no sofá da sala, com a filha no colo, Priscila chorava. Segurava o telefone com a mão trêmula, tentando alcançar as teclas com o polegar.

– Me dá aqui – pediu Ítalo, retirando o telefone da mão dela.

– Ligue para Isabela! Peça o carro deles emprestado!

Na mesma hora, Wilson se prontificou a levá-los ao hospital. Esperavam por ele quando Roberta chegou, claudicando como nunca, fazendo caretas de dor.

– Está tudo bem, mãe? – indagou Ítalo, ajudando-a a sentar-se.

– Pelo amor de Deus, dona Roberta, agora não! – irritou-se Priscila, pensando que a sogra só queria chamar atenção.

– O que foi que houve, mãe? – perguntou ele, tentando evitar uma discussão.

– Foi a panela de pressão – balbuciou. – Explodiu...

– Quando me ligou, por que não disse que a situação era grave?

– Eu disse que Larissa havia se queimado...

Nesse momento, Wilson entrou correndo, agitando a chave do carro na mão. Em seguida, Isabela surgiu com André.

– Então era aqui que você estava, Bruce? – o menino perguntou baixinho, batendo na coxa para chamá-lo.

– O que foi que aconteceu, meu Deus? – tornou Isabela, lívida.

– Ela está cheia de queimaduras – informou Priscila, em lágrimas. – Temos que ir ao hospital agora.

– Vamos logo – chamou Wilson, com urgência.

– Deixe que eu a carregue – avisou Ítalo.

Ele a tomou dos braços de Priscila. Sentindo o contato dele, Larissa entreabriu os olhos.

– Papai... – choramingou. – Cadê a mamãe?

– Estou aqui, minha filha – acudiu Priscila, segurando a mão dela. – Vai ficar tudo bem. Estamos indo para o hospital.

– De novo...?

Terminou a frase fracamente, cerrando os olhos em seguida. Priscila engoliu em seco, fitando o marido com o pânico estampado nas feições.

– Ela está apenas dormindo – constatou Roberta, pela primeira vez emocionada com a forma como a menina e o filho se tratavam. – Não se preocupem, ela não vai morrer. E agora corram. Ela precisa de cuidados urgentes.

– Vou com vocês – anunciou Isabela, seguindo atrás dos outros.

– Também vou – avisou André, postando-se ao lado da mãe.

– Você não pode, meu filho – objetou Wilson. – Não permitem crianças no hospital.

– Mas eu quero ir! Quero saber como a Larissa vai ficar.

– Nós telefonaremos, avisando – tranquilizou a mãe. – Vá para casa e espere.

– Não quero ficar sozinho lá. Vou ficar morrendo de preocupação.

– Você pode ficar aqui comigo, se quiser – falou Roberta, para surpresa de todos. – Podemos esperar juntos e orar. Você sabe orar?

Ele assentiu com a cabeça, mas não estava convencido. A última coisa que desejava era ficar sozinho em companhia de dona Surtada.

– Não, obrigado – respondeu, hesitante. – Acho melhor ir para casa com

o Bruce.

– Ele pode ficar também.

O espanto foi ainda maior, mas não havia tempo a perder com esclarecimentos.

– Fique aqui, André – ordenou Isabela. – É melhor você ficar na companhia de um adulto.

Em pé, na varanda, André acompanhou a partida. O carro virou a esquina e desapareceu, mas ele permaneceu lá, os olhos turvos de lágrimas, desejando estar junto de Larissa.

– Venha se sentar aqui comigo um pouquinho – disse Roberta, sentando-se no sofazinho da varanda. – Vamos fazer uma oração. O que acha?

– Está bem – concordou ele, acomodando-se ao lado dela.

– Sabe rezar o Pai-Nosso e a Ave-Maria?

– Sei.

– Então, vamos rezar juntos.

Ela começou a recitar as preces, acompanhada, em voz alta, pela vozinha triste de André. Roberta encerrou as orações com lágrimas nos olhos, secando-as com as costas da mão.

– Por que a senhora está chorando? – estranhou André.

– Porque estou triste e preocupada. Você, não?

– Estou. Mas é que... – calou-se, com medo de aborrecê-la.

– O quê? Você pensou que eu não sabia chorar? Que sou uma mulher dura, sem alma, sem coração?

– Não, dona Roberta, nada disso! – objetou ele, às pressas. – É só que...

Não sabendo o que dizer, optou pelo silêncio, olhando-a de um jeito duvidoso. Ela sorriu tristemente, dando tapinhas leves na mão dele. Em

seguida, olhou ao redor, à procura de Bruce, que havia se sentado numa das extremidades da varanda e agora se distraía roendo um graveto.

– Não precisa se preocupar nem tentar se desculpar. Sei que tenho sido uma velha rabugenta, ultimamente. Mas sabia que, nem sempre, fui assim?

– Não?

– Não. Houve uma época em que eu era alegre, divertida... Já fui jovem, sabia? – Ele balançou a cabeça. – E fui enfermeira também.

– A Larissa me contou.

– Eu adorava a enfermagem. Trabalhei até me casar. Depois, meu marido proibiu, e aí vieram os filhos...

– Como assim? – Ele não entendeu.

– Deixe isso para lá. É passado, acabou. Não interessa mais.

O silêncio cresceu entre eles, levando os pensamentos de Roberta de volta ao passado. Lembrar-se de que fora, um dia, alegre e divertida, causou nela um choque inesperado. Em que altura da vida havia perdido a alegria, a generosidade, o altruísmo? Por que se deixara transformar naquela velha amarga, desagradável e implicante?

Porque a vida não foi como você desejou, ela respondeu a si mesma. Na tentativa de escapar à tirania paterna, aprisionara-se a um marido que a tolhia, humilhava e não lhe dava o menor valor. Tudo o que ela jurara ter para si e não conseguira fora retirado de sua vida, da mesma forma que ela extirpara dos filhos os sonhos e os anseios. Só que eles, ao contrário dela, seguiram seu caminho, conduzindo-se de acordo com sua vontade. Mesmo Ítalo, que permanecera ao lado dela, não abriu mão de se casar com uma mulher que amava, apesar de ela a detestar. E o que conseguiu com tudo isso? A resposta era uma só. Solidão.

– Dona Roberta – André cortou seus pensamentos.

– Hum?

– Como foi que a panela de pressão explodiu? Larissa disse que conferiu duas vezes.

– Tem certeza?

– Tenho. Larissa está acostumada a desligar o fogo da panela de pressão. Como foi dar uma bobeira dessas?

Ao observar o rosto dele, Roberta não conseguiu detectar nenhum sinal de suspeita ou acusação. O menino não desconfiava de sua participação no acidente. Apenas não entendia como fora possível aquilo acontecer.

– Não sei... – falou vagamente.

A resposta ficou meio no ar, beirando o vazio. O mesmo vazio que penetrou a alma de Roberta naquele momento.

– Estranho – concluiu o menino.

Estranho mesmo era permitir que a criança, além de ferida, levasse a culpa por algo que não tinha feito. Priscila poderia não ralhar com Larissa de imediato, mas, em algum momento, lhe chamaria a atenção. Afinal, ela podia ter morrido. Sem falar na perda da confiança, que também era uma coisa terrível de acontecer.

O certo seria falar a verdade. Contar ao filho e à nora o que ela havia feito. Só que o medo era um obstáculo quase intransponível. E se eles a mandassem embora? Ela não tinha para onde ir. Sua casa fora vendida; os móveis, doados. Recebia uma pensão minguada e tinha uma pequena importância na caderneta de poupança, fruto da venda do único imóvel, que ainda repartira com os filhos. Quem sabe não daria para ela comprar um apartamento?

O medo aumentou de tamanho, pintando horrores na cabeça dela. Imaginou-se sozinha, num apartamento vazio, numa vizinhança estranha.

O telefone, que já quase não tocava, silenciaria por completo. Talvez comprasse um gato, o que seria uma ironia, já que, a vida toda, sempre detestara animais. Nada disso daria certo. Certo mesmo é que morreria sozinha.

Só esse pensamento já seria suficiente para demovê-la de qualquer ideia de contar a verdade. Ninguém viu, ninguém podia provar nada. Talvez Larissa soubesse. Não poderia provar, claro, mas onde ficaria a consciência de Roberta diante da injustiça? Talvez ela não tivesse uma consciência. Talvez fosse o que todo mundo dizia: uma mulher má, despida de alma, de sentimentos, de honestidade. Se era mesmo tudo aquilo, havia chegado a hora de mudar.

– Não é tão estranho – disse ela, sem nem se dar conta do que dizia. – Foi um acidente.

– Eu sei, mas como? Ela disse que apagou o fogo.

– E apagou.

– Como é que a senhora sabe? – espantou-se ele, virando-se para encará-la. – A senhora viu?

– Não só vi, como fui eu que tornei a acendê-lo.

André não conseguiu falar. Levou as mãos à boca, empurrando de volta para a garganta o grito que tentou escapar. Na mesma hora, os olhos se ressentiram, transformando o grito em lágrimas de revolta, que ele não teve como segurar.

– A senhora o quê? – revidou, com lábios trêmulos. – Mas por quê? A mãe dela mandou desligar... A senhora achou que o feijão ainda não estava cozido?

Ela riu da ingenuidade dele. O bom das crianças é não enxergar a maldade.

– Eu vou lhe contar – avisou ela.

Apesar da vontade de confessar, Roberta hesitou por uns momentos. Não sabia se seria certo partilhar com uma criança um segredo tão terrível.

– Contar o quê? – redarguiu ele, diante da hesitação dela.

– Nada, André – reconsiderou. – Esqueça isso.

– Como é que a senhora acha que vou esquecer uma coisa dessas? Quero saber por que a senhora ligou o fogo.

– Vai contar a alguém?

Ele levantou as sobrancelhas, surpreso. Não havia pensado nisso.

– Não sei... – confessou. – Mas... a senhora não vai?

– Também não sei – admitiu, depois de alguns segundos.

– Se a senhora não contar, tia Priscila vai brigar com a Larissa.

– Você acha que Priscila brigaria com a filha numa situação como essa?

– Agora não, depois. Não é justo deixar a Larissa levar a culpa por uma coisa que ela não fez, a senhora não acha?

– Acho. Mas me falta coragem.

– Por quê? Foi um acidente.

Ela desviou os olhos dele, esfregando as mãos com nervosismo.

– Jamais me passou pela cabeça que a panela pudesse explodir. Percebi, tarde demais, que a válvula não girava, emitindo um ruído estranho. Não consegui chegar a tempo de apagar o fogo novamente. Larissa estava lá, diante do fogão...

Um soluço roubou-lhe a voz. Roberta se debatia entre o remorso e o medo.

– E a panela, simplesmente, explodiu?

– Foi.

– Meu Deus!

- Foi mesmo Deus quem me ajudou. Deus e o Bruce.
- O Bruce? Como assim? O que ele fez?
- Ele apareceu de repente, sabe? Sem ele, eu não teria conseguido salvar a vida de Larissa. Ele é um cão muito inteligente e sensível.

Com orgulho e admiração, André ouviu o relato de Roberta. Quando ela terminou, o cachorro havia se aproximado, atraído pela repetição incessante de seu nome.

- Bruce, você é um herói! – comentou ele, abraçando o cão pelo pescoço.
- Ele é mesmo o único e verdadeiro herói dessa história. Salvou não apenas a vida de Larissa, mas a minha também.
- A sua? Pensei que a senhora não tivesse sido atingida pela explosão.
- E não fui. Bruce salvou a minha vida de outro jeito.
- De que jeito?
- Ele me fez ver o quanto eu andava cega pela arrogância, o orgulho, o egoísmo e tantas outras coisas que fizeram de mim a velha amarga e mesquinha que você conheceu.

Apesar de não entender bem onde Bruce entrava em tudo aquilo, André não contestou. Era inteligente o bastante para deduzir a confissão velada, a culpa, o arrependimento.

- Isso significa que a senhora vai mudar? – arriscou ele, timidamente.
- Você é um menino muito esperto, sabia?

Ele sorriu, envergonhado. A seus pés, Bruce havia voltado a concentrar-se no graveto. Como se adivinhasse, levantou as orelhas uma fração de segundo antes de o telefone tocar. A um olhar de Roberta, André deu um salto do sofá, correndo para atender.

- Alô! – ele quase gritou. – Pai! E aí, pai? Como está a Larissa?

Ele ouviu em silêncio, sem ousar interromper a fala de Wilson. Olhou

para Roberta, com um pouco de pesar. Acomodou o telefone de volta na base e voltou para a varanda, onde Roberta o aguardava, ansiosa por notícias.

– Então, André? – indagou, aflita. – Como é que ela está?

– Ela está bem.

– Graças a Deus! – desabafou, com sinceridade. – Ele ouviu as nossas preces.

– Ouviu, sim. Só que...

– Só que... – repetiu ela, estimulando-o a prosseguir.

– Tem mais uma coisa... – ele continuou, quase sem conseguir encará-la.

– É com Larissa?

– Não.

– Então, o que é?

– Eles já sabem de tudo – revelou, constrangido. – Papai quer que eu vá para casa. Disse que a senhora não é confiável.

Foi como se o céu despencasse sobre ela, atirando-a num mundo de escuridão e medo. Acontecia o previsível e, ainda assim, inesperado. Lá no fundo do coração de Roberta, uma esperança pequeninha havia criado um desfecho além da realidade, como se fosse possível distorcer a imagem da vida para moldá-la a seus desejos.

– Vá para casa – pediu ela, com calma e amargura. – Obedeça seu pai.

De cabeça baixa, sem ousar encontrar os olhos dela, André aquiesceu. Do portão, ainda se virou a tempo de ver a ponta da bengala sumir, antes que ela fechasse a porta.

– Dona Roberta – chamou, obrigando-a a reabrir a porta e encará-lo com tristeza. – Eles estão errados. Eu confio na senhora.

Ela agradeceu com o olhar. Não foi capaz de dizer nada.

Capítulo 43

A Lizandra com quem Danilo agora lidava era muito diferente da Lizandra que ele havia conhecido. Apesar de conservar a beleza, uma sombra havia estacionado sobre seu semblante. Devia aquela mudança à doença de Rodrigo, talvez a única pessoa no mundo com a capacidade de despertar nela algum tipo de consciência. E ela parecia bem consciente de seu papel de mãe, ou antes, de seu amor pelo filho.

– Você está calado – observou Marília, deitada ao lado dele na cama, lendo um livro no Kindle. – Aconteceu alguma coisa?

– Não... Quero dizer, estava pensando naquele menino...

– O da epilepsia? – Ele assentiu. – O filho de Lizandra.

– Ele mesmo – disse, sem maior emoção, tentando ignorar que aquela afirmação não poderia ser casual.

– Estranha, essa moça, não? – comentou ela, cautelosamente.

– Por que diz isso?

– Quando a vi pela primeira vez, ela me pareceu decidida, esperta, cheia de atitude. Uma mulher ardilosa tentando se fazer passar por uma pobre dona de casa traída.

– E agora?

– Agora, não sei. Cheguei a pensar que ela podia ter alguma coisa com você, mas depois que a vi em seu consultório, fiquei em dúvida.

Danilo teve um sobressalto. Muito mais pela frieza com que ela dizia aquilo do que com a desconfiança em si. Ela o estava testando.

- Você achou que ela era minha amante?
- Achei. – Ela abaixou o aparelho. Retirou os óculos e olhou para ele. – E é?

O quarto adquiriu uma atmosfera de inquietação, ao menos ao redor de Danilo. O coração dele se arremessou contra o peito, quase escalando a garganta para fugir. Ele engoliu em seco, como se, com isso, fosse possível devolver o órgão a seu estado natural. Não foi. O coração parecia dar pulos de pânico, sentindo-se aprisionado não apenas pelo corpo, mas pelo medo de omitir a verdade, tanto quanto pelo medo de revelá-la.

Ele demorava a responder, visivelmente desassossegado. O quarto estava gelado, devido à baixa temperatura do ar-condicionado. Mesmo assim, gotas de suor salpicaram sua testa.

- E então? – insistiu ela. – É ou não é?
- Não – objetou ele, sem muita convicção.
- Nunca foi?
- Quer mesmo saber? – retrucou, sem ter para onde fugir.
- Eu já sei.

Marília soltou o Kindle em cima da cama. À meia-luz, suas lágrimas não eram visíveis, embora perfeitamente intuídas por Danilo. Ela saiu do quarto, sentindo o resultado irracional do ódio misturado ao amor. Danilo não teve coragem de ir atrás dela. Não sabia o que lhe dizer. Qualquer coisa que dissesse soaria como desculpa. Ela jamais acreditaria que ele a amava.

Passando pelos quartos das crianças, ela parou para olhá-las. Será que sofreriam se ela pedisse o divórcio? É claro que sim. No entanto, teriam que aceitar.

Seguiu adiante, sentando-se no sofá para assistir à televisão. Sintonizou num filme qualquer, ao qual não prestava a mínima atenção. Queria apenas

a companhia das cores e dos sons, para afastar o vazio que se abria em seu coração. Ficou ali por muito tempo, cochilando de vez em quando.

– Eu nunca devia ter me envolvido com ela – Marília ouviu Danilo dizer, atrás dela.

– Não devia mesmo – concordou ela, abrindo os olhos semicerrados, sem se voltar para ele.

– Eu posso explicar... – afirmou ele, sentando-se ao lado dela.

– Não precisa. Eu já sei.

– Sabe?

– É claro. Você vai dizer que estava insatisfeito, que eu sempre fui chata, e você queria emoção, porque nosso casamento era um tédio. Mas que você me ama e que a outra não representou nada além de uma aventura inconsequente.

Ele abaixou os olhos, envergonhado por ela ter adivinhado suas palavras.

– Sinto muito – sussurrou.

– Eu também.

– Você me ama?

– Se não amasse, não sentiria muito, não sentiria nada.

– Então, me dê mais uma chance.

– Por quê? Porque você me ama?

– Amo. Você nem imagina o quanto.

Ela deu um suspiro de desânimo. Após alguns minutos de silenciosa expectativa, respondeu:

– Não é assim que as coisas funcionam.

– Por quê? Eu amo você, amo muito você. Lizandra foi... uma aventura. Só isso. Não pode me perdoar? Me dar uma segunda chance?

– Posso perdoar e dar uma segunda chance. O que não sei é se poderei

voltar a confiar.

– Marília, por favor. – Ele se ajoelhou em frente a ela, segurando as mãos dela com firmeza. – Faço o que você quiser, mas não me deixe. Prometo que, se você me perdoar e me der mais essa chance, nunca mais darei motivos para você desconfiar de mim. Vou reconquistar a sua confiança.

– Não sei se acredito que isso seja possível. Pode ser que você acredite nisso, mas talvez esteja se enganando.

– Me dê mais uma chance! – implorou. – Vou provar para você, eu juro. Nunca mais verei Lizandra, nunca mais! Terminei com ela por causa de você, porque é a você que amo.

– E o garoto?

A pergunta o deixou confuso. De repente, viu-se diante de uma escolha quase impossível de fazer. Colocou tudo numa balança. De um lado, a mulher e os filhos, a quem amava acima de tudo. De outro, o amor à profissão e a lealdade a seu juramento.

– Posso passá-lo a um amigo – considerou ele, com cautela. – Alguém de confiança, que trabalhe com homeopatia.

– Quem? Sua amiga, que propôs tirar um pedacinho do cérebro dele?

Ele estranhou a ironia. Do jeito que ela falava, parecia até que não concordava que ele passasse o caso adiante.

– Ela não é homeopata. Mas conheço outros...

– Neurologistas?

– Não. Mas isso não importa. A homeopatia cuida do doente como um todo, você sabe.

– Não é isso que eu quero – contestou ela, balançando a cabeça, com decisão. – O garoto confia em você, acha que você vai curá-lo. E depois, ele

não tem nada com isso. Não é culpa dele se a mãe resolveu se envolver com seu médico. Então, vá em frente. Cumpra o seu dever, cuide do menino.

- Como posso fazer isso, sabendo que você sabe?

- Como pode não fazer, sabendo que é sua responsabilidade?

- Meu amor por você e pelas crianças vem em primeiro lugar.

- Eu sei. E é por isso que estou dizendo para você curar o menino. Não pense que é fácil, para mim, dizer isso. É bem difícil, na verdade. Está consumindo muito da minha energia, mas é assim que tem que ser.

- Por que está fazendo isso?

- Já disse.

- “Porque é assim que tem que ser” não é suficiente.

- Sou mãe, Danilo, e tenho consciência. Como acha que eu me sentiria se o menino piorasse por causa do meu ciúme e do meu orgulho?

- Acha que é só isso? Uma questão de ciúme e de orgulho?

- Precisa de algo mais?

- Não sei o que dizer... – murmurou, entre a vergonha e a emoção.

- Como eu disse antes, perdoar e dar outra chance é fácil. O que estou lhe dando é um voto de confiança.

- Marília... – parou de falar, a voz embargada. – Você não pode imaginar como estou me sentindo. Estou aliviado, feliz, envergonhado...

- Não é para menos. Agora, tem uma condição.

- O que você quiser.

- Esse assunto está encerrado. Pode ter certeza de que não vou ficar aqui imaginando se você voltou a me trair ou não. Vou confiar integralmente em você. De agora em diante, se você me ouvir pronunciar o nome de Lizandra novamente, é porque descobri alguma coisa e perdi a confiança em você. Da próxima vez, não tem volta.

– Isso nunca vai acontecer. Eu juro!

– Não precisa jurar. Mostre que você realmente me ama e tudo voltará a ser como antes.

Ele a abraçou e beijou com uma felicidade incontida. Não duvidava das palavras dela, muito menos de suas intenções. Era grato pela chance que ela lhe oferecia, pela confiança que lhe devolvia de forma tão desprendida. A sombra da dúvida passou longe dos pensamentos dele; mais ainda, de seu coração. Com ela envolvida por seus braços, tinha certeza de que nunca mais a trairia.

Capítulo 44

Logo na primeira semana após o início do tratamento homeopático, Rodrigo começou a demonstrar sinais de melhora. As crises haviam diminuído significativamente, a mente parecia mais límpida, menos embaralhada pelos distúrbios neurológicos e espirituais. Iniciava, inclusive, a oferecer resistência ao assédio de Camélia.

Passado o primeiro mês, quase não exibia mais sintomas da enfermidade. As convulsões cessaram inteiramente. E, por mais que Camélia tentasse, não encontrava facilidade alguma para chegar até ele. Reencontrando o equilíbrio, Rodrigo ia, aos poucos, rompendo a sintonia com ela.

– Estou impressionado – admitiu Vítor, à mesa do café da manhã. – Não acreditei quando o dr. Danilo disse que a melhora seria tão rápida.

– Você é muito cético mesmo, não é? – contrapôs Lizandra. – Depois diz que tem a mente aberta.

– Eu tenho a mente aberta – tornou aborrecido. – Mas é que todo mundo diz que os remédios da homeopatia demoram a fazer efeito.

Antes que Lizandra tivesse tempo de responder, Rodrigo entrou na cozinha. Vinha com ar animado, aspecto saudável, muito diferente do ar fantasmagórico de alguns dias atrás.

– Bom dia – cumprimentou ele, sorrindo amistosamente.

– Bom dia, meu amor – respondeu Lizandra, sentando-o em seu colo. – Como estamos hoje?

- Muito bem.
- Que maravilha!
- Isso é ótimo, meu filho – concordou Vítor. – Sinal de que a homeopatia está fazendo efeito.
- Agora sente-se e tome seu café. Anita fez panqueca de maçã. Está com fome?
- Morrendo de fome!
- Então, coma tudo – falou Anita, servindo-lhe uma panqueca quentinha. – Vai querer com mel ou geleia?
- Só com canela, Anita. – Ela polvilhou a panqueca. – Está bom, obrigado.

O barulho de xícaras e talheres se batendo irritou os ouvidos de Camélia, que seguia os passos de Rodrigo, sem poder se aproximar. Quando ele dormia, era mais fácil. A libertação do perispírito dele facilitava o encontro. Desperto, porém, ele a evitava.

- Mamãe, nós conhecemos alguma Camélia? – indagou ele, de repente, para grande espanto do espírito.
- Camélia... – repetiu a mãe, pensativa. – Que eu me lembre, não. Por quê?
- Por nada. Curiosidade. É que, às vezes, sonho com alguém com esse nome.
- Quem? – estranhou Vítor.
- Não sei. Por isso que perguntei.

Vítor e Lizandra trocaram um olhar de entendimento. Até Anita, que acreditava no mundo invisível, pareceu compreender o significado daquele sonho.

- Não é nada, meu filho. Provavelmente, apenas um nome que você

ouviu na televisão.

– É. Pode ser.

– Já está pronto para a consulta? – tornou Lizandra, notando que ele acabara de comer.

– Ah, mãe, tenho mesmo que ir? Já estou me sentindo melhor.

Ao ouvir o protesto de Rodrigo, Camélia deu um pulo. Era exatamente isso que ela lhe dizia nos sonhos! Insistia que ele já estava bom, que não precisava mais de médico, que os pais estavam exagerando. Não seria melhor brincar ou visitar o Bruce?

Ainda não inteiramente recuperado, Rodrigo recebia as sugestões de Camélia, pensando tratar-se de seus próprios pensamentos. A mãe fraquejou por uns momentos, comovida com o ar de desapontamento dele. Por sorte, Vítor não teve a mesma reação.

– Você se lembra do que o dr. Danilo falou, não se lembra, Lizandra? – observou ele, um pouco incisivo demais. – Vai fazer justamente o contrário?

– É claro que não! – protestou ela, afastando a “peninha” que sentia dele. – Você vai ao médico, sim, Rodrigo. É para o seu bem. Você ainda não está curado.

Camélia ficou furiosa, mas não pôde fazer nada. Foi obrigada a assistir à partida de Rodrigo, sem poder intervir. Tampouco quis acompanhá-lo. Se pudesse agredir o médico, bem que daria um pulo lá. Mas havia algo naquele consultório que a intimidava, tolhia seus gestos e inibia seus ataques. Em casa, pelo menos, ficava livre para pensar.

Se Moisés a visse, diria que ela estava melhor sem a cadeia energética que erguera em volta dos dois. Ela não compreendia como uns remedinhos à toa tinham tanto poder. Assim que Rodrigo começou com a medicação, as garras que ela enfiava nele, feito tentáculos venenosos, começaram a ser

expelidas. Em pouco tempo, se soltaram, retornando para ela como fios elétricos desgovernados. Sentiu-se vítima de sua própria arma.

As mãos não voltaram ao normal, mantendo a aparência estranha de garras disformes. Na ponta de seus dedos, um fiozinho energético ainda pendia, pronto para reingressar nos centros nervosos de Rodrigo, tão logo ele se descuidasse da medicação. Enquanto ele não estivesse forte o suficiente para rechaçar de vez os seus ataques, ela permaneceria ali, tentando, insistindo, lutando, até que ele cedesse ou a mandasse embora de uma vez.

A energia vital das crianças é a força motriz que as impulsiona a crescer. Qualquer alteração nessa energia provoca um abalo em sua sensibilidade, e uma reação imediata é acionada pelos seus corpos sutis, que tentam recuperar o equilíbrio energético.

Toda enfermidade possui raízes em distúrbios emocionais e mentais. Por detrás da aparência frágil e inocente de cada criança, existe um espírito que já passou pela Terra inúmeras vezes, acumulando, ao longo dos séculos, tanto créditos quanto débitos na contabilidade da consciência. Créditos e débitos, nesse sentido, nada mais são do que atitudes que permitem ou impedem a entrada da luz na consciência humana, determinadas pelas virtudes ou intemperanças de emoções e pensamentos.

Trazendo no íntimo, de forma não consciente, uma complexidade de comportamentos viciosos, a criança não está imune à manifestação dos sintomas daí decorrentes. É preciso, portanto, corrigir os fatores emocionais e mentais responsáveis pela geração ou repetição da conduta imprópria, a fim de que a energia vital reencontre seu equilíbrio e elimine a raiz da doença. Como a busca desse equilíbrio é inata na criança, cujo objetivo imediato é crescer e se desenvolver, ela consegue assimilar muito

bem a medicação homeopática, que tem por função, justamente, provocar o reequilíbrio buscado por aquele pequeno ser.

Sabendo disso tudo, não foi surpresa, para Danilo, a resposta de Rodrigo aos medicamentos. Após um exame completo, o médico fez várias perguntas, que ele respondeu com clareza, sem muita necessidade de intervenção dos pais. Contou como se sentira durante aquele mês, quais foram suas reações, se tivera alguma mudança orgânica ou no comportamento e coisas do gênero. O que ele não sabia responder, os pais faziam por ele. Quando a consulta terminou, Danilo estava bastante satisfeito.

– Excelente, Rodrigo – elogiou, premiando-o com um chocolate. – Não é todo mundo que ganha esse prêmio, viu? Só os meus pacientes que se comportam melhor.

– Obrigado – disse Rodrigo. – Vou guardar para depois.

Vítor pigarreou de leve, olhando para o filho discretamente. Tinha algumas perguntas para fazer a Danilo, mas não queria que o menino escutasse. Conforme havia combinado com Lizandra, ela saiu com ele para beber um refrigerante. Depois, o marido lhe contaria o resultado da conversa.

– Não vou demorar, doutor, prometo – comentou Vítor, preocupado em não avançar no horário do próximo paciente. – Só quero esclarecer uma dúvida.

– Pois não. O que quer saber?

– Rodrigo hoje nos perguntou de uma tal de Camélia. Nunca ouvimos falar em ninguém com esse nome. Até aí, tudo bem, ele podia tê-lo ouvido em qualquer lugar. Mas o que achamos estranho é que ele tem sonhado com ela ultimamente. O que quero saber é: o senhor acha possível que seja

algum espírito?

A pergunta pegou-o de surpresa. Danilo pensou por uns instantes antes de responder. Não podia correr o risco de dar uma explicação errada, principalmente porque aquele não era um campo que ele dominasse totalmente.

– Difícil dizer – começou, com cautela. – Não sou nenhum especialista no assunto.

– Tudo bem. Mas, na sua opinião, pode ser que sim, ou essa hipótese é totalmente absurda?

– Absurda não é. Ao contrário, é possível, é viável, é até provável. Mas não é uma certeza. Agora, se vocês estão em dúvida, e querem mesmo saber, aconselho-os a procurar um centro espírita.

– Talvez façamos isso. Não sei. Não quero ser chato nem repetitivo, mas ainda não estou plenamente convencido. Afinal de contas, o que pode um espírito querer com meu filho, uma criança inocente e indefesa?

Danilo olhou para ele com desânimo. Aquela era uma pergunta típica dos céticos e ignorantes, que nada sabiam a respeito de reencarnação ou da lei de causa e efeito. Escolhendo bem as palavras, tentou elucidar da melhor forma possível:

– Não sou espírita, embora um estudioso dos fenômenos espirituais. Acredito, firmemente, no chamado mundo invisível. Existem outras consciências por aí que são magnetizadas ou repelidas por nós, de acordo com o padrão vibratório de nossos sentimentos e pensamentos. Sem exceção, somos todos sensíveis o suficiente para sentir sua influência. Mas algumas pessoas nasceram com essa sensibilidade mais aguçada do que outras, o que quer dizer que podem não apenas sentir, mas identificar essas influências, ou mesmo interagir com elas. E como tudo gira em torno da lei

de atração, cada pessoa magnetiza seus semelhantes, que passam a interferir em sua vida com maior ou menor intensidade, de acordo com o grau de identificação entre a pessoa e a consciência magnetizada, ou espírito, se assim preferir chamar.

– Quer dizer, então, que meu filho é uma pessoa sensível e, por algum motivo, acabou magnetizando um espírito afim?

– De uma certa forma, sim.

– Mas que afinidade pode ter uma criança com essas... consciências malignas?

– Nesta vida, talvez nada. Mas em outra, não sabemos.

– Não sei em que acreditar, doutor – confessou ele, com sinceridade. – É tudo muito novo para mim.

– Crer ou não crer em espíritos é indiferente para o tratamento. É claro que a fé auxilia bastante, já que é capaz de operar milagres. A crença ajuda, mas a falta dela não atrapalha. Tenho pacientes de várias religiões, que não acreditam em espiritismo nem nada do gênero, mas que seguem o tratamento à risca e têm obtido sucesso. Católicos, batistas, ateus... Tem de tudo por aqui. A maioria não faz qualquer tipo de questionamento. Ninguém me pergunta nada. Só o que as pessoas querem é ser curadas. Elas não se ligam em energia, dinamização, vidas passadas... Muitas nem sabem que essas coisas existem, ou não acreditam. Mas se fazem tudo direitinho, têm uma grande chance de cura. Se não fazem, põem tudo a perder. Agora, se existe uma influência, ela vai ser mais intensa quanto maior a incredulidade da pessoa. Como cada um vai lidar com isso é muito individual. Não tenho como dizer. Quando os alertei sobre essa possibilidade, foi porque achei que vocês tinham a mente aberta e conseguiriam compreender.

– Nós compreendemos. Tanto que Rodrigo não queria vir, mas eu insisti.

– Se ele não queria vir, é muito provável que estivesse sendo influenciado. Vocês fizeram bem em trazê-lo.

– Foi o que pensei.

– E se isso aconteceu, tomem ainda mais cuidado nos dias de consulta. Pode ser que ele passe mal ou fique doente. Ainda que isso aconteça, não deixem de vir. Lembre-se de que sou clínico geral, não apenas neurologista. Posso lidar com qualquer enfermidade.

– Obrigado, doutor. Não quero atrasá-lo mais. O próximo paciente já deve estar esperando.

– É verdade.

– Foi muito bom conversar com o senhor. Estou suficientemente esclarecido. De agora em diante, vou ficar ainda mais atento a Rodrigo. Querendo ou não, ele vai vir a todas as consultas.

– Fico mais tranquilo assim. Até a próxima, então.

– Bom dia, doutor.

Ao deixar o consultório, Vítor ainda relutava em aceitar que Rodrigo estivesse sob a influência de um espírito. Em casa, dividiu com Lizandra as informações colhidas, sem saber que mais alguém as partilhava com eles. Camélia ouviu tudo atentamente, ora se irritando, ora se desesperando. Sentia que o cerco se fechava sobre ela de tal forma, que não demoraria muito para que fosse vencida.

Precisava estar preparada. Não queria sair do lado de Rodrigo, mas agora começava a se perguntar se valeria mesmo a pena insistir em algo que, até então, só lhe trouxera sofrimento. Porque ela já não aguentava mais. No limite de suas forças, reconheceu, pela primeira vez, que estar com Rodrigo não lhe dava mais nenhum prazer. Só dor, angústia e solidão.

Capítulo 45

O que Moisés sentiu ao entrar no apartamento de Lizandra foi inesperado. Preparado para encontrar a força daninha, opressiva e deletéria de Camélia, surpreendeu-se com a inusitada sensação de leveza e tranquilidade.

A algazarra no terraço o atraiu para lá. Fazia um calor insuportável. A temperatura de quase 40 graus contribuiu para o processo de restabelecimento da alegria em família, reunida na piscina, onde Vítor apostava corrida com Rodrigo por debaixo d'água. Lizandra fazia às vezes de juíza, dando a palavra final ao vencedor, que era, quase sempre, o filho. Os três riam, esbanjando felicidade. Da doença, não havia nem sinal.

– Como vai, Camélia? – saudou ele, aproximando-se do espírito, sentado no guarda-corpo do terraço.

– O que você acha? – respondeu de mau humor.

– Se não está bem, deveria estar. A alegria deles é contagiante.

– Acha mesmo?

– Acho.

– Bom pra você.

– Dá um tempo, Camélia! Isso já está ficando monótono.

– O quê? A minha frustração? O meu ódio?

– Não. A sua insistência em algo que você já perdeu.

– Não perdi nada! – enfezou-se.

– Perdeu, sim. Perdeu essa batalha, Camélia. A vitória foi deles – sentenciou, apontando-os com o queixo. – Ou melhor, a vitória foi do bem,

como sempre acontece.

– Você agora deu para ser engraçadinho, é?

– Você acha que isso é engraçado?

– Você não passa de um traidor, Moisés! Ensinei-lhe tudo o que sei, e é assim que você me retribui.

– Assim como?

– Assim, desse jeito... tentando me tirar daqui. Não se esqueça de que cheguei primeiro!

– Longe de mim querer tirar você daqui! O que quero, Camélia, é vê-la bem.

– Só tem um jeito de me ver bem – tornou emburrada, olhando para Rodrigo.

– Desse jeito, não dá – objetou ele, seguindo o olhar dela. – Ele agora é livre. Você também não quer ser?

– Se ainda não reparou, eu sou livre – disse, exibindo as mãos, de onde os fios energéticos pendiam, ínfimos e inertes. – Não estou mais ligada a ele.

– Está. A simbiose pode ter se rompido, mas não foi totalmente desfeita.

– Você quer dizer que, a qualquer momento, posso restabelecer nossa sintonia? – animou-se.

– Teoricamente, sim, é possível. Mas infinitamente improvável. Se você ainda não reparou, a energia de Rodrigo se estabiliza cada dia mais. E, cada dia mais, quem sofre é você. Eles nem sabem que você está aqui.

– Rodrigo sabe. Ele sonha comigo.

– Por isso a vê como um sonho. Não como uma pessoa de verdade.

– Os pais dele desconfiam.

– Muito bem, Camélia! Foi descoberta por quem tem o poder de mandá-

la embora.

– Eles não têm poder nenhum – rebateu, irada.

– Eles, não. Mas estão em condições de encontrar quem tenha. É isso que você quer? Que eles procurem um centro espírita, por exemplo, e tragam até aqui médiuns para fazer uma limpeza espiritual e levar você aprisionada? Sim, porque aí, não tem jeito. Você sai, nem que seja na marra.

– Saio, mas volto.

– Não volta. Você não é uma assombração presa a um castelo. É um espírito em desequilíbrio, atada ao desequilíbrio de outra pessoa. Se essa pessoa entra nos eixos, você, *puf!* Desaparece – concluiu ele, fechando e abrindo os dedos de ambas as mãos.

– Está se divertindo, Moisés? – indagou, ainda mais furiosa. – Eu tenho cara de palhaça?

– Você? Não. Sempre achei-a inteligente, meiga, bonita...

– Pare com esse deboche!

– Não é deboche – objetou ele, em tom conciliador. – É preocupação. Estou fazendo o que posso para que você compreenda que é a que mais sofre com tudo isso. Veja o seu estado, veja o deles. Quem lhe parece mais infeliz?

Ela obedeceu. Durante vários minutos, acompanhou a balbúrdia da família. Os três mergulhavam, jogavam água, se abraçavam. A pequena piscina transbordava, de tanta alegria.

– Não enche – foi a resposta malcriada.

Ela se virou de costas para ele, as pernas penduradas para o lado de fora, ameaçando precipitar-se do guarda-corpo.

– Não vai adiantar nada – observou ele, calmamente. – Você já está morta. Esqueceu? E já faz tanto tempo, que nem a sensação da dor você vai sentir.

– Eu não me esqueci – afirmou ela, substituindo a irritação pela tristeza.
– E é justamente por não esquecer que não consigo partir. Sinto-me ligada a ele. Eu ainda o amo. E ele me ama. Sei que ama, mas Lizandra não permite que ele perceba. Quer Rodrigo só para ela.

– Ouça a si mesma, Camélia. Não é possível que você, com a inteligência que tem, acredite mesmo nisso. Você sabe que eles vivem outra vida agora. Não se lembram de nada do passado. Nascerem como mãe e filho foi uma escolha dos dois. Já lhe passou pela cabeça que eles podem estar tentando, justamente, substituir a paixão deletéria do passado por um amor mais puro, mais genuíno? Não há nada mais verdadeiro do que o amor de mãe.

Camélia o encarou com as sobrancelhas erguidas, emoldurando seu olhar de espanto.

– Nunca havia pensado nisso – reconheceu, abismada.

– Pois então, pense agora.

Ela pensou, refletiu, ponderou. Depois de algum tempo, voltou a questionar, ainda com teimosia:

– Se é assim, por que não vim junto com eles?

– Não acredito que você está me fazendo essa pergunta. Por acaso, você aceitou ajuda? Aceitou seguir o caminho natural do pós-desenlace, receber tratamento adequado, ser instruída, esclarecida, orientada para, depois, se preparar para o reencarne? Hein, Camélia, você fez isso?

– Não – sussurrou, vencida.

– Pois então, como queria vir junto deles? Ou você pensa que é tão inteligente que poderia fazer tudo sozinha?

– Isso nem me passou pela cabeça – redarguiu, envergonhada.

– Sei que não. Mas agora, você pode começar a pensar nisso. Não seria bom ter a chance de vir nessa família e acabar, de uma vez por todas, com o

ódio, a inimizade e a vingança? Não é muito melhor serem todos amigos?

– Não vejo como possa conseguir isso. Não dá mais para Rodrigo me esperar. Uma reencarnação leva tempo. Quando eu nascesse, na certa, ele já estaria velho. Não poderia mais ser meu marido.

– E seu pai? Já pensou nisso? Ele poderia ser seu pai, e Lizandra, sua avó.

– Pai?! Mas se ele for meu pai, não poderemos... – calou-se, ainda com mais vergonha.

– Fazer sexo? É isso que é importante? O que vem primeiro, Camélia? O sexo ou o amor?

– Às vezes, é o sexo que precede o amor. A gente pode se envolver com alguém sexualmente, e o amor acaba vindo depois.

– Não foi no sentido do quê antecede o quê numa relação que eu falei, e sim no de prioridade. Mas tudo bem, vou refazer a pergunta: o que você quer reconquistar em Rodrigo? O sexo ou o amor? Agora ficou bem claro?

– Ficou.

– E então?

Ela olhou para os lados, tentando achar um meio de fugir à pergunta. Não encontrou.

– É o amor, Moisés – falou, não sem irritação. – Era isso que você queria ouvir?

– Queria ouvir a sua resposta sincera. Essa é sua resposta sincera?

– Você está me tratando feito criança! – protestou, elevando a voz. – Não se esqueça de que fui eu que lhe ensinei essas coisas.

– Você me ensinou muitas coisas, pelas quais serei eternamente grato, já disse. Você foi minha amiga quando pensei não ter mais ninguém. Me ajudou muito, reconheço. E é por isso que quero ajudar você também. Eu a amo, Camélia, de verdade.

– Você o quê? – espantou-se. – Você me ama?

– Amo.

– Mas como? A gente mal se conhece!

– Estamos no plano das emoções, onde nossas emoções vibram com mais intensidade e sem as interferências da matéria física. Aqui, elas rolam soltas, não dá para a gente mentir ou disfarçar. Quem sente ódio, por exemplo, não consegue ocultá-lo nem fingir que não sente. É instantâneo. Nosso corpo todo é feito disso. E já que as emoções andam por aqui sem censura nem questionamentos, basta que elas cheguem a nós e pronto. A gente logo as recebe. Sem perguntar por quê, sente.

A revelação foi inesperada, surpreendente, tocante. Camélia passou a vê-lo de um jeito diferente. Não era apenas a indumentária, que ele substituíra por roupas limpas da outra vez que o vira. Era algo no seu semblante, uma paz evidente, uma certeza que transmitia segurança.

– Você é uma caixinha de surpresas – comentou ela. – Nunca poderia imaginar que aquele mendigo se revelaria uma pessoa tão madura e sensível.

– Não apenas eu. Você está pronta para seguir. É mais madura do que eu, sabe muito sobre o lado invisível da vida. Por que desperdiçar tanta inteligência e sabedoria com coisas que não valem a pena e só atrapalham a sua felicidade? Não acha que seria mais útil empregar tudo o que sabe para ajudar alguém, para ajudar a si mesma, em primeiro lugar? Que vida é essa que você leva, Camélia, que não faz bem nem a você, nem a ninguém?

– Você tem razão, Moisés – concordou ela, dando liberdade à mente para usar de seu intelecto sem o veneno da emoção desregrada. – Isso não é vida.

– É claro que não.

– Estou cansada...

- Deve estar mesmo.
- Eu gosto de aprender, de me instruir, de estar por dentro das coisas. Já lhe falei que gostaria de ser professora?
- Ainda está em tempo.
- E se eu não puder reencarnar com ele? Sei que tem uma hierarquia lá em cima. A gente não sai por aí fazendo o que quer. E se um “graudão” do astral disser que eu não posso reencarnar, já era. Terei que ficar por lá, trabalhando pela minha melhora.
- Não acho que trabalhar pela própria melhora seja algo tão ruim assim.
- Você entendeu o que eu quis dizer.
- Tudo bem. E se eu lhe disser que estou autorizado a lhe garantir que você poderá reencarnar junto a Rodrigo? Você acredita?
- E você está?
- Estou.
- É sério isso? – duvidou, querendo acreditar. – Não está falando só para me convencer?
- Eu jamais mentiria para você, Camélia. Ainda mais com uma coisa dessas. Foi minha mãe quem me pediu para vir aqui e lhe dar a notícia. Parece que alguém lá em cima se preocupa com você.
- Tenho muitos amigos por lá, na verdade... É que já estive lá várias vezes. Em todas, acabei fugindo.
- Não está na hora de parar de fugir? De aceitar a chance que estão lhe oferecendo e desistir dessa perseguição inútil? Mais ainda, de refazer as relações, desmanchando o ódio e, sobre ele, erguendo a construção sólida do amor? O ódio é uma coisa poderosa, mas não é eterno. Com o tempo, ele enfraquece e cai. O amor que vem a seguir é que dura para sempre.

Alívio. Foi o que ela sentiu quando ele terminou de falar. Não

propriamente pelas palavras, mas pela decisão que, através delas, era capaz de tomar. Os grilhões invisíveis se despedaçaram diante dela, libertando-a, de uma vez por todas, da energia de Rodrigo. Era uma sensação muito boa, que ela não experimentava fazia muito tempo.

– Quero partir – afirmou, com convicção.

Num último e breve olhar, despediu-se de Rodrigo. Fitou Lizandra também e o que sentiu a deixou ainda mais aliviada, uma sensação positiva de otimismo, de fé, de esperança. A certeza de que nada nunca está perdido. Sempre existe a chance de recomeçar. Mesmo quando a morte ceifa a vida, o recomeço acena com a obstinação própria da incessante renovação que é reencarnar.

Capítulo 46

A empresa de construção em que Ítalo trabalhava fornecia plano de saúde, cuja cobertura estendia-se à enteada. Isso possibilitou levar Larissa a um bom hospital particular, onde ela foi prontamente atendida e medicada.

– Graças a Deus! – desabafou Priscila. – Bendito plano de saúde. Da outra vez, ela foi atendida no SUS!

Acompanhada de Ítalo, Priscila seguiu o enfermeiro, que conduzia Larissa em uma cadeira de rodas.

– Só pode entrar um responsável por vez – anunciou ele, assim que alcançaram a porta do atendimento.

– Eu vou – decidiu Priscila, passando junto com a filha.

Levou quase duas horas até que ela retornasse, sem a menina. Ítalo e os demais acercaram-se, ansiosos por notícias. Por sorte, as queimaduras, embora de segundo grau, puderam ser tratadas no pronto-socorro, não havendo necessidade de enxertos nem cirurgia. Felizmente, os primeiros socorros prestados por Roberta impediram as bolhas de estourar, mantendo a pele intacta.

– Como ela está? – o marido foi o primeiro a indagar.

– Bem, na medida do possível. Teve queimaduras de segundo grau que, graças aos primeiros socorros prestados pela sua mãe, não infeccionaram. E ela também hidratou bastante as lesões, de forma que o médico acha que não vai precisar fazer raspagem para retirar a pele morta.

– Quando é que ela vai sair?

– Só amanhã, se tudo correr bem. Ela levou uma pancada forte na cabeça e vai precisar ficar em observação. Pode ter sofrido uma concussão. Está um pouco confusa, com dor de cabeça e bastante sonolenta.

– Isso é grave?

– O médico acha que não, mas somente poderá fazer uma avaliação mais segura depois da ressonância magnética.

– Você vai dormir aqui com ela? – perguntou Ítalo.

– Vou, claro.

– Certo, meu bem. Ela é menor, tem direito de ficar com a mãe. Quer que eu traga alguma coisa de casa?

– Não precisa. Vou dormir do jeito que estou. E tenho uma *nécessaire* na bolsa, onde carrego pequenos itens higiênicos de viagem.

– Gostaria de ficar também.

– Não pode. Só permitem um acompanhante. Mas você pode ficar até o fim do horário de visitas, que é às oito da noite.

– Então, ficarei.

Ela assentiu, fitando o rosto dele com imenso desgosto. Não demorou muito e as lágrimas fizeram tremular seus lábios.

– Não chore, Priscila – Isabela confortou. – Ela vai ficar bem.

– Eu sei... Mas dói tanto ver minha filhinha sofrendo daquele jeito!

– Vai passar.

– E ela falou uma coisa estranha.

– Que coisa?

– Ela disse que ouviu dona Roberta dizer: “Vou pagar por esse pecado. Deus vai me punir pelo que fiz”.

– E daí? – acrescentou Ítalo. – O que você acha que isso significa?

– Parece óbvio, não?

- Para mim, não.
- Pois para mim, está na cara que ela quis dizer que foi sua mãe quem provocou a explosão.
- O quê?! – indignou-se Ítalo, quase bufando de incredulidade. – Minha mãe? Que maluquice é essa, Priscila? Está acusando minha mãe de tentar explodir a cozinha?
- Estou apenas repetindo o que Larissa falou.
- Engraçado. Se entendi bem, o que Larissa falou foi algo do tipo: pagar pelos pecados e ser punida por Deus. Não me lembro de você ter dito que ela tenha feito alguma referência à explosão.
- E por que outro motivo Deus iria punir sua mãe pelo que ela fez?
- Sei lá! Ela pode ter feito tantas coisas... E quem garante que foi isso mesmo que Larissa ouviu? Ela sofreu uma concussão, está confusa.
- Pode ser, mas eu duvido. Acho que sua mãe é bem capaz disso. Não concorda comigo, Isabela?

Apanhada de surpresa, Isabela gaguejou, mas não respondeu. Não queria se envolver naquela história. Que achava possível, isso achava. Tanto que cochichou ao ouvido de Wilson que ligasse para o filho e o mandasse para casa. Roberta não era uma pessoa confiável.

- Ora, Priscila, francamente! – objetou Ítalo, irritado. – Isso é um absurdo! Além de uma grande injustiça.
- É por isso que vamos conversar com a sua mãe primeiro. Vou dar a ela a chance de se explicar. Mas se ficar provado que foi ela mesma quem causou a explosão, não vai ter jeito. Ela vai precisar ir embora de nossa casa.
- Você está louca, Priscila! Só porque você e mamãe não se dão, não significa que ela faria mal a uma criança. Mamãe foi enfermeira! Você mesma reconheceu que os curativos que ela fez ajudaram a evitar infecção,

raspagem e sei lá mais o quê.

– Eu só repeti o que os médicos disseram.

– Isso quer dizer que você acha possível que minha mãe quisesse queimar a Larissa? De propósito?

– Sinceramente, não sei o que pensar. Sua mãe já machucou Larissa uma vez.

– Foi diferente! Você está usando os delírios de uma criança como pretexto para expulsar minha mãe.

– Eu jamais faria isso!

A tensão que os cercava tornou-se quase intolerável. No meio da discussão, Wilson aproveitou para sair e ligar para o filho.

– Procurem se acalmar – pediu Wilson, quando voltou para junto deles.

– Essa discussão não vai levar a nada.

– Tem razão – concordou Ítalo, sem ocultar a mágoa.

– Vocês podem ir, se quiserem – disse Priscila aos amigos. – Já fizeram muito por nós. Agora, não há muito o que fazer, a não ser aguardar.

– Tem certeza? – tornou Isabela, segurando as mãos dela. – Sabe que pode contar conosco, não sabe?

– Sei sim, mas não tem necessidade de vocês deixarem a pizzeria sozinha por mais tempo. E tem o André também.

– Se é assim, nós vamos – concordou Wilson.

– Qualquer coisa que precisar, por favor, telefone, está bem? – Ela assentiu. – Promete?

– Prometo. E obrigada por tudo. Como sempre, vocês foram fantásticos.

– E você, Ítalo? – perguntou Wilson. – Vai ou fica?

– Se você não se incomodar, Priscila, vou com eles – falou Ítalo, como se estivesse se desculpando por sentir tanta mágoa. – Quero ver como estão as

coisas em casa.

– Não me incomodo – assegurou ela. – Pode ir. Larissa e eu ficaremos bem.

– Ligue, se precisar de alguma coisa.

– Pode deixar.

Ítalo era, todo ele, um único bloco de angústia. Beijou-a na boca, sem frieza, porém, com um pesar tão intenso, que ela sentiu como se tocasse os lábios de um homem agonizante.

– Eu te amo – sussurrou ela.

Ele não respondeu. Balançou a cabeça em sinal de concordância, sem encontrar palavras capazes de revelar seus sentimentos. Fez uma carícia no rosto dela antes de partir, sem se voltar.

Ítalo entrou em casa a passos arrastados, temendo o que iria encontrar. A sala escura o envolveu em uma atmosfera sufocante de tragédia. O cheiro de feijão queimado espalhara-se pela casa toda, sobrepondo-se ao odor suave do limpa piso de lavanda com que Priscila costumava esfregar o chão. De forma mecânica, estendeu a mão para o interruptor e acendeu a luz. Quase imediatamente após o clique, uma suavidade amarela inundou o ambiente, tornando visível a poltrona diante da porta, onde Roberta jazia, a cabeça tombada para o lado, adormecida.

Ele levou um susto. A princípio, pensou que ela estivesse morta, mas o movimento regular de subida e descida do peito indicava que não. Parou próximo a ela, analisando-lhe o rosto. A mãe possuía feições duras, que o tempo cuidara de enrijecer ainda mais. As rugas ao redor da boca pareciam sempre em movimento, acostumadas à reclamação. Os olhos, ainda que fechados, expressavam uma intolerância enraizada, que nem as pálpebras enrugadas conseguiam mascarar. E as mãos, crispadas sobre os braços da

cadeira, deixavam antever os ossos porosos se projetando por debaixo da pele seca.

Vista daquele jeito, ela parecia a personificação do mal. Talvez a impressão decorresse da experiência, dos anos vividos sob a opressão de regras austeras, intolerantes e pouco amorosas. Ainda assim, havia algo nela que mexia com ele. Ela era sua mãe.

Os cabelos brancos que se soltaram do coque desciam levemente sobre seu rosto, desenhando linhas cinzentas, quase imperceptíveis. Sugeriam um ar de angelitude decrépita, a única coisa que se poderia tomar por imaculada em meio à decadência física de seu corpo, reflexo de um declínio moral ainda maior.

Roberta abriu os olhos lentamente. A sombra dele precipitava-se sobre ela, tornando turva sua visão, embaciada pelas lágrimas acumuladas em sua vista imperfeita. Com o susto, Roberta apertou o coração, já bastante acelerado pelos episódios das últimas horas.

– Sou eu, mãe – disse Ítalo, segurando a mão dela com carinho. – Não se assuste.

– Ítalo... – balbuciou, passando a língua nos lábios ressequidos, aos poucos ressurgindo do sono. – Como está a Larissa?

– Das queimaduras, bem, graças à senhora. Mas teve que ficar em observação, por causa de uma possível concussão.

Ela apertou os olhos, como se pudesse impedi-los de expressar todo o medo e a dor que percorriam seu coração naquele momento.

– Concussão... – repetiu, já sabendo dessa possibilidade – É grave?

– Os médicos ainda não sabem. – Ele olhou ao redor e indagou: – Cadê o André?

– Foi para casa.

– Por que não nos esperou chegar?

Ela deu de ombros. Não queria contar que Wilson lhe dera essa ordem.

– Não consegui limpar a cozinha – desculpou-se, para mudar de assunto. – Estou me sentindo tão cansada!

– Não precisa se preocupar com isso. Eu mesmo limparei tudo. A senhora já fez demais.

– Não fiz nada que qualquer enfermeira formada não teria feito. O resto agora é com Deus.

Ítalo não estava acostumado a ouvir a mãe falar em Deus. Ela ia à missa de vez em quando, aos domingos, cumprindo um ritual mais social do que religioso.

– Mãe – chamou ele, com ternura, hesitando na escolha das palavras. – Preciso lhe perguntar uma coisa...

– Não precisa, não – cortou ela. – Já sei o que você vai perguntar. Antes, deixe-me contar-lhe tudo o que aconteceu, da forma como aconteceu. Depois, julgue-me como quiser.

Ele arregalou os olhos, temendo que ela confirmasse as suspeitas de Priscila. Engolindo em seco, puxou uma cadeira e sentou-se defronte a ela, encarando-a com expectativa e medo.

– Muito bem, mamãe. Conte-me o que houve.

Ela contou. Sem omitir nenhum detalhe, confessou seu crime. De cabeça baixa, Ítalo ouvia sem se mexer, quase sem respirar, evitando olhar para ela.

– E foi isso que aconteceu – encerrou, satisfeita com sua coragem.

– Eu a defendi, mãe – Ítalo conseguiu sussurrar, após longos minutos de silenciosa decepção. – Quase briguei com Priscila porque ela a acusou. Pensei que ela estivesse louca, que fosse só um pretexto. Mas não. A

senhora fez mesmo!

– Não foi por querer – defendeu-se ela. – Foi estupidez, burrice. Não foi um crime. Foi um acidente. Eu só queria estragar o feijão. Só isso...

A voz parecia um estorvo para a garganta. Ítalo também emudeceu, temendo a dureza das próprias palavras.

– A senhora sabe o que Priscila vai fazer – afirmou ele depois, com raiva.
– Sabe, não sabe?

– Sei.

– E que eu nada poderei fazer para evitar? – Ela assentiu, fracamente. – Então me diga, mamãe. O que a *senhora* pretende fazer?

– Nada.

– Nada – repetiu, frustrado.

– Nada – insistiu. – Simplesmente, vou embora.

– Simplesmente, vai embora – tornou, como se fosse o eco das palavras da mãe. – E quer que eu assista à sua partida em silêncio ou que eu brigue com Priscila e parta com a senhora?

– Nem uma coisa, nem outra. Quero que você continue com a sua vida e seja feliz.

– Dá para me explicar como farei isso, sabendo que a senhora está largada por aí?

– Quem foi que disse que ficarei largada?

– E não vai ficar?

– Não.

– Para onde pretende ir, posso saber?

Ela deu de ombros e retrucou vagamente:

– Quando souber, mando avisá-lo.

– Mamãe! – exasperou-se. – Isso não é hora para brincadeiras!

– Não estou com cara de quem está brincando, estou? – Ele não respondeu, mantendo o ar enfezado. – Estou tentando ser realista e objetiva. Sua mulher vai me expulsar daqui, é lógico. É o direito dela, não é? Afinal, ela não vive dizendo que a casa é dela?

– Não é bem assim, mãe.

– É exatamente assim. E se quer saber, sorte a dela. Já imaginou se a casa fosse sua também? Vocês iam acabar brigando. Quem sabe, até, se separando?

– Não é isso que a senhora sempre quis?

– Quis. Não quero mais. Falei sério quando disse que estou arrependida. Arrependo-me de tudo, não apenas de ter acendido aquele maldito fogo novamente. Arrependo-me, principalmente, de ter sido egoísta, mesquinha, maledicente. Eu nunca devia ter me metido na vida de vocês.

– Priscila não vai acreditar.

– É claro que não. Nem eu acreditaria, depois de tudo o que fiz. E pensar que tentei envenenar seu casamento, acusando Priscila de um caso que nunca existiu.

– Ah! Agora a senhora reconhece que foi tudo fantasia da sua cabeça.

– Não foi fantasia. Foi intriga. Dava para perceber que não havia nada entre os dois, mas eu queria que houvesse. Queria que ela me desse um motivo, um motivo apenas, para que eu o convencesse de que estava certa e que ela não era mulher para você.

– Por que, mamãe? Por que fez isso? Priscila a recebeu de braços abertos. Por que pôs tudo a perder?

– Ciúme, inveja, medo, ignorância, maldade. Pode escolher.

A escolha foi impossível. Todos aqueles atributos mesquinhos, e muitos outros mais, se aplicavam a Roberta. Ele deixou que ela fosse para o quarto.

Queria dizer alguma coisa, mas não havia mais nada a ser dito nem feito. Só esperar.

Capítulo 47

A cozinha parecia um campo de batalha. A área próxima aos destroços do fogão encontrava-se toda chamuscada. Feijão seco e queimado espalhava-se pelas paredes e pelo teto, onde a tampa da panela se enfiara. Azulejos, ferro e pedaços de alumínio misturavam-se ao caos. Para completar, o cheiro de fumaça havia impregnado a atmosfera da casa inteira.

A visão da cena medonha quase desanimou Ítalo. Precisava, porém, limpar tudo antes que Priscila voltasse, ou o ódio cresceria ainda mais em seu coração. Nem bem começou a retirar o entulho e Isabela e André surgiram na porta de trás. Vieram para ajudar.

Ele aceitou a ajuda com olhos agradecidos. Enquanto ensacava os destroços, ela e André esfregavam, limpavam, arrumavam do jeito que era possível. Quando terminaram, a impressão que dava era de que a cozinha passava por uma reforma.

– Não ficou cem por cento, mas foi o que deu para fazer – observou Isabela.

– Ficou ótimo. Nem sei como lhes agradecer.

– Não precisa. Fizemos por amizade a vocês. Não é, André?

O menino assentiu, olhando ao redor, satisfeito com sua participação no trabalho.

– Larissa vem hoje? – indagou o menino.

– Vem, sim. Irei buscá-la daqui a pouco.

– Wilson vai com você ao hospital? – perguntou Isabela.

– Não quero pedir isso a ele. Vocês já fizeram demais.

– Deixe de bobagens, Ítalo. Wilson é seu amigo. Vai ficar chateado se souber que você não quis lhe pedir ajuda. Quer saber? Eu mesma vou ligar para ele.

Na mesma hora, Wilson se prontificou a levar Ítalo ao hospital. Assim que a alta foi dada, os dois partiram para lá. Isabela deixou a pizzaria aos cuidados do empregado e voltou para arrumar o quarto de Larissa. Ela precisava de um ambiente saudável, limpo e fresco, livre da poeira e dos germes. Sempre com André, varreu, tirou pó, trocou lençóis, ajeitou os travesseiros. Em poucos instantes, o quarto estava feito novo. De Roberta, nem sinal.

Priscila nunca havia admirado tanto o marido quanto naquele momento. Ele, que sempre defendera a mãe, não hesitou em assumir que estava errado e contou o que ela lhe havia dito na noite anterior. Falou tudo com objetividade, sem rodeios, sem justificativas forçadas. Foi difícil, doloroso, quase impossível. Uma atitude nobre, honesta, que resultou na prova irrefutável da dignidade dele.

– Coitada, mamãe – apiedou-se Larissa. – Deve ter sido horrível para ela.

– Horrível foi para você, que sofreu as queimaduras e teve que ser internada.

– Mas eu tenho vocês. E ela, o que é que tem? Nada. Isso é que é horrível.

– Pode até ser. Mas não é motivo para ela fazer o que fez – rebateu Priscila, um pouco indignada. – Ela cometeu um erro gravíssimo. Um crime que quase acabou em morte.

– Que exagero, mãe! Foi um acidente.

– Isso quem disse foi ela. Nós não sabemos.

- Eu sei.
- Sabe como? Me diz.
- Ela cuidou de mim, não cuidou? Se fosse de propósito, teria me deixado lá para morrer.
- Era o mínimo que ela podia fazer, Larissa. Afinal, ela é enfermeira ou não é?
- Ela contou que foi o Bruce que ajudou?
- O Bruce? – estranhou Priscila, buscando a resposta em Ítalo, que se virou para trás.
- Ela não me falou nada sobre Bruce – informou Ítalo.
- Ah, não? E como é que vocês acham que ela, aleijada daquele jeito, ia conseguir fazer tudo sozinha?
- E eu é que sei? – retrucou Priscila. – Ela deu o jeito dela.
- O jeito dela foi o Bruce. Ela ficou sem a bengala. Quem a levou para ela foi o Bruce.
- E daí? Digamos que tenha sido. Isso não muda nada.
- Muda muita coisa. Só eu sei o esforço que foi para ela me carregar.
- Como é que você sabe? Não estava dormindo?
- O tempo todo, não. Acordei várias vezes com ela falando com o Bruce. Vi quando ele carregou a bengala na boca e entregou para ela. Quis até elogiar o Bruce, mas não deu. Estava doendo demais.

Uma troca de olhares significativa percorreu os quatro cantos do carro. Depois da revelação de Ítalo, a conversa praticamente se limitou a Priscila e Larissa.

Wilson foi o único que não disse nada. Deixou-os em casa e seguiu diretamente para a pizzaria. Ítalo entrou carregando a criança, tomando cuidado para não tocar suas feridas. A cabeça ostentava um galo imenso,

mas nada de concussão. Priscila entrou em seguida, resguardada no silêncio, procurando assimilar as palavras de Ítalo e de Larissa.

– Cadê a Nina? – foi a primeira coisa que ela perguntou.

– Está lá em casa – informou André, enquanto Ítalo a acomodava na cama.

– Foi você que cuidou dela?

– Eu e o Bruce.

– Você pode buscá-la para mim? Estou morrendo de saudades dela.

– Ela também está com saudades. Ficou numa tristeza só.

– Você precisa descansar, meu bem – alertou a mãe. – Daqui a pouco, o André traz a gatinha.

– Pode dormir, Larissa – tranquilizou ele. – Se você estiver dormindo quando eu voltar, coloco a Nina juntinho de você.

– Está bem. Estou mesmo me sentindo cansada.

– Então descanse – arrematou Priscila, acariciando seus cabelos. – Enquanto isso, vou preparar algo gostoso para você comer.

Ela bocejou e fechou os olhos, entregando-se ao sono. Priscila a beijou suavemente, pondo todo mundo para fora com um gesto educado.

– Mamãe? – chamou Larissa, quando apenas a mãe restava dentro do quarto.

– O que foi, querida?

– Vai perdoar a dona Roberta?

– Não sei. Ainda não pensei nisso.

Esperou para ver se ela diria mais alguma coisa. Como não dissesse nada, concluiu que ela havia adormecido. Nem bem alcançou o limiar da porta, Larissa chamou novamente:

– Mamãe?

- Sim, Larissa? O que foi desta vez?
- Você já ouviu falar em compaixão?

A pergunta foi tão inesperada, que Priscila sentiu o choque da surpresa cair sobre seus lábios. Ela abriu a boca num assombro mudo, perguntando-se de onde a filha havia tirado aquela ideia. Era uma insinuação de indulgência que a fez sentir raiva, medo, remorso, tristeza, horror, repulsa, pena, tudo ao mesmo tempo.

Sob o impacto do inesperado, chegou bem perto da cama. Larissa dormia serenamente. Nem parecia que fora ela quem havia falado aquilo. Priscila ficou paralisada, esperando que ela dissesse algo surpreendente outra vez. Ela nada disse. Dormia a sono solto. Priscila demorou para se convencer de que a menina não tornaria a despertar para lhe fazer outra pergunta estapafúrdia.

Quando ela saiu, Moisés saiu de seu esconderijo. Sabia que não podia ser visto, contudo, lhe agradava fingir que se escondia. Fazia parecer que ele se esquivava para agir em segredo, como um espião a serviço do bem.

- Estou ficando bom nisso – disse, para ninguém.

Em seguida, beijou a menina e saiu em busca de sua árvore preferida, a fim de saciar-se com a sua energia.

Capítulo 48

André entrou no quarto de Larissa na ponta dos pés. Não queria correr o risco de despertá-la. A mãe permitira a visita, desde que ela não estivesse dormindo. Bem devagarinho, acercou-se da cama, analisando seu rosto em busca de um sinal de que estivesse acordada. De olhos bem fechados, ela parecia dormir. Ele ia dar meia-volta, contudo, ficou-se admirado, preso no magnetismo que se desprendia do rosto dela.

– O que está fazendo parado aí? – indagou ela, em tom de troça, sem abrir os olhos.

– Que susto, Larissa! – protestou ele, meio sobressaltado. – Pensei que você estivesse dormindo.

– Tenho o sono leve.

– Ou sabe fingir muito bem. Foi assim que escutou a conversa de dona Roberta com o Bruce?

– Foi assim mesmo – confirmou ela, recostando-se na cama.

– Está se sentindo melhor? – perguntou, fitando-a com imensa ternura.

– Estou... Mas espere aí um instante! – zangou-se, subitamente. – Cadê a Nina? Ontem, você não prometeu que ia trazê-la para mim?

– Eu trouxe. Mas sua mãe não permitiu que ela ficasse junto de você. Pode infeccionar as queimaduras.

– E onde ela está agora?

– Deve estar andando por aí. Quer que vá procurá-la?

– Quero.

– Certo. Volto já.

Tão logo ele saiu, Priscila assomou na porta.

– Tem visita para você, Larissa – informou.

– Quem é?

– O Rodrigo. Ele pode entrar?

– Claro!

Bruce passou na frente, como se quisesse anunciar a chegada do menino. Latiu e parou ao lado da porta, sem se aproximar da cama. Rodrigo entrou sorridente, mais corado, confiante. Um garoto bonito, com o aspecto saudável que toda criança da sua idade deveria ter.

– Oi, Larissa – cumprimentou ele, meio acanhado.

– Oi, Rodrigo. Tudo bem?

– Tudo. E você?

– Melhorando.

– Que susto, hein?

– Você nem imagina... Minha primeira aventura perigosa, que vou guardar para contar aos meus netos.

– Primeira? Pretende ter outras?

– Algumas. A vida precisa ser interessante, você não acha?

– Acho. Mas assim?

Ela riu gostosamente. Ainda ria quando André entrou, trazendo Nina no colo.

– Surpresa! – exclamou ele, mostrando a gata.

– Nina! Que saudades! Põe ela aqui comigo.

– Nada disso. Sua mãe proibiu. Você só pode olhar de longe. No máximo, um carinho na cabecinha.

Ele aproximou a gata da mão estendida de Larissa. Quando sentiu o

afago da dona, Nina se agitou toda, mordiscando, de leve, os dedos de André, para que ele a soltasse.

– Nina! – ralhou Larissa, mas em tom tão meigo, que ela parou de morder e lambeu a mão do menino.

– Não pode, Nina – falou ele. – Se não se comportar, vou ter que levar você embora.

– Já viu quem está aqui? – tornou ela, apontando para Rodrigo.

– Vi, claro. Mas quase não o reconheci. Você está diferente.

– Estive doente – contou ele, meio sem jeito.

– Seus pais contaram – informou André. – Mas agora já está bem?

– Estou me tratando com homeopatia – esclareceu. – Melhorei bastante, desde que comecei.

– Meu pai também tratou o Bruce com homeopatia – informou André. – Ele ficou bom rapidinho.

– O que você teve? – Larissa quis saber.

Apesar das orientações de Lizandra, para que ele não revelasse a natureza de sua enfermidade a qualquer um, Rodrigo sentiu que podia confiar nos dois. Sabia que eles não o evitariam nem sairiam correndo, como se ele fosse portador de alguma doença contagiosa. A mãe queria protegê-lo, mas não precisava se preocupar. Estava entre amigos.

– Tenho epilepsia – confessou, no tom mais informal que conseguiu sustentar.

– Puxa, Rodrigo, isso é grave! – constatou André, impressionado. – Você não vai ter nenhuma convulsão agora, vai?

– André! – censurou Larissa. – Isso lá é coisa que se diga? Não vê que está deixando Rodrigo sem graça?

– Tudo bem, Larissa. Mas não, André, não é assim que acontece. E, como

disse, estou me tratando.

– Me desculpe, cara – falou André, arrependido. – Não quis ofender nem nada. Foi só curiosidade mesmo. E também, para a gente ficar preparado. Vai que você tem um ataque, e a gente não sabe o que fazer? Temos que saber como ajudar, não é?

– Obrigado pela preocupação – tornou ele, emocionado. Lia sinceridade nos olhos dele. – Mas faz tempo que não tenho nenhuma convulsão. Desde que comecei com a homeopatia.

– Que bom, Rodrigo – acrescentou Larissa. – E que bom que você veio me visitar. O Bruce também deve ter gostado.

– Ele já me fez um monte de carinhos.

– Por que está parado na porta? – estranhou Larissa, vendo que o cão não se aproximava.

– Ele é um menino muito esperto – informou André. – Sabe que não pode chegar mais perto.

– É mesmo – confirmou Rodrigo. – Desde pequenininho.

Daquele jeito peculiar que só as crianças sabem ter, Larissa apressou-se em contar a Rodrigo a respeito do heroísmo de Bruce. Não queria dar-lhe tempo de se sentir triste outra vez. Rodrigo escutou atentamente, olhando para André de vez em quando, como se buscasse confirmação. André confirmava com a cabeça, fazendo aumentar, ainda mais, a admiração do amigo.

– Não é à toa que ele é o cão mais inteligente do mundo – observou Rodrigo, entre maravilhado e orgulhoso.

– Verdade – concordou André, dando um puxão em Nina que, aproveitando-se da distração das crianças, tentava subir na cama. – Você não pode, Nina.

– Sua gatinha é muito linda – comentou Rodrigo.

– Obrigada. Você gosta de gatos?

Ele assentiu:

– Tive um, uma vez. Mas não deu certo.

A intuição das crianças, livre das censuras e questionamentos impostos pelo racionalismo adulto, tende a decifrar corretamente as situações. Por mais faladeiras que sejam, sabem o momento exato de silenciar ou a coisa certa a dizer. São espontâneas, sim, porém, sensíveis, dotadas de altas doses de empatia. E nem precisam pensar muito para agir. Agem da maneira correta porque conseguem captar as emoções. Não sabem defini-las nem organizá-las, mas decifram a mensagem oculta nas entrelinhas etéreas da escrita astral e a traduzem da forma menos complexa e mais otimista que podem.

É por isso que se costuma dizer que as crianças se entendem. Muitos adultos que assim falam não imaginam o quanto isso é real. As crianças não apenas se entendem, como se comunicam, se estimulam e se ajudam instintivamente, apenas com o jeito de olhar, de falar ou se tocar.

Mesmo desconhecendo a natureza sincera e pura que lhes é própria, André, como toda criança, não teve nenhuma dificuldade de perceber que o gatinho a que se referia o amigo fazia parte de uma história que não tivera um final feliz, e que o melhor seria não provocar lembranças amargas. Ele levantou a gata na altura dos olhos de Rodrigo, de um jeito engraçado, que o fez rir. Nina esperneou, em sinal de protesto, mas não foi capaz de fugir.

– Você viu como a Nina é vesguinha? – perguntou ele, tentando conter o animal e evitar suas unhadas.

– É mesmo! – admirou-se. – Eu nem tinha reparado.

– É o charme dela – afirmou Larissa, toda prosa. – Até o Bruce se

apaixonou.

Parada atrás da porta, Priscila ouvia a conversa das crianças. Sua intenção não era bisbilhotar. Mas foi dominada pela emoção ao escutar tantas palavras de carinho e amizade em três seres tão pequenos, tão inexperientes e, ao mesmo tempo, tão sinceros e naturais.

– Trouxe refresco de acerola – anunciou, finalmente entrando no quarto.
– Quem quer?

– Eu! – gritaram Larissa e André, ao mesmo tempo.

– E você, Rodrigo? – Priscila dirigiu-se a ele. – Não quer?

– Quero sim, senhora. Obrigado.

– Que menino educado! – elogiou. – Mas nada de senhora, o.k.? Faz com que eu me sinta uma velha. Pode me chamar de tia Priscila, se quiser. É como André me chama.

Ele riu, sentindo-se à vontade na presença dela. Apanhou o copo e experimentou de leve.

– Está uma delícia! – exclamou, dando um grande gole. – Acho que nunca provei um suco tão gostoso.

– É do nosso quintal – esclareceu Larissa. – Temos também laranja, limão, abacate, goiaba e manga.

– Tudo isso? – espantou-se. – Como pode?

– É um quintal grande – arrematou Priscila, que terminou de servir o suco e deixou a bandeja sobre a cômoda. – Daqui a pouco, vou trazer cachorro-quente. Já está quase pronto.

– Obrigado, tia Priscila – recusou Rodrigo educadamente, não encontrando qualquer dificuldade em chamá-la de tia. – Eu não como carne.

– Não come carne? – surpreendeu-se Priscila. – Por quê?

– Não acho certo matar os animais.

Estabeleceu-se um certo constrangimento, que Priscila tentou contornar, sugerindo sanduíche de queijo para todos. Dali em diante, a conversa centrou-se na questão de se seria certo ou errado matar os animais para comer.

– Lá em casa, todo mundo come – falou Rodrigo. – Eu parei porque quis. Tenho pena.

– Também tenho – concordou Larissa, seguida pelo assentimento de André. – Mas nunca havia passado pela minha cabeça que eu poderia, simplesmente, não comer mais carne.

– Não sei se sua mãe ficaria contente com isso – observou Rodrigo. – No começo, a minha quase me matou.

– Minha mãe respeita minhas escolhas. E a do André também, não é, André?

– É.

– Sorte a de vocês. Minha mãe fez um escândalo. Só depois que fiquei doente é que ela passou a aceitar.

– Pelo menos, ela mudou. Minha mãe diz que a gente nunca deve ter medo de mudar.

– Tem razão.

– Querem saber de uma coisa? – tornou André, pensativo. – Também vou parar de comer carne. E você, Larissa?

– Acho uma boa ideia. Pelo menos, vou tentar.

– Meu pai diz que a gente não deve julgar ninguém e que não existe nem certo, nem errado – declarou Rodrigo, reflexivo. – Essa deve ser uma escolha de cada um, porque o que pode ser certo para uns pode não ser para outros, e vice-versa. Importante é a gente fazer aquilo em que acredita e

não tentar impor a nossa verdade.

– Seu pai tem razão – concordou Larissa. – Mas vou parar de comer, mesmo assim.

– Sai daí, Nina!

O grito súbito e zangado de André desfez a seriedade da conversa. Novamente se aproveitando da distração das crianças, Nina subiu na cama e se enroscou no meio das pernas de Larissa, como era seu costume. O grito inesperado a assustou, e ela disparou porta afora, seguida por Bruce, para quem tudo era motivo de brincadeira.

– Seus pais também vieram, Rodrigo? – indagou Larissa.

– Não. O pai de André disse que eu podia passar o dia aqui, e ele só vem me buscar mais tarde. Só não posso esquecer de tomar os meus remédios.

– A gente lembra você – afirmou André.

– Se você não vai embora agora, a gente podia jogar um jogo – propôs Larissa.

– Boa ideia – concordou André, entusiasmado.

– Pode ser Banco Imobiliário? Posso ficar com a maquininha do cartão?

– Jogo de tabuleiro vai ser complicado para você jogar deitada. Melhor Contra o Tempo. O que você acha, Rodrigo?

Rodrigo os encarava com ar de surpresa. Não conhecia jogos que não fossem de computador ou videogames.

– Não sei... – balbuciou ele, hesitante. – Nunca joguei nenhum dos dois.

– Então, vai ser Contra o Tempo. É melhor para a Larissa jogar deitada.

– Para mim, tanto faz. Só que vocês vão ter que me ensinar a jogar.

– Tudo bem – concordou André, entornando o conteúdo da caixa em cima da cama. – É muito fácil.

– Você só tem que tirar uma carta e fazer o que ela manda no tempo da

ampulheta.

Ensinadas as regras, as crianças esqueceram-se da vida, jogando e se divertindo com as tarefas pedidas pelas cartas. Riam, gargalhavam, entrosavam-se cada vez mais. Rodrigo estava adorando aquela vida que não conhecia, menos tecnológica e isolada, mais natural, partilhada com amigos.

Priscila chegou com sanduíches de queijo e mais suco, além de uma deliciosa ambrosia, que Rodrigo nunca havia experimentado. Tudo era novo para ele, principalmente a experiência de brincar com outras crianças. Não que Rodrigo fosse um menino arredio ou antissocial. Era até comunicativo e simpático. Tinha amizades na escola, mas era só. O prédio em que vivia era pequeno, sem crianças da sua idade. E não era costume brincar com os amigos do colégio fora do ambiente escolar, já que todos possuíam atividades extracurriculares e nem sempre os pais tinham disponibilidade para levar os filhos, uns à casa dos outros.

O dia passou tão rápido que as crianças mal notaram. O crepúsculo começava a assumir seu domínio sobre o quintal, esmaecendo o verde das árvores, ao mesmo tempo que espargia no céu matizes dourados e nuvens grises. Rodrigo estava maravilhado. O pôr do sol era uma das coisas que mais o encantava. Sempre que podia, seguia o movimento do astro, que descia sobre as montanhas no lado oeste de sua cobertura. Ou então, caminhava com os pais pela areia da praia, pisando sobre os grãos miudinhos e frescos, brilhantes feito pó de ouro, na direção em que o Sol se recolhia, longe, no horizonte.

Ao primeiro sinal da noite, a campainha da frente soou, tornando audíveis as vozes de Wilson e Vítor.

– Acho que seu pai veio buscar você – constatou Larissa, perdendo um

pouco o ânimo. – Promete que vai voltar?

Ele acenou com a cabeça e confessou num murmúrio emocionado:

– Vocês são meus melhores amigos. Adorei passar a tarde com vocês.

– Quando a Larissa melhorar, a gente vai brincar na casa da árvore. Você gostou de lá?

– Se gostei? Eu adorei!

Batidas na porta eram indício de que Vítor esperava por Rodrigo. Após uma breve, porém, efusiva despedida, o menino partiu com o pai. Como se isso fosse possível, achou Rodrigo diferente daquele que havia deixado ali, poucas horas atrás. Mais alegre, vivaz, extrovertido, tagarelando sem parar. Não era apenas a medicação que o tornava diferente. Havia algo mais. Uma alegria nova, contagiante. Vítor compreendeu. Eram as pessoas, os amigos. O filho havia encontrado algo que nunca antes possuiu: amizade. Agora, sim, Vítor pensou, ele saberia o que era, realmente, viver.

Capítulo 49

Há muito Danilo não sabia o que era ter um dia tranquilo no consultório. Com a crise econômica e política que o país atravessava, o número de pessoas com problemas neurológicos havia aumentado sensivelmente. Muito estresse, depressão e crises de nervos. Na maioria das vezes, no entanto, o que ele observava era uma crescente desesperança, consumindo o ânimo de pessoas até então, aparentemente, equilibradas e otimistas.

Mesmo assim, podia se considerar um profissional bem-sucedido. Ao assumir o tratamento de Rodrigo, assumiu também sua paixão pela homeopatia. Substituindo, cada vez mais, os remédios alopáticos pelos homeopáticos, embora sem abrir mão dos primeiros, ganhou status de neurologista conceituado e respeitável no meio da homeopatia.

Paralelamente, imbuu-se do espírito caridoso. A medicina era sua paixão, e a razão de ela existir era para ajudar as pessoas. Durante um dia inteiro na semana, abria o consultório para atender pessoas que não tinham condições de pagar. Fez um trato com uma farmácia, que mantinha preços mais acessíveis para os pacientes enviados por ele. E se, de todo, a pessoa não tivesse condições de pagar, o farmacêutico estava autorizado a fazer os remédios às expensas dele. Tudo para que ninguém ficasse sem o devido atendimento.

Tamanha dedicação impressionou não apenas a mulher, como também o plano espiritual. Um médico do mundo invisível, amigo seu de outras vidas, associou-se a ele para auxiliar no tratamento aos doentes, fazendo-o intuir

medicamentos e conduzindo suas perguntas na direção certa para a descoberta da origem dos desequilíbrios.

E havia ainda Marília. A mulher e os filhos, a razão pela qual ele aceitara o chamado da vida para se tornar um homem melhor.

O coração jamais cerra suas portas nem se deixa vencer pela cegueira. Há sempre um pontinho de luz que se recusa a esmaecer, porque essa luz é a verdade, e a verdade nunca morre. Mais dia, menos dia, a luzinha ganha força e rompe as barreiras da fascinação, que prende o sentimento ao desejo. Subitamente, dentro do peito, uma explosão acontece, liberando as fagulhas do discernimento e descerrando a cortina da sedução que conduz ao desvario. Tudo então se torna claro, límpido, inevitável. Diante da descoberta íntima e da revelação que a segue, o que resta é esperança. Do outro lado, fica a semente do perdão.

Envolvido pela contemplação e análise de sua própria vida, Danilo não escutou o telefone interno, anunciando a chegada do próximo paciente. Foi preciso que Sílvia entrasse para despertá-lo do quase transe a que o levava a reflexão.

– Dr. Danilo – ela chamou baixinho. – Desculpe. Liguei, bati, mas o senhor não atendeu. Está tudo bem?

– Está, Sílvia, obrigado. Eu só estava distraído, pensando na vida.

– O paciente das nove chegou.

– Mande-o entrar, por favor.

Conduzido pela mão de Lizandra, Rodrigo entrou no consultório. Ele recebeu o menino com o carinho de sempre. Apertou a mão de Lizandra e fez com que eles se sentassem.

– Vítor não veio hoje? – indagou, estranhando a ausência do pai do garoto.

– Não. Vim sozinha com Rodrigo.

– Certo. E quais as novidades que você tem para me contar, Rodrigo?
Como passou o mês?

– Muito bem! Sabe que fiz até novos amigos?

– É mesmo? E como foi isso?

Com a vivacidade que Danilo esperava, Rodrigo contou tudo o que lhe acontecera durante os últimos trinta dias. Era outra criança. Nem de longe parecia aquele garoto doente, triste, vitimado por convulsões incessantes.

– Ele está outro, Danilo, não está? – perguntou Lizandra, numa animação excessiva, que o assustou um pouco.

– Sim. A eficácia da homeopatia é incontestável.

– Sou forçada a concordar com você – admitiu Lizandra. – É uma pena que a maioria dos médicos não a aceite. Muitos dizem que não adianta nada.

– É o desconhecimento. Não são poucos os alopatas que afirmam que os remédios homeopáticos são apenas placebo, que curam pela indução psicológica. Isso não é verdade, óbvio.

– Por que a homeopatia é assim tão boa? – Rodrigo perguntou, surpreendendo a mãe e o médico.

– Tudo é bom, Rodrigo – esclareceu Danilo. – Basta que se saiba o momento certo de usar.

– E quando é que se sabe o momento certo de usar? – tornou ele, dando vazão à sua curiosidade natural.

– Rodrigo, chega – pediu Lizandra. – Já está na hora de irmos. Não queremos atrapalhar.

– Ele não atrapalha – objetou Danilo. – E eu adoro falar sobre homeopatia. Muito bem, Rodrigo, preste atenção. Tudo no universo é energia, logo, nosso corpo também é. Todos nós possuímos o que se chama

energia vital, responsável pela nossa vitalidade, nossa saúde física. Até aí, tudo bem?

– Sim.

– Todo nosso organismo está cheio de energia vital. E cada pedacinho do nosso corpo, cada órgão, sistema, cada célula, tudo tem ligação com o que se passa na nossa mente e na nossa emoção. A energia vital se esgota naturalmente, com o passar dos anos, à medida que envelhecemos. Mas ela também pode escapar de nosso corpo devido a uma desorganização do organismo causada por algum vício do comportamento. Tem ideia de como isso acontece?

– Não.

– Imagine as ondas de rádio. Elas se propagam em determinadas frequências, certo? É o que permite a você sintonizar uma estação qualquer de rádio no carro da sua mãe.

– Certo.

– As frequências conduzem ondas específicas, e cada onda leva um tipo de informação. A onda de rádio leva a informação da música, por exemplo. Da mesma forma, nossas células vibram numa frequência própria, conduzindo informações para todo o nosso organismo. A qualidade das informações que recebemos depende do nosso estado emocional e do nosso estado mental. Qualquer alteração nesses estados altera também a frequência emitida pelas nossas células e, conseqüentemente, as informações transportadas aos órgãos a eles relacionadas. É então que a informação passa de vibração saudável a um desequilíbrio, que percorre nosso corpo, causando a doença. Para que a cura seja efetiva, é preciso reequilibrar a frequência da informação, o que se alcança pela reorganização do caos provocado pelos estímulos que levaram ao

comportamento vicioso. Entendeu?

- Não muito bem – retrucou Rodrigo, visivelmente confuso.

- É complicado mesmo. Tem adultos que não compreendem.

- Essa coisa de princípio vital e energia não é aceita pela alopatia – observou Lizandra. – Vistas dessa forma, a alopatia e a homeopatia parecem contraditórias. Como é possível o mesmo médico aplicar as duas?

- Não são contraditórias. São diferentes. Por meio de métodos distintos, o que ambas querem é encontrar a cura das doenças. A homeopatia é menos agressiva e mais eficiente, na medida em que cura a causa da enfermidade. Mas a alopatia também tem suas vantagens, sendo muito eficaz, sobretudo, quando é preciso manter a vida. O problema da alopatia é que fazer desaparecer o sintoma não garante a cura da doença, porque ela se instala na alma, embora seus sintomas se reflitam no corpo físico. Se o enfermo elimina esses sintomas e, paralelamente, ganha consciência da necessidade de modificar a si mesmo por meio de novos pensamentos, sentimentos e ações, tem grande chance de alcançar a cura efetiva, desde que empreenda essa transformação. Caso não consiga se modificar, a doença eliminada tende a reaparecer de forma parecida, sob outra roupagem.

- Porque a pessoa, na verdade, não se curou.

- Exatamente. Ela apenas camuflou a doença, embutindo os sintomas no corpo físico, sem alcançar o âmago, a essência, a causa primária de todas as coisas, que está localizada nos corpos sutis. Mas o conflito ainda está lá, na alma, e os sintomas por ele provocados precisam encontrar um jeito de sair, de se mostrar. O que fazer, se as saídas somáticas estão agora bloqueadas pelos remédios alopatas? Simples. Os sintomas partem em busca de um novo canal de manifestação e, quando o encontram, é por ali que se revelam, ocasionando o aparecimento de doenças conexas à originária, com

sintomas semelhantes aos iniciais.

– Que coisa! – exclamou Lizandra. – Estou impressionada.

– O corpo físico, a todo instante, envia ao cérebro mensagens que objetivam nos alertar da necessidade de resolver os problemas estabelecidos na alma. Em resposta, o cérebro providencia a melhor forma de expressão do problema, fazendo pipocar, aqui e ali, os mais variados sintomas, na esperança de chamar a atenção da pessoa para a necessidade de modificação daquele aspecto de sua vida. Se ela consegue compreender isso, não precisa nem de remédio. Cura-se sozinha. Se não, a homeopatia a ajuda a ganhar consciência e operar a reforma interior.

– E a alopatia?

– A alopatia, simplesmente, elimina aqueles sinais, deixando ao indivíduo a escolha entre se modificar ou não. Como a maioria das pessoas não associa à doença a necessidade de reforma interior, fica satisfeita quando se vê livre daquele mal. Só que a doença não se satisfaz apenas em ir embora. Não é isso que ela quer. A doença não quer fazer maldade com ninguém, não quer prejudicar nem destruir. Seu desejo é alertar para o comportamento inadequado. Se a pessoa não se toca, ela volta para tentar uma nova abordagem. Aí, então, ou aquela pessoa desperta e se modifica, se ainda houver tempo hábil, ou então desiste e morre.

Exatamente ao final das explicações, a campainha do telefone alertava Danilo da chegada do próximo paciente. Era o momento de se despedir.

– Obrigada, doutor – disse Lizandra, apertando a mão dele.

– Não me agradeça. Só fiz cumprir o meu dever. E venha cá, Rodrigo. Cadê o meu abraço? – O menino obedeceu e o abraçou. – Até o próximo mês.

Solto do abraço, Rodrigo beijou-o no rosto, para surpresa de Danilo e de

Lizandra. Se fosse possível, ela também o teria beijado. Não para extravasar qualquer desejo oculto, mas para demonstrar a gratidão que sempre teria a ele.

Capítulo 50

Lizandra não sossegava. Olhava o relógio a cada segundo, caminhando de um lado a outro sem parar, indo e vindo da beirada do terraço para ver se o carro de Vítor entrava na garagem. Por que eles demoravam tanto? Era sábado, não devia ter muito trânsito.

Sentados no sofá, os espíritos de Moisés e Camélia acompanhavam, com tédio, o vaivém descontrolado da mulher. Moisés fitava o chão, enquanto Camélia ajeitava a saia, ora descobrindo as coxas, ora puxando-a sobre os joelhos.

– Quer parar com isso? – pediu Moisés. – Está me deixando nervoso.

– E eu estou ficando cansada. O que viemos fazer aqui? Por que me trouxe de volta?

– Dá para você esperar um instante? Quero ver uma coisa.

– Que coisa?

– Se você não sabe, não sou eu que vou dizer. Não era você que dizia que sabia tudo?

Ela fez um muxoxo e voltou a alisar a saia.

– Isso foi antes – alertou. – Agora, perdi o interesse em Lizandra. E Rodrigo está muito melhor sem mim.

– Verdade.

– Então, podemos ir embora? Quero voltar para a árvore.

– Gostou de lá, não foi?

– Gostei. É calmo, sossegado. Ninguém perturba. Só a velha... de vez em

quando. Por isso é que quero voltar logo para lá!

- Será possível que você não pode esperar?
- Esperar o quê, meu Deus?
- Quero ver uma coisa, já disse. É algo do meu interesse, não do seu.
- Se é assim, por que me pediu para vir junto?
- Porque gosto da sua companhia.
- Puxa-saco. Quer saber? Vou embora.

– Dá um tempo, Camélia. O que você tem para fazer? – Ela deu de ombros, sem responder. – Ou vai me dizer que está com fome, com sede ou com vontade de ir ao banheiro?

- Engraçadinho – rebateu ela, com desdém.

Nesse momento, ouviram um barulho na porta. Alguém enfiava a chave pelo lado de fora da fechadura e agora girava a maçaneta. Camélia revirou os olhos, aborrecida com o suspense, como se ela não soubesse quem havia chegado. Moisés parecia não ter perdido o entusiasmo diante do óbvio. Ela não entendia por que tanta celeuma por nada.

- Chegaram! – exclamou Moisés, dando um pulo do sofá. – É agora.

Camélia seguiu a direção do olhar dele, mas não viu nada. Assim que a porta se abriu, Vítor entrou com Rodrigo. Não havia nada de excepcional na entrada deles, a não ser o fato de que Lizandra se comportava como uma louca que acabara de descobrir que o mundo é redondo.

Assim que o filho pisou dentro de casa, Lizandra o envolveu num abraço caloroso, quase sufocante. O menino deixou-se abraçar até o ponto em que começou a sentir dificuldade de respirar. O mais gentilmente que pôde, afastou os braços da mãe.

- Você está me sufocando – reclamou ele, desvencilhando-se de seu abraço, mas não de sua presença.

- Como foi o seu dia? – Lizandra quis saber.
- Muito bom. Larissa está quase boa. Jogamos outro jogo legal.
- Você viu o Bruce?

Ele ergueu as sobrancelhas, estranhando o fato de ela chamar o cachorro por seu novo nome.

- Vi. Ele me deu várias lambidas.
- Ele é mesmo uma gracinha, não é?
- É... – respondeu ele, sem entender.

Sentado no sofá entre os espíritos, que haviam chegado para o lado a fim de dar-lhe espaço, Vítor olhava de um para outro sem dizer nada. Sentindo-se incomodada com a intrusão do encarnado, Camélia se levantou e foi sentar-se, de pernas cruzadas, em cima da mesa.

– Espere um instante, sim, querido? – pediu Lizandra. – Mamãe vai um instantinho lá dentro e já volta.

- Não posso ir para o meu quarto? – estranhou ele.
- Só um instantinho – repetiu ela, súplice.
- O que foi que deu nela, pai? – indagou ele, dirigindo-se a Vítor.
- Você vai ver – foi a resposta lacônica.

Ao vê-la voltando pelo corredor, Moisés se levantou do sofá, aproximando-se de Camélia.

- É agora – anunciou com entusiasmo, apertando a mão da amiga.
- Eu, hein! – tornou ela, cheia daquela lenga-lenga.

Chegando bem pertinho de Rodrigo, Lizandra estendeu a ele uma caixa grande, revestida por um papel azul cintilante e encimada por um laço vermelho de cetim.

- O que é isso? – indagou ele, curioso, fazendo menção de agitar a caixa.
- Um presente. Não chacoalhe. Ande logo, abra.

Vítor também se aproximou e pôs a mão no ombro do filho, para transmitir-lhe confiança. Ao segurar a caixa, Rodrigo sentiu-a desequilibrar, como se seu conteúdo resvalasse de um lado para outro. Uma desconfiança surgiu em seus olhos, mas não, não podia ser. Estava enganado. Devia abrir logo aquela caixa e se contentar com algum brinquedo caro, de última geração, que a mãe, provavelmente, descobrira na internet.

Rodrigo ia apoiar a caixa no chão quando ouviu uma espécie de ganido partindo de dentro dela. O susto e a esperança fizeram com que ele pusesse de lado suas defesas e levantasse a tampa com avidez, revelando o mais profundo desejo que lhe consumia a alma. Ao olhar para dentro, o coração deu um pinote e pareceu se ausentar do peito, indo se esconder em algum lugar qualquer, além da realidade. Ficou paralisado, indiferente ao suor gélido que brotava em sua testa, feito gotículas reluzentes de cristal. Um misto de emoções se atropelou em seu coração que, subitamente, parecia haver encontrado o caminho de volta para o peito e agora oscilava como um pêndulo desgovernado, sem saber onde parar.

Rodrigo encarou os pais. Queria falar, mas as palavras se desencontraram dos pensamentos. De forma muito rápida, o mundo pareceu abandonar o eixo, girando freneticamente ao redor de um vazio aterrorizante que, aos poucos, se preenchia de medo. Ele lançou ao pai um olhar de súplica e, à mãe, um outro, que parecia implorar compaixão. De dentro da caixa ainda partia aquele ganido arrepiante e assustador, brincadeira macabra de algum diabinho sem amor.

Subitamente, a luz sumiu da vista de Rodrigo. Encarando a escuridão, sentiu-se projetar da beira de um abismo aterrador, embora já conhecido. Era como despencar no vácuo, atravessando dimensões estranhas, em que o

sofrimento assomava como o único lugar onde seus sentimentos poderiam desaguar.

– Ele está tendo uma convulsão! – Lizandra gritou, tentando amparar o filho antes que ele caísse no chão.

O corpo dele tombou para o lado de Vítor, que o segurou a tempo de deitá-lo de lado no sofá, a cabeça apoiada no colo da mãe. A caixa escapuliu de suas mãos, entornando sobre o tapete seu conteúdo mágico. De dentro dela saiu, assustado e lentamente, um filhotinho de border collie idêntico ao Bruce. Tinha a mesma pelagem, a sobrancelha marrom, os olhos de um castanho vívido e inteligente.

Enquanto o corpo do menino se contorcia, Lizandra derramava sobre ele lágrimas de desespero e incompreensão. Pensara que ele ficaria feliz com o presente. Nem de longe imaginara aquela reação, um retrocesso no tratamento, o distanciamento da cura.

– Não fui eu! – Camélia foi logo se defendendo, dando um salto na direção do menino.

Ao tentar se aproximar, foi impedida pelas mãos vigorosas de Moisés, que a puxou para trás e disse energicamente:

– Deixe-os! Não é problema seu. Ele está tendo uma reação puramente emocional, não uma crise epilética. Vai passar logo.

– Desde quando você virou neurologista? – espantou-se ela.

– É só analisar os centros nervosos dele.

Ela o olhou com estranheza, como se estivesse diante de alguém que não conhecia. Mas havia admiração em sua voz quando comentou baixinho:

– Você não para de me surpreender.

Ainda mais estranheza ela sentiu ao perceber que ele havia saído de perto dela e se acercara do menino. Moisés olhou para ela em dúvida, como

se uma ideia fantástica remexesse todo o seu cérebro. Parecia considerar alguma possibilidade ou estratégia, pela maneira como avaliava a situação.

Vítor já havia ligado para o médico e estendia o fone para Lizandra. No mesmo momento, mais por instinto do que por convicção, Moisés também estendeu as mãos, só que sobre o corpo convulsionado de Rodrigo. Foi então que algo surpreendente aconteceu. A ponta dos dedos dele começou a cintilar, ganhou cor e intensidade, passou de um verde bem clarinho a um tom esmeraldino vivo e, finalmente, se projetou sobre o menino. Tudo em uma pequenina fração de segundo.

Os raios deviam estar vivos, pois sabiam exatamente o que fazer. Como tentáculos energéticos, foram se espalhando por cima do corpo de Rodrigo, até o envolverem por completo. Então, precipitaram-se por seus poros, alcançando as partes internas de sua fisiologia. Reparando melhor, percebia-se que eram raios finíssimos, centenas deles, entrelaçados numa trama que fazia lembrar neurônios energéticos cheios de vitalidade, que, aos poucos, iam substituindo as contrapartes astrais excitadas pelo excesso de atividade elétrica no cérebro de Rodrigo.

Fascinada não apenas com o que via, mas com a nova habilidade de Moisés, Camélia observava a cena boquiaberta, esquecendo-se de que podia falar. Em poucos minutos, todo o corpo de Rodrigo foi envolvido por aquela malha colorida e brilhante, que soltava faíscas translúcidas e reluzentes, como estrelas dos mais variados tons de verde salpicadas em um céu ainda mais verde. Pouco a pouco, a convulsão foi cedendo, até que ele se aquietou.

De um lado, Camélia chorava baixinho, tomada pela emoção do que bem poderia ser chamado de milagre. De outro, Lizandra também vertia suas lágrimas, de desespero a princípio, mas logo substituídas pelo pranto manso do alívio e da gratidão. Parado em frente a ela, Vítor mantinha os

olhos úmidos e a cabeça desanuviada, a fim de tomar as providências que se fizessem necessárias.

– Passou – constatou Lizandra, a voz suavizada pela inexplicável certeza.

Igualmente envolvido pela onda revigorante que varreu o ambiente, Vítor não foi capaz de responder. Ainda segurava na mão o fone, que Lizandra não chegara a apanhar, atingida em cheio pelos fluidos transferidos por Moisés. Uma calma surpreendente havia se espalhado por toda a sala. Até o cãozinho sentira os efeitos da chuva verde e dormia tranquilamente aos pés da poltrona.

Com a cabeça deitada no colo da mãe, Rodrigo respirava serenamente. Mantinha os olhos fechados, mas não dava sinais de sofrimento. Parecia haver pegado no sono naquele momento, embalado pela aura suave do ambiente doméstico. Com todo cuidado, Vítor apanhou-o no colo, para colocá-lo na cama. Atrás deles, Lizandra seguia em silêncio, embora desse para perceber, na altura de seu cérebro, uma luminosidade branca que oscilava entre pétalas de rosas e margaridas. Ela estava rezando.

Quando Moisés voltou para junto de Camélia, ela ainda retinha nos olhos as lágrimas que a emoção derramara.

– O que foi isso? – questionou ela, mesmo sabendo a resposta.

– Não sei explicar... – Moisés gaguejou. – Ao ver o desespero deles, senti uma vibração esquisita no peito, como se algo lá dentro estivesse lutando para sair. Ao mesmo tempo, minha cabeça pareceu tomada por um torvelinho. Vi tudo rodar, tudo se embaralhar diante de meus olhos. Eu só conseguia pensar em Rodrigo, só via o corpo do menino se agitando, e algo em meu coração também se agitou. Uma certeza de que eu podia ajudar, de que eu saberia o que fazer. Foi quando vi a mão de Vítor estendida e,

mecanicamente, estendi também as minhas. O resultado foi o que você viu.

– Você estava em transe?

– Não. Sabia, o tempo todo, o que estava fazendo, assim como sabia que não podia parar. Estranho, não acha? Nem eu sabia que tinha essa capacidade.

– Acho que todos nós a temos. Basta purificarmos nossa aura, alimentá-la de sentimentos bons, acreditar que é possível fazer o bem e nos convenceremos de que, no fundo, no fundo, somos todos servos a serviço da humanidade. Não posso mentir, Moisés. Fiquei impressionada. Você foi fantástico.

– Obrigado.

– Você é uma alma nobre, Moisés. Nem parece que foi aquela criatura nojenta.

– Graças a Deus!

– O que faremos agora? Podemos ir?

– Acho que sim.

Foram-se. E sabiam que não precisariam mais voltar.

Capítulo 51

Absorto em seus pensamentos, Ítalo não viu a mãe parada na porta do quarto, apertando entre os dedos uma foto antiga. Durante alguns minutos, ela permaneceu fitando o filho, permitindo que a mente se distanciasse com as lembranças.

Nos anos em que permanecera solteira, sujeita ao jugo do pai, encontrara alívio no exercício da enfermagem, sua verdadeira vocação. Não era bonita. Foi por isso que o pai permitiu que se formasse, com medo de que ela não encontrasse marido e tivesse que ser sustentada por ele pelo resto da vida.

Dedicada aos enfermos, fez de tudo um pouco. Curou feridas, auxiliou em partos, cirurgias e amputações. Amparou recém-nascidos com o mesmo carinho com que segurava na mão dos desenganados, para que a última lembrança que levassem da vida não fosse o vazio da solidão.

Mas enterrou sua melhor parte quando resolveu se casar. Paulino dizia que a amava, e ela se deixou iludir pelas artimanhas de um aproveitador. Sem parentes próximos, o que Paulino queria mesmo era uma mulher que cuidasse dele e de suas mazelas.

Ao pronunciar o *sim* que a uniu ao marido, deu também a ele o poder de encerrá-la numa prisão. Passou o resto da mocidade numa gaiola, de onde presenciava, por entre barras douradas de uma alegria fingida, a correria dos anos em direção à velhice, onde não luzia mais esperança alguma. Dali, assistiu às transformações do mundo, sem delas poder participar. Enfurnada nas ameaças do poder marital, tinha medo de reagir e ser

agredida, de confrontá-lo e sucumbir, vítima da própria fraqueza.

A repressão esvaziou a alegria e encheu seu peito de amargura. Tantos anos jogados fora! Um tempo que se dissolveu na poeira do próprio tempo, uma vida perdida nas brumas do conformismo, na intimidação, no medo de que o marido cumprisse a promessa que havia feito de espancá-la.

Tentou o apoio dos pais. Não conseguiu. De jeito nenhum o pai permitiria que ela voltasse para casa. Sem lar e sem dinheiro, a única saída era manter o silêncio e suportar as esquisitices do marido. Com a chegada dos filhos, acabou transferindo para eles toda sua amargura, tornando-se a mãe fria e austera que sempre foi. A amargura tornou-se rotina, que a idade só fez acentuar, conduzindo-a pelas sendas da rabugice, aguçando sua língua, desvirtuando seu olhar para o foco da malícia que se converte em maldade.

O peso das lembranças despencou sobre os olhos de Roberta, forçando as lágrimas a uma descida desenfreada pela pele macilenta de seu rosto. O silêncio, sob o qual ela tentou ocultá-las, foi abalado pelo impacto dos soluços, que reverberaram pela quietude do quarto de Ítalo, levando-o a levantar a cabeça e encarar a mãe.

– A senhora está aí – afirmou ele, com voz triste. – Não a ouvi chegar.

– Não era para você ouvir – retrucou ela, hesitando em aproximar-se. – Queria apenas observá-lo.

– O que é isso que tem em mãos? – quis saber, notando o pedaço de papel que ela apertava.

Não houve resposta. Roberta enxugou os olhos, para desanuviá-los das lágrimas, e fitou a fotografia amarelecida. Sentiu o filho aproximar-se, mas permaneceu onde estava, segurando a foto com as duas mãos.

– O que é isso? – insistiu Ítalo. – Deixe-me ver.

A foto mostrava Roberta ainda jovem, vestida de noiva, ao lado de um homem sisudo, em meio a arranjos de flores cuidadosamente dispostos diante de um altar.

– Eu devia ter adivinhado na época – divagou ela, acompanhando o olhar do filho em direção à fotografia.

– Adivinhado o quê?

– Que seu pai e eu nos casamos por motivos diversos. – Ele a encarou espantado, como se estivesse diante de uma louca. – Vê como nossas feições são diferentes? Eu sou toda sorrisos. Seu pai, um autômato cumprindo o protocolo. Mas isso não importa agora. É passado.

– O que está tentando me dizer, mãe?

– Não sou uma pessoa ruim, Ítalo...

– Ninguém está dizendo que é.

– Não, ninguém. Sou eu que fico repetindo isso para mim mesma. Quero me convencer de que é verdade.

– Mãe...

– Estou de partida, Ítalo. Vim aqui me despedir.

– Para onde é que a senhora vai? – espantou-se.

– Tem uma pensão barata não muito longe daqui. Não é de luxo, mas é um lugar direito.

– Foi Priscila quem a mandou embora?

– Priscila nem fala comigo. Fui eu que decidi partir.

– Ah, mãe! Eu lamento tanto!

– Não se lamente. Eu vou ficar bem. Está aqui o endereço.

Depois de um beijo prolongado no rosto dele, Roberta foi embora, deixando presa em suas mãos a fotografia de seu casamento, com o endereço da pensão escrito no verso. Ítalo virou e revirou a foto entre os

dedos, até que parou para estudá-la melhor.

Roberta exibia seu sorriso mais encantador, onde transpareciam sonhos, esperança e felicidade. O pai, ao contrário, permanecia sério, olhando para a câmera como se ela fosse sua inimiga. Analisando a figura paterna, Ítalo descobriu coisas para as quais nunca havia atentado antes. Não era apenas o rosto sisudo, nem os dentes trincados como se remoessem a raiva, muito menos os punhos cerrados, parcialmente escondidos por detrás do vestido de noiva da mulher. Mais do que tudo isso, incomodou-o a indisfarçável expressão de desprezo, que somente olhos muito apaixonados e iludidos não foram capazes de enxergar.

Ainda de posse da foto, Ítalo avaliou os próprios sentimentos. O pai nunca fora uma figura presente. Pagava as contas, mandava e desmandava, exigia, punia. A mãe incorporava o papel da mulher submissa, porém, feliz dentro da sua ignorância. Fazia tudo o que o marido pedia. Ou melhor, ordenava. Não questionava, não discutia. Simplesmente, obedecia.

No meio de ambos, os filhos absorviam um pouco de tudo isso. Temiam o pai e respeitavam a mãe. A educação dos quatro foi o reflexo da intransigência e da austeridade de Paulino. Se ele dizia para Roberta brigar, ela brigava. Batia, se ele falasse que era para bater. Colocava de castigo, se assim lhe fosse ordenado. Tudo sem questionar nem opor resistência. Roberta agia com os filhos da forma como o marido mandava.

Ítalo tornou a olhar para a foto, procurando comparar aqueles rostos às feições dos dois na velhice. Ao morrer, o pai ainda mantinha o mesmo olhar de desprezo, duro, frio e insensível. A mudança nele operada ficou por conta das rugas. Roberta, que na foto sorria com jovialidade e alegria, chegava ao fim da vida desfigurada por uma carranca de mau humor e rabugice. O pai continuou o mesmo. A mãe sofrera uma mudança radical. Por quê?

Ele agora entendia. Olhou o retrato ainda mais uma vez e lamentou, intimamente, o tempo perdido não apenas por Roberta, mas também por ele e pelos irmãos, que não foram capazes de compreendê-la. Roberta não era nada daquilo que demonstrava ao mundo. Era uma pessoa bipartida, artificial, camuflada. Era alguém que não era, uma mulher travestida de outra, uma alma mascarada tentando fundir no rosto uma imagem que não lhe pertencia, mas da qual necessitava, desesperadamente, para sobreviver.

A mãe não era cruel, nem severa, nem rabugenta, nem autoritária. A vida toda, simplesmente, não passara de uma mulher demasiadamente infeliz.

Capítulo 52

O táxi deixou Roberta na porta da pensão pouco tempo depois que ela saiu da casa de Priscila. Um rapazinho magrelo abriu a porta e apanhou sua pouca bagagem. Já a estavam esperando. Após um breve registro na recepção, ela subiu para o quarto que escolhera quando estivera ali da primeira vez. Não era grande, mas limpo, claro, fresco, com uma vista livre da rua.

Enquanto arrumava suas coisas no armário, lembrava-se do que havia acontecido antes de sua partida. Foram dias de pura tensão, de uma guerra silenciosa de nervos travada entre ela e a nora. No final, Priscila vencera. Afinal, era com ela que estava a razão.

No dia do acidente, quase não haviam se falado. Depois, quando Larissa voltou para casa, Roberta esperou que Priscila a procurasse. Estava pronta para receber as injúrias e agressões que sabia merecer. Para espanto seu, Priscila não a procurou. Da primeira vez que se cruzaram, Roberta ensaiou o início de uma conversa, mas a nora a ignorou. Seguiu seu caminho como se ela, simplesmente, não estivesse ali.

Depois disso, sempre que podia, Priscila a evitava. Comiam à mesma mesa, embora não se falassem. Ítalo deu início à reconstrução da cozinha sem que ela lhe cobrasse ou exigisse nada. Esperava, ao menos, que Priscila a fizesse pagar pela reforma, o que nunca aconteceu.

Roberta queria muito ver como Larissa ia passando, mas tinha medo de que Priscila a expulsasse. Passava pela porta do quarto dela, acenava, sorria.

A menina acenava de volta, sorria em retribuição, jogava-lhe beijinhos estalados. Um dia, animada pelo incentivo de André, tomou coragem e entrou. Priscila viu e não disse nada. Medicou a menina e voltou por onde veio. Nem olhou para Roberta. Ela não existia.

Se Priscila não se resolvia, ela daria o primeiro passo. Cansada de tanta indiferença, Roberta achou que estava na hora de procurá-la. O erro fora dela, então, caberia a ela tentar consertá-lo. Da primeira vez, encontrou Priscila no quarto, guardando a roupa passada. Munida de seu olhar mais sincero, Roberta parou na porta, à espera de que a outra a visse. Quando a viu, Priscila colocou os lençóis dobrados em cima da cama e caminhou em sua direção. Certa de que, finalmente, a nora lhe dispensaria alguma atenção, Roberta sorriu. Ia dar um passo à frente quando a porta quase bateu em seu rosto. Chegou a sentir o vento no nariz.

Sem uma palavra, Priscila fechara a porta na cara dela. Por pouco, Roberta não foi atingida. Ficou desconcertada, sem saber se insistia ou se ia embora. Ferida em seu orgulho, preferiu partir. Alguns dias depois, tentou novamente. Dessa vez, abordou-a na cozinha, onde não havia portas que pudessem ser batidas. Priscila não respondeu.

Por fim, quase desistindo, Roberta fez uma última tentativa. Seguiu a nora pelo quintal e segurou-a pelo braço. O choque do contato inesperado foi tão grande, que Priscila reagiu automaticamente. Deu um empurrão em Roberta com tanta força, que ela soltou a bengala, se desequilibrou e foi direto ao chão.

Priscila não se comoveu. No entanto, a visão da idosa caída acionou sua consciência. Independentemente do que sentia por Roberta, o que tinha diante de si era uma mulher idosa caída no chão. Priscila era muitas coisas, menos covarde. Não permitiria que o ódio superasse sua dignidade.

Abaixando-se junto a Roberta, ajudou-a a pôr-se de pé. Colocou a bengala na mão dela, esperou que ela se firmasse. Quando achou que ela já estava em condições de caminhar sozinha, quis afastar-se sem emitir uma palavra. Roberta segurou-a novamente, mas, dessa vez, Priscila não reagiu.

- Solte-me, por favor – viu-se obrigada a dizer.
- Só um momento, Priscila, por favor. Ouça o que eu tenho a dizer.
- Nada do que a senhora tenha a dizer pode me interessar.
- Quero me explicar...
- Não precisa – cortou ela, levantando a mão solta. – Já sei de tudo.
- Então, ao menos, deixe-me pedir-lhe perdão.
- Não quero suas desculpas.
- Você tem todos os motivos para estar com raiva de mim, mas acredite quando digo que estou arrependida.
- Não adianta. Não acredito.
- Eu mudei, Priscila...
- Bom para a senhora.
- Por favor – suplicou, à beira das lágrimas. – O que posso fazer para lhe provar que estou arrependida e que mudei?

Priscila permaneceu em silêncio, fitando a sogra com uma indiferença mordaz. Depois de alguns minutos, o mutismo dela começou a incomodar Roberta, que abaixou os olhos, dando a entender que ia desistir. Priscila insistia na inércia como forma de desprezo, até que Roberta, também sem dizer nada, balançou a cabeça e virou as costas para ela, claudicando de volta para casa.

- Tem uma coisa que a senhora pode fazer – falou Priscila de súbito, acercando-se de Roberta. – Ir embora da minha casa.

A sugestão foi um choque. Roberta levou a mão ao peito, contendo a

angústia.

– É isso mesmo que você quer? – redarguiu, dando tempo a si mesma de se recuperar.

– Não apenas o que eu quero, mas o que sei que é melhor para todos. Inclusive, para a senhora.

– Está bem – concordou rapidamente, para surpresa de Priscila. – Se essa é a sua vontade, farei como quer. Você está no seu direito. Vou juntar minhas coisas, me despedir de meu filho e de Larissa, se você permitir, e vou embora.

– A senhora pode fazer o que quiser. E para que não diga que a tratei com crueldade, vou lhe dar um prazo para se mudar. A senhora tem até o final da semana que vem para encontrar outro lugar para ficar. Isso lhe dá cerca de dez dias. Será que basta?

– Acho que sim.

– Ótimo. Só tem mais uma coisa. Não quero que a senhora fale sobre isso com Ítalo. Ele é um homem bom, não merece a mãe que tem.

– Quer que eu minta para o meu filho?

– Depois de tudo que a senhora fez, mentir não deve ser nenhum sacrifício.

– Tem razão, não é. E não se preocupe. Ítalo vai pensar que vou embora por vontade própria.

– E Larissa também – acrescentou.

– E Larissa também – repetiu, sem emoção.

– Ótimo. Que bom que nos entendemos.

– É só isso?

– Sim.

– Então, com licença. Vou começar a procurar minha nova casa.

Aquela conversa havia acontecido quase duas semanas atrás. E Roberta fez como Priscila pediu. Encontrou a pensão, arrumou suas coisas, se despediu do filho e partiu, sem lhe contar absolutamente nada. De Larissa, não teve forças para se despedir.

Não sentia raiva. Um pouco de mágoa, talvez. A descrença de Priscila era compreensível, embora dolorosa. No fundo, Roberta achava que merecia o castigo que a nora lhe impunha. Se nem ela mesma conseguia se perdoar, como pretendia que Priscila o fizesse?

Talvez, no dia de sua morte, Priscila a perdoasse. Não é o que geralmente acontece entre pessoas que não se querem bem? Parece que a morte apaga as lembranças ruins, mas nem sempre recupera as boas. As pessoas se arrependem de sua intolerância, de sua intransigência, de não terem aproveitado a oportunidade de reconciliação. Algumas se desesperam, outras caem na apatia, outras superam com facilidade. Mas fica sempre um espinho, por menor que ele seja. Um pequeno incômodo diante de algo impossível de ser remediado.

Para evitar mais esse arrependimento, não é melhor perdoar antes que seja tarde demais?

Capítulo 53

Pessoas comuns erram, é da sua natureza. Pessoas incomuns são espíritos muito próximos a Deus. É graças ao erro que existe o perdão, a reconciliação, a vontade de mudar, de aprender e melhorar. É também por causa dele que as pessoas se entregam à culpa, à vingança, à intransigência, à acusação. Não é que o erro provoque reações contraditórias. É que ele abre, no coração humano, caminhos que se bifurcam numa encruzilhada de compaixão e desamor. O primeiro conduz à libertação, ao passo que este encerra o espírito nas tramas do ódio, do ressentimento, do desequilíbrio e da consequente necessidade de harmonização.

Pessoas erram porque não conhecem o caminho da verdade. O erro é a encenação da mentira, da ilusão do orgulho e do poder. Não é a causa da queda nem a queda em si. É o início do despertar da consciência, que descortina o véu da ignorância e joga luz sobre as sombras que toldam a razão. É pelo erro que se chega ao caminho da perfeição, porque nada se cria no mundo que não demande esforço, perseverança e fé. Essa é a forma de Deus estimular o progresso, induzir o homem a sair da estagnação, para que o futuro se torne acessível e presente.

O maior erro que alguém pode cometer é acreditar que não é passível de errar. Essa ideia é fruto do orgulho, que ilude a inteligência com a crença na sua superioridade e infalibilidade. Somente Deus conhece a plenitude da perfeição. Toda a humanidade guarda, adormecido, o germe que, um dia, alcançará o mais elevado grau de iluminação. Um dia... mas não agora. Por

ora, o que se tem no planeta é uma sucessão de erros e acertos, dos mais variados graus, atendendo a múltiplos estágios de amadurecimento espiritual, conduzindo o ser humano, a passos lentos e, muitas vezes, dolorosos, rumo ao desenvolvimento da própria moral.

De tudo se conclui que o erro não é algo a ser temido, nem renegado, nem odiado. Também não deve ser motivo de vergonha, de culpa ou condenação. Ao contrário, deve ser encarado como uma oportunidade de exercício das faculdades mais sublimes que adormecem no coração de cada criatura, permitindo que o amor se manifeste por meio do perdão, seja pelo próximo ou por si mesmo. O erro é a face oposta da perfeição.

Essas ideias ainda não haviam se integrado ao pensamento de Priscila, mas faltava bem pouco para que isso acontecesse. Desde que mandara a sogra embora, vinha refletindo sobre o que acontecera. À exceção de Isabela, ninguém sabia que a partida de Roberta fora uma exigência sua.

– O que foi que o Ítalo disse? – indagou Isabela, enquanto Priscila a auxiliava na cozinha.

– Nada. Ele não fala. Optou pelo silêncio.

– Estranho. Será que ele não desconfia que foi você quem a mandou embora?

– Se desconfia, não deixa transparecer.

– E você? Como se sente diante de tudo isso?

– Como é que eu poderia me sentir? Aliviada, claro.

– Tem certeza?

Priscila não sabia mentir. O máximo que conseguia era ocultar a verdade, porém, nunca mentia. Quando não queria revelar alguma coisa, usava a sinceridade para deixar claro que preferia não falar. Não era seu costume usar-se de subterfúgios para esquivar-se feito uma serpente escorregadia.

– Não – confessou, após breve reflexão. – E é isso que me incomoda. A facilidade com que dona Roberta aceitou ir embora me deixou balançada. Pensei que a passividade dela era fingimento, uma jogada esperta para ver se conseguia me sensibilizar. Durante os dez dias que antecederam sua partida, fiquei esperando que me procurasse para pedir que eu reconsiderasse. Mais próximo do fim do prazo, achei que ela estava me preparando uma armadilha e que daria o bote a qualquer momento. Por fim, apostei na chantagem. No dia em que ela se foi, jurei que Ítalo entraria no meu quarto esbravejando, exigindo que eu voltasse atrás. E adivinhe só! Nada aconteceu. Ela se foi, Ítalo ficou na dele e tudo pareceu voltar ao normal.

– E Larissa?

– Você sabe como são as crianças, não é, Isabela? Larissa e André morrem de pena de dona Surtada. Juram que ela está arrependida.

– Será que não está?

– Não sei. Pode até ser, o que seria bom, pois mostraria que ela tem algum tipo de consciência.

– Todo mundo tem consciência, Priscila. Você também tem a sua.

– Por que será que sinto uma acusação velada nas suas palavras? Não fui eu que quase matei alguém.

– Foi um acidente.

– Acidente ou não, foi ela quem o provocou. Ela podia estar presa. Sorte a dela que eu confirmei a história do acidente.

– Ah, é... Você ia mesmo mandar a mãe do seu marido para a cadeia.

– Eu não fiz isso, fiz?

– Ainda bem que não. Olhe, Priscila, não quero que pense que estou contra você e a favor de Roberta. Estou do seu lado como sempre estive, e

acho que você precisa ouvir certas coisas. – Ela fez uma pausa, experimentando a reação da amiga. Em vista de sua neutralidade, animou-se a prosseguir: – Você se deixou cegar pelo orgulho. Tomou uma atitude extrema e não quer voltar atrás, para que dona Roberta não pense que venceu. É isso. Pronto. Falei. Agora, pode espremer, esbravejar e brigar comigo, se quiser.

Para sua surpresa, Priscila não moveu nem um músculo. Seus lábios, que sempre tinham uma resposta pronta para sair, permaneceram cerrados, sem nem ao menos tremular. Apenas os olhos demonstravam algum tipo de reação. Estavam mais brilhantes do que no início da conversa, umedecidos pelas lágrimas que não eram tantas ao ponto de cair, embora suficientes para sinalizar que ela havia sido tocada.

– Talvez você tenha razão – concordou, o olhar tão perdido quanto a certeza. – Talvez o que me falte seja humildade suficiente para perdoar.

– Então, amiga? Liberte-se desse peso. Esqueça o orgulho. Perdoe. Reconsidere. Vai fazer bem a você, em primeiro lugar.

– Eu bem que gostaria. Mas é tão difícil!

– Se você não se apegar ao orgulho, vai ver que é bem mais fácil do que imagina. Orgulho é uma coisa danada. Impede a gente de conseguir tantas coisas... E no final, a gente percebe que a gente mesma é que sai perdendo.

– Fico imaginando... Será que, se dona Roberta estivesse no meu lugar, ela me perdoaria?

– O que lhe importa isso? Você não é dona Roberta, não é igual a ela, não pensa nem sente feito ela.

– Mais uma vez, você está coberta de razão.

– Ninguém tem motivo para odiar seu semelhante. Tudo serve de estímulo para o exercício do perdão. E as pessoas se modificam. Não

merecem uma segunda chance?

Ela parou para pensar. Havia grande sabedoria e verdade nas palavras de Isabela. Mas entre o pensamento e a ação, por vezes, estende-se um grande abismo. Uma coisa é ter consciência do que deve ser feito. Outra coisa é tomar coragem para pular por cima do orgulho e fazer.

Capítulo 54

Após a convulsão imprevista de Rodrigo, Lizandra e Vítor passaram a noite ao lado dele, sentados numa poltrona, revezando-se na vigília. Colocaram um colchonete ao lado da cama para que, enquanto um vigiasse, o outro descansasse um pouco. Mas acabaram ficando acordados quase a noite toda, conversando.

Vítor despertou assustado. Pensou que houvesse cochilado por apenas um instante e se espantou ao constatar que já era de manhã. Perto dele, Lizandra dormia no colchonete. Ele ajeitou o travesseiro sob a cabeça dela e cobriu seu corpo com cuidado. Enquanto fazia isso, seu olhar se prendeu no rosto lívido da mulher, percorrendo, com atenção, as rugas que despontavam ao redor dos olhos, os poucos fios de cabelo branco se insinuando por debaixo da cabeleira tingida de louro, os lábios grossos, antes naturalmente rosados, agora sem cor, quase confundindo-se com a palidez da pele.

Um arrepio involuntário deixou-o confuso, transtornado, com raiva dele mesmo. Devia odiar aquela mulher pelo que ela fizera não apenas a ele, mas, principalmente, ao filho. Lizandra o traíra com outro homem, fora uma mãe negligente, incompreensiva, impiedosa. Eram motivos mais do que suficientes para apagar o amor e acender a chama da revolta que conduz ao divórcio. Era essa sua intenção, sim, era. Depois que tudo terminasse, que Rodrigo ficasse bom, separar-se-ia de Lizandra e deixaria que ela levasse a vida que bem entendesse. E pediria a guarda do filho. Disso

não abria mão.

O que o coração transmitia não guardava as feições do rancor, mas tinha todas as características do amor. Vítor estava magoado, com o orgulho ferido, mas não odiava a mulher. Ao contrário, parecia amá-la ainda mais, fascinado pela transformação radical de seu jeito de ser. A doença de Rodrigo fizera de Lizandra uma nova mulher. Seus valores pareciam ter se alterado. Ela agora dava mais importância à família do que às futilidades sociais e materiais. Não havia como duvidar do arrependimento dela.

Vítor soltou um suspiro e tornou a sentar-se na poltrona ao lado da cama do filho. Por sorte, não soltou o corpo no assento, ou teria amassado a criaturinha que, sem que ele percebesse, se instalara sobre a almofada. Sentindo a maciez do animal, Vítor se levantou e o pegou com cuidado.

– Veja só, menino – disse ao cachorro. – Quem imaginou que isso iria acontecer? Mas não se preocupe. Rodrigo vai adorar você.

O filhote aproveitou para mandar uma lambida bem em direção aos lábios de Vítor, que conseguiu desviá-los, mas não a tempo de evitar que seu rosto fosse atingido.

– Seu danadinho – brincou, afagando a cabeça do animal. – Nada de lambidas, tá legal? Não sou muito chegado em baba de cachorro, por mais fofinho que seja.

Já ia se sentando com o cão no colo, quando uma vozinha miúda partiu da cama:

– Pai...

Erguendo-se de um salto, Vítor soltou o cachorro e correu para perto de Rodrigo, que mantinha os olhos semicerrados. Parecia que falava no sonho. Após alguns segundos, vendo que Rodrigo não esboçava mais nenhuma reação, Vítor voltou para a poltrona.

– Não vá embora, pai – o menino pediu, agora abrindo os olhos lentamente. – Tive um sonho esquisito.

– Estou aqui – ele retrucou, acariciando seus cabelos.

– Sonhei com o Billy, ou melhor, com o Bruce. Só que ele era pequenininho... um filhote...

– É mesmo? E foi um sonho ruim?

– Foi ruim porque foi um sonho. Se fosse de verdade, seria bom.

– Com isso, você quer dizer que gostaria de ter um outro filhote de border collie?

– É... Seria bom. Só que a mamãe nunca vai concordar. Ela odeia cachorros.

Aparentemente, Rodrigo não se lembrava de nada do que havia acontecido na véspera. Nem do presente, nem do cachorro, nem da convulsão. Melhor assim. Não precisavam torturá-lo, revivendo coisas ruins.

– Sua mãe está mudada, meu filho. Ela quer o seu bem.

– Pode ser. Mas duvido que...

Nesse momento, o filhotinho interrompeu a conversa. Como se quisesse participar do assunto, saltou diretamente para a cama, onde se deitou, de frente para o garoto, abanando o rabo como se estivesse pedindo permissão para fazer algum tipo de bagunça.

– O que é isso, pai? – espantou-se, levando a mão à boca para sufocar um grito de susto. – É o cachorro do meu sonho... mas então... não foi um sonho?

– Não foi um sonho – confirmou o pai. – Ele é tão de verdade quanto eu e você.

O barulho despertou Lizandra, que se sentou na cama, aos pés do

menino. Louco de vontade de segurar o cão, mas temendo ser repreendido por ela, Rodrigo congelou, recostado na cabeceira.

– Não quer segurar seu novo cachorrinho? – incentivou Lizandra, empurrando o filhote ao encontro dele.

– Mas... Mas... – balbuciava Rodrigo, entre excitado e temeroso.

– Ele é seu, meu filho – continuou ela, apanhando o cachorro para passá-lo ao garoto. – Pode pegar.

Rodrigo mantinha as mãos paralisadas embaixo das cobertas. Não sabia se podia confiar na mãe. Das outras vezes, também acontecera assim. A mãe permitia que ele ficasse com o animal e depois o levava embora. Não queria que aquilo se repetisse.

– Vamos, Rodrigo – estimulou Vítor. – Pegue-o. É seu.

Rodrigo não se mexia. Balançou a cabeça de um lado a outro, recusando-se a tocar no animal.

– O que há, Rodrigo? – perguntou Lizandra, temendo nova convulsão. – Não gosta mais de cachorros?

– Gosto – respondeu, sem demonstrar emoção.

– Então, por que não o pega? Não era o que você queria? Ou não quer mais um cachorro? Quer que o leve embora?

Lizandra fez menção de segurar o cachorro, na esperança de que ele reagisse. Foi exatamente o que aconteceu. Entre o medo de nova decepção e a esperança de ter seu bichinho, a esperança falou mais alto.

– Não! – protestou ele, às pressas. – Quero que ele fique aqui comigo.

– Não vou levá-lo, filho – tranquilizou ela. – Era só brincadeira.

– Ele é meu mesmo? – Pai e mãe assentiram ao mesmo tempo. – Mas mãe, você não gosta de cachorros. E o border collie é o mais levado de todos. Não quero gostar dele... Não posso gostar dele... Sempre que eu me apego a

um bichinho, você acaba tirando-o de mim.

– Isso não vai mais acontecer – afirmou Lizandra, tentando transmitir a ele a confiança que sentia. – Nunca mais, eu prometo. Eu mudei. Sou capaz de fazer qualquer coisa para que você seja feliz. Você e seu pai.

Acrescentou a última frase propositalmente, esperando que Vítor notasse a intenção velada. Se ele notou, não disse nada.

– Vamos lá, Rodrigo – disse o pai. – O que está esperando para agarrar essa fofurinha de cachorro?

Ele não esperou mais. Estalou a língua e bateu na cama, chamando o cão para junto de si. O animal obedeceu docilmente, abanando o rabinho em sinal de contentamento. Rodrigo o pegou no colo. Apesar de filhote, era grande e pesado.

– Ele pode se chamar Dave? – Rodrigo perguntou.

– E quem é Dave, posso saber? – questionou Lizandra, de bom humor.

– Dave Mustaine, vocalista do Megadeth – esclareceu Vítor. – Não é, Rodrigo?

– Isso mesmo.

– Nunca ouvi falar – declarou Lizandra.

– É porque você não gosta de rock – retrucou Vítor. – É uma banda famosa de metal.

– Desde quando Rodrigo gosta de rock?

– Não é que eu goste – esclareceu o menino. – É o André que gosta. Ele deu o nome ao Bruce por causa do Bruce Dickinson, que é vocalista do Iron Maiden. Só que, agora, ele disse que a banda preferida dele é o Megadeth, mas o Bruce já estava acostumado com o nome, e ele não podia mudar. E como o André é meu amigo, resolvi fazer essa homenagem a ele.

– Que gesto bonito, meu filho! – Lizandra, realmente, emocionou-se.

– E Dave é um nome bem legal – acrescentou Vítor. – Bela escolha, filho. Gostei.

Pelo visto, o cão também gostou, porque começou a latir, dando mostras de aprovação. Em pouco tempo, Rodrigo já havia superado a crise. Nem parecia que tivera uma convulsão.

À mesa do café, Dave sentou-se ao lado do menino, recolhendo os pedacinhos de peito de peru que ele lhe atirava, sob o olhar satisfeito e sem sinais de censura da mãe.

– Anita já sabe? – questionou Rodrigo.

– Ainda não – disse Lizandra. – Vai saber na segunda-feira.

– Podemos ir à casa do André? – tornou o menino. – Quero mostrar o Dave a ele e ao Bruce.

– Vamos ver.

– Ah... – decepcionou-se. – Por quê?

– Porque antes vou levá-lo ao médico. Pode não ter sido nada, mas prefiro que o dr. Danilo dê uma olhada em você.

– Médico para quê? – objetou o menino. – Estou bem.

– Sua mãe tem razão, meu filho – confirmou Vítor, sempre atento. – A saúde vem em primeiro lugar.

– Tá legal...

A consulta foi rápida, porém, minuciosa. Pelo que haviam lhe informado a respeito do ocorrido com o novo cachorro, a conclusão que Danilo tirou foi de que se tratava de um episódio pontual. Ainda assim, requereu os exames necessários, que nada de anormal acusariam.

Mais sossegados, voltaram para casa. Ainda era cedo, daria tempo de levar Rodrigo para brincar com André. No entanto, não era essa a vontade deles. Sem que nada combinassem, ambos sentiam a mesma necessidade do

refúgio em família, de partilhar momentos especiais na intimidade do lar, do qual faziam parte apenas eles três. Quatro, na verdade. Não podiam esquecer o cachorro.

Parecia que eles haviam se embrenhado por um caminho de ressentimentos tão profundo que não viam meios de retornar. Como desfazer o que já estava feito, se é que isso ainda era possível? O estrago fora irremediável e irreversível. Ou será que não?

Talvez não fosse tão difícil. Talvez tudo fosse bem mais fácil do que eles imaginavam. Quem sabe não poderiam ir até o fim naquele caminho e deixar para trás, perdidas no emaranhado das encruzilhadas percorridas, as decepções que colecionaram ao longo da vida a dois?

Ambos perceberam ao mesmo tempo. Não tinham que tentar remendar os buracos abertos em sua relação. Se fizessem isso, nunca poderiam esquecer e superar, pois os remendos estariam ali, visíveis e palpáveis, apenas para fazê-los lembrar. O que precisavam fazer era construir uma nova relação. Pegar a antiga, com seus destroços e escombros, e guardá-la cuidadosamente em um canto da memória, para acessarem sempre que se vissem na iminência de repetir os equívocos do passado. A lembrança do que haviam sofrido serviria para evitar a reincidência. Recomeçariam do zero, ergueriam as bases familiares sobre o arcabouço das experiências passadas, mas com expectativas renovadas e originais, sem medos, sem cobranças, sem ressentimentos. Só com amor.

A algazarra de Rodrigo e Dave desfez o encanto dos devaneios. Os dois agora corriam pela casa, saindo pela porta da cozinha e entrando pela da sala, tão livres e despreocupados, que os pais sentiram o corpo relaxar. Tudo corria bem. Estavam todos felizes. Mas por quanto tempo?

Uma névoa encobriu parcialmente a alegria de Lizandra. Apesar de a

mente de Vítor trabalhar de forma bastante semelhante à dela, ele ainda não havia dividido com ela parte alguma de seus pensamentos. Ela não sabia o que esperar dele. Se dependesse só daquele momento, poderia jurar que as coisas retomariam a normalidade. Mas ela sabia que alguns momentos são passageiros, porque são apenas o espelho de um sonho do qual não se quer acordar. Como, porém, todos os sonhos morrem com a chegada da vigília, o espelho no qual eles se refletem se parte, desfazendo o encanto que faz com que cada momento seja o melhor dentre os melhores da vida.

O que Lizandra mais temia era abrir os olhos de manhã e perceber que Vítor não estava mais ali. Procurava não pensar, contudo, não se iludia. Quando ela acordasse do sonho, não sabia o que iria encontrar.

Capítulo 55

A pensão até que não era ruim, e Roberta logo se acostumou. Podia não ser nenhum palácio, mas ali sentia-se em paz. Os hóspedes, em sua maioria, eram idosos solitários, saudáveis o bastante para evitarem o triste destino do asilo. Esse era um medo que ela sentia. Tinha pavor de morrer sozinha, longe do filho, longe da família.

– Sua mulher sabe que você vem me ver quase todos os dias? – indagou ela a Ítalo, que a ajudava a arrumar a cama.

– Sabe, claro. Não escondo nada de Priscila.

– Ainda bem. Não quero causar mais problemas do que já causei.

– Fique tranquila. Isso não vai acontecer.

– E a Larissa, como vai?

– Está praticamente curada.

– Graças a Deus! Tenho orado por ela todas as noites. Sinto muitas saudades dela.

– Ela sempre pergunta pela senhora. E o André também.

– Ele é um amor de menino. Gosto muito dele.

Fazia pouco mais de meia hora que ele havia chegado e já precisava partir. Visitava-a frequentemente, mas não podia demorar-se muito. Sempre que saía mais cedo de casa, passava lá a caminho do trabalho.

– Tenho que ir – avisou, consultando as horas. – Amanhã, trarei algumas frutas. Quer que traga pão e queijo também?

– Seria bom.

– Certo. Comporte-se até eu voltar, viu?

Ela procurou sorrir, pois era isso o que ele esperava que ela fizesse. Segurou nos lábios o sorriso até que ele saísse, quando então permitiu que ele se retraísse no rosto enrugado e carrancudo. Deu um suspiro profundo, que não significava nada além de resignação. A fim de não sentir o tempo passar, sentou-se na cadeira de balanço que levava com ela e ligou a televisão.

Assim que a imagem cintilou na tela, alguém bateu à porta. Além de Ítalo, Roberta não imaginava quem poderia ser. Era norma da pensão que estranhos não podiam subir sem ser anunciados. Pelo visto, Ítalo esquecera o celular e voltara para buscá-lo. Um pouco aborrecida, levantou-se com esforço, apanhou a bengala e foi atender.

Ao abrir a porta, estacou abismada, paralisada pela surpresa. Olhos arregalados, levou a mão à gola do vestido, apertando-a para se proteger.

– Posso entrar? – indagou Priscila, sem qualquer animosidade.

Mesmo com o choque, Roberta conseguiu se mover. Chegou para o lado, franqueando passagem à nora.

– Veio à procura do Ítalo? – perguntou Roberta, tentando adivinhar o motivo da visita. – Ele não está mais aqui.

– Eu sei. Vi quando ele saiu, a caminho do trabalho.

– Foi? – estranhou. – Por que não falou com ele? E quem a deixou subir?

– Não falei com ele porque vim para falar com a senhora. E me deixaram subir porque estive aqui algumas vezes, com Ítalo. Todo mundo na portaria me conhece.

– E o que você tem para falar comigo, que Ítalo não pode saber?

– Não é que ele não possa saber. É que quis fazer isso sozinha.

– Não sei aonde você quer chegar, Priscila. E sou péssima em

adivinhações. Por isso, será que você pode ser mais objetiva e falar de uma vez?

Meio sem jeito, Priscila caminhou pelo aposento, avaliando móveis e utensílios. Dava a si mesma tempo de reorganizar as palavras, cujo sentido havia se perdido entre o caminho de casa e a pensão. De tanto repetir o que iria dizer, acabara se esquecendo de tudo. A mente, antes cheia de ideias, sem mais nem menos se esvaziou, e o monólogo ensaiado terminou como na perplexidade do escritor, que, de repente, se vê diante da tela em branco do computador.

– Desculpe, dona Roberta – começou ela, sentindo que gaguejava. – Ensaiei tanto esse momento e agora não sei por onde começar.

– Sei que é clichê, mas, que tal começar pelo começo?

– O começo. Ah, se eu soubesse quando tudo começou... – Assim como haviam sumido, as palavras retornaram inesperadamente e, antes que desaparecessem outra vez, engolidas pela vergonha e o orgulho, Priscila disparou: – A verdade, dona Roberta, é que acredito na senhora. Sei que a senhora está sofrendo, que se arrependeu do que fez e se modificou. Concluindo, gostaria que a senhora voltasse a morar conosco. Pronto. Mais objetiva do que isso, impossível.

Os olhos de Roberta fixaram-se em Priscila, revelando o quanto estava abismada. Será que não era apenas uma armadilha dos sonhos? Quem sabe ainda estava na cadeira de balanço, adormecida diante de algum programa monótono na televisão?

– A senhora não diz nada? – acrescentou Priscila, questionando-se se acabaria se arrependendo de ter ido até ali.

– A verdade, Priscila, é que não sei o que dizer. Você me pegou totalmente de surpresa.

– Essas coisas costumam ser assim mesmo. Todo mundo que pensa e sente acaba sempre surpreendendo alguém. E então? O que me diz? Não quer voltar para casa comigo?

– Você sabe que eu quero. Só tenho medo.

– Medo de quê? De mim? De Larissa? Ou de voltar a ser a mesma de antes?

– Isso não. Quando alguém muda de verdade, nunca mais volta a ser o que era. Se volta, é porque não mudou. Apenas se impôs a mudança.

– Sábias palavras, dona Roberta. Mas ainda espero sua resposta. – Parou de falar, surpreendida com a própria desconfiança, que tratou de externar:

– Ou a senhora tem medo de que eu é que não tenha mudado? É isso? Acha que estou fingindo?

– Fingindo? Não. Talvez esteja tentando se iludir, por causa de Ítalo.

– Não é bem assim. Confesso que não foi fácil mudar de ideia e vir aqui pessoalmente. É claro que essa decisão envolve o Ítalo. Se eu não o amasse, não ligaria a mínima para os sentimentos dele. Muito menos, para os da senhora. Mas não é somente porque o amo que vim. Nem porque Larissa cisma em defender a senhora.

– Por que foi que veio, então? – Roberta viu-se obrigada a perguntar, já que Priscila emudeceu ante a hesitação.

– Porque... Droga, dona Roberta, porque somos todos humanos, porque temos o direito de errar e de acertar, porque não podemos permitir que o orgulho seja mais forte do que o perdão, porque todos merecemos uma segunda chance.

Os olhos de Roberta, ainda fixos nela, agora expressavam uma emoção que era o resultado da mistura entre admiração e contentamento.

– Você agora me deixou sem fala – tornou Roberta. – O que devo pensar

de tudo isso?

– Que essa é nossa segunda chance. Minha e sua. Podemos nos esforçar para que tenhamos uma convivência pacífica. Estou disposta a tentar. A senhora está?

Roberta quis responder, mas foi impedida por um soluço abusado, que, desobedecendo a ordem de não chorar, atravessou-se em sua garganta. Atrás do primeiro, vieram outros, e mais outros, até que o pranto acabou instalado. Entre uma lágrima e outra, ela via o espanto no olhar de Priscila que, a essa altura, temia que a sogra passasse mal.

– Ah, minha filha... – balbuciou Roberta, abrindo os braços para acolher Priscila, como, um dia, acolhera suas próprias filhas. – Rezei tanto por isso! Poderia morrer nesse instante, que não me importaria, sabendo que você me perdoou.

– Não morra agora, por favor – contestou Priscila, meio troçando, meio preocupada. – Ainda existem muitas coisas boas que podemos compartilhar. A sua ambrosia, por exemplo. A minha não fica tão boa...

Era o jeito de Priscila diluir um pouco a comoção. Muito emocionada, Roberta demorou a conter o pranto. Acalmou-se devagar, ajudada pelas palavras amistosas de Priscila. Não era uma pessoa dada a carícias exageradas, mas revelava o carinho no tom de voz equilibrado e na gentileza dos gestos.

Priscila sentou Roberta na cama. Enquanto conversava com ela, arrumava sua mala. Em pouco tempo, esvaziou o armário e as gavetas, recolheu o material de higiene do banheiro, aprontou tudo.

– Só falta a cadeira de balanço – comentou Priscila. – Ítalo dará um jeito de buscá-la depois. Podemos ir?

– Podemos – assentiu Roberta, já com a bengala na mão, pronta para se

levantar.

Ajudada pela nora, caminhou para a saída. Queria sair dali o mais rápido que suas pernas doentes permitissem. Não propriamente pela pensão, mas porque não estava acostumada a viver sozinha. A solidão lhe parecia algo triste, sem esperança, quase tão ruim quanto a morte.

– Vai sentir saudades daqui? – indagou Priscila, em tom de brincadeira.

Roberta parou na porta e se virou, olhando para dentro do quarto. Não ficara ali tempo suficiente para sentir saudades. E mesmo que tivesse ficado, a sensação ainda seria de alívio.

– Saudade nenhuma – murmurou.

Virando-se novamente, apanhou o braço que Priscila lhe oferecia. A passos vagarosos, ritmados pelas batidas abafadas da bengala no tapete, avançou pelo corredor. Desceu as escadas e, enquanto descia, ouviu o som distante da porta, que se fechava lentamente.

Capítulo 56

O movimento na casa de André era grande naquela tarde. Afinal, não era todo dia que se faziam 10 anos. Várias pessoas se espalhavam pelo quintal, sentadas em mesinhas onde era servido o churrasco. André e Larissa haviam protestado contra o cardápio escolhido pelos adultos, que ia contra sua nova resolução de não comer mais carne. Mas o pai o convencera, afirmando que era o mais prático e mais fácil de contentar todo mundo.

– Você e Larissa podem comer as outras coisas. E sua mãe vai fazer uma macarronada, para acompanhar.

Ele estava no portão, recebendo alguns convidados, quando ouviu uma buzina do outro lado da rua. Reconheceu o carro de Vítor, que trazia Rodrigo.

– Vai lá receber seu amigo – falou Isabela, entrando com os convidados.

André atravessou a rua com cuidado. Aguardou até que Vítor estacionasse o carro para aproximar-se da porta traseira. Quando Rodrigo a abriu, levou um susto. Pelo vidro escuro da janela, não dava para ver o que ele trazia no colo.

– Meu Deus, Rodrigo! – exclamou, as mãos espalmadas sobre as duas faces, impedindo o queixo de cair. – É um filhote de border collie! E é igualzinho ao Bruce!

O cachorro se remexia nos braços de Rodrigo. Ajudado pelo pai, ele atou a coleira no pescoço do cão e colocou-o no chão.

– Esse é o Dave – anunciou. – De Dave Mustaine.

– Você colocou no seu cachorro o nome do meu vocalista preferido? – Ele assentiu. – Uau! Que máximo!

– Isso, porque somos amigos.

– Podemos entrar, crianças? – chamou Lizandra, estendendo ao filho o presente de André.

Atravessaram a rua juntos. Do outro lado, Rodrigo entregou o presente a André, que o abriu com interesse.

– Obrigado, tia Lizandra – agradeceu, desembulhando uma fita de videogame do Homem Aranha. – Adorei! Era o que eu queria.

– Foi Rodrigo quem escolheu – avisou ela.

– Gostei muito, Rodrigo, obrigado.

Isabela surgiu com Wilson, recebendo-os com entusiasmo. Convidou-os para entrar, acomodando-os a uma mesa na sombra.

– Sirvam-se à vontade – falou Wilson, apontando para a mesa das comidas.

– Obrigado – disse Vítor.

– Sabemos que Rodrigo não come carne – acrescentou Isabela. – André e Larissa agora também estão com essa ideia. Para eles, fiz macarronada. E tem outras coisas também.

Ela procurou Rodrigo, mas ele já havia desaparecido no fundo do quintal, correndo junto de André.

– Cadê o Bruce? – perguntou Rodrigo, buscando-o entre as pernas das pessoas. – Quero que ele conheça o Dave.

– Aposto que ele está lá com a Larissa, comendo churrasco.

Era, exatamente, onde Bruce estava. Sentado ao lado de Larissa, recebia dela pedacinhos de carne, que ele alternava com Nina, escondida embaixo da toalha.

– Oi, Larissa – cumprimentou Rodrigo, beijando-a nas duas faces. – E as queimaduras?

– Já estão curadas! Não fiquei nem com cicatriz... – Calou-se, arregalando os olhos. – De quem é esse cachorro?

– É meu – informou Rodrigo, pegando o animal no colo. – Meus pais que me deram.

– Mas que gracinha! – elogiou Larissa, fazendo carinho na cabeça dele. – E é igualzinho ao Bruce!

– Vem cá, Bruce – chamou André. – Venha conhecer seu novo amigo.

Bruce o cheirou desconfiado, olhando para André com ar de interrogação. O filhotinho ergueu a pata e acertou o focinho dele, que deu dois passos para trás. Ofendido, latiu e mostrou os dentes, tentando impor liderança, até que abanou o rabo e desistiu dele, voltando para junto de Larissa.

Levado como todo filhote, Dave não aceitou a rápida desistência de Bruce. Queria brincar. Saltitou ao redor de Bruce, tentando morder suas patas. Bruce não se incomodou. De vez em quando, olhava para o filhote com ar indignado. Quando muito, se afastava, para não ser mais mordido, mas voltava em seguida, atraído pela distribuição de carne que as crianças faziam.

Quem não gostou muito dele foi a Nina. Como Dave nunca antes havia visto um gato, estranhou aquele bicho peludo, com cara engraçada. Curioso, esticou o pescoço para cheirá-la, provocando uma reação inesperada em Nina. Assustada com o atrevimento do cachorro, ela fez uma corcova arrepiada e bufou zangadamente, abrindo as unhas para desferir-lhe uma fabulosa unhada no focinho. O cãozinho soltou um ganido mais de indignação do que de dor, enquanto Nina saltava do colo de Larissa e fugia para o quintal vizinho, provavelmente para se esconder na casa da árvore.

A risada das crianças dissipou o medo de Dave, além de estimular a travessura de Bruce, que corria de um lado para outro, dando pequenas investidas no filhote, como se quisesse desafiá-lo para algum tipo de jogo. Dave, que a princípio se mostrara assustado, aos poucos se tornou confiante e seguiu o cão maior até o fundo do quintal, onde puseram-se a correr, um atrás do outro.

À outra mesa, Lizandra e Vítor bebericavam suas cervejas, interessados na história que Isabela contava. Em pé atrás da mulher, Wilson acrescentava um detalhe ou outro que fazia todo mundo rir. A seu lado, Ítalo dava-lhe cutucadas amistosas, mandando que ele calasse a boca e parasse de interromper a mulher.

Em outra mesa, Priscila se ocupava em servir a Roberta um prato de comida, tentando explicar-lhe por que ela não podia comer mais linguiça:

– A senhora tem pressão alta. Quer ir para o hospital e estragar a festa?

Em outros tempos, Roberta trataria de protestar. Não aceitava que ninguém lhe dissesse o que podia ou não fazer. Mas a reprimenda da nora tinha outra conotação. Era carinho misturado com preocupação, uma experiência nova, que fez dela uma pessoa feliz.

Os olhos que pousavam sobre as duas viam além do que qualquer um poderia entender. Entre uma cutucada em Wilson e outra, Ítalo encarava a mulher e a mãe, consciente de que os gestos aparentemente simples de ambas eram o resultado do esforço mútuo que empreenderam para conquistar a tolerância e o perdão. Toda vez que ele olhava para ela, Priscila, mesmo sem ver, percebia. Ela olhava de volta e entregava a ele seu melhor sorriso. Junto, vinham fagulhas de amor.

Terminada a história, Isabela e Wilson foram conferir os outros convidados, deixando Lizandra e Vítor sozinhos. Ela pouco compreendera

do que Isabela dissera. Os pensamentos desviaram sua atenção para a trajetória de sua vida. Seus olhos seguiam os caminhos do filho, atentos a qualquer alteração em seu comportamento.

– Feliz? – ela ouviu Vítor perguntar, ao mesmo tempo que ele alisava o dorso de sua mão.

– Estou. Fazia tempo que não via Rodrigo tão contente assim.

– É só por isso que está feliz? Só por causa de Rodrigo?

– E não deveria estar? Os exames de Rodrigo não acusaram nada. O dr. Danilo tinha razão. Foi apenas um episódio isolado. Não é para me sentir feliz?

– É claro que é! Estamos ambos felizes. Mas será que nossa felicidade, atualmente, se resume ao bem-estar de nosso filho?

– O que está querendo me dizer, Vítor? Vá direto ao ponto.

– Somos uma família, Lizandra. Quero que as coisas continuem assim.

Lizandra voltou-se para fitá-lo, logo percebendo um brilho diferente flutuando em seu olhar. Não disse nada. Nem era preciso. As palavras vieram, voltaram e adormeceram. De um jeito tranquilo, feminino, doce e profundo, ela inspirou o perfume que emanava dele, fechou os olhos e, ao tornar a abri-los, não se surpreendeu ao vê-lo ainda ali, olhando-a com a mesma paixão de antes. Envolvida na simbologia do antigo sonho, experimentou a sensação de despertar tentando reter a emoção do momento. Nos olhos dele, viu refletidos não apenas o tempo que se fora, mas o tempo que ainda viria a ser. Soube, então, que viveriam juntos para sempre.

Epílogo

Por toda parte, o que se via era a diversão inocente e contagiante. Todo mundo feliz, momentaneamente esquecido dos problemas diários, ocupado com as risadas. As crianças eram as que mais se divertiam, e havia muitas brincando juntas, correndo, jogando, fazendo novas amizades.

– Viu como estão todos felizes? – comentou Moisés, que havia se convidado para a festa.

– Estão mesmo – concordou Camélia, deitada com a cabeça no colo dele.

– Pena que a gente não pode participar da diversão.

– Engano seu. Eu estou participando.

– Você participa olhando? – tornou ela, um pouco irritada.

– É lógico! Já viu coisa mais engraçada do que aquele garotinho ali? – e apontou para a criança. – Olhe só como faz careta para a irmã, sem ninguém ver. Ela fica furiosa.

– Isso não tem graça, Moisés! – protestou ela. – A mãe dele devia dar-lhe uma palmada.

– Deixe de ser ranzinza. Só porque sua última encarnação foi há séculos, esqueceu-se de como é ser criança?

Ela fez um muxoxo de reprovação. Virou a cabeça para a frente, de mau humor, concentrando-se em seguir a algazarra. Ficaram assim durante horas. O vaivém das pessoas os distraía, as piadas os divertiam. Junto com os encarnados, riram, discutiram, brigaram, fizeram as pazes. Só não comeram nem beberam. Não eram espíritos sanguessugas.

– O que é que a gente faz agora? – indagou Camélia, cansada de viver sem ser percebida.

– Como assim? A gente faz o que sempre fez: nada.

– Estou cheia disso. Quero fazer alguma coisa. Alguma coisa útil.

Moisés olhou para ela. Não disse nada, porém, foi forçado a admitir que sentia a mesma coisa. As crianças passavam por eles em disparada, enquanto alguns adultos se refugiavam por ali para fumar escondidos.

– Essa gente não vê que está se matando – observou ele, espantando a fumaça com as duas mãos.

– Não adianta – objetou ela. – Essa fumaça é física. Você não pode dissipar matéria física com mãos fluídicas.

– Será que não dá para a gente sair daqui?

– E ir para onde? Para debaixo de outra árvore?

– Por que o mau humor, Camélia? Você estava se divertindo.

– A diversão acabou. Estou me sentindo vazia.

– É... no fundo, eu também. Está tudo resolvido, ninguém precisa mais de mim.

– E o Tostão? Desistiu de procurá-lo?

– Há muito tempo. Minha mãe tinha razão. Ele deve mesmo ter retornado ao grupinho dele.

– Mais um motivo. Vamos embora daqui, Moisés. Vamos procurar outro lugar para a gente.

– Que lugar, Camélia? Não temos para onde ir.

– Viu no que deu me tirar da casa de Lizandra? Lá, pelo menos, tínhamos um teto.

– Deixe de besteiras. A gente não precisa de teto.

– Você diz isso porque se acostumou à vida de mendigo. Mas eu, não.

– Se é assim, por que não aproveita que Lizandra e Rodrigo estão aqui e pega uma carona de volta para lá?

– É sério, isso?

– Claro que não! Foi sarcasmo, ironia. Só quis provocar você.

– Pois não conseguiu. Não sinto mais vontade alguma de voltar para a casa de Lizandra. Já estava me sentindo sufocada lá.

– Pelo menos isso...

Passaram-se mais alguns minutos antes de ela recomeçar a falar:

– Você tem certeza de que foi isso que aconteceu?

– Isso o quê?

– Do Tostão ter retornado à alma-grupo?

– Foi o que minha mãe falou.

Camélia guardou silêncio. Qualquer coisa que dissesse soaria artificial. Clichês mal ensaiados para servir de consolação.

– O que é aquilo lá, Moisés? – questionou ela, apontando para a frente. – Parece que são os cães. Por que será que estão correndo para cima de nós?

– Não esquentar. Eles não podem nos morder...

Os animais vinham trotando pelo quintal, levantando poeira à sua passagem. Bruce, grandalhão, desajeitado, e Dave, grandinho, bagunceiro. Um adulto e uma criança que se comportavam quase da mesma maneira.

– Não deviam ser dois cachorros? – tornou ela, intrigada. Ele assentiu. – Então, por que estou vendo três?

Sem muita curiosidade, Moisés avaliou a situação. Bruce e Dave corriam na frente, seguidos de perto por outro cão, de raça indefinida. Um animal leve, alegre, luminoso, muito diferente de seus companheiros. Corria como se flutuasse, os pelos balançando suavemente ao contato do vento.

Não era possível! Era um sonho. Sim, era isso, adormecera e estava

sonhando. Sem olhar para Camélia, que já havia perdido o interesse nos cachorros, fez um pedido esquisito:

- Me belisque.
- O quê?
- Não ouviu? Me belisque.

Ela deu de ombros e fez como ele pediu, apesar de duvidar que ele sentiria alguma coisa. Moisés nada sentiu, embora fingisse que sim. Coçou o braço vítima do beliscão e desatou a rir. Riu igual a um louco desvairado. Gargalhou até engasgar, sem ligar a mínima para a cara de espanto de Camélia, que se afastou dele, fingindo um medo que não existia.

- Ficou maluco, Moisés?
- Mas que danada! – foi a resposta incomum.

Ela continuou sem entender. Permaneceu ali parada, observando o comportamento misterioso de Moisés. Ele não se mexia. Nem seus olhos se moviam, vidrados na aproximação dos cachorros. Camélia apontou o dedo para ele, pensando em acusá-lo de atrair os animais para junto deles, quando percebeu algo estranho.

Definitivamente, havia algo errado com a inusitada matilha. Os dois cães da frente, embora de tamanhos diversos, eram muito semelhantes. O de trás, coitadinho, era um vira-lata bem fuleiro, mas até que bonitinho. Nada de extraordinário, não fosse uma singular característica, fundamental para que se pudesse definir a que lugar cada um pertencia.

Camélia ia interrogar Moisés, mas não teve tempo. Ele se atirou de joelhos ao chão, abrindo os braços com tamanha amplitude, que até parecia uma réplica do Cristo Redentor. Os cães da frente o viram e desviaram dele, mesmo sabendo que poderiam atravessá-lo. O de trás, não. Parado diante dele, rabo abanando, pôs-se a latir freneticamente, com uma excitação que

só sossegou depois que saltou sobre Moisés e encheu seu rosto de lambidas.

– Tostão – murmurou, quase mudo de emoção.

– Tostão? – repetiu ela, estupefata, sem entender. Depois, apontou para o quintal, mostrando a chegada de mais dois espíritos. – Veja só... Quem serão aqueles?

Eles vinham caminhando por entre as mesas, espargindo flocos de luz sobre os convidados. Abençoaram a comida, entoando uma espécie de mantra diante dos pratos de carne.

– Mãe – falou Moisés, ainda emocionado, sem largar do Tostão. – Por que não me disse?

– Eu bem que tentei, mas você sumia cada vez que eu falava no nome de Tostão.

– Você disse que ele ia retornar à alma coletiva.

– Eu disse o que, normalmente, acontece. Nunca afirmei que Tostão seguiria a regra geral. Você que se precipitou e entendeu tudo errado.

– Tanto tempo perdido...

– Perdão, Moisés, mas nenhum tempo é perdido – interrompeu Germano. – Todo mundo tem o seu ritmo, ainda que se tenha a impressão da inércia. O que está parado tem o seu tempo de caminhar.

– E você ajudou tanta gente – observou Lucélia. – Pessoas de quem dizia não gostar, outras que até nem conhecia.

– Inclusive a mim – acrescentou Camélia.

– Sem contar o cachorro – complementou Germano.

– Nada disso tem importância. O que importa é que todos estão felizes, e Tostão está aqui comigo. Nunca mais vou deixar que o tirem de mim. Nunca mais...

– O *nunca mais* pode terminar amanhã – ponderou Germano.

- O que quer dizer com isso? – espantou-se. – Que vocês vão levá-lo?
- Não. Que o tempo vai até o limite que a vontade impõe.
- E isso significa o quê, exatamente? – Camélia quis saber, mas pensou e deu a resposta, ela mesma: – Que, se a gente quiser, o *nunca mais* pode voltar a acontecer?
- Isso mesmo.
- Camélia é muito esperta – elogiou Moisés.
- Estou vendo – concordou Germano.
- É você o cara que cuida dos animais? – ela perguntou, provocando nele um sorriso amistoso.
- Acho que sim.
- Então, será que pode me explicar uma coisa?
- Se eu souber...
- O que você estava fazendo lá no meio? Com a comida, quero dizer. Tive a impressão de ter ouvido uma espécie de mantra.
- Não foi impressão. Entoei o mantra para facilitar a mentalização num ambiente altamente dispersivo, impregnado de concentrações tóxicas.
- Como assim, concentrações tóxicas? – assustou-se Camélia. – Todos me parecem tão alegres!
- E estão. Concentrações tóxicas não são grupos de pessoas ruins nem de espíritos do mal, como pode parecer. São apenas energias liberadas pelo excesso de carne, que tem uma vibração muito densa.
- Isso significa que os animais ainda estão por aqui? – Camélia horrorizou-se.
- Os abatidos? Não. Já foram levados há muito tempo. Mas a carne guarda resquícios de sangue, que fornece a fluidez da vida. É uma coisa que pertenceu a algo vivo, não foi fabricada. Fez parte do corpo de alguém,

ainda que esse alguém seja um animal, não importa. Apesar de o espírito dele não estar mais por aqui, nós não sabemos até que ponto a experiência do abate foi traumatizante para ele. Tampouco sabemos por onde anda a alma dele: se está em tratamento ou se foi reconduzida. Então, para que não sobre nenhum resquício da energia do animal naquele pedaço de carne, ou do trauma do abate no espírito do animal, sempre que me vejo em situações como essa, promovo o rompimento dos elos energéticos que poderiam ainda ligar a carne ao espírito do animal. Isso evita que ele sinta qualquer vibração de desconforto em sua energia.

– As pessoas não deviam comer carne – murmurou Camélia, torcendo o nariz para demonstrar sua repulsa.

– Esse é um assunto delicado, Camélia. O ser humano evoluiu do animal, por isso, ainda guarda a memória instintiva do que viveu e aprendeu. Os instintos não são arrancados. Eles vão sendo suprimidos à medida que as pessoas assumem o controle sobre eles. Isso leva tempo e independe do grau de evolução espiritual.

Moisés segurou a mão de Camélia. Sabia de onde provinha a aversão dela pela carne.

– A festa está chegando ao fim – observou Lucélia, mostrando aos outros que quase todos já haviam ido embora.

– Cantaram os parabéns e nem percebemos – lamentou Camélia.

– Está na hora de irmos também – informou Lucélia, olhando, direta e significativamente, para o filho.

– Para onde vocês vão, será que tem lugar para mais dois? – a pergunta veio de Camélia, em vez de Moisés, como Lucélia esperava.

– Que mais dois? – Moisés se surpreendeu. – Está pensando em ir embora com eles e me levar junto?

– Por que não, Moisés? – revidou a amiga. – Ainda agora, não estávamos falando, exatamente, sobre isso?

– Vamos para lugares diferentes, mas podemos levar todo mundo – esclareceu Germano. – Tanto na minha cidade, quanto na de Lucélia, há estudo e trabalho para quem quiser aprender e se dedicar.

Lucélia e Germano aguardavam, enquanto Moisés e Camélia se decidiam.

– Vou poder levar o Tostão? – Era a preocupação de Moisés.

– Se você disse que nunca mais ia se separar dele, quem sou eu para impedir que o leve?

– Então, acho que vou. O que me diz, Camélia?

– A ideia foi minha. Preciso dizer alguma coisa?

– Vou poder voltar aqui? – ele indagou, agora com olhos úmidos, que direcionava a Rodrigo e Bruce.

– Sempre que quiser. Você não vai para nenhuma prisão.

– Se não deixarem, a gente foge – lembrou Camélia. – Já fiz isso várias vezes.

– Não precisam fugir – contestou Lucélia. – Todo mundo é livre.

Camélia não insistiu. Longe dela discutir com um espírito de tamanha iluminação feito Lucélia. Ela apertou a mão de Moisés, e Lucélia tomou-lhe a outra. Rapidamente, os quatro espíritos se deram as mãos, incluindo Tostão no círculo que se formou.

Germano entoou outro mantra, que os demais aprenderam rapidamente. Enquanto cantavam, Germano fez a oração, atraindo as energias luminosas que desciam do céu por canais invisíveis, abertos na atmosfera astral. Inundados de luz, os corpos dos espíritos flutuavam próximo ao chão, espargindo uma cintilação dourada que deslizou para fora do círculo poderoso e mágico.

Anoitecia. A Lua cheia se insinuou no céu, mostrando que as sombras também tinham o seu encanto. Ao mesmo tempo que a luminosidade do Sol decrescia, pequenas lâmpadas se acendiam por todo o quintal. Pouco a pouco, a claridade mortíça conduziu a noite pelos portais do céu, deixando a seus cuidados o destino de tudo que vivia.

Chegou um momento em que os espíritos se confundiram com as cintilações da noite. As mentes em concentração fundiram-se umas às outras, confundiam-se as matérias fluídicas que davam a cada um a sensação de uma apartada existência. Quem os pudesse ver não saberia dizer onde terminava o corpo de um e começava o do outro. Naquele momento, eram todos apenas um.

Firmes naquela união, partiram em um único raio de luz, deixando atrás de si um rastro luminoso e invisível, que só os mais sensíveis conseguiriam captar. Não foi por outro motivo que Bruce se afastou de todos e foi sentar, sozinho, perto da árvore onde o grupo de espíritos estivera reunido. De olhos bem abertos, encarou o vazio. Ali estava o que ninguém além dele parecia capaz de perceber. Acompanhando a subida dos espíritos, olhava cada vez mais alto no céu, onde pequeninas estrelas azuis, timidamente, começavam a luzir.

FIM

Posfácio

Este livro foi inspirado pelo Leonel em um momento que vivemos uma onda de desrespeito aos animais, para que as pessoas reflitam sobre suas atitudes e as consequências de tudo que a eles fazem, seja de bom ou de ruim. Não é bem uma história verídica, mas baseada em fatos acontecidos com diversas pessoas, em lugares e épocas diferentes. Reunidos na mesma narrativa, esses fatos foram entrelaçados, relacionados e conectados, transformando-se em uma singular e verdadeira história, cuja repercussão espiritual é exatamente como aqui descrita.

Esta, aliás, tem sido uma técnica utilizada pelo Leonel nos últimos tempos. Em vez de contar uma única história, ele reúne episódios reais colhidos aqui e ali e joga tudo, de uma vez só, na minha mente, e eu que me vire para lhes conferir coerência, lógica e, o principal: *emoção*. Se a montagem não ficar boa, ele me faz escrever tudo de novo. Ou então, se eu enveredar pelo caminho errado, ele simplesmente bloqueia os meus pensamentos, e me vejo diante da tal síndrome da folha em branco que, no caso, é a do computador. É algo assim como: criatividade, mas nem tanto. Ou seja, nada de inventar além do necessário para conferir emoção à trama. Este processo acabou se tornando nosso método particular de psicografia e, vou confessar, é bem estimulante. Esperem só até o próximo livro...

Às vezes, tenho que pesquisar muitas coisas, sobre assuntos que desconheço. Foi o que aconteceu com a homeopatia, por exemplo. Ainda bem que tenho um amigo chamado Luiz Antônio, que foi quem me ajudou

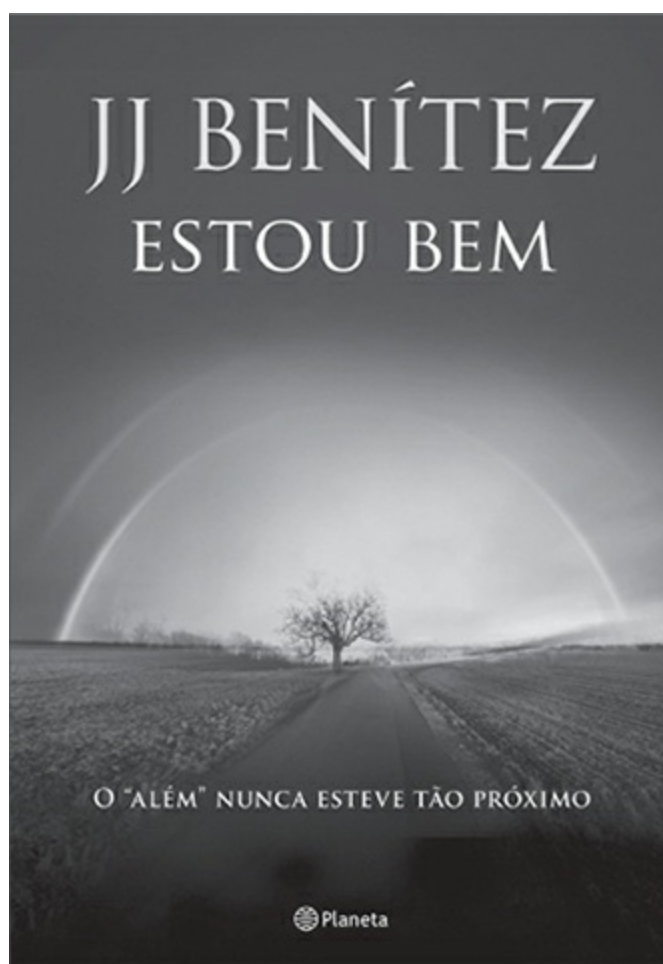
nessa parte, porque eu mesma não entendo nada (e acho que o Leonel também não). É, os espíritos não sabem de tudo. Eles também estão presos ao que já experienciaram em suas vidas. A pesquisa fica por minha conta, embora ele me ajude bastante, já que, normalmente, me conduz ao local exato onde está o que preciso.

Resumindo, tenho uma certa liberdade para criar o que é preciso com relação à história, desde que não me anime muito e acabe extrapolando. Os ensinamentos, por outro lado, ficam por conta dele. Foi por isso que me senti à vontade para dar aos animais desse livro os nomes de meus próprios animais. Todos eles existem ou existiram.

O Bruce é o border collie do meu filho, tão terrível quanto o da história. O Billy (seu nome anterior) é o nome do pequinês da minha mãe. O Toby foi um shitzu que tivemos e que morreu da doença do carrapato. A Suzy é minha gatinha branca, braba que só, e a Nina, o meu docinho, é outra gatinha mestiça com Sagrado da Birmânia, linda e vesguinha. Por fim, o Dave, que não é um cachorro, mas um gatinho preto que meu filho e eu resgatamos da rua.

Bom, é isso. Obrigada por ler este livro e por ouvir minha súplica em favor dos animais.

Leia também outros livros
espirituais da Editora Planeta:



Vera Lúcia
Marinzeck
de Carvalho

Pelo espírito Antônio Carlos

O ESCRAVO

DA ÁFRICA PARA A SENZALA



Da mesma
coleção
do best-seller
*Violetas
na janela*

|| Academia

Chico Xavier

Emmanuel e André Luiz

Momentos de reflexão



|| Academia

ADMIR SERRANO

Os que voltaram para contar

A imortalidade da alma e a
experiência de quase-morte



|| Academia

1. Art. 125, § 1º, VII, da Constituição da República.
2. Art. 32 da Lei 9.605/98.
3. Art. 82 do Código Civil.
4. Art. 5º, XXII, da Constituição da República.
5. Art. 1.228, *caput* e § 1º, do Código Civil.
6. Arts. 1º e 2º do Código Civil.
7. Art. 5º do Código Civil.

Uma mulher com cara de enfermeira passou rente a ele. Quase o pisou. Ele puxou os pés rapidamente, pronto para reclamar de sua falta de atenção. Foi quando, inesperadamente, o encontrou.

Ao lado da mulher, um homem de luvas levantava o corpo de um animal morto. Havia sangue espalhado por todo o seu lindo pelo preto e branco, algumas gotas respingando no chão. O homem agiu com perícia. Apanhou o saco preto que a mulher lhe estendia e lá enfiou o cachorro, sem nem ao menos verificar se ele estava em agonia. Não estava. Mesmo sem o ver, Moisés sabia que o cão estava morto. Lágrimas lhe subiram aos olhos, descendo pelo rosto sem dificuldade. Não tinha receio nem vergonha de chorar. Era o seu amigo que ia ali.



Mônica de Castro

nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 10 de julho de 1962. É formada em Direito e exerce a função de Procuradora do Trabalho. Pouco depois de ser mãe, começou a receber as ideias de Leonel, amigo espiritual com quem hoje divide as experiências maravilhosas e gratificantes que procura veicular em seus textos.

Autora de mais de vinte livros, Mônica figurou nas listas de mais vendidos do país por diversas vezes. Entre outros, destacam-se os best-sellers *Impulsos do coração*, *Apesar de tudo* e *Até que a vida nos separe*.

📖 PlanetaLivrosBR

🌐 planetadelivrosbrasil

📱 PlanetadeLivrosBrasil

